

ISSN 0100-1922

# ANNAIS

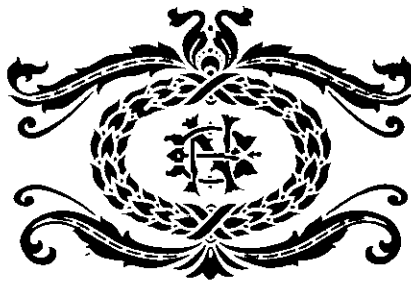
DA

# BIBLIOTECA NACIONAL

---

VOL. 108

1988



---

RIO DE JANEIRO • 1992



PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
FERNANDO COLLOR DE MELLO

SECRETÁRIO DA CULTURA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
SÉRGIO PAULO ROUANET

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL  
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

# ANNAIS

DA

# BIBLIOTECA NACIONAL

---

VOL. 108  
1988

## SUMÁRIO

Apresentação .....	5-6
Documentação: Textos e Estampas Relativos à Escravidão e à Situação do Negro no Brasil .....	7-46
[Encontrando Quilombos] – Transcrição por Maria Filgueiras Gonçalves e Introdução de Ana Lúcia Louzada Werneck .....	47-113
A Fazenda de Gericinó e o Visconde de Santo Amaro – Por Waldir da Cunha .....	115-127
Livro de Batismo dos Pretos Pertencentes à Paróquia de Irajá – Bartolomeu Homem d'El Rei Pinto .....	129-173
O Andarilho e a Mãe-de-Santo – Dirceu Lindoso .....	175-198
Partilha de Escravos – Maximiano de Carvalho e Silva .....	199-215
"Boletim das Aquisições mais Importantes Feitas pela Bibliotheca Nacional", Relativas à Extinção da Escravidão (em 1888) .....	217-241
Conferências:	
"O Risco do Bordado, a Marca do Homem", por Francisca M. do Nascimento Nóbrega .....	243-252
"S. Bernardo ou Passeando em S. Bernardo", por Eliana Bueno Ribeiro .....	253-261
"O Grande Sertão: Veredas e a Linguagem Literária", por Eduardo F. Coutinho .....	263-273
Relatório da Diretoria-Geral – 1988 .....	275-316

ISSN 0100-1922

An. Bibl. Nac.	Rio de Janeiro	v. 108	p. 1-316	1988
----------------	----------------	--------	----------	------

Biblioteca Nacional (Brasil)

Anais da Biblioteca Nacional. — Vol. 66 (1944)- . — Rio de Janeiro :  
A Biblioteca, 1944-

v. : il. ; 26cm

Continuação de: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

ISSN 0100-1922.

1. Biblioteca Nacional (Brasil). 2. Biblioteca Nacional (Brasil) — Catálogos.  
3. Manuscritos — Brasil. 4. Brasil — História. 5. Brasil — Bibliografia, I. Título.

CDD 027.581



Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 108, 1988  
Coordenação editorial: Gilberto Vilar de Carvalho

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL  
Av. Rio Branco, 219  
20042 – Rio de Janeiro, RJ  
Impresso no Brasil

## APRESENTAÇÃO

Este volume dos *Anais* da Biblioteca Nacional representa um dos marcos das comemorações do “Centenário da Abolição da Escravidão” e pretende registrar algo do cotidiano do negro no Brasil.

Neste evento, a Biblioteca Nacional contribuiu de diversas maneiras:

1<sup>o</sup> – ao participar, com o Arquivo Nacional, na coordenação da parte bibliográfica do “*Guia Brasileiro de Fontes para a História da África, da Escravidão e do Negro na Sociedade Atual*”, estruturando os seus fundos e Coleções iconográficas;

2<sup>o</sup> – ao constituir a Comissão encarregada de desenvolver atividades concernentes à escravidão negra no Brasil, representada por Lygia Fonseca Cunha, Margarida Galvão e Maria Celeste Garcia Mendes. Dos empreendimentos programados, foram efetivados: – a exposição comemorativa intitulada “*Para uma História do Negro no Brasil*”, com seu respectivo catálogo\*, seguida de um ciclo de palestras, onde se destacou “*Ecoss da Escravatura Brasileira na Itália*”, proferida pelo Professor italiano Nello Avela; – levantamentos bibliográficos preparados pelas Divisões da Biblioteca Nacional: Iconografia, com cerca de 200 itens; Obras Raras, com 800 itens; Manuscritos, com cerca de 1.000 verbetes, em fase de revisão final; e Informação e Documentação, com 40 títulos de jornais, correspondentes a 1.000 itens. Esse levantamento, num total de mais de 3.000 fichas, está na Biblioteca Nacional à disposição dos estudiosos. Foi proposta pela Comissão a viabilidade de publicação desse material em volume especial, dividido em duas partes: Parte I – Monografias – publicações periódicas e iconográficas; Parte II – Manuscritos;

3<sup>o</sup> – e com este volume dos *Anais* da Biblioteca Nacional, que ora se publica, com fac-símiles e transcrições paleográficas de textos e estampas relacionados ao elemento servil, e um extrato do boletim bibliográfico da Biblioteca Nacional com as aquisições mais importantes relativas às comemorações da extinção da escravidão no Brasil, em 1888, coletadas poucos meses após a Abolição. Quanto aos textos aqui

---

(\*) Esse catálogo, intitulado “Para uma História do Negro no Brasil”, encontra-se à venda na Biblioteca Nacional. Com texto e explicações do historiador Marcus Venício T. Ribeiro, constitui valioso instrumento para o conhecimento da escravidão no Brasil e reforço para aulas de história. Divide-se em quatro partes: A Escravidão no Brasil, O Fim do Tráfico Negroiro, O Movimento Abolicionista e Em Busca da Cidadania.

publicados, merece menção especial “*A Expedição do Campo Grande, Cayeté, Abayete D. de Paracatu*” (1769), onde estão registradas várias plantas de quilombos e um mapa do Distrito, cuja eficiente leitura paleográfica se deve à Professora Maria Filgueiras Gonçalves, que exerceu a chefia da Seção de Ecdótica da Biblioteca Nacional, responsável, também, pela leitura do cimélio “*Tesouro Descoberto do Máximo Rio Amazonas*”, do Padre João Daniel. Completam o volume outros textos de grande valor documental, como as informações sobre a *Fazenda de Gericinó e seus Escravos*, o *Livro de Batismos dos Pretos Pertencentes à Paróquia de Irajá* (1704-1707), a monografia “*O Andarilho e a Mãe-de-Santo*”, de autoria do antropólogo e historiador Dirceu Lindoso, que lembra o negro na obra de Arthur Ramos, cujo espólio a Biblioteca Nacional guarda em seus arquivos<sup>(\*)</sup>, e um documento sobre uma partilha de escravos numa antiga fazenda mineira, recentemente doado à Biblioteca Nacional pelo historiador Maximiano de Carvalho e Silva.

A diretriz da Fundação Biblioteca Nacional em suas publicações não é somente a busca dos inéditos, mas a apresentação dos textos que não foram lidos, com o propósito de incentivar o ato da leitura, facilitando a sua consulta e o estudo daqueles que investigam fatos de nossa história.

*Waldir Cunha*  
Chefe da Divisão de Manuscritos

---

(\*) A Coleção Arthur Ramos foi adquirida pela Biblioteca Nacional e a Universidade do Brasil, por compra à viúva, Sra. Luiza de Araújo Ramos, em 31 de dezembro de 1956, pelo valor de Cr\$ 1.000.000,00. O acervo compreende conjuntos de manuscritos e obras da Biblioteca Arthur Ramos.

## DOCUMENTAÇÃO

Textos e estampas relativos à escravidão e à situação do negro no Brasil



*A Assemblia geral Decreta:*

*Art. 1.º - É declarada extinta, desde a data desta lei, a escravidão no Brazil.*

*Art. 2.º - Revogam-se as disposições em contrario.*

*Saço do Senado, em 13 de Maio de 1888.*

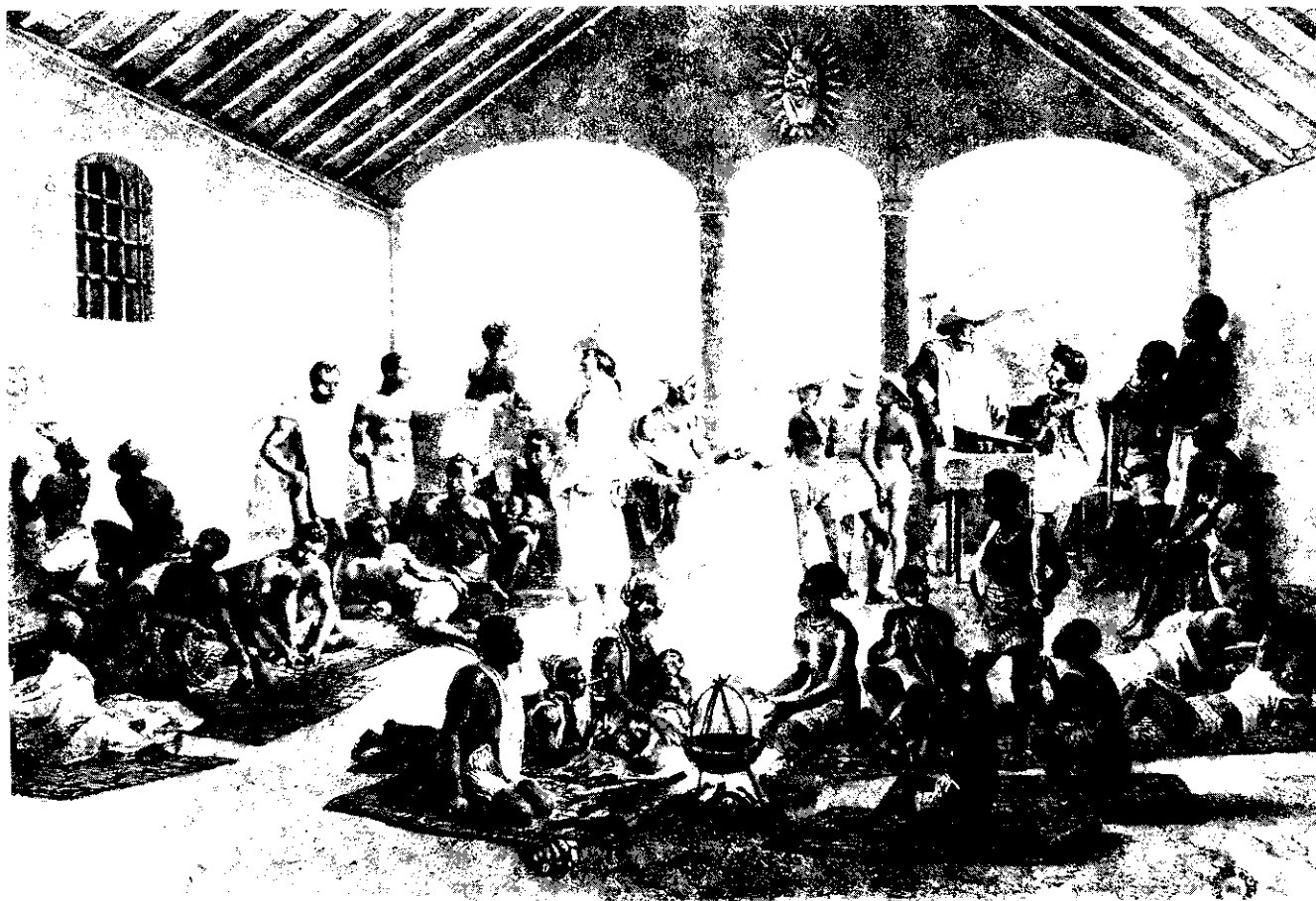
*A Princesa Imperial Regente, em nome do Imperador, assente.*

*Paris 13 de maio 1888*

*Princesa Imperial Regente*

*Isabel*

*Antônio Cândido de Albuquerque Maranhão  
Barão de Albuquerque 1.º presidente  
João Ribeiro de Sá 2.º presidente*



Rugendas: "Mercado de Escravos" desenho da obra "Malertische Reise in Brasilien", Paris, 1835.



Os senhores que nos quiserem honrar com artigos e desenhos terão a bondade de remettilos, em carta fechada, á redacção da SEMANA ILLUSTRADA, no Imperial Instituto Artístico, largo de S. Francisco de Paula n. 16, onde tambem se assigna.

QUARTO ANNO.  
**N. 188.**  
 PUBLICA-SE  
 TODOS OS DOMINGOS.

CÓRTE.		PROVINCIAS.	
Trimestre . . .	5\$000	Trimestre . . . . .	6\$000
Semestre . . . .	9\$000	Semestre . . . . .	11\$000
Anno . . . . .	16\$000	Anno . . . . .	18\$000
		Avulso . . . . .	500 rs.



**NEGRINHA.** — As crianças carecem de calçado, roupa de lã e cobertores.  
**MOLEQUE.** — Tenho paciência, Malame, estou a vêr navios. O remédio é deixar os pequenos de dedos á mostra. Agasalhe-os com saias velhas, que o tempo não está para graças. O Nhão não dá nem um vintém. Todos os cöbres que apañha são potticos para convertêl-os em Champanne, presunto, Porto velho, e deliciosos havanas para regalo dos progressistas das vias ferecas, que bem podem dar com elle em pantans. Ah! minha filha, em o sinto! A época é de economias.

# DIARIO DE PERNAMBUCO

Subscrição na Typographia do mesmo Diario rua Direita N.º 207 f.º andar ou no nº 440 rua Nova, para que sahira todos os dias uteis.

QUARTA FEIRA 20 DE MAIO. *S. Bernardino de Sena F.*

*Presumar ás 7 horas e 18 minutos da manhã.*

## Alluga-se.

9 Hum escravo que saiba cozinhar, e comprar, e que não tenha vícios, para servir a hum homem solteiro: na rua Direita Botica D. 53.

10 Hum preto, canoeiro, com canôa, que não seja muito pequena: a pessoa que a tiver, dirija-se a rua do Rozario Botica D. 11, para tratar do ajuste.

## Amas de Leite.

13 Preciza-se de huma, que tenha bom leite, forra, ou captiva: na rua da Cadeia do Recife N.º 41.

14 Ha huma, preta ladina, chegada proximo de Loanda, com bom leite: no Forte do Mato a fallar com Manoel Joze Ribeiro.

2)  
A) *Intercorrendo a este que chegou ao porto*  
de ... (The text is highly faded and mostly illegible. It appears to be a handwritten document or report, possibly related to the purchase of slaves mentioned in the caption. The text is written in a cursive script and is mostly obscured by the quality of the scan.)

Offício do Juiz Joaquim Lisboa ao Conde de Anadia, Governador-Geral da Capitania da Bahia, sobre as negociações processadas com o Rei de Oere para a compra de oitenta escravos. Ilha do Príncipe, 31 de março de 1810.

Rio de Janeiro 4 Maio 1883

I-5.7.83



196

M. Sr. Dr. Domingos Jaguaribe  
Meu caro Amigo

Saúde &

Teu aquino responde a tua ultimada de  
26 Abril, communicando-me que, de compor-  
midade com os desejos de meu Presidente  
Joaquim Nabuco, acordamos de crear um  
fundo exclusivamente destinado a Propaganda  
Abolicionista com livros, pamphletos, &c.

Deu governo offerece-me de 100000  
Reis a primeira quota deste fundo.

Com a ajuda do abolicionista E. J. Capp, Director  
Interim da "Prensa Brasileira" do Rio de  
Janeiro - tem a honra de prestar-se a  
receber as doações.

Com a honra successiva de London a  
Autobiographia de Frederick Douglass, tão  
commovente como a Cabana de Pay Thomas.

Vamos traduzir a e tirar uma edição  
popular, que venderemos a 200 reis,  
e repartiremos por toda a Brazil.

Creia - me

Sempre

Amigo e Compatriota

André Rebouças

1854  
**CRIOULO FUGIDO.**

**RS. 50000**



**DE ALVICARAS**

Anda fugido, desde o dia 18 de Outubro de 1854, o  
escravo crioulo de nome

**FORTUNATO,**

de 20 e tantos annos de idade, com falta de dentes na  
frente, com pouca ou nenhuma barba, baixo, reforçado,  
e picado de bexigas que teve ha poucos annos, é muito  
pachola, mal encarado, falla apressado e com a bocca  
cheia olhando para o chão: costuma ás vezes andar  
calçado intitulado-se forro, e dizendo chamar-se  
Fortunato Lopes da Silva. Sabe cozinhar, trabalhar de  
encadernador, e entende de plantações da roça, donde é  
natural. Quem o prender, entregar á prisão, e avisar na  
côrte ao seu senhor Eduardo Laemmert, rua da  
Quitanda n.º 77, receberá 50000 de gratificação.

Rio de Janeiro. — Typ. Universal de LAEMMERT, Rua dos Inválidos, 64 B

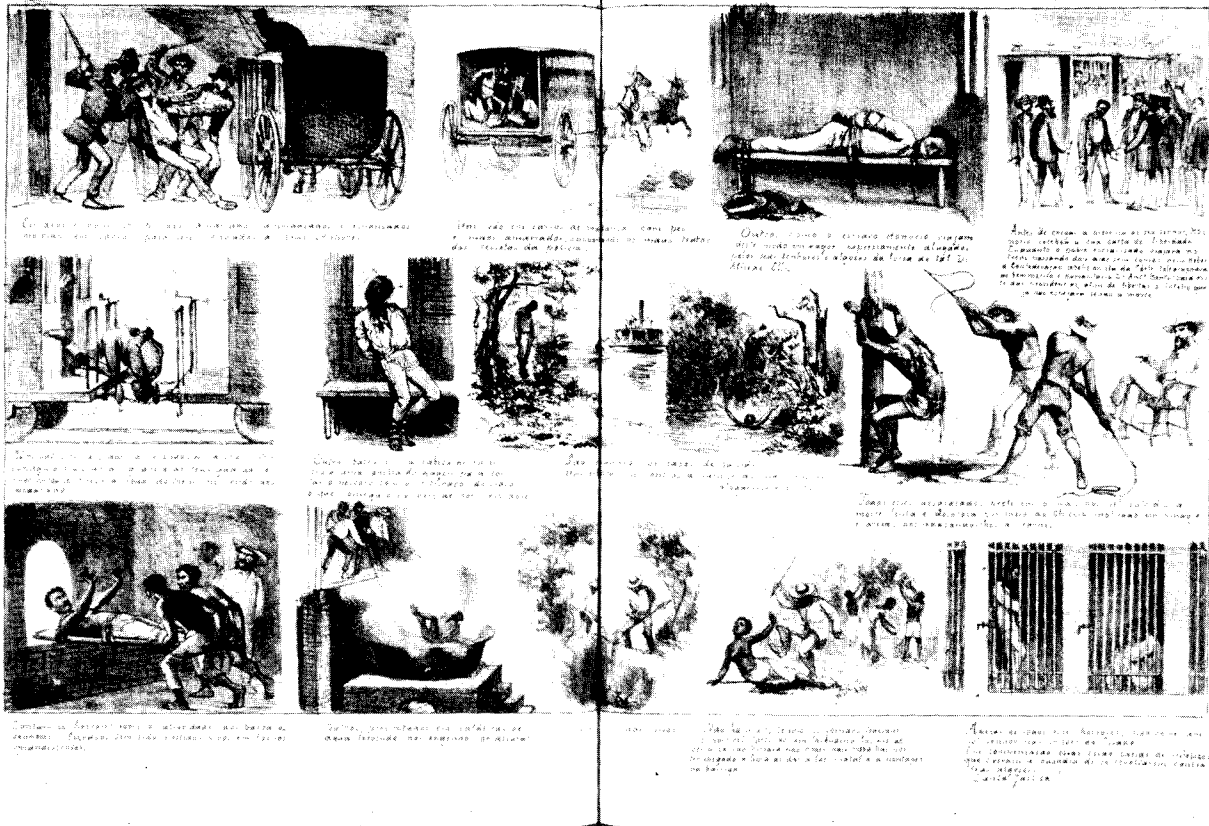




NEGRO FUJÓA.

Frederico Guilherme Briggs. Negro Fujoá. Rio de Janeiro, 1829-39. Litografia aquarelada.

Scenas da escravidão patrocinadas pelo partido da Ordem sob o glorioso e sabio reinado do Senhor D. Pedro II o Grande.



"Scenas da Escravidão..." da "Revista Illustrada" — Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1886.



Going to the House of Correction.  
(Indo para a Correção)



Punishments.  
(Castigos.)

O Sr. Adm.<sup>o</sup> da Casa de Detenção, faça castigar com vinte e cinco açoites,  
 duas dúzias de palmatoradas, raspando-se depois a cabeça a preta Benedicta  
 escrava de Dr. Joaquim Felício Ferreira Chaves a requerimento  
 de quem lhe he infringido o dito castigo, sendo depois que o tiver  
 recebido entregue a dona Sr.<sup>a</sup> ... 3 de Abril de 1861.  
 Eu José Manoel... da Silveira.



Manda castigar escrava com 25 açoites, 2 dúzias de palmatoradas e raspagem da cabeça.

O Sr. Adm.<sup>o</sup> da Casa de Detenção faça castigar com vinte e cinco açoites, duas dúzias de palmatoradas, raspando-se depois a cabeça a preta Benedicta escrava de Dr. Joaquim Felício Ferreira Chaves a requerimento de quem lhe he infringido o dito castigo, sendo depois que o tiver recebido entregue a dona Sr.<sup>a</sup> ... 3 de Abril de 1861. Eu José Manoel... da Silveira.

Mandamos dar liberdade ao  
Cabra Antonio Bahiano, escravo de  
D. José Freire de Andrade que se acha preso por fugido, sendo primeiro castigado com seis dusias de bolos.  
Niteroy, 20 de Julho de 1847. ... Francisco Correa de Albuquerque Escrivão que escrevi.

Manda libertar escravo, castigando-o antes com a palmatória.

O Carcereiro das Cadeas desta Cidade ponha em liberdade o Cabra Antonio Bahiano, escravo de D. José Antonio Freire de Andrade que se acha preso por fugido, sendo primeiro castigado com seis dusias de bolos. Niteroy, 20 de Julho de 1847. ... Francisco Correa de Albuquerque Escrivão que escrevi.

I 401.22

Manda castigar três escravos com 200 açoites.

O Sr. Francisco da Silva Coitinho Carcereiro das Cadeas desta cidade fassa castigar com duzentos assoites cada um dos pretos Diogo, Miguel, e Pedro de nação Moçambiques pertencentes a herança do finado Mano et Joaquim Dias de Sampaio a ordem do Curador da mesma heransa Joaquim das Neves Pinheiro, isto conforme as Posturas da Camara Municipal. Cidade de Nictheroy, 3 de Setembro de 1835.

O Escrivão interino  
Silvestre dos Reys Nunes - 1835

217 1841  
O carcereiro da cadeia desta cidade  
mande castigar com cem açoites  
o escravo André, de nação Benguel  
la e depois o empregara no serviço do  
libambo; castigado que me foi requeri  
do por sua senhora Prisca Morissy.  
Secretaria da policia de provincia  
do Rio de Janeiro, 7 de julho de 1841  
Paula Men.

Manda castigar escravo com 100 açoites.

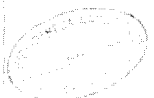
O Carcereiro da cadeia desta cidade manda castigar com cem açoites o escravo André, de nação Benguela e depois o empregará no serviço do libambo<sup>(\*)</sup>; castigo este que me foi requerido por sua senhora Prisca Morissy. Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1841.

(\*) *Libambo*: "Cadeia de ferro à qual se atava pelo pescoço um lote de condenados, quando tinham de sair das prisões a serviço" (Dicionário Aurélio).



*Mapa dos Escravos Exportados desta Capitania de Benguella p.a o Brazil, desde o anno de 1762 té o de 1796, q os Direitos de cada hu' são 8\$700 rs, e subcidios 300 rs, mas as crias de pé q chegaõ à medida pagão ametade.*

Anno	Messe	Eservos	Dez	Quillos	Subcidios
1762	11	3923	19	32 226 200	1 030 000 30
1763	10	2 225	5	27 291 200	1 027 000 00
1764	11	2 224	2	30 277 200	1 027 000 00
1765	12	2 224	22	37 290 200	1 027 000 00
1766	6	2 224	11	34 277 200	1 027 000 00
1767	12	2 224	12	37 290 200	1 027 000 00
1768	10	2 224	16	36 150 200	1 027 000 00
1769	12	2 224	15	37 180 200	1 027 000 00
1770	12	2 224	7	34 150 200	1 027 000 00
1771	10	2 224	17	37 170 200	1 027 000 00
1772	12	2 224	12	37 600 200	1 027 000 00
1773	12	2 224	4	34 070 200	1 027 000 00
1774	12	2 224	1	37 600 200	1 027 000 00
1775	12	2 224	11	37 140 200	1 027 000 00
1776	12	2 224	4	34 060 200	1 027 000 00
1777	12	2 224	7	37 060 200	1 027 000 00
1778	12	2 224	2	34 060 200	1 027 000 00
1779	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1780	12	2 224	11	37 060 200	1 027 000 00
1781	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1782	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1783	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1784	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1785	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1786	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1787	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1788	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1789	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1790	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1791	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1792	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1793	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1794	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1795	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
1796	12	2 224	12	37 060 200	1 027 000 00
TOTAL		27 552	126	37 060 200	1 027 000 00



114

*Observações*

*Desde o primeiro de 1794, té 31 de Julho do anno actual, não se viu mais exportar para o Brazil, até a data em 20 de Junho de 1796, mais de 2000 escravos, sendo que se acham de reserva, até a data em 20 de Junho de 1796, mais de 2000 escravos, quando he constante q em Junho de 1796, se acham de reserva, mais de 2000 escravos, e de dita reserva, até a data actual.*

*Oy M. de S. B. de S. P.*

Relação de navios negreiros: "Mapa dos Escravos Exportados desta Capitania de Benguella p.a o Brazil, desde o anno de 1762 té o de 1796, q os Direitos de cada hu' são 8\$700 rs, e subcidios 300 rs, mas as crias de pé q chegaõ à medida pagão ametade".

1931 (1,30,14,41)



*Carta de alforria de Barnabé, nº 144, de 13  
de julho de 1872.  
Rio de Janeiro, 20 de julho de 1872*

O Barão do Rio Grande do Conselho  
de Sua Magestade O Imperador Sena-  
dor do Imperio & &

Declaro pela presente que ao meu  
escravo Barnabé, natural da Costa da  
Offica e de setenta annos de idade  
pouco mais ou menos, dou em livre libe-  
dade para que possa dispor de si como  
se de ventos livre nascido fôr. E  
para evitar lhe fizesse a presente car-  
ta que vou por assim crenta e assigna-  
da. Rio de Janeiro aos 20 de julho  
de 1872.

Barão do Rio Grande  
Rio de Janeiro, 20 de julho de 1872



Carta de alforria dada ao escravo Barnabé, "de setenta annos de idade pouco mais ou menos" pelo seu senhor o Barão do Rio Grande. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1872.

Carta de Alforria  
de 1851 até 1854  
Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1851. N.º 415 2º 77

Carta Carta de Liberdade, passada a favor do  
preto Manoel, de nação Angola.  
N.º 76

Nos abaixo assignados, Dr. Joaquim Caetano  
da Silva, cidadão Brasileiro, e sua mulher D.ª  
Clotilde Moimac da Silva, damos a liberdade ao  
nosso bom escravo Manoel, de nação Angola, para  
gozar de todos os foyes e garantias que as Leis do nosso  
paiz lhe outorgão. E por ser verdade, e para sua  
resolva e honra, lhe passamos a presente Carta,  
que será lançada em duas das Notas de quinquenta  
reaes das Tabellias desta corte, para constar a todo  
tempo. Rio de Janeiro, primeiro de Dezembro de  
mil oitocentas e cinquenta e hum.

Dr. Joaquim Caetano da Silva  
Clotilde Moimac da Silva

Testemunhas

Dr. Francisco de Paula Allengues

Joaquim José de Azevedo  
Dr. Francisco de Paula Allengues

Carta de Alforria  
Rio, 3 de dezembro de 1851

Francisco José de Azevedo

Carta de alforria passada a favor do preto Manoel, de nação Angola, pelo Dr. Joaquim Caetano da Silva e sua mulher. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1851. Não é especificada a idade do escravo.

1807 I 21.27.1  
1121  
60  
Visconde de Anadia  
1  
Lendo a Real Portaria do Principe Regente e V. S.<sup>o</sup> e Officio de V. Ex.<sup>a</sup> N.º 48, datado de 7 de Abril do corrente anno, que versa sobre os Quilombos, ou ajuntamentos de Pretos, fugidos a seus Senhores, nos Suburbios da dita Capital e dentro do Alto de que ella he cercada; Foi o mesmo Augusto Senhor Servido approvare a Resolucao, que V. Ex.<sup>a</sup> tomou, de fazer destruir os ditos Quilombos, para conservacao da boa ordem, e para o sossego, e tranquillidade dos Senhores, que lhe são confidados, assim como a V. Magestade mandou proceder pelo Curador Geral do Crime, para condemnacao dos rebeldes, e socios dos mesmos Quilombos. O que participo a V. Ex.<sup>a</sup> para sua intelligencia.  
Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> e Mafra em 27 de Junho de 1807.  
Visconde de Anadia  
Seu Conde da Ponte

Autorização real para destruição de Quilombo.

Aviso do Visconde de Anadia ao Conde da Ponte, em nome do Príncipe Regente, comunicando sua aprovação para destruir Quilombos ou ajuntamentos de pretos nos subúrbios da cidade da Bahia. Mafra, 27 de junho de 1807.





que se cumpliere con los deberes de fraternalidad  
que se nos impide, ante la falta de tiempo,  
y sea imposible para el Sr. D. Juan de  
y para las autoridades, se ocupó de entre sí  
qual modo, como para satisfacer la justicia  
de las partes ofendidas; pero nos acordamos  
de lo que vale aquí de la ley con fuerza  
nueva propugnando de nuestra deliberación, con  
toda la certeza, sobre algunos puntos que han  
sido: En todo lo que se refiere a las  
nos y suplicamos a V. A. R. para que  
haya dignos se acuerde por Real Cédula  
en el Tribunal de Suplicaciones, para dar  
de orden, sino se se impide ni delinquente  
alguna institución para la de los que  
han de ser exentos, por que de contrario  
multiplicar y aumentar en aquellos lugares  
y otros puntos que inevitablemente  
y a los de los que se nos propugnamos  
certeza de sus respectivos puntos ulteriores.

En la Real Audiencia de Galicia  
de todo en forma que suplicamos

*[Handwritten signatures and initials]*









Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1876

II.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde do Rio Branco.

Tive a honra de saber que a Pitonissa de V.Ex. lhe segredara a parte mínima que me coube na recordação de uma data gloriosa para V.Ex. e para a nossa pátria.

Fui apenas um eco da opinião contemporânea e ainda mais das gerações vindouras. Quando um alto espírito, lançando os olhos por cima da cabeça de seu século, presta à terra de que é filho, um serviço tão assinalado como o que V.Ex. fez ao Brasil com a lei que iniciou e defendeu, não se pertence mais, é patrimônio comum, e recordar-lhe a glória equivale a participar dela.

Foi o que foi, e tal é o meu quinhão no grande ato de V.Ex.

Reitero a V.Ex. os protestos da mais elevada consideração e distintíssimo apreço, com que tenho a honra de ser

De V.Ex.

Profundo adm.<sup>or</sup>, creado e obr<sup>o</sup>

J. M. Machado de Assis

Londres, 27 de Dez. 1887

Meu caro Salvador,

Muito boas festas para V. e um Happy New Year para Mrs. Tomes o Americano em S. Thomas ou Barbados.

Estou com um projecto e um compromisso de voltar ao Brazil pela America do Norte, e mais ainda pelas Antilhas tambem. V. me faria obsequio se sem perda de tempo me mandasse dizer em que dia partem de New York os vapores Americanos dos mares do Norte e do Sul e o mesmo de

haç se se me poderia tambem informar sobre as linhas das Antilhas, porque minha idea é ir tomar o Americano em S. Thomas ou Barbados, e eu quizera saber como posso (e por quanto e de que modo, que vapores) ir do Sul da America a Cuba, Jamaica, Hayti, e Antilhas Francesas.

Tambem V. me obsequiaria mandando-me os preços das linhas de New York a New Orleans.

O objecto de minha viagem é travar relações a bem do aboliçãoismo com certas pessoas que

Nos possam ser úteis na America  
do Norte e por outro lado ver com  
os meus olhos os effectos da exera-  
cicia e o estado social dos he-  
jos das diversas nacionalidades.

Espero que terei a fortuna de  
os encontrar em New York e se  
V. me responder a esta em tempo  
sabendo eu assim que V. esta'  
ahi lha escreverei em tempo, bar-  
ra nos vejamos deante a mi-  
nha curta demora n'essa cidade  
adieu, meu caro Salvador.

Recomende-me muito affectua-  
mente a Mrs. e familia e a todos

RECEBUE  
JAN 20 1888

os seus e creio me denflectu

Velho Amigo

J. Nabuco

P.S.

Escreva-me para Londres, Bro.  
Jikan Legation. Eu vou a Roma,  
mas volto a Inglaterra dentro  
de pouco. V. deve escrever-me de  
forma a estar sua resposta aqui  
entre 20 e 30 de Janeiro.

J.N.

M.º Cam.º e Su.º Conselho de Estado Visconde de Rio  
Branco, Senador do Imperio 444



Logo depois de 4 annos de ausencia volta a sua terra  
natal e por emromaria ao Senhor de Bonfim agradece  
cer de todo o coração o muito que lhe deve.

e de Bahia contente se orgulha do Filho occupação de  
Fazendeiro se lê Deus E Salvo.

Essa a propositando a vocação: vimos trazer os mesmos  
Senhor, um pequeno painel, representando um grande  
milagre, foi que um grande milagre foi, de certo, a mu-  
ltiplicação da S.ª de emancipação do elemento servil.

Essa S.ª, escolhido por Deus para ser o vencedor n:  
essa lucta ingente, humilde e modesto, offerre comos, para illu-  
minar o Reino de est.º b.º, uma porção de velas, com  
numero igual ao das armas, que decorrou de 1826, em que  
4.º de S.ª, e prendidas as primeiras letras no mar a escola de  
te bello arrabalde, a 1826, anno notavel no qual P.º, co-  
mo Chefe de Gabinete de S.ª, do Barco, em toda a presença  
de seus talentos, illustração, eloquencia, pratica da tribu-  
na, prestigio e força de vontade, obteve um triumpho que  
immortalisou o.

Por este relevantisimo serviço a civilização e a humanida-  
de prestado em honra da Nação, com inextinguivel patrio-  
tismo, e as bênçãos do Céu sobre a veneranda pessoa  
de S.ª.

Bahia 25 de Junho de 1878

M.º mais dos ingenuos

*“As mãis dos ingenuos”\* e a emancipação do elemento servil\*\**

Ilmo. Exmo. Snr. Conselheiro de Estado Visconde do Rio Branco Senador do Império.

V. Ex<sup>a</sup> depois de 43 anos de sua ausência volta a sua terra natal, e vem em romaria ao Senhor do Bonfim agradecer de todo o coração o muito que lhe deve.

A Bahia contente se orgulha do filho em cuja coroa de Visconde se lê DEUS ET LABOR.

E nós aproveitando a ocasião vimos trazer ao mesmo Senhor um pequeno painel, representando um grande milagre, porque um grande milagre foi, de certo, a promulgação da Lei da emancipação do elemento servil.

E a V.Ex<sup>a</sup> o escolhido por Deus para ser o vencedor nessa luta ingente, humildemente oferecemos, para iluminar o trono do Altíssimo, uma porção de velas em número igual ao dos anos que decorreram de 1826, em que V.Ex<sup>a</sup> aprendia as primeiras letras numa escola deste belo arrebalde, a 1871, ano notável no qual V.Ex<sup>a</sup> como Chefe do Gabinete de 7 de março e em toda a pujança de seus talentos, ilustração, eloquência, praticada da tribuna, prestígio e força de vontade, obteve um triunfo que immortalizou-o.

Por este relevantíssimo serviço à civilização e à humanidade, prestado em honra da Nação com incedível patriotismo, caíam as bênçãos do Céu sobre a veneranda pessoa de V.Ex<sup>a</sup>.

Bahia, 25 de julho de 1878  
“As Mãis dos Ingenuos”

---

(\*) *Ingenuo*: Filho de pai liberto. Entre os latinos, cidadão romano por adoção. Silva, Antonio Moraes, Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Oficina de Simão Th. Ferreira, 1789.

(\*\*) Manifesto assinado “As Mãis dos Ingenuos” dirigido ao Visconde do Rio Branco, felicitando-o pelo regresso à Bahia e a promulgação da lei de emancipação do elemento servil. Catálogo da Coleção Visconde do Rio Branco, nº 5043.

D. PEDRO II E O 13 DE MAIO\*

Nabuco

Sou eu que devo agradecer-lhe seu “Agradecimento aos Pernambucanos”. Não falarei da bela linguagem que se remonta como o condor.

Basta ler o período que começa – Quando se examina, etc. – Com efeito os conjurados de 15 de novembro merecem o nome de Inconscientes se não mesmo Inconfidentes; porque já parecem desconfiar de si mesmos. O período – Diz-se que o 13 de maio é a voz da consciência, e assim o proclamo tanto mais quanto se sabe como eu pensava até então. “A fé de offício do Reinado” é o futuro que verdadeiramente m’a dará, e como é toda pessoal envio-lhe o impresso com as minhas notas a lápis. Leia-as e restitua-me o folheto; pois sempre tenho adicionado assim as parcelas da minha vida.

Meus respeitosos cumprimentos a sua Senhora e dê-me notícias dos seus de lá.

Seu muito afeiçoado  
D. Pedro d’Alcantara

Cannes, 6 de fevereiro de 1891

---

(\*) Carta de D. Pedro de Alcântara a Joaquim Nabuco. Cannes, 6 de fevereiro de 1891. Extraído da Coleção Tobias Monteiro. DiMss-32, 108A.

---

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro, 108:7-46, 1988.



### A PRINCESA ISABEL E O 13 DE MAIO DE 1888

Na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional (32, 68 A) encontra-se um envelope comum com a seguinte inscrição:

“Minha visita a S.S.A.A. Conde e Condessa d’Eu no Castello d’Eu  
Tudo quanto delles ouvi”

Trata-se de anotações manuscritas e despretensiosas, feitas por ocasião de uma visita à Princesa Isabel, no exílio, pelo historiador Tobias Monteiro, em 4 de setembro de 1920. São folhas soltas, sem numeração, sem ordem lógica. Valem como testemunho. Damos a seguir a transcrição exata do códice, sem qualquer correção e exatamente na ordem em que se encontram os diversos textos.

\*

– Cotegipe nunca fez reparos à Princesa em relação às kermesses de Petropolis nem quanto ao “Correio Imperial”, de que era autor B. Ramiz.

– Não tive notícias de conspirações militares nessa epocha nem quando D. Augusto (C. Sampaio), pelo menos não se lembrou, nem quando Salgado (Alexandrino). Quiz que a abolição se fizesse porque via que ella tinha de ser feita talvez revolucionariamente, pois a fuga dos negros das fazendas faziam-na temer que tivessemos scenas como a guerra dos Estados Unidos.

– No dia 13 de maio sentiu-se feliz vendo que com um traço de pena libertara 700.000 criaturas.

– Não receiara sacrificar o throno; antes acreditava que o seu acto a recommendaria à estima da nação. Até 15 de novembro nunca acreditou em conspirações militares. O 15 de novembro foi para ella uma surpresa.

(Conversa a 4 de setembro no Château d’Eu.)

– Quando partiu para a Europa em 1871, deixando a Princesa como Regente, o Imperador não lhe revelou fazel-o de proposito para deixar-lhe a gloria de presidir a libertação dos ventres.

(Ouvido da Princesa a 4 de setembro de 1920, no Castello d’Eu.)

*A BONDADE DA PRINCESA ISABEL*

— Sayão Lobato, em Conselho de Ministros, pleiteava com calor a execução da pena de morte cominada a um escravo, por crime de assassinato do senhor, e que a Princesa queria comutar. Fallou com emphase e acabou dizendo: “A avó de V.A. a Rainha D. Maria II (*sic*) foi procurada por uma mãe que lhe pedia graça para um filho condemnado à morte. A prece era tocante, a mãe banhada em prantos. A Rainha ouviu-a e depois respondeu: O meu coração de (mulher) mãe se enternece, mas a minha cabeça de Rainha ordena-me que não perdê.”

— A Princesa ouvia e durante todo o discurso tinha as mãos reunidas pela extremidade dos dedos como que comprimindo ligeiramente uma esfera. Quando o Ministro acabou ella disse simplesmente: “Mas Sr. Lobato, minha Avó era doida.”

— Risos abafados no Conselho. Sayão embatucou.

(Ouvido da Princesa a 4 de setembro de 1920, no Castelo d’Eu.)



## INTRODUÇÃO

A exposição “Para uma História do Negro no Brasil” e respectivo catálogo, elaborados pela Biblioteca Nacional em 1988 para assinalar o transcurso do centenário da abolição da escravatura, exibiram dentre inúmeros outros, não menos significativos documentos, a planta de um quilombo, o de São Gonçalo, que existiu na região de Paracatu, oeste de Minas Gerais, em meados do século XVIII.

O ineditismo da representação de onde e como viviam os negros fugidos, e a possibilidade do esclarecimento de outras relevantes questões em torno da expedição que os mapeara, converteram a peça em atração desta e outras mostras realizadas em que o escravo foi tema.

Faltava, entretanto, aos historiadores e outros estudiosos o texto em que se relata ao Governador das Minas Gerais a jornada de conquista do sertão, empreendida em 1769, pelo Mestre-de-Campo, Regente e Guarda-Mor Inácio Correia Pamplona, cuja transcrição entregue à competência e ao zelo da Prof<sup>a</sup> Maria Filgueiras, sob a consultoria de Antônio Houaiss, se traz agora a público.

A sugestiva notícia, anônima, de “A expedição do Campo Grande, Cayeté, Abayeté D. de Paracatu” é parte da copiosa documentação produzida durante a gestão do Governador e Capitão-General das Minas Gerais no período de 1768 a 1773, José Luís de Meneses Castelo Branco e Abranches, 6<sup>o</sup> Conde de Valadares, gentil-homem da Câmara da Rainha D. Maria I, nascido em 1742 e falecido em 1792.

O Arquivo do Conde de Valadares, composto de 12 códices com 3.671 documentos, originais e cópias, ainda inexplorados, integra o importante acervo reunido por José Carlos Rodrigues, posteriormente adquirido por Júlio Benedito Ottoni, que, ao doá-lo à Biblioteca Nacional, passa a titular da coleção onde se abrigam ainda outros importantes fundos e conjuntos documentais.

A iniciativa da expedição se ajusta ao processo, então praticamente consolidado de integração da faixa territorial compreendida nos limites de Minas, Goiás e Mato Grosso, em estreita correlação com o deslocamento do eixo político, administrativo e econômico para o centro-sul, onde desde 1763 já se instalara, no Rio de Janeiro, a sede do Vice-Reinado.

Em decorrência da busca do ouro e dos diamantes e da intensa atividade econômica que se sucede às descobertas, desbravam-se caminhos, fundam-se arraiais e vilas, capelas e igrejas são erguidas, distribuem-se sesmarias, estabelecem-se lavouras, leva-se justiça às populações e cura aos enfermos, promove-se a fé católica e capturam-se negros fugidos.

Compondo este breve painel onde se inscreve a narrativa da jornada, realçamos a efervescência da vida cultural na Capitania das Minas Gerais, que se manifesta nas mais diversas formas de expressão artística que florescem na região: arquitetura, música, literatura, pintura, escultura e outros artesanatos e ofícios que a grande circulação de riquezas e mobilidade social tornaram possível.

O metucioso registro do cotidiano de um grupo em missão itinerante de conquista e civilização revela os elementos que compunham suas vidas e universo, oferece e desafia à releitura dos vestígios deixados, convida à constituição de novos campos de investigação histórica, sugere o encontro com outros saberes em uma perspectiva interdisciplinar e propõe ao historiador problemáticas novas que enriquecerão seu discurso.

*Ana Lúcia Louzada Werneck*  
Pesquisadora da Biblioteca Nacional

Notícia diária e individual das marchas [,] e acontecimentos ma(i)s condigno(s) da jornada que fez o Senhor Mestre de Campo, Regente[, ] e Guarda(-)mor Inácio Corre(i)a Pamplona, desde que saiu de sua casa[, ] e fazenda do Capote às conquistas do Sertão, até se tornar a recolher à mesma sua dita fazenda do Capote etc. etc. etc.

A 18 de agosto partiu o Senhor Mestre de Campo Regente desta fazenda do Capote, acompanhado de 13 cavaleiros, uns que acompanhavam para o Sertão, e outros até certa altura por amizade, e neste dia andou 3 léguas de jornada[, ] e foi pousar a ãa fazenda chamada os Cataguases.

Constava o trem do dito Senhor de 58 escravos seus, com armas de espingarda, clavinhas, facões, patrona, pólvora, chumbo[, ] e bala.

Constava(m) os músicos que o acompanhavam de 7 escravos seus, fora da referida conta, e um branco, fazem 8 – com violas, rebecas, trompas e flautas travessas – e juntamente dous pretos tambores, com suas caixas cobertas de encerado.

Carregavam o fato 52 bestas de carga, com comestivos[, ] e bebidas, de várias qualidades tanto da terra como do Reino; em que também entrava ãa bem preparada[, ] e sortida botica.

Aqui neste mesmo sítio, enviaram ao Senhor Mestre de Campo Regente

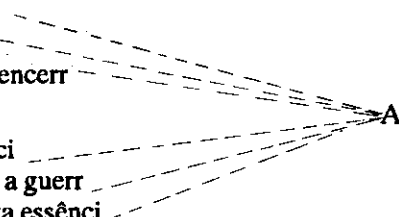
Soneto

I lustre és famosa flor do prad  
 G erada nas entranhas de um craveir  
 N egando as mais flores o seu cheir  
 A postando maiorias no agrad  
  
 C ompetências fazendo que dão brad  
 I nvito dos segundos por primeir  
 O mundo não tem dado companheir  
 C om a ventura que vós tendes lograd

(\*) A leitura textual é conservadora dos fatos da língua, devendo o leitor ter em conta que ( ) inclui elementos omissos ou conjecturais e [ ] exclui elementos redundantes.

O céu vos enviou a esta terra  
R educido a tanta opulência  
R etamente tudo em vós se encerra

E stais merecendo Excelência  
A postando vencer em toda a guerra  
P amplona das flores, quinta essência



A 19 do dito mês de agosto partiu o dito Senhor Mestre de Campo Regente com tudo o mais retro expendido[,] e se foi arrancar à casa do Reverendo Padre João da Costa Resende(,) capelão, digo irmão do capelão da expedição da nova conquista[,] o Padre Gabriel da Costa Resende, que com todo o asseio e suficiente preparatório[:] recebeu e hospedou ao dito Senhor e mais comitiva.

Aqui neste mesmo sítio a 20 antes de fazermos jornada se ajuntaram mais algumas pessoas para nos acompanharem ao Sertão engrossando a comitiva, entre os quais foi um o surigião da mesma, e estando todos a mesa juntos as pessoas mais luzidas daquela circunferência que por obséquio lhe vieram ao referido sítio fazer assistência(,) sendo o(s) que mais se distinguiam[,] o Reverendo Vigário dos Prados[,] e os dous Capitães, e José Antônio, e Severino Ribeiro, e alguns sacerdotes mais.

Por sobre mesa ofereceu um ao Senhor Mestre de Campo Regente a seguinte obra(,) lendo-a em voz alta, dando-lhe no fim os vivas, com grande aplauso.

Fala o Sertão e Campos do  
Bambof do Rio de São Fran-  
cisco com o Senhor Iná-  
cio Corre(i)a Pamplona,  
Mestre de Campo Regente e  
Guarda(-)mor, etc.

1

Desde que o mundo foi creado  
pela devina onnipotência  
aos filhos de Adão se tem negado  
em nossos palácios a assistência  
Agora parece que é chegado  
o tempo da melhor correspondência  
porque se até aqui sertão silvestre  
hoje corte, os campos que tem Mestre.

2

Chegai sublime varão a nossa vista  
alegrar o Sertão do Bambof  
vinde ser Senhor desta conquista  
nossos amenos campos pessuf

sempre vossa grandeza nos assista  
que eu com estes bosques concluí  
empenhos de mais fertilidade  
para que o País ma(i)s vos agrade.

3

Temos até agora padecido  
um desprezo total da gente humana  
experimentando das feras o bramido,  
em ãa soledade tão tirana  
mudem nossas mágoas de sentido  
que ãa posse real nos desengana  
que vem o Filho do Sol como Regente  
ser Guarda(-)mor deste continente.

4

Estavam estes tesouros escondidos  
agora se verá o seu valor  
não foram até agora merecidos  
agora é que acharam seu senhor  
a vosso poder estamos rendido  
Lograi(-)nos pelos anos de nos ter  
em nós haveis de ver multiplicados  
milhões por certo do vosso gado.

5

Trazei convosco bastante companhia,  
que a todos que quiser(d)es serviremos  
para mais lustrar vossa bizzarria  
que para vossos criados lugar temos  
tereis vós sempre a primazia  
e nós povoados nos veremos  
só para desengano destas feras  
que deixam de ser gentes, são quimeras.

6

Alvíssaras Bamboí que vem chegando  
a fazer um jardim deste Sertão  
a tão luzidas tropas comboiando  
um Senhor que a um tempo em sua mão  
dous bastões dourados maneando  
ao mundo em tudo dá lição  
ensinando e Regendo sem segundo  
e capaz de Reger a todo o mundo.

Depois montou a cavalo toda a cometiva, e com os mais luzidos magnatas do País, que o foram acompanhar[,] meia légua de distância e seguindo nossa derrota,



passamos a capela da Laje, e daí meia légua passamos o Rio de Santo Antônio, que é mediano, correm turvas as suas águas, cuja turvação procede do ouro que dele se extrai, e daí légua e meia nos fomos arrancar a casa de Francisco Pinto, já pelo escuro, e neste dia avançamos 6 léguas, e o dito Francisco Pinto[,] suportou com toda a ostentação (e) manicência possível na hospedagem que fez ao dito Senhor Mestre de Campo, e mais cometiva, neste dia afro(u)xaram 6 Bestas, com o peso da[s] demasiada carga, e não puderam chegar ao rancho.

A 21 ao romper da aurora, se tocaram as caixas alvorada e tocaram os músicos seus minuets, seguiu-se o tocarem as caixas a trindade(,) puseram-se as mesas[,] para almoçar, e por sobre mesa, se ofereceu ao Senhor Mestre de Campo Regente o seguinte etc.

### Soneto

Ao Senhor Inácio Corre(i)a Pamplona  
condecorado com vários honrosos postos  
na sua expedição para a conquista do  
Campo grande(,) cabeceiras do Rio de  
São Francisco(,) Andaia[,] e Pernaíba[,] (.)

Que intrépido, que ardente, que pasmoso  
vencendo vai o monte desmedido  
um novo Herói buscando o cume erguido,  
onde a fama erigiu seu templo honroso,

Lá aparece um congresso portentoso  
de célebres varões lá conduzido(,)  
é por eles ao templo esclarecido,  
lá se assenta em um sólido majestoso.

Hércules lhe dá a clava e diz a fama  
respeitem as idades o meu brado;  
aqui um Alcides novo hoje se aclama

Já que foi como Hércules esforçado  
cinja o grande Pamplona[,] a verde rama  
que o faça sempiterno e decantado[;](.)

E depois de ser correspondido pelo dito Senhor com a devida gratidão à ofrenda recebida, montamos a cavalo, em companhia do dono da casa, que todo esse dia acompanhou o Senhor Mestre de Campo, até a capela de São João ao sítio de Bernardo homem, e meia légua antes de chegarmos a ele[,] o esperava o dito homem, mais com outros dous sujeitos que nos guiaram até a sua casa, onde achamos um suficiente agasalho, com toda a limpeza e asseio, a cujo sítio chegamos por meia tarde[,] e avançamos 6 léguas e meia.

Aqui entrou o dito Senhor Mestre de Campo Regente a deferir vários requerimentos, fazendo algumas composições[,] de que mandou lavrar termo; sendo a mais principal[,] ãa contenda que trazia o dono da casa[,] e sítio em que estávamos com outros vezinhos, que[,] juntos todos por meio das repetidas ademoestações, ficaram pelo dito Senhor Mestre de Campo compostos[,] pacíficos[,] e concertados.

A 22 antes de amanhecer ãa hora, tocaram as caixas alvorada, dipois os músicos ao som dos sonoros instrumentos cantaram suas letras até que rompeu o dia, se tocaram as Ave Marias, celebrou o nosso Reverendo capelão o santo sacrafcio da missa que ouviram muntas pessoas além dos de toda a cometiva que ali vieram parar pelos motivos de seus requerimentos.

Montamos a cavalo acompanhados do dono da casa Bernardo Homem da Costa, e fomos pousar à capela de Nossa Senhora da Oliveira, a um sítio chamado do Mantiúdo, onde chegamos também por meia tarde, com o avançamento de 6 léguas, aqui acodiram várias pessoas, por causa de suas dúvidas, a quem o Senhor Mestre de Campo debateu com algumas persuações de que se seguiu o ficarem muntos em paz[,] sendo aí visitado do Reverendo capelão, e outras pessoas mais do Arraial vezinho.

Aqui fez distribuir o Senhor Mestre de Campo ordens do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General para os comandantes mais vezinhos diligenciarem o recolhimento das suas sesmarias, digo das sesmarias dos destritos das suas comendâncias na forma das ordens do dito Excelentíssimo Senhor.

A 23 hora e meia pouco mais ou menos antes de amanhecer tocaram os tambores alvorada, seguiram-se os músicos a cantar e tocar seus instrumentos, até o primeiro crepúsculo da manhã, tocaram-se as Ave Marias, celebrou(-)se o santo sacrafcio da missa, que ouviram todos os que por ali se achavam, e depois do Senhor Mestre de Campo[,] deferir alguns requerimentos[,] e compor algumas partes, montamos a cavalo, em companhia do capelão do Arraial do dono da casa em que dromimos, e de mais algumas pessoas que por obsequiar ao Senhor Mestre de Campo[,] o foram acompanhando até distância de ãa légua, e neste dia fomos dormir em um sítio chamado a Cachoeira com avançamento de 5 léguas.

Aqui não achamos gente de qualidade algũa, ma(i)s que um pobre velho, que deitava em um vezinho retiro(;) compunha(-)se este sítio de duas casas de capim já velhas, ameaçada(s) dos tempos para a última ruína, por estarem já mui decrepitas; aqui passamos bem de comestivo pelo levarmos em muita abundância porém mal de camas por ser o sítio para isso incompetente. Aqui nos apanhou ou se ajuntou a nossa cometiva o soldado pago José Francisco Serra.

A 24 tocaram os tambores alvorada ãa hora antes de amanhecer, seguiram-se os músicos com seu costumado exercfcio, celebrou(-)se o santo sacrafcio da missa, que todos ouviram com munta devoção[,] montamos a cavalo[,] e fomos dormir a um capão de mato, onde lhe pusemos o nome a Capitinga(;) aí fizemos ranchos[,] e abrimos caminhos[,] desbarrancando corgos para as Bestas beberem, e passamos admiravelmente de todo o necessário.

A 25 ãa hora antes da manhã, praticaram os tambores e músicos seu costumado exercfcio, celebrou(-)se o santo sacrafcio da Missa, montamos a cavalo e fomos dormir a um sítio chamado Barbosa, digo Manoel Barbosa, o qual nos veio esperar com outros sujeitos ãa légua antes de chegarmos a sua casa, aonde chegamos por meia tarde, com avanço de 5 léguas.

Aqui se nos ajuntou um Tenente Filho do Secretário, e um soldado que iam destacados para Jacof, depois desta chegada a ãa hora, chegou também o Tenente José da Serra junto com outros sujeitos mais a esperar ao Senhor Mestre de Campo(;) aqui difiriu alguns requerimentos com a sua costumada retidão.

Aqui mesmo fizeram ao Senhor Mestre de Campo, em particular(,) muntas diversas queixas do dito Tenente José da Serra Caldeira, e o referido Senhor proden-  
ciou até melhor enformação.

A 26 ãa hora antes da manhã fazendo os tambores e Músicos seu offcio, celebrou(-)se o santo sacrafficio da missa, que todos aqueles pobres estimaram como milagre do céu por haverem passados anos que a não tinha(m) ouvido; seguiu-se o montarmos a cavallo junto com o dono da fazenda o Tenente que ia para Jacof, e mais pessoas, que do Piuf tinham vindo esperar o Senhor Mestre de Campo em companhia dos quais chegamos ao mesmo Piuf, com avanço de 4 léguas fomos pousar a casa do Tenente Serra, aonde em particular se tornaram a repetir contra o mesmo Serra[,] diversas queixas[,] e dissoluções injustas, que o mesmo Serra praticava como absoluto Senhor, sem receio de algũa punição.

Aqui foi o Senhor Mestre de Campo[,] ver o lugar da capela que achou uma corral de gado; aqui se enfadou contra a gente tão bárbara e e(n)dômita, que abusavam de Deus[,] e de seus santos, por não conservarem um templo; em o qual tributasse(m) ao mesmo Senhor os devidos cultos(;) defendiam-se os moradores, o Tenente Serra tinha vendido os ornamentos da Igreja como quem se despedia de ouvir mais missa nela[.] De que se seguiu dar o Senhor Mestre de Campo ao Tenente Serra[,] ãa ordem por escrito na melhor forma que pod(ia) d[i]ar para se levantar a Igreja no descurso de 3 meses, com a comunicação de que todo o Rebelde (que) para o dito ifeito[,] não conviesse, ficaria[m] responsável a um arbitrário castigo(;) aqui mesmo morava um homem por nome Valentim ofecial de alfaiate, mui porco[,] e munto sujo, que dizem era o que encomendava os defuntos, e assim mais batizou na mesma paragem o nosso Reverendo capelão duas crianças que estava(m) para lhe nacer os dentes.

A 27 Depois dos músicos e tambores fazer o seu offcio(,) endireitamos para o Rio de São Francisco 3 léguas distante deste lugar(,) aonde achamos as canoas, prontas para passar a gente e mais o fato e as Bestas a nado, cujo fato e trem levou 6 dias a passar, e nós no dito dia fomos dormir adiente do Rio em distância de duas léguas, a um Ribeirão chamado das Araras, onde passamos com abundância costumada levantando rancho para pornoutar e aqui se juntou o vigário do Sertão e outros mais.

A 28 fazendo [fazendo] os músicos e tambores o seu offcio(,) ouvimos missa[,] e nos pusemos em marcha até a estância de São Simão com avanço de 3 léguas(,) aonde o Senhor Mestre de Campo fez ponto firme para destribuir as ordens que convinham para ifeito de sua intenção. Declaro que no copiar do borrador para este limpo se passaram duas marchas por inquivocação; ãa a Manoel Dutra, e outra a Antônio José o Torto(,) nas quais não houve circunstância[s] essencial que haja de referir(-)se.

Aqui em São Simão se ajuntaram muntas e diversas pessoas, a fazerem queixas uns dos outros, por respeito de terras[,] e mais trapaças, que se contaram em ãa ocasião a mesa 87 pessoas brancas fora a mais pardagem e Negraria em quantidade.

Em o primeiro de setembro chegou a dita Estância o Padre José Bernardes coadjutor do Tamandoá, e junto com ele o Escrivão da Igreja daquele destrito Antônio Pereira; neste dia fizeram ao Senhor Mestre de Campo várias pessoas muntas e diversas queixas, de um sujeito por nome José Teixeira, Capitão do Mato, fazendo(-)o Réu de inormes delítos, e admirado o dito Senhor o mandou chamar, e a 2 chegou o dito(,) que logo pelo soldado José da Serra foi preso.

A 3 de setembro mandou o Senhor Mestre de Campo prender pelo soldado e três homens mais(,) a um negro creminoso, e a ãa mulher sua Senhora(,) por cômplices no dito crime, pois tinham morto o Senhor e marido de um e outro.

Em 6 do dito mês de setembro chegaram as referidas pessoas presas e em 7 se fez remessa dos mesmos[, ] junto com o Capitão do Mato para Vila Rica ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General.

Em 8 do referido mês celebrou o Reverendo Vigário de Santa Ana de Bambof missa cantada, sendo os músicos dela em canto chão(,) os músicos escravos do Senhor Mestre de Campo[, ] e o Padre José Bernardes, coadjutor do Tamandoá(,) pregador nestes dias(;) despachou o Senhor Mestre de Campo as duas Bandeiras para o Sertão com todo o preparatório suficiente e necessário(,) sendo cabo de ãa Bandeira o Tenente José da Serra[, ] e de outra José Cardoso.

Em 9 do dito mês partimos para o Rio de São Francisco[, ] e fomos porno(u)tar a casa de José Rodrigues da Cruz.

Em 10 saímos depois de ouvir missa em exploração do Rio de São Francisco[, ] e da paragem intitulada as perdizes, que por enformações que tinha o Senhor Mestre de Campo[, ] ser a mais conveniente para a feitura[, ] e levantamento da ponte(;) não demos com o Rio e nos perdemos no campo, por culpa de um (Alferes) de Armada, que foi o (nosso) guia nesse dia(,) nos arranchamos ò pé de um corgo[, ] ou Ribeirão(,) que intitularam Arantes.

A 11 saímos da referida paragem, sem caminho nem carreira porém já com diversa guia, levando diante de nós bastantes Escravos com foices, machados[, ] e eixadas, para romperem os matos[, ] e abrirem neles picadas e fazerem pontes nos corgos[, ] e Ribeirões para poder passar a cometiva, e neste dia(,) rompendo e picando matos com munto trabalho, chegamos às margens do Rio de São Francisco, sem cavalo algum, a pé todos, ficando ametade da cometiva, e mais gente, e cavalaria(,) trem, bestas de carga(,) tudo disperso pelo campo e mato, pelo não poderem romper a oposição de vários corgos, matos[, ] e atoleiros, de que se seguiu ficarem todos mal acomodados.

Neste dia se enfadou o Senhor Mestre de Campo[, ] com alguns sujeitos desmazelados, e o mesmo Senhor se pôs a pé junto com os mais trabalhadores, que iam na guia, e por sua excessiva deligência se chegou a topar com a margem do Rio, sendo ele o primeiro que chegou avistá(-)la com poucos sujeitos que o acompanharam nesta laboriosa deligência.

No dia 12 duas horas antes da manhã, se levantou o Senhor Mestre de Campo, mandado tocar alvorada[, ] e recado ao Reverendo Capelão para celebrar o santo sacrafício da missa, o que concluído entrou a distribuir a gente de trabalho, uns abrir

picadas e indeireitar caminhos, outros abrir caminhos de carro, outros a cortar madeiras, outros a concertar o caminho para chegar o resto da bagagem que tinham ficado pelo Campo e Mato, e até 21 não houve inovação algũa ma(i)s que continuada laboriação do serviço da ponte, e madeiras para o anticipado jirau que no Rio se fez, pelo meio do qual se levantar a fábrica pertendida com mais suavidade.

No dia 21 Despachou o Senhor Mestre de Campo[,] várias pessoas para darem prencípio a um caminho novo, que seguido da parage da ponte indeiretava ao pouso alegre, para ficar mais suave a entrada dos que quisessem povoar aqueles sertões, sem que servissem de obstáculo as muntas dificuldades, (que) para esse ifeito se opunha(m).

No mesmo dia 21 desertou um homem pardo por nome João Gomes. No dia 22 Desertaram 4 brancos que tinham sido conduzidos pelo cabo Manoel Pinto de Madureira da comarca do Pitangui.

No mesmo dia mandou o Senhor Mestre de Campo ao soldado pago, José Francisco Serra(,) em seguimento dos fugitivos com ordem por escrita para os prender, e no caso de os não encontrar a deixasse ao sobre dito Madureira para o dito ifeito.

Nestes dias até o primeiro de outubro não houve inovação que possa ser referida por especial, ma(i)s que a continuada lida com que o dito Senhor Mestre de Campo, de dia e de noute, ao sol[,] e à chuva(,) atual mente laborava, acodindo com sua presença com prontíssima deligência[,] aos serviços mais necessitados que pedia a ocorrência da ocasião[,] e do tempo.

A 2 de outubro à vista do Senhor Mestre de Campo, e das mais gentes que na ponte laboravam, caiu um bom preto da ponte abaixo[,] e(,) dando com a coxa direita na ponta de um pau, a rompeu atravessada até o osso, e daí tornou a dar segunda queda[,] e foi cair na beira do Rio(;) foi logo trazido em braços para a casa donde assestia, e pelo surigião da expedição[,] foi logo curar com todo o cuidado e deligência que pedia o dito acontecimento.

Apenas tinha acabado de concluir aquela operação houve ãa gritaria na ponte, para onde já caminhava, quando divulgou outro novo e infausto acontecimento; caindo da mesma sorte o mesmo Mestre da Obra, de toda aquela altura da ponte, dando duas pancadas, ãa no jirau[,] e outra na beirada do Rio, ficando a metade do corpo em terra[,] e a metade dentro d'água, e encontiente se atirou o Senhor Mestre de Campo de um barranco abaixo, seguido do Reverendo Capelão para acodirem aquela disgrácia, acharam o homem amortecido, e com receio de que estivesse morto trouseram nos braços, e com prontíssimos remédios que se lhe fizeram(,) águas esperituosas que se lhe aplicaram(,) em pouco espaço deu sinais que estava vivo, porém todo ensanguentado de alguas feridas da cabeça[,] e arranhaduras do rosto. Foi logo curado com a mais eficais deligência que o caso pedia(,) a quem o Senhor Mestre de Campo assestiu naquele deserto com tanto cuidado e grandeza, que a ser no povoado poderá ser se não achasse com tanta ligereza, tudo quanto conduzia, para a verdadeira e pronta aplicação daquele menistério.

Ao fim de 6 dias ficou o dito enfermo totalmente são por vertude das promessas que fez o Senhor Mestre de Campo a Nossa Senhora da Conceição e de São Francisco

de Sales, a quem o mesmo Mestre no dia antecedente da sua caída[,] tinha ajudado a levantar os esteios da sua capela, e(n)senuando as direções de sua despuciação[,] e levantamento(,) e também como dito fica[,] lhe não faltou nada na suficiente aplicação de remédios temporais, ficando pela mesma rezão são e salvo, e sem lesão alguma(,) o Escravo da coxa cortada.

A 3 do referido mês, chegou Simão Rodrigues à ponte(,) o qual tinha ido para o Sertão na bandeira do Tenente José da Serra(,) trazendo(-)ja ao Senhor Mestre de Campo ãa carta em que lhe noticiava a sua chegada à Estância de São Simão, com a cópia da deligência que fizeram por descobrir ouro, e que o não achara.

E informado o mesmo Senhor Mestre de Campo do Portador em que a sua volta para fora[,] não tinha sido por causa de faltas de mantimentos, e averiguando que a deligência que fizera o dito Serra[,] não fora congruente com as despuições que lhe ordenara(,) ao mesmo tempo que esperava do mesmo Serra munto diferente sastifação em tão empinhada deligência; à vista de tão manifesta renitência, lhe respondeu o Senhor Mestre de Campo, com ãa justa repreensão de que era merecedor em a qual se rensentia do falso conceito e errada Eleição que dele fizeram para conseguir um bom ifeito[,] de tão emportante deligência.

Daquí se seguiu o ficar o Tenente Serra[,] odiando ao Senhor Mestre de Campo, com tão empetuosa farozidade que manifestamente[,] o murmurava[,] e mal dizia com tanta paixão e desafogo que os mesmos a quem o dito Serra referia a sua maledicência[,] lhe estranhavam a a(r)rogante dissolução, com que tão pública mente[,] caluniava[,] a um oficial maior sem causa[,] ou suficiente motivo, que obrigasse a tão temerária conspiração. Tudo sabia o Senhor Mestre de Campo; tudo sentia, e tudo desfarçava como de nada soubera(,) de cuja consumada prudência[,] era continuada mente plaudido nas ordinárias conversações que sobre esta matéria pública mente se movia, porquanto, nem o dito Senhor Mestre de Campo[,] se queixava, nem dava indícios de alguma sastifação no que constestia o referido louvor com que o exageravam.

A 7 do dito mês de outubro às Ave Marias, se acabou de deitar a última estiva da ponte, e olhando de repente o Senhor Mestre de Campo[,] para outra parte do Rio(,) viu vir a sua Tropa entriduzida já pelo caminho novo chegando à ponte, a qual tinha saído da sua Fazenda do Capote, carregada com o socorro e provimento de algumas cousas necessárias que estavam quase concluídas.

A todos causou este repentino acaso[,] ãa bem fundada complecência(,) por verem que podia passar a pé enxuto em Rio tão caudeloso[,] ãa tropa que os vinha porver daqueles ifeitos que houvessem de necessitar. Para o que ordenou logo o Senhor Mestre de Campo ãa procissão solene, guiada com o Senhor cruzificado, e a Senhora da Conceição; em a[c]ção de graças seguida de toda a qualidade de gente, que naquele território se achava, e assim mesmo depois de composta a purcissão passaram todos nela por cima da ponte, cantando o Te deum Laudamos, indereitamos à capela de São Francisco de Sales, e se levantou nela um altar em que se colocou o Senhor e a Senhora cantando todos a ladainha com música(;) concluído este ato, voltamos outra vez para as nossas moradias, cantando a Nossa Senhora orações devotíssimas.

Em 8 antes de amanhecer se l[h]evantou o Senhor Mestre de Campo mandando tocar alvorada, a cujo toque acodiram todos aterrar a ponte com o que(,) para esse

ifeito, já estava proveniente(,) de sorte que quando foi ũa hora do dia estava acabada[,] e concluída aquela deligência.

Depois mandou o Senhor Mestre de Campo[,] ordenar a todas as pessoas, em forma militar, e(,) marchando duas e duas na vanguarda, ia o mesmo Senhor e o Reverendo capelão, diente dos quais iam tocando ũa marcha os tambores(,) trompas e flautas, e com esta deciplinada união foram em caminhando os passos por cima da ponte, até se introduzirem na capela do Senhor São Francisco de Sales, onde o Reverendo capelão[,] celebrou o Santo Sacraffcio da missa no fim da qual se repetiram em louvor de Nossa Senhora mui devotas orações ao som dos instrumentos.

Concluído o dito ato, tornaram a marchar uniformes na forma declarada passando a ponte segunda vez, e recolhendo(-)se ao alojamento e recolhidas as santíssimas Imagens ao decoroso lugar de sua existência se incaminharam todos a alvorar de frente da mesma ponte a santíssima Crux bastante mente altarosa(,) para ser reverenciada naquele lugar de todos os passageiros, como sinal da nossa rendença.

Concluída [a] esta operação, se pôs a mesa para almoçar, com esplêndido banquete onde se contaram 65 homens brancos. Aqui por subre mesa[,] se ofereceram ao Senhor Mestre de Campo, em aplauso de suas famigeradas operações(,) os seguintes sonetos, os primeiros dous se dirigem ao levantamento da ponte no Rio de São Francisco, e o treceiro a pedir perdão de alguns Erros que cometeriam todos os que nela lidavam(,) sendo o autor de todos três Manoel Bernardes de Cristo, que de presente se achava.

### Soneto

Senhor Mestre de Campo, meu Senhor,  
muito para bem vos seja a conclusão  
da ponte que com tanta perfeição  
quisestes acabar com tanto ardor.

Viva o enfado, também viva o rigor  
que mostravas nalgũa ocasião  
viva o alegre semblante e a feição  
com que em outras mostravas tanto amor.

Viva pois Senhor a variedade  
de vossas ações fatais, e genufnas(,)  
compostas de pulida urbanidade.

Vivam as vossas palavras sempre finas  
no mandar, no saber, e na beldade(,)  
vivam sempre vossas obras peregrinas.

Soneto

Vós ó altivo Herói que o engenhoso,  
nessa fábrica altiva bem mostrais(,)   
pois o primeiro sois que editais  
ũa ponte em Rio tão caudeloso.

Sois um Xerxes sublime[,] e poderoso  
que chegais a irigir quanto intentais(;)   
nesta obra ao Rei Francês avantejais  
e a todos excedeis no seu colosso.

Nesta afluência exemplar e peregrina  
documentos ademenistra sem segundo,  
este febo, que os mais homens ilumina.

Quem deixará de lhe dar louvor profundo  
se deste ápice fatal se origina  
Glória a Deus, serviço ao Rei, passage ao mundo.

Soneto

Assim como o Senhor a flor amante,  
cuidadosa vai seguindo a facha ardente  
desse luzido sol que transparente  
nesse celeste globo é dominante(.)

Assim vos segue(,) ó febo flamante,  
este luzido exército contente,  
instruído por vós tão doce mente,  
que obséquios vos dedica gratulante,

Accitai pois Senhor(,) não desprezeis,  
os indultos que por todos vos dedico  
explorando que aos Erros perdoeis.

E quando lugar não tenha o que suplico,  
e o castigo de muntos intenteis,  
eu por ele a pagar me sacrificio(.)

Depois de concluído o referido, chegaram vários sujeitos, como Brás Lopes, seu vendedor desta, de pan[... ]sul João Lourenço, e outros mais(,) a fazerem seus reque-



rimentos(,) em que pediam a(s) três léguas de terras(;) em cada um deles proguntava(-)lhe o Senhor Mestre de Campo, já que não tinham mandado para a ponte Escravo algum, que haviam de mandar para a continuação da estrada nova algũa pessoa, ou para a feitura da capela mor da Igreja da Senhora Santa Ana de Bamboí(;) respondiam que não tinham senão um ou dous Negrinhos, que um estava doente[,] e um são, tratando deste(;) dava(-)lhe o Senhor Mestre de Campo rezão, e de repente lhe variava[,] o assunto da conversação em munto diversa matéria, e depois de um bom espaço, distraídos na matéria próxima(,) de repente lhe [se] proguntava o Senhor Mestre de Campo[,] se tinha cada um deles com que fabricarem as ditas três léguas de terras[,] que requeriam(,) olvidados da antecedente[,] reposta, lhe deziã um tinha oito Negros, outro dez, e outro doze, vindo assim o dito Senhor Mestre de Campo[,] a preceber a refinada malícia com que todos uniforme mente se revestia(m,) porquanto para ajudarem com essas obras que nestes prencípios[,] eram tão precisas e necessárias para a froquência do bem comum, todos se retiravam de o cooperar com um adejotório para um bem de que todos percebia(m) ãa manifesta utilidade(,) mas não obstante o conhecimento desta renitência[,] sempre lhe deferia com madureza e prudência, em termos hábeis de que se seguia ficarem as sobre[s] ditas partes seguras na firmeza de sua intenção.

Passado este combate semelhante a outros muntos (que,) no descurso do tempo que estivemos na ponte, concorreram; e deixaram de aqui referir(-)se por obviar enfadasas extensões, sendo que estes termos ou requerimentos foram no dito tempo em excessiva frequência continuados(;) montamos a cavalo, e fomos dormir ao sítio de Estêvão de Arantes, em distância de 3 léguas, ò pé de um ribeirão.

Em 9 saímos do dito ribeirão depois de ouvirmos missa e depois de caminharmos 4 ou 5 léguas de distância, chegamos ao lugar da Matriz, para onde havia dias que o Senhor Mestre de Campo tinha destribuído bastantes pessoas para abrirem caminhos de carros nos matos vezinhos(,) cortarem esteios[,] e lavrar madeiras para alevantamento da Capela mor da dita Matriz, e assim mesmo de cavalo foi o Senhor Mestre de Campo até a entrada dos ditos matos, e junto com algumas pessoas que o acompanhavam a ver(,) observar e examinar o serviço que tinham feito para cuja deligência se pôs a pé na entrada dos matos, e depois de um meúdo exame(,) tornou com os mais a montar a cavalo, e(,) vagando pelo campo, a endividuar o lugar mais conducente para o levantamento da dita capela(,) depois de ãa firme Eleição, mandou sinalar os buracos para os esteios, e como a este tempo chegavam os carros com os mesmos voltou para os matos a dar prencípio à condução das madeiras; mandando acampar a gente do trem que vinham chegando na planice vezinha ao lugar da mesma capela(,) perdendo nesse dia duas Bestas de cargas(,) além de três que tinha perdido no dia que chegou a Bernardo Homem da Costa, no tempo em que marchava para este Sertão.

Depois que o dito Senhor chegou do mato com os carros para onde(,) como dito fica, tinha partido, chegou José Cardoso[,] e José Vicira de Faria(,) que eram os capitões capatazes da última bandeira que do Sertão faltava de proporem as deligências em que no dito Sertão se tinham ocupado com a notfcia dos Negros[,] que tinham morto(,) dos que lhe tinham fugido e de um que trouxeram amarrado, entraram a relatar que a rezão por que se não tinham dilatado mais algum tempo[,] era por ser

este empróprio por causa da vezinhança das águas, e receio das enchentes dos Rios, o que atentamente[,] lhe ouviu o Senhor Mestre de Campo, e(,) depois de um largo espaço em que contemplou o pouco fruto que da expedição das duas bandeiras se tinha adequerido, respondeu não estava sastifeito com a utilidade que tinha percebido de tão custosa expedição o ser quase nenhúa(,) defendiam-se os ditos com dizer que ainda tinham feito mais do que deles se podia esperar(,) ao que respondeu o Senhor Mestre de Campo[,] que para melhor se acreditar as suas afirmativas[,] era preciso que eles mesmos os acompanhassem para o Sertão, porque queria averiguar se conduziam os excessos da sua relação com as realidades da sua expriência.

E empugnando os sobre[s] ditos a dita resolução, com repetidas escusas e exenções(,) se enfadou bastante mente o Senhor Mestre de Campo e mandou pelo soldado José Francisco Serra[,] os notificasse a ordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General para que no seguinte dia[,] o acompanhassem para o referido Sertão(,) a cuja notificação renderam as vontades(,) publicando que estavam prontos para seguirem a sua detriminação ainda que estruídos da jornada, que naquele ponto ou hora tinha(m) acabado de fazer.

Satisfc(z-)se o referido Senhor com a resul[u]ção dos ditos Cardoso e Vieira e(,) depois de mais algumas proquntas[,] e repostas dirigidas a um acertado método da nova jornada(,) se recolheu cada um(,) e por ser já noute entramos a rezar o terço[,] e mais devotas orações em louvor de Nossa Senhora na barraca do Senhor Mestre de Campo, sendo ele o primeiro que exemplificava os mais, com sua continuada assistênia a tão devoto exercício(,) o qual se praticou atualmente, desde o dia que saímos da fazenda do Capote, até nos tomar[-]mos a recolher à mesma, sem que falhasse um só dia, por mais forçoso impedimento que se oferecesse(,) a cuja devota deligência atribuímos geral mente o bom sucesso que no descurso de toda a jornada se expriimentou em tempos tão emprópios para expolarar sertões.

No dia 10 ãa hora antes da manhã praticaram os Músicos e tambores[,] seu ordinário[,] e diário costume, ouvimos missa como sempre o fizemos, sem falha de um só dia, mandou o Senhor Mestre de Campo[,] ajuntar toda a gente que havia de toda a qualidade marchando na vanguarda deles ao som dos Instrumentos, para o lugar da capela(;) ali com encansável deligência[,] e zeloso cuidado entrou a distribuir a gente para a laboração que a cada qual competia, ficou o mesmo Senhor com os mais todos, aquele dia ocupado na laburação e lida de abrir buracos[,] e levantar esteios, deligência bem custosa pelo munto peso que os ditos tinham(,) pois o primeiro quebrou dous carros na sua condução.

Neste mesmo dia de tarde chegou o Tenente José da Serra Caldeira, aonde estava o alojamento da cometiva, e(,) antes de falar com o Senhor Mestre de Campo, af entrou dele a queixar(-)se e a pública mente a murmurá(-)lo, blasfemando contra ele[,] e referindo que o dito Senhor, nem só lhe tinha tirado o crédito, senão também a fazenda(;) ali lhe saiu ò encontro um sujeito, Amigo do Senhor Mestre de Campo, e proquntando ao dito Serra qual era a rezão por que tão dissoluta mente se queixava de um seu oficial maior com tão injoriosas palavras que com elas lhe demolia e dessipava o crédito(,) o brio, a honra(,) o pundonor e a estimação, acrecendo mais que lhe relatasse os motivos de tão nucivo e odioso excesso.

A que respondeu o referido Serra, em presença de Casemiro de Moraes, José Antônio[,] e outros mais que se achavam(,) que o dito Senhor Mestre de Campo[,] o tinha mandado descompor por ùa carta em que lhe tirava o crédito em que em sua ausência dera a um João Pereira parte das suas terras, e(,) acodindo o dito sujeito que defendia o Senhor Mestre de Campo, respondeu que aquela queixa era munto diferente da verdade[,] e mui frívola e emprópria para ele proferir contra tão digno sujeito, tão dissolutas e projudiciais demasias(,) quando ele carecia de causa para emprinhender tão nuçivo ódio, e demasiadas palavras em descrédito[,] e prejuízo de quem em nada o tinha ofendido(,) porque a carta que o Senhor Mestre de Campo[,] escrevera[,] só se referia [a estra] a estranhar(-)lhe a tibieza(,) remissão e descuido com que sua mercê se purtava em não diligenciar fervoroso o complemento das ordens que dera, as quais tinham sido fielmente extraídas das mesmas que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General tinha encarregado ao Senhor Mestre de Campo, para serem observadas, à vista do que ficava sendo injusta[,] toda a enjoriosa calúnia, que nesta parte contra o dito Senhor Mestre de Campo proferia.

Porquanto(,) se ele o contrário fizesse, era faltar à devida fé e confidência do que o Excelentíssimo Senhor lhe tinha ordenado, e que à vista do referido bem podia sua mercê obster(-)se de desacreditar a quem o não tinha agravado.

E que nas terras de que sua mercê se queixava também corria igual paralelo, como no caso já expellido(,) porquanto lhas requereu pessoa que ele nunca tinha visto, nem conhecido para as cultivar; e em vertude das ordens do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General lhas devia conceder; maior mente quando o dito Senhor ignorava o que agora Vossa Mercê publica, sendo certo que Vossa Mercê ainda lhe não requereu neste caso a impugnação do seu prejuízo(,) porque se assim o fizera poderia observar[,] se lhe deferia com retidão ou injustiça(,) para antão dar crédito às rialidades, e não a aérios fundamentos, pois certa mente a implicação, quando se anticipam às queixas as expriências.

A vista do deduzido, foi o dito Serra falar ao Senhor Mestre de Campo, ma(i)s pacificado, e lá tiveram suas rezões sobre a falta que o dito Serra no Sertão tivera, e af dormiu essa noute com nosco(,) porém é certo(,) por logo se divulgar que o dito Serra(,) por desfazer o que o Senhor Mestre de Campo tinha despachado na concessão das ditas terras(,) fez a João Pereira seu[s] sócio[s](,) avisou a João Grisóstimo de Magalhães para que encontinentemente mandasse tirar Sesmaria das terras que o Senhor Mestre de Campo tinha concedido aos ditos pertendentes.

A 11 Depois de ouvirmos missa antes da manhã, entrou a recomendar o Senhor Mestre de Campo ao Reverendo Vigário da Senhora Santa Ana[,] o cuidadoso disvelo[,] com que devia contenuar nas obras da capela da dita Senhora(,) aproveitando-se desta ocasião, pois que tarde se lhe ofereceria outra, e(,) fazendo(-)lhe algumas advertências sobre os meios que devia seguir(,) lhe deu as precisas providências para qual quer falta ou necessidade que se oferecesse, e mandando tocar as caixas fez ajuntar todo o po[u]vo, fazendo separar os que melhor lhe pareceu, para ficarem continuando a obra da capela já precenciada, aos quais advertiu e ademoestou a pronta obediência com que devia(m) executar os mandamentos que o Senhor Reverendo Vigário[,] lhes detreminasse, e que se o contrário fizesse(m) exprimentaria(m)

na sua volta do Sertão o que ele não desejava(;) concludo isto(,) montamos a cavalo com os mais que para o Sertão nos havia(m) de acompanhar[, ] e fomos neste dia dormir a Santo Estêvão, digo(,) a São Simão; com três léguas de distância(,) aonde nos refizemos do novo sortimento para a detreminada jornada do Sertão.

A 12 Do dito mês, falhamos em São Simão por causa da munta chuva que houve nesse dia, e só serviu de se prepararem as armas, alvijá(-)las e [des] destribuir a pólvora, e chumbo, bala, que pareceu precisa e necessária para provimento[, ] e pervenção dos viajantes.

A 13 Do referido mês, nos pusemos em marcha para o Sertão, 42 cavaleiros, 54 pessoas de pé(,) 42 Bestas de carga, e 2 cavalos adestra, e fomos procurando a Serra da Marcela e ao pé dela nos arranchamos em um capão a que pusemos o nome de Cabecciras de Santo Estêvão(,) com 5 léguas de distância, em cuja paragem se fizeram suas casas para servirem de reparo às inclemências do tempo(;) neste lugar ofereceu Domingos Antônio ao Senhor Mestre de Campo o seguinte

### Soneto

Para um galhardo pastor do nobre alento  
gloriosos empregos o céu lhe preparava  
ensaiaando-o no gado que guardava,  
para o Empério de Israiel tão opulento(.)

Em vós se vê também o complemento  
deste sêmile que o céu vos destinava(,)  
pois de piqueno ser vos preparava  
para vos constituir hoje em tanto aumento(.)

Se os filisteus a David dão vitória  
e esta causa a Saul inveja dura  
não podendo sofrer a imensa glória,

Assim ó nobre Regente na luz pura  
com que brilhais na fama meritória  
por vós se verá a inveja em grande altura.

A 14 passamos a Serra da Marcela[, ] e nos fomos arranchar na be(i)rada de um capão que fica fronteiro à Serra da Canastra(;) aqui trouxeram alguns caçadores ao Senhor Mestre de Campo 23 perdizes, no dito dia se mataram dous tamandoás açus, e aqui chegamos com 5 léguas de marcha.

A 15 fomos viajando depois de missa até 4 léguas de distância(,) sem suficiente novidade que possa referir(-)sc(,) até que chegamos a um Rio, a que o Senhor Mestre de Campo[, ] pôs por nome o Rio da Misericórdia, por prencipiar daí para diante a fazenda que para a Santa Casa da Misericórdia de Vila Rica[, ] consinou(;) neste Rio,

se matou com b(o)m trabalho ãa onça[,] e 5 perdizes, que duas delas caíram no mesmo Rio, aqui nos fugiram bastantes viados, que(,) por irmos viajando, não fizemos a precisa deligência para os matar, tornamos a montar a cavalo[,] e nos fo[r]mos arranchar a um capão dentro da fazenda da Misericórdia, com 6 léguas de avançamento(,) o qual confrontava em distância de 2 léguas[,] com o Morro da Gorita no Quilombo do Ambrósio(;) aqui trouxeram uns caçadores 4 viados, que serviram de provimento à mesma cometiva, com uns poucos de jacus e dez perdizes.

Em 16 safmos do dito corgo, digo capão(,) e fomos indeiretando a marcha, que o Quilombo do Ambrósio chegamos a um ribeirão grande em que finalizava a fazenda da Misericórdia, e af nos dilatamos algum tempo(,) em quanto se romperam os barrancos de ãa e outra parte do dito Ribeirão(,) para poderem transportar(-)se para a outra parte, tanto as cavalarias como as Bestas de carga, o que feliz mente se conseguiu, à custa do munto trabalho[,] que o Senhor Mestre de Campo teve nesta passage, e ficou rouco de gritar, com os trabalhadores.

Aqui mesmo divulgaram dous homens do campo a notícia de que acharam rastros de negros, que nos andava(m) espreitando(;) deste sussurro se levantou entre o po[u]vo bastante receio, entrando cada qual a marmurar conforme o valor e cobardia de que era adornado.

Passado este extremo(,) fomos viajando até o quilombo do Ambrósio, onde admiramos os arruinados idiffcios e multiplicados fojos, todos crivados de estrepes de que era composto o mesmo Quilombo(,) do qual se não dá aqui expectffica[,] e individual Notfcia, por pertencer esta ao diário que pertence ao mapa, em que vai verdadeira mente exculpida e retratada toda a sua dispusição.

Neste mesmo dia nos fomos arranchar a um corgo, que fica perto do mesmo Quilombo, e af se prencipiou a engrossar a mormuração do receio dos negros que ficou no ribeirão acima declarado, onde teve seu prencípio, e(,) como os mais tapejaras do Sertão eram os que mais reciaavam e mais temerosos se viam(,) com facilidade introduziram em todos os mais o mesmo receio e temor, de sorte que chegou a notícia ao Senhor Mestre de Campo, este sussurro de temores, ou lavarintos de receios, de tal sorte se infureceu contra todos que sem excetuar aos Amigos mais confidentes, de quem nunca tinha recebido menor escândalo(,) a esses mesmos, envolveu no número dos agressores(,) choraram de sentimento os inculpados, porém o mesmo Senhor com brevidade se desenganou dos medrosos que semelhante miada teceram.

A 17 ãa hora antes da manhã entraram os tambores e músicos a continuar seu costumado exercfcio(,) celebrou missa o nosso Reverendo capelão, e(,) depois de a ouvirmos todos, entrou o Senhor Mestre de Campo a destrubuir à gente da sua cometiva[,] a metade para fazerem em todos os corgos e Ribeirões circum vezinhos[,] miúdos exames dos sucavões e buracos até o centro dos seus cascalhos e piçarra, para se perceber se havia[m] alguas mostras de ouro, e com estes mandou o soldado José Francisco Serra para observar[,] se faziam ou não esta detreminada deligência, o que assim se executou, e com outra ametade da gente foi o Senhor Mestre de Campo[,] roçar, queimar[,] e cuivadar terra para plantar milho, andando todo o dia ò sol, trabalhando[,] e lidando e fazendo assim da mesma sorte, fazendo trabalhar os mais, em cujo violento exercfcio[,] suou neste dia 3 camisas; à noute se recolheu(...) uns e

outros, ao destinado[,] enojamento, porém os que foram examinar o ouro[,] voltaram com o desengano de o não acharem.

A 18 depois dos músicos e tambores fazerem o seu officio, ouvimos missa, como era costume(.) depois da qual se dividiram os da roça para a Roça[,] e os do ouro a explorar o mesmo, e o Senhor Mestre de Campo, lidando sempre com a Roça(;) a noute se tornaram todos a recolher, sem sinal de ouro, os que a esse exercício tinham ido.

A 19 se continuou em ã e outra deligência na forma dos anticipados dias(.) a noute se recolheram uns[,] e outros, porém os do ouro, sem afeto que de tal deligência procedesse.

A 20 foi o Senhor Mestre de Campo, junto com o Reverendo capelão[,] e outros(.) a assestir as áurias deligências de que nenhum ifeito procedemos, ficando nesse dia os lavadores dos corgos[,] dormindo ò pé de seus mesmos serviços, para virem no dia 21(.) por ser sábadó, recolher(-)se ao alojamento, e com ifeito vieram, mas as notícias de haver ouro sempre foram conforme as antecedentes.

Neste mesmo dia 21 foi o Senhor Mestre de Campo para a roça plantar milho com os mais que nessa laboriação se entretinham(.) porém à tarde(.) pouco antes do sol posto, se anticipou a sair da roça sozinho e(.) avistando um viado, o foi negaciando para o matar, e seguindo ele mesmo (o) viado, que a vagarosos passos se ia retirando, com cuidado desta deligência se esqueceu do rumo em que ficava o alojamento; e quanto mais o procurava, mais do mesmo alojamento se apartava, no entre tanto anouteceu com escuro bem cerrado, sem que o dito Senhor soubesse atinar com o rumo que devia seguir, e depois de estarem todos os alojamentos recolhidos, vendo que só ele faltava, e examinando qual seria o motivo da sua ausência, declararam os da roça as horas a que o dito Senhor da mesma se tinha retirado, declarando mais o rumo que seguira, e como só se apartara, logo os mais tapijaras do Sertão claríssima mente ividenciaram(.) como o dito Senhor Mestre de Campo se tinha perdido no Campo, e como todos ignorávamos[,] se lhe teria succedido algum perigo de alguns Negros, gentios, ou de algũa fera, todos uniforme mente prantiavam, lamentando cada um a sua mágoa conforme a qualidade do seu amoroso afeto. Para o que se devidiram todos em diferentes parcelas, atirando(.) cada um para a sua parte, muitos e diferente[s] tiros(.) tocando as caixas de guerra para o dito Senhor procurar o rumo dos ecos das mesmas caixas, e dos mesmos tiros que continuadamente se disparavam com tanta miudeza e brevidade que quem os ouvisse ignorando a Causa havia de imaginar que seria ãa bem remida batalha, accnderam-se fogos nos cumes dos mais altos montes, por ver se o dito Senhor avistando as grandes lavaredas se encaminhasse a elas para restituir(-)se a nossa amada companhia, que já estava toda reciosa, confusa[,] e perturbada, como gado sem pastor(;) porém foi Deus servido[,] que lá perto da meia noute ouviu os tiros, estando perto de ãa légua afastado do nosso alojamento, restituiu(-)se a nossa companhia pela meia noute, pouco mais ou menos, cuja vinda causou a todos grande prazer(.) alegria[,] e complacência, e depois de nos festejar a todos[,] e agradecer(-)lhe o entranhável afeto, com que lamentavam a sua falta[,] e faziam tão repetidos excessos pela sua restauração, porém que ele nos tinha pago na mesma moeda, pois na ocasião em que se desenganou que estava perdido, e de que só se lembrou, foi do disgosto que pela sua falta haviam de sentir seus fiéis Amigos,

o que ouvindo por um dos que presentes estavam de repente lhe fez em seu louvor o seguinte

### Soneto

Magnânimo Herói altivo coração;  
sempre empávido, forte e arrojado,  
que seguindo as pisadas de um veado,  
vos perdestes no meio de um Sertão,

Não vos lembrastes nesta ocasião[,]  
do perigo de que estavas amiaçado,  
mas benigno, só vos deu cuidado,  
do vosso amado povo a confusão(.)

E nós todos que temos a ventura  
de a um segundo Moisés acompanhar  
as graças lhe rendamos com ternura

E a quem só de nós se quis lembrar  
é certo que com fé mui firme e pura,  
reverentes indultos devemos tributar(.)

No dia 22 seguiram depois de Missa as duas detreminadas parcelas, cada qual para a sua ocupação, uns de examinarem os corgos[,] e outros de roçarem, encuivarar, e pla(n)tarem aquela terra por donde tinha passado o fogo das queimadas, à noute se recolheram todos(,) os do ouro não trouxeram nada nem sinais de o poder haver, e os da roça deixaram seu serviço quase concluído.

No dia 23 ouvimos a nossa costumada Missa[,] e fomos plantar todos um pouco de algodão na Roça do Milho[,] e do feijão(,) a qual levou seis alqueires de milho.

Depois montando(-)se a cavalo e fomos a ãa paragem chamada a Sambabaia(,) onde tinha um quilombo de Negros e ali plantamos ãa Roça de milho, feijão e algudão, e se plantou um alqueire de milho.

E dali continuamos a nossa derrota(,) digo(,) a nossa jornada, e fomos dormir ao pé de um Rio chamado as Onze mil virgens, cuja passagem foi bem trabalhosa pelo curso dos barrancos que se abriram, e serem as beiradas do Rio muito inludadas que se atolava(m) os animais até a barriga, e passando para a outra banda dormimos ao pé do mesmo Rio levantando ranchos, e aqui se estabeleceu(,) digo(,) se destacou o Arraial da Senhora da Conceição[,] e paragem dele(s) principiando dali mesmo para parte do quilombo do Ambrósio, donde tínhamos saído(,) a fazenda que o Senhor Mestre de Campo tinha para si destinado, porém a deu à mesma Senhora da Conceição como dito fica, para Patrimônio da Sua Capela.

No dia 24 depois dos músicos[,] e tambores fazer o seu officio, ouvimos a Missa de Nosso Reverendo Capelão, e depois de almoçarmos(,) distribuiu o Senhor Mestre de Campo quase toda a cometiva a fazer diversos exames[,] nos corgos(,) Taboleiros[,] ou Copiarias(,) acompanhando o mesmo Senhor Mestre de Campo a um dos ranchos que foram fazer os ditos exames, trabalhando ele mesmo com Suas mãos, e todos os mais da cometiva trabalharam com todo o cuidado na dita deligência, porém a noute nenhum fruto tinha recebido do seu serviço(;) neste dia se mataram 10 perdizes, 3 jacuses[,] e 2 veados.

Em 25 depois de os Tambores fazer o seu officio, e ouvirmos a costumada Missa, montou o Senhor Mestre de Campo a cavallo acompanhado de 25 cavaleiros mais, e 20 pessoas de pé, e marchando para a parte do Sertão a explorar os corgos[,] e Ribeirões para ver se tinha ouro, todo este dia lhe levou na referida deligência, e à noute por ficar mui distante do alojamento se arrancharam(;) ò pé da referida Serra escavada(,) adonde viram munto perto de si[,] e para diversas partes três fogos, e julgando os mais Tapijaras do Sertão[,] que eram muntos negros que se avezinha(m) à nossa Cometiva(,) recriaram o ir a explorá(-)los e reconhecê(-)los por mais que o Senhor Mestre de Campo a isso os persuadia(,) sempre lhe replicaram com apresentação de um grande perigo e que os quilombos eram muntos para aquela parte segundo os sinais dos mesmos fogos e que era pública mente notório que havia para ali quilombo que se compunha de mais de duzentos negros, à vista do que no dia 26 mandou buscar o resto da bagagem, digo

No dia 26 mandou o Senhor Mestre de Campo[,] buscar toda a bagagem[,] e mais gente que tinham ficado em sua guarda para se juntarem com o número que consigo tinha para que(,) engrossando o número da gente e das armas(,) fossem reconhecer se as paragens em que os fogos ardiam estariam com effeito infestada(s) de Negros(,) e enquanto se não executava a dita resolução se entreteve o Senhor Mestre de Campo em fazer miúdos exames pelas paragens que lhe pareceram mais conformes, para poder achar(-) se ouro(,) e(,) feita toda a deligência sobredita, nada dela resultou, por se não acharem mostras do que com tanto empenho procurava.

Depois de chegada a noute se recolheram tanto os exploradores do ouro como a mesma bagagem e sua guarda ao lugar referido, e(,) depois de rezarem todos a ladainha de Nossa Senhora e algumas devotas orações como era o ordinário costume de todos os dias(,) mandou o Senhor Mestre de Campo separar de entre todos os que lhe pareceram mais idôneos[,] e expeditos para a premeditada empresa e achou de escolhidos conforme seu parecer suficientes o número 42 aos quais mandou logo prover de pólvora, chumbo e bala, e mais armas curtas com a voz que deu a José Cardoso de que no dia seguinte se pusessem em marcha comboiando aquela gente, que com ela examinasse as paragens que lhe parecessem mais suspeitosas onde os Negros pudessem estar refugiados, e achando quais quer acreditáveis vestígios que o certificassem da existência dos Negros, que prontamente o avisassem para com o resto da gente ir com toda a brevidade a socorrê(-)lo.

A 27 partiu a gente acima declarada em número de 42 pessoas a demandar as paragens apontadas no parágrafo retro, e no entanto[,] mandou o Senhor Mestre de Campo o resto da gente a continuar nos Exames já principiados, todo aquele dia porém



o efeito que deles procedeu foi semelhante aos mais, porque não se achou ouro, e neste dia se mataram seis perdizes e um veado.

A 28 continuou o Senhor Mestre de Campo uns repetidos e miúdos exames das paragens que com melhor semelhança se lhe representavam poder haver ouro; porém as disposições(,) sendo maravilhosas bastante mente, não se achou nelas ouro nem semelhança dele, e(,) estando neste exercicio já perto da noute, avistou parte da gente da Bandeira que no dia antecedente tinha mandado marchar para o que dito fica, e como vinham bastante mente longe, e desejoso de saber o que teriam passado na dependência a que tinham ido, montou a cavallo com outros mais da sua companhia e se foram encontrar com eles; principiando estes a relatar incontinentemente que vinham destruidos e mortos a fome, e que tinham andado a pé dous dias inteiros rompendo matos e Serras fragosas, fazendo a devida exploração, para ver se achava alguns vistígios(,) porém que nada acharam, mais que sua destruição e cansaço com que vinham(,) que sim era evidente sinal e verdadeiro aquele fogo de haver por ali perto Negros, porém que estes estariam mais amarrados ao Sertão, ou mais em ũa parte, ou mais em outra, mas como não tinham guia para os guiar à paragem e habitação dos mesmos Negros(,) que toda a deligência era frustada, baldada[,] e perigosa.

A vista do que se retirou para o alojamento o Senhor Mestre de Campo, junto com os que ali se achavam por ser já noute, e os mais vieram chegando em pique nas parcelas, até que juntaram todos.

Neste mesmo dia chegou a tropa carregada de mantimentos a esta paragem, pois estávamos já deles bem necessitados[,] e o não tñhamos mais que para dous dias, e depois de rezarmos o terço nos fomos recolher.

A 29 mandou o Senhor Mestre de Campo antes da manhã ũa hora que os Tambores tocassem alvorada, e os Músicos cantasse(m) e tocasse(m) algũa cousa para se dizer Missa(,) porquanto detreminava a fazer jornada, e queria partir cedo, assim se efetuou(,) montando a cavallo fomos viajando até a noute pelo Sertão dentro em distância de sete léguas pouco mais, ou menos, que avançamos nesse dia e ali ficamos mal acomodados pela razão de chegarmos munto tarde e nesta distância de caminho afro(u)xaram(-)se duas bestas de cargas, que ali ficaram[,] e nunca mais appareceram.

A 30 depois de Missa(,) montamos a cavallo e viajando até duas horas depois do meio dia e chegamos ò pé de ũa Serra, apio(u-)se o Senhor Mestre de Campo, e todos os mais se puseram a marchar em número de 40 pessoas(,) entrando nela o mesmo Senhor e(,) todos a pé mas bem armados, foram penetrando uns Capões de Matos por serras altivas, ásperas e fragosas(,) encaminhando(-)se ao lugar de um quilombo, chamado Corisco, e mandando ir toda a mais gente e bagagem mais dilatada e vagarosa por diferente rumo ao mesmo lugar, pelas 4 horas da tarde chegamos a ele prevenidos de toda a precisa cautela, porém foi baldada esta deligência(,) porque os Negros talvez tendo nos avistado por meio de Suas espias[,] desertaram.

Achamos sempre os quilombos que vão no mapa estampados, dispusição do sítio com todas as mais circunstâncias declaradas, e por isso aqui não proferidas.

Chegou o Senhor Mestre de Campo, todo alagado em suor, enxugando a roupa no corpo, por vir o provimento na bagagem que tinha ficado retida[:] e demorada, de que resultou andar alguns dias molestado.

A 31 do dito mês de outubro foi ametade da gente depois de ouvir Missa a plantar ãa roça de milho em que plantaram 3 alqueires, e também plantarem algum feijão, abobras, mamona, mandioca, favas[,] e bastante algodão, a outra ametade da gente foi por meio do mesmo Senhor examinar e sucavar os corgos(,) mas nada acharam em todo o dia, mais que um pouco de esmeril.

Neste mesmo dia chegaram aqui a este mesmo sítio(,) a que o Senhor Mestre de Campo intitulou Santos fortes, 3 homens vindos[,] e introduzidos pela estrada nova, que o Senhor Mestre de Campo veio abrindo, té esta mesma paragem de Santos fortes, um se chamava José Teixeira Aranha, outro José Gonçalves[,] e outro Alexandre Pereira Brandão.

O Primeiro veio requerer terras para sua moradia, o segundo veio por causa de ãa contenda que trazia com José Pinto[,] e o terceiro veio por causa de ãa contenda que disse tinha com o Senhor Mestre de Campo, e lhe propôs o seu requerimento verbalmente na forma seguinte.

Que ele Suplicante era Senhor de ãa Fazenda intitulada as perdizes, e que agora a achava medida(,) e demarcada em nome dele Senhor Mestre de Campo, já com bem feitorias feitas, gados de Estabelecimento(,) e gentes de moradia, e que tinha dispendido quatro centos(,) e tantos mil réis em duas entradas que fizera, ãa ou primeira havia Seis anos e a Segunda havia três, e que à vista disto vinha ver-se o Senhor Mestre de Campo lhe dava a Sua Fazenda, e quando assim o não fizesse logo lhe pedia licença para se queixar disto ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General.

Ao que o Senhor Mestre de Campo diferiu na forma seguinte, que as terras deste continente todas pertenciam a Sua Majestade Fidelfíssima como Grão Mestre das 3 Ordens de Cristo, e Só poderia alegar domínio de qual quer porção delas[,] aquele que tiver do mesmo Senhor, ou de quem suas vezes faz, verdadeira concessão, e que sem esta Circunstância nenhuma pessoa Se podia chamar legítimo Senhor de um só palmo de terra e menos alegar nelas domínio porque de fato o não podia obter nenhum indivíduo(,) verdadeiro domínio sem a referida circunstância(,) porque então seria privar a Sua Majestade Fidelfíssima das regalias de Direito Senhor, e que esta é a lei que atualmente nesta terra se praticava pelos Ilustríssimos e Excelentíssimos Senhores que representavam a Nobelfíssima Pessoa de El Rei Nosso Senhor, e que os tribunais de Justiça tanto maiores como menores assim o faziam intender com inviolável retidão, à vista do que poderia ficar desenganado, porque ele não era menino de Escola que se persuadisse de abusos tão temerários, e que tinha dado a sua mercê a verdadeira satisfação que lhe pertencia(,) pois sabia que sua mercê também era daqueles que com um terço de farinha à cinta roçava quatro foiçadas na beira de um corgo, e de outro e outro, e que(,) de apreenderem aquela porção que foi munto de seu gosto, dizem logo esta Fazenda é minha, e vendem-na por tanto dinheiro, sendo absoluto Senhor do Erário Real, porque(,) vendida aquela, ia na mesma forma ordenar outra; e que este procedimento para ele[,] era contra as leis que se observavam, e que por isso o não intendia.

E perguntando(-)lhe o dito Senhor Mestre de Campo, mais, se tinha sesmaria das ditas terras, a que chamava suas(,) respondeu que não(,) a que o mesmo Senhor tornou a repetir, dizendo, pois vossa mercê veio ali (h)á seis anos ãa vez, e (h)á 3 anos

outra e antão por isso são as terras suas sem haver ali um porco, nem Boi, nem vaca, nem Égua, nem cavalo, nem ũa pessoa, nem um grão de milho plantado, nem ranchinho de beira no chão, nem caminho, nem carreira, nem totalmente nada.

Os mais ainda quando fora dos devidos trilhos chamam algũa cousa sua, é porque o menos moram dentro e disfrutam e povoam, porém vossa mercê pelo contrário chama seu aquilo de que não tem sesmaria nem povoa, nem disfruta nem pessui de forma algũa(,) quando é certo que ainda que tivesse sesmaria sempre estava obrigado a povoar e a cultivar as ditas terras, pois se assim é e El Rei Nosso Senhor assim o manda, para que chama seu aquilo de que não tem sesmaria, nem nunca possuiu, nem nunca disfrutou.

A vista do que(,) disse o tal Brandão[, ] que o Senhor Mestre de Campo tinha razão, e que ele dito Brandão não tinha direito nenhum às ditas terras, só se o mesmo Senhor lhas quisesse dar, porque tinha filhos a quem as deixar. Ao que lhe tornou o Senhor Mestre de Campo, a responder que também estava em igual paralelo, porque também tinha filhos a quem as deixar(,) porque para isso tinha dela sesmaria medida(,) demarcada e povoada com benfeitorias(,) com gente, com corrais[, ] e com gados(,) mas que contudo se sua mercê queria ametade do referido lho daria(,) por ser aquela contenda com ele, e que como filho seu ficaria com ametade, ao que respondeu o dito Brandão(,) que ou tudo[, ] ou nada.

A vista do que lhe tornou a dizer o Senhor Mestre de Campo, pois ũa vez que vossa mercê não lançou mão de ũa ação tão política nascida da minha urbanidade, e rejeitou a oferta que lhe fazia daquilo que era só meu e nunca foi seu, agora lhe digo[, ] que nem metade, nem pouco, nem munto(,) nem nada[;](.)

E para que vossa mercê saiba quem eu Sou, que lhe chegava a dar ametade daquilo que por todo o modo via[, ] e direito era meu(;) saiba que eu também sci que os sujeitos por quem vossa mercê mandou botar na tal paragem as posses que alega(,) esses mesmos estão dizendo que sim é verdade que botaram para vossa mercê aquelas posses, ma[i]s que ignoravam[, ] que aquela era a fazenda das perdizes, e que agora é que o sabiam, porquanto era bem manifesto que aquela fazenda era do Sargento Mor fulano Paulista, que morava em Pioí, porque este morou ali com casas de vivenda, com Engenhoca de farinha de mandioca, com Estabelecimento de Escravos, roças, corrais[, ] e gados, e que o mudar(-)se dali (h)á vinte e tantos anos foi porque os calhambolas lhe mataram cinco escravos.

A vista do que Senhor Brandão (lhe disse o Senhor Mestre de Campo) veja vossa mercê agora se estou mais adiantado do que vossa mercê na averiguação[, ] e espiculação do presente caso, e(,) para que saiba ainda mais, lhe quero mostrar ainda mais[, ](.) Ora aqui tem vossa mercê agora este escrito de compra e venda assinado com tantas testemunhas por onde consta comprar eu a dita fazenda ao tal Sargento mor e me ficou pertencendo para todo o sempre desde o dia que ele mo vendeu transferindo em mim todo o direito, posse e ação que nas ditas terras ele podia ter.

Está vossa mercê desenganado em que lhe dava ametade daquilo que era meu, tanto por real concessão como pelas mesmas chamadas posse(s) só por conservar o bom nome que sempre tive, e como vossa mercê abusou e desprezou este favor que lhe fazia, agora

lhe digo que lhe não quero mais fazer(,) visto que se não soube aproveitar da cortesia[,] e atenção com que o tratei(.) Neste dia se mataram algumas perdizes.

Em o primeiro de novembro exercitaram os Músicos[,] e Tambores a sua ocupação, e depois de ouvirmos Missa, montamos a cavalo[,] e fomos dormir ao pé de um Ribeirão chamado Salitre, aonde esteve já muntos anos e (h)á poucos se tornou a retificar um quilombo chamado o Catiguá,(,) de mais de cento e cinquenta jiraus, sendo certo que foi quilombo de munta força e de munto poder(,) o que claramente se evidencia, porque havendo nestas paragens muntos matos(,) os mais próximos ao lugar do mesmo quilombo todos estão destruídos e safados das muntas e repetidas plantas que os Negros ali fizeram, e agora de próximo se retiraram temoratos das nossas Bandeiras, aqui colhemos algum milho que era o resto que eles tinham deixado e nos serviu para dar (a) algum cavalo mais fro(u)xo.

Aqui se armou um Arraial de casas de capim mui bem airoso(,) porque a paragem é de Si mesmo mui vistosa e agradável(.) (A)qui se apanharam bastantes caças de viados, perdizes, e Jacuses, aqui no dia à noute em que chegamos foi Simão Rodrigues ao Rio[,] e nele pescou com pouco espaço treze peixes, com o nome de Tobaranas de munto boa grandeza.

A 2 do dito mês se levantou o Senhor Mestre de Campo munto cedo algũas duas horas antes da manhã, e mandando tocar alvorada, e tocaram os Músicos um bom pedaço(,) fomos ouvir Missa, depois da qual entrou o Senhor Mestre de Campo[,] a distribuir a toda a gente para que examinasse todas as paragens que lhe parecessem mais conformes na Sua disposição para se fazerem as áurias deligências assistindo o mesmo Senhor com Sua presença ora em ãa parte, ora em outra(,) também mandou explorar os matos e campos mais vezinhos(,) para o noticiarem de tudo aquilo que encontrasse(m,) como muntas vezes costumava a fazer; à noute se recolheram todos e admiraram, e o Senhor Mestre de Campo estava com o semblante mais alegre do que os mais dias por se perceber que naquela paragem algum Sinal de Ouro havia, e juntamente pela notícia que lhe tinham trazido os exploradores do campo[,] e mato de haverem achado dali pouco mais de ãa légua[,] ãa paragem que lhe parecia ser misteriosa(,) porquanto tinha ãa laje muito grande, ou um terreno matizado com algumas pedras e lajinhas pelo meio, e cercado de frondosas[,] e cupadas árvores, estavam atualmente servindo de ordinário e agradável assento a muntos pássaros famosos, como jacus, jacotingas, papagaios, maritacas, periquitos[,] e outros mais, em cujo lugar sempre exestiam, e que para prova do que afirmavam[,] ali traziam bastante quantidade de pássaros, dos que deziã; e logo apresentaram ao Senhor Mestre de Campo várias cambadas dos mesmos.

O que ouvido pelo dito Senhor lhes ordenou no dia seguinte lhe haviam de ir mostrar a dita paragem que tanto aplaudiam(,) ao que eles replicaram dizendo seria dificultosa a sua resolução; sem exprimentar bastante moléstia, porquanto dali a paragem apontada[,] seria pouco mais de ãa légua, porém que o caminho era áspero e terrível, por ser todo por entre matos, e que de cavalo não podia ir, e de pé lhe havia de custar munto, e que todo se havia de romper(,) o que ouvindo o Senhor Mestre de Campo detreminou que no dia seguinte fossem as pessoas que parecessem necessárias abrir dali até lá um caminho, para o que levariam as fo(u)ces, machados[,] e eixadas,

que bem fossem precisas para o dito ifeito(,) porquanto queria lá ir de cavalo, aviriguar de mais perto aquela fatalidade a que eles chamavam misteriosa(,) o que assim se fez.

No dia 3 depois dos músicos e tambores fazer o seu officio, ouviram todos missa antes de ser dia, dispidiram-se as pessoas que pareceram bastantes para abrir o caminho que no fim do dia antecedente se tinha detreminado, e os mais que se ocupavam na ocorrência de diferentes lidas que a ocasião se ofereciam também seguiram seu rumo detriminado, e o Senhor Mestre de Campo[,] também partiu com os que se exercitavam nas expriências do ouro, ficando o Arraial com o trem bem pouco sortido de gente, ao meio dia foram levar o jantar ao Senhor Mestre de Campo, que com o munto sol e munta lida de fazer os buracos, digo de fazer abrir os buracos, para extrair as terras[,] e cascalhos, andava bem cansado(,) ao mesmo tempo que mais se cansou, porque(,) estando(-)se precenciando a pôr(-)se o jantar na mesa, apareceu na mesa, digo no campo, ùa corça de agigantada grandeza, foi o Senhor Mestre de Campo logo com os mais que se achava(m) a cercá(-)la [a] Francisco Cardoso, foi o que mais se adientou na carrera que levava o correr para a parte donde estava o Senhor Mestre de Campo, posto que a carreira que trazia não era demasiada mente veloz pela rezão de estar prenhada(,) o que vendo o Senhor Mestre de Campo[,] se agachou entre o capim[,] e lhe pregou tamanho estouro na volta da pá que a virou logo; deram-lhe os mais muntos vivas e aplausos do bem que tinha empregado o seu tiro, quando um dos amigos ou mais eminentes caçadores o tinha errado, sendo que o dito Senhor que a matara não andava munto froquente no exercscio de caçar, e porisso maior louvor merecia.

Conclufda esta galhofa, mandaram pôr outra vez o comer na mesa(,) que o cozinheiro tinha recolhido as panelas por não esfriar(;) em o descurso do jantar, fizeram com o excelente vinho[,] bastantes saúdes em aplauso da boa sorte, e com este adevertimento, levantadas as mesas(,) tornou cada um aos postos de sua laboriação dizendo suas pilhérias ao dito Francisco Cardoso por errar a corça, a noite se recolheram todos para seus costumados Hospícios(,) porém os do ouro, não munto sastifeitos(,) porque o que achavam em cada bateada eram ùa faisquinha, duas até três, mas mui finas, que mal se devisava, não vieram os do caminho porque esses por lá ficaram para no outro dia continuarem no seu abrimento.

No dia 4 se levantou o Senhor Mestre de Campo(,) munto cedo, e depois dos Músicos e tambores fazer o que costumavam, mandou o dito Senhor recado ao Reverendo capelão, que ainda estava recolhido, que se lhevantasse e fosse dizer missa, e depois de a ouvirmos todos, tornou o Senhor Mestre de Campo(,) mandar tocar as caixas para se ajuntar mais algum que podesse[m] faltar; e ali lhos ordenou que se preparassem com seus cavalos prontos para irem examinar o lugar do Arraial, e fazer nele ato de posse, o que o dito mandou logo pôr as mesas para se almoçar e por sobre mesa[,] publicou em voz alta[,] Francisco Camacho, homem casado(,) morador na picada de Goiases, o seguinte verso(,) que por ser jucoso[,] aqui se manifesta, sendo o seu Teor, o seguinte

Verso.

Senhor Conde de Valadares,  
estrela mui encelente,  
vós nos destes por Regente,  
Ilustre por geração.

Escolhido entre tantos,  
Inácio Correia Pamplona,  
por nosso Mestre de Campo,

Ó espada de Roldão,  
toque(-)se trompas,  
cantem os Anjos,  
entre o povo para este Sertão

Tudo feito nesta maneira  
pólvora, chumbo[,] e patrona,  
espingardas à bandoleira,  
entrando duas bandeiras

Procurando Negros[,] e ouro,  
Deus nos depare um tesouro  
para garrochiar neste touro

A Deus pedimos paciência  
Logo hoje neste dia  
para que vivamos todos,  
Sua Excelência e Vossa Senhoria[,] (.)

Com munta galhofa montamos todos a cavalo, celebrando o verso do Amigo Camacho, que nos serviu de divertimento, mais de duas léguas de Jornada, até que um fogo do campo, que achamos no rumo que seguíamos, a quem o esperto vento fazia levantar famosas lavaredas, nos fez dividir a cada um para a sua parte, cuidando munto cada um em se não queimar a todo o correr dos cavalos; e andando até depois do meio dia, chegamos perto de ãa serra[,] e a um lugar delicioso[,] e aprazível(.) aonde o Senhor Mestre de Campo fez ato, e apiando-se todos, mandou tocar as caixas, e chamando a concelho os que lhe apareceram de melhor voto, e proungou o Senhor Mestre de Campo[,] também disse que lhe parecia bem, mas era para a fundação do Arraial, porém para o ato da posse lhe parecia melhor ser no alto da vezinha Serra, para nele aprehender tudo quanto a vista alcançasse do alto dela, para ficar destinado para os novos entrantes que o seguiram[,] e lhe acompanharam, no que todos concordaram, e chegando ò alto da serra mencionada, que também pareceu bem, para a idificação do mesmo Arraial; af mandou o Senhor Mestre de Campo[,] apiar a todos, e mandando tocar as caixas, fez ajuntar a gente toda, e se fizeram em um pau de sucupira do campo[,] quatro cruces e mandou o Senhor Mestre de Campo armar um altar ao pé do dito pau, e depois de postas nele as Santíssimas Imagens de Nosso Senhor e Nossa Senhora(.) o Reverendo capelão[,] mandou pôr a todos de joelhos[,] e que rezassem ãa Ave Maria[,] e ãa Salve rainha a Nossa Senhora(.) para que promettesse que(.) disfeito daquele ato, se nos seguisse a todos em bom sucesso(.) o que assim se fez com toda a devoção.

Depois disto acabado(,) mandou o Senhor Mestre de Campo tocar trompas(,) flautas, violas e rebecas, ao som de cujos instrumentos estiveram os músicos cantando, acabado isto disse ao soldado José Francisco Serra, em voz alta(,) que o Senhor Mestre de Campo estava em ato de posse naquele lugar, a que tinha vindo por mandado do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares(,) Governador e Capitão General desta Capitania das minas gerais, para repartir aquelas terras a quem lhas pedir, quem tivesse que requerer o fizesse(,) que o dito Senhor estava pronto para lhe deferir com retidão.

Requereram primeira mente os que tinha(m) sua sesmaria pronta[s] e nomearam os lugares onde as queriam, e depois foram os que tinham já suas petições despachadas, seguiram-se algumas pessoas com requerimento(s) verbais e depois de tudo os que tinham poderes para suas procurações para requererem pelos que estavam ausentes.

A todos satisfez o dito Senhor Mestre de Campo, com igual inte[re]za e retidão, dizendo que a todos dava por empossados naquele ato das parage(ns) que tinham requerido, e logo lhe fez ãa prática, dizendo que cada um cuidasse em povoar o que tinha pedido, porque o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General[,] não queria as terras devalutas, e que aquele que assim não fizesse se não queixasse quando as desse a outro qualquer que pedi(-)las intentasse.

E assim mais disse que todos estavam estroídos, e muntos sem roupa, e que ele estava da mesma sorte, porque já tinha repartido a sua pelos mais necessitados de que eles eram oculares testemunhas e que juntamente se não podia avançar mais Sertão, sem que primeiro se pavoasse aquele para que os que fossem ficando mais distantes tivessem nos daquele lugar sacorro de mantimentos para com mais suavidade se irem estabalecendo(,) o que se não poderia conseguir, sem se seguirem os referidos termos.

Depois de tudo isto concluído, voltamos pelo mesmo quilombo do Catiguá[,] e Arraial de donde tínhamos saído, onde chegávamos já bem tarde, mais a tempo que tinham chegado os que tinham ido abrir o caminho para a parage do Salitre, e depois de ceia fez o Senhor Mestre de Campo da Fazenda de São Pedro de Alcantra gratuita aduação por escrito a Nossa Senhora da Conceição para patrimônio da sua capela, e não houve mais novidade neste dia.

No dia 5 fomos 20 ca(va)leiros(,) Depois de ouvirem Missa, acompanhar ao Senhor Mestre de Campo, à paragem chamada o Salitre, onde achamos ser ãa légua de distância pouco mais ou menos; e logo ao entrar na dita parage, nos deu um cheiro mui semelhante a pólvora, e entrando pela espessura vimos o terreno noticiado todo cercado de frondosas árvores mui ramalhudas e mui pretas, tendo o dito terreno[,] pouco mais de comprido que de largo, matizado por todo ele com lajens(,) uas maiores outras mais pequeninas, e é em si mui úmido, e para ãa parte do mesmo terreno faz um barranco por donde corre em pouca quantidade as águas que do mesmo terreno imanam.

Os pássaros com ifeito são em quantidade e como quando foram abrir o caminho mandou o mesmo Senhor Mestre de Campo[,] que fossem alguns abrindo buracos na referida paragem do Salitre(,) para ver se acaso dava algumas mostras de ouro, enquanto os outros se ocupavam nabertura do caminho, e estes que havia dous dias que estavam

lá parados na ocupação dos buracos tinham montes e montes de caças e aves, e bastantes jiraus de carnes moquiadas, tanto de porcos, como de viado, e infiriu o Senhor Mestre de Campo, em concordância dos mais que aquela multiplicidade de animais[,] e aves voláticas nacia de acodirem ali àquela paragem pela rezão da (o) piniância salitrar que a isso os movia.

Mandou o Senhor Mestre de Campo[,] ali encher uns poucos Barris de Água que trouxe para fora, e da mesma fez lá para si várias expriências(,) o território tem duas fontes de Água clara, e lavando as mãos nela escorrega como que fosse(m) lavadas em água de sabão, o cheiro é de pólvora, posta na língua trava, desta mesma água bebeu a nossa cavalaria, e o ifeito que se exprimentou foi que os cavalos ficavam bem purgados, também correu ãa voz, que dous Escravos do Senhor Mestre de Campo[,] sararam suas feridas com a dita água, havia com ifeito por entre aquelas árvores[,] bastantes aves de penas, mas algum tanto afastadas do próprio lugar, talvez espantadas de nos verem nele.

No dia 6 Depois dos tambores[;] e mais os Músicos fazer o seu offício, montamos a cavallo dipois de ouvirmos missa, no caminho nos alcançou um pardo e dous pretos que tinham ficado com um macho doente, no Quilombo dos Santos Fortes, dizendo que os Negros calhambolas os tinham andado espiando de noute por causa do ladrar de dous cachorrinhos que com eles ficaram, e pela manhã avistaram o rasto de 3 Negros, e em todos os dias que lá estiveram sempre lhe succedia o mesmo, mas trouxeram a Besta sã.

Nesse dia viemos pelo campo apanhando quantidade de cajus, fruta munto excelente, e avistamos uns fogos para a parte da mão esquerda, e intirior do Sertão que uniforme mente julgamos ser de calhambolas(,) pois como no Sertão não mora mais ninguém, é infalível consequência que os fogos haviam ser dos mesmos Negros, nesse dia viemos dormir ao pé de um Ribeirão, a quem o Senhor Mestre de Campo pôs por nome Santa Eriá, chegamos já noute, por ser neste dia a marcha grande e andemos 7 léguas, e pelo caminho se mataram alguns porcos e perdizes.

No dia 7 viemo-nos arranchar a um ribeirão chamado São Rafael(;) arranchamo-nos cedo, para procurar(-)se ãas Bestas que aí ficaram fro(u)xas, e acabar de concluir(-)se uns buracos de expriências de ouro, que se tinham precipiado[,] e não acabado, os buracos concluíram-se, mas o ouro não se achou(,) as Bestas procuraram-se mas também se não acharam(;) neste dia se mataram alguas perdizes e jacuses.

No dia 8 Depois dos tambores, e músicos, fazer o seu offício costumado, ouvimos missa(,) depois da qual[,] entramos a marchar(,) passando a poucos passos o Ribeirão das onze mil virgens, o qual é bastante mente grande(,) e viemos procurando o Quilombo do Ambrósio, no caminho se mataram 3 perdizes[,] e um viado, chegamos ao Quilombo do Ambrósio ainda cedo e tivemos tempo de ir ver o milho que estava plantado, e o achamos todo nacido e bem bonito.

No dia 9 saímos do Quilombo do Ambrósio, e passamos o primeiro ribeirão de Santa Taresa, e depois o da Misericórdia, entre os quais fica a fazenda da mesma Misericórdia, e nos viemos arranchar a um corgo meia légua distante do Rio da misericórdia com 4 ou 5 léguas de jornada, pouco mais, ou menos, e depois de estarmos arranchados, foi o Senhor Mestre de Campo à caça, e mais o Reverendo capelão, e mataram 24 porco(s) monteses de queixada branca.



No dia 10 mandou o Senhor Mestre de Campo[,] tocar alvorada munto cedo, e depois se disse a missa, montamos a cavallo cedo, para chegarmos neste dia ao pé da Serra da Marcela, e marchamos 6 ou 7 léguas(.) topamos 2 corgos na Serra da Marcela distante um do outro um quarto de légua, neste dia à noute fez o Senhor Mestre de Campo[,] chamar a José Gonçalves[,] e a José Pinto, que andava(m) entre si com grandes dúvidas, em termos de se matarem por uas poucas de terras, porquanto José Gonçalves foi a casa de José Pinto[;] armado com uns poucos de sujeitos para o mal tratar, porém José Pinto sempre[,] se desonorou deles como pôde, era a dúvida sobre ãa pouca de terra de que José Pinto[;] estava em posse, e ambos eles lhe chamavam suas, porém o Senhor Mestre de Campo os compôs ali, mandando que José Pinto desse a José Gonçalves 40\$000 réis e que este abrisse mão das terras que pertendia[,] e do direito que a elas tinha, e para esta acomodação tinha o dito José Gonçalves despacho do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General.

No dia 11 mandou o Senhor Mestre de Campo[,] tocar alvorada munto cedo, tocaram-se os Instrumentos munto cedo, ouvimos missa, (h)ouve um grande banquete [para] pela manhã, e depois dele acabado[,] mandou tocar as caixas para se ajuntar o povo, e dipois de junto com ãa breve prática se despediu de todos naquele lugar. Dizendo que estava a todos os Senhores munto agradecido, da boa e fiel companhia que lhe tinham feito, e que quando fosse ocasião se não esquecesse(m) de ir povoar as suas fazendas(.) porquanto era melhor o pissuí(-)las ali de graça do que em outra parte como era ordinário costume por muntos mil cruzados, que toda a sua vida trabalhavam para os pagar[;] sem nunca poder sastifazê(-)los e que no fim se achavam sempre empinhados, e as suas famílias, em extremosa pobreza, como eles bem exprimentavam, que a terra do Serião era mui fértil, abundante[,] e saudável, e que estava convidando(.) com o mimo desta circunstância, e os mais abastados(.) para lhe servir de assistência, quanto mais os afligidos, que suas mercês perdoassem se dele tinham algum agravo no descurso da jornada, porque a sua intenção fora só como fiel vassalo executar os preceitos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General, honrar a todos[,] e não agravar a nenhum, que tinham suas mercês a Estância de São Simão, onde podiam descansar e seus cavalos, refazer-se de mais algum alento, o que com tudo o que houvesse naquela estância estava pronto a servi-los e que lhe não faziam companhia mais naquele expaço de tempo porquanto se encaminhava a Santo Estêvão(.) onde pertendia dilatar(-)se em precisas deligências e negócios de maior ponderação.

Todos agradeceram munto ao Senhor Mestre de Campo o bom modo e cortês benevolência[,] e afabelidade com que de todos se despedia(.) aceitando as cortesias ofertas, no caso que delas necessitasse(m), e com isto se despediram, e o Senhor Mestre de Campo montou a cavallo, junto com os seus confidentes escravos, e mais trem(.) e tomando diverso caminho, endireitou(.) buscando altura do morro do desempinhado, e daí procurando altura de Santo Estêvão e andando todo o dia nessa deligência e na de romper barrancos de corgos para passar a cometiva, porém com pouco proveito, porque Simão Rodrigues(.) que era o nosso guia, era guia errante, pois quanto mais andava ma(i)s se perdia.

E vendo o Senhor Mestre de Campo, já perto da noute(.) que o Guia[,] certamente perdera o rumo da situação que procurava(.) se enfadou com ele bastante

mente, e de repente(,) dando de rédea à Besta(,) buscou o diferente rumo do que o outro seguia(,) todos os mais o foram seguindo em alguma distância, não se avezinhandomunto a ele porque ia enfadado, e foi boa a volta, porque estando o dito senhor esbarrancando um ribeirão para passar para a outra parte a sua gente do campo da Estância que buscávamos, vendo a cometiva ao longe, nos entraram a fazer muntos sinais, com repetidos tiros, avezinhando-se a nós mais ligeira mente um pião castilhano Escravo do Senhor Mestre de Campo, que com a sua chegada conseguimos todos bastante alegria e pondo(-)se na nossa guia com brevidade fomos conduzidos à Estância de Santo Estêvão(,) onde chegamos já de noute.

No dia 12 munto de madrugada se mandou tocar alvorada e os músicos(,) com munta alegria e prazer de terem chegado a sua Estância de Santo Estêvão, tocaram belos minuets que serviram de ademiração não a nós que os mais dos dias ouvíamos, ma[i]s sim a uas famílias do Senhor Mestre de Campo, digo(,) agregado do dito Senhor onde se achavam já de morada, para daí pouco a pouco[,] se irem transportando para o Sertão(,) aonde tem destinadas suas fazendas concedidas na presente distribuição.

Disse(-)se missa pelas 8 horas, e mandou o Senhor Mestre de Campo ajuntar as Éguas prenha(s) a ua parte(,) com ordem que as metessem ao corral para de tarde as ir ver, mandou ajuntar as Éguas, digo(,) as paridas em outro diferente, por ser costume atualmente observado dos criadores esta separação(;) depois de jantar[;] fomos ver uas e outras Éguas e ficamos admirados de as ver(,) porque como tinham entrada para dentro em nossa companhia[,] e tinham chegado magríssimas, e agora como lá dizem gordas como vacas, esse foi o motivo da nossa ademiração.

Também estava em outro corral suparado, 16 burros achiotes, que são os que costumam cobrir as Éguas, os quais estavam também mui gordos f(or)t(e)s[,] e relozentes(,) de cujas vistas [,] não só o Senhor Mestre de Campo, senão todos os mais, tiveram grande regozijo[,] e complacência, e esta vistosa bizzaria dos animais nos ficou servindo de acreditável indício[s] da boa qualidade dos pastos do Sertão.

Concluída aquela de[i]le(i)tável recreação(,) mandou o Senhor Mestre de Campo soltar os animais, nos seus pastos competentes, e nós voltamos para casa, não cessando de louvar-lhe a boa eleição que tivera em se entridozir em tão proveitosas criações pois certamente com o favor de Deus delas havia perceber ua conveniência mui considerável e mui preverante(,) louvando(-)lhe também a disposição que tivera em estabelecer(-)se em fazendas no Sertão(,) pois só a sua dilatada extensão poderia tolerar o peso de tão numerosa quantidade.

Chegando a casa achamos af ao nosso amigo e companheiro José Antônio de Sousa Pinto, que tinha ficado em São Simão por causa de moléstia, ao mesmo tempo, recebeu o Senhor Mestre de Campo[,] três maços de cartas do Rio de Janeiro e Minas, também mandaram da Estância de São Simão(,) chamaram o nosso surigião da Expedição para que fosse curar a Casemiro de Moraes, que naquela Estância estava molestado.

No dia 13 se ocupou o Senhor Mestre de Campo com pessoas de fora, aonde chegou[,] também o Reverendo Vigário da Santa Ana, que veio vesitar ao Senhor Mestre de Campo[,] e dar-lhe conta do serviço[,] que na Capela mor se tinha feito, no tempo que o dito senhor se demorou pelo Sertão; nesse mesmo dia mandou o Senhor

Mestre de Campo notificar pelo [o] Madureira ao Capitão do Mato José Teixeira Basto, para vir a sua presença.

No dia 14 se ocupou o Senhor Mestre de Campo[,] em algumas precisas e necessárias disposições da sua Estância de Santo Estêvão, neste dia chegou aqui o Alferes Niculau Pereira, e sua mulher[,] e madrinha do Senhor Desembargador João Fernandes de Oliveira(,) a quem o Senhor Mestre de Campo na sua entrada para este Sertão deu de esmola 150\$000 réis para restaurar os seus Escravos que lhe tinham levado por dívidas(,) deixando-o sem nenhum(;) neste dia ao jantar por sobre mesa publicou o Reverendo Vigário da Senhora Santa Ana, em louvor do Senhor Mestre de Campo(,) o seguinte

Soneto[.]

Assim como a pedra levantada  
e pelas mãos de um David despedida  
em Golias causou mortal ferida  
e a David glória deu mui decantada

Assim hoje a casa levantada  
da Senhora Santa Ana esclarecida  
à gentilica prole embrabecida  
será causa de ver(-)se destroçada

Se David ao Gigante não matara  
não ficara a soberba abatida  
nem Saul com tanta [...] invejara

Se a Igreja por vós não fosse erguida  
nunca o povo(,) Senhor(,) vos marmurava  
nem a inveja fora em ódio convertida.

Neste mesmo dia mandou o Senhor Mestre de Campo fazer uas andas, ou liteira(,) para ir nela para fora Casemiro de Moraes Leite(,) que com o dito Senhor tinha entrado para o Sertão.

No dia 15 chegou a esta fazenda de Santo Estêvão o Sargento Mor Domingos Ramos de Almeida Cardoso(,) a quem o Senhor Mestre de Campo(,) antes de entrar para o Sertão, tinha comprado a fazenda das Perdizes(,) situada na beira do Rio de São Francisco no lugar vezinho à ponte[,] que no mesmo Rio se levantou, neste mesmo dia e noute choveram excessivas águas.

No dia 16 chegaram à mesma Estância 12 pessoas a cobrarem os ouros que por aquele País devião o Senhor Mestre de Campo dos mantimentos que para aquela parte tinha comprado o seu feitor para provimento da presente Expedição que o dito senhor fez, mandando(-)lhe pezar a cada um a emportância da sua parcela, que emportaram

a deste dia segundo a conta que fez o surigião da Expedição em 517-5/8-(,) porém ficaram aquelas paragens mais próximas exauridas de mantimento.

No dia 17 repreendeu o Senhor Mestre de Campo bastante mente ao Tenente Serra, pela rezão de ua carta incivil que o mesmo Senhor Serra lhe trouxera sabendo munto bem o que ela dizia, e o fim a que se em caminhava enviada e remetida por um João Crisóstimo de Magalhães do qual na presente ocasião se achavam várias pessoas fazendo repetidas queixas pela assuada que o dito Magalhães cometera contra eles, indo armado com outras pessoas mais[,] a derrubar(-)lhe ũa casa, que na fazenda dos mesmos queixosos estava[m] erguida(,) sendo o pretexto que o sobre dito Magalhães e seus cômplices tiveram para a dita sublevação, o dizerem que as terras e situação em que a dita casa que dirrubaram estava irígida era dele referido Magalhães, sendo certo que o Senhor Mestre de Campo as tinha concedido aos queixosos por requerimento que para isso lhe tinham feito.

Munto se estimulou o Senhor Mestre de Campo, pela rezão do referido atentado, que não só se em caminhou como ele dizia ao prejoízo dos referidos queixosos(,) senão também em defraude de sua estimação(,) porquanto fora perder(-)lhe o respeito que se lhe devia, como a Regente daquela terra, sendo aquele insulto cometido quase na sua presença e em ocasião em que ele estava tão próximo à referida paragem(,) acrecendo mais a este público e escandaloso fato as manifestas e enjoriosas palavras[,] com o que o tal Magalhães em sua ausência e em presença dos mais o descompunha, roubando(-)lhe o título de seu cargo[,] e os estimáveis requisitos ao mesmo anexo, e não contente com este público desaire com que o caloniava(,) senão também que prossuadia aos mais que contra o mesmo Senhor conspirassem com outras iguais, e semelhantes desatenções insinuando(-)lhe as suas mesmas descortesias.

A vista do que protestou o Senhor Mestre de Campo[,] o desagravo[,] e satisfação daquela injura para ante o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General que como poderoso só poderia castigar com acerto e autiridade a inomínia que padecia nas ofensas que o Magalhães contra ele cometera e publicara sem causa ou motivo mais que a demente descortesia dele caluniante.

Neste mesmo dia se bautizou ũa criança, e se confessaram 4 homens por sastifação do preceito da quaresma passada(;) neste mesmo dia veio vesitar ao Senhor Mestre de Campo[,] Domingos Lopes da Cunha[,] e sua Molher(,) que estavam arranchados em São Simão, e como estes antes de nos entrarmos para este Sertão estavam arranchados na picada de Goiás em sociedade com um seu Tio por nome Diogo Lopes por dúvidas que entre si tiveram, ia este casal já com seus carros e trastes de mudança para a Freguesia dos Carijós, os quais iam com tenção de ple(i)tiarem sobre as ditas dúvidas que tiveram(,) porém o Senhor Mestre de Campo, topando-os no quarto dia de sua marcha, com racionais persuassões lhes fez restruceder também a deles(,) prometendo-lhes de os sussegar nas suas inquietações, o que com ifeito assim fez com algum prejoízo seu, no tempo que estivemos dilatados na fatura da ponte do Rio de São Francisco, e depois de concluída a sua arrumação se transportaram para a Estância de São Simão(,) aonde de presente existem para em tempo mais conveniente se irem dilatando ao lugar que o Senhor Mestre de Campo na presente destribuição lhe consinou a Sua Fazenda.

No dia 18 munto de madrugada, fizeram os tambores e Músicos[,] o seu costumado exercício(,) seguiu-se a missa, que todos ouvimos, e depois de almoçados montamos a cavalo[,] e prencipiamos a nossa jornada para fora(,) acompanhado(s) de algumas pessoas daquelas que conosco tinham ido ao Sertão, e em São Simão nos esperava(m), e viemos pousar ao Corgo do Arantes, com 6 léguas de avançamento.

Aqui chegaram algumas pessoas, com seus Requerimentos(,) aqui o Senhor Mestre de Campo[,] deferiu com a conformidade que os casos pediam, e um Jolião Álvares, à noute por sobre mesa(,) leu em voz alta e ofereceu ao Senhor Mestre de Campo[,] o seguinte

Soneto[.]

Muda-se o Campo grande em tal figura  
que no chorar só mostra ter constância  
porque perde do bem a consonância  
e na grandeza do Herói a formusura.

Ausento(u)-se a luz ficou sombra escura  
ressentindo saudoso amor tal ânsia  
converteu-se alegria (em) dissunância  
o gosto se transforma em amargura.

Horror mostra na Estância mais amena  
a gala da sua flor foi transitória  
o verde que obstenta trágica cena

Só eterniza o pranto para a memória  
pois deseja que a dor a mágoa a pena  
na ausência do Herói se chama glória,

E Depois da dita oferta, ofereceu também o Reverendo Vigário da Senhora Santa Ana, do Sertão, ao Senhor Mestre de Campo, lendo-o primeiro em voz alta o seguinte

Soneto[.]

Não me ademiro o templo decantado  
lá no velho testamento deduzido  
porque esse templo fatal foi irigido  
no centro de Israel cevelizado

Ademira(-)me houver idificado  
num sertão de gentios combatido  
um templo a Santa Ana agora erguido  
por um Ilustre varão famigerado,

Com ampliada fadiga se apaixonou  
este astro luzido que fecundo  
transferiu este País da ardente zona

Lá dizem que Salamão foi sem segundo  
porém para o louvar de um Pamplona  
é piqueno Tiatro o mesmo mundo.

A 19 Depois dos tambores[,] e músicos fazer o seu costumado exercício(,) ouvimos a missa do nosso Reverendo Capelão[,] e montamos a cavalo(,) procurando o Rio de São Francisco para passarmos na ponte (qu)e o Senhor Mestre de Campo[,] no mesmo tinha irigido; e aqui lhe saiu ò encontro o Capitão do Mato José Teixeira Basto, a quem o Senhor Mestre de Campo[,] mandou ir ao Tamandoá, e fomos pousar nesse dia a casa de Antônio Álvares[;] aqui se bautizou pelo nosso Reverendo Capelão ùa criança bastante mente grande, e também houve muntos e diversos requerimentos(,) oposições de contendias(,) e o Senhor Mestre de Campo[,] tudo compôs[,] e deferiu com confirmidade, e avançamos neste dia 8 léguas de jornada.

No dia 20 Depois de ouvirmos missa, marchamos a pousar no sítio do Sabolas(,) onde topamos 6 homens no caminho que vinham a esperar ao Senhor Mestre de Campo para ifeito de lhe deferir os seus requerimentos, que neste dia lhe expuseram(,) porque só cuidava ressentido no justo sentimento, que o acompanhava, e no injusto galardão que recebia de um povo a quem nunca ofendera[;] e com este sentimento [porque só cuidava ressentido no justo sentimento que o acompanhava e no injusto galardão que recebia de um po[u]vo a quem nunca ofendera, e com este sentimento] que o dominava(,) chamou a um Antônio Pereira de Vasconcelos e ali lhe proguntou que mal lhe tinha feito, para ele também conspirar [...] seu dono(,) servindo a sua casa de Teatro em que representavam as suas ações(,) mal dizendo(-)as por arrojadas, e sem poder [saber] para a sua execução se por amor de um homem mau que tinha mandado prender[,] e algum Negro que tinha mandado ir para a ponte[,] e para o caminho[,] era motivo para tão demasiado excesso(;) progunte-lhe mais, se aquele serviço era para si, ou para a própria utilidade dos mesmos moradores, que quando fizera a ponte[,] abriera o caminho(,) já o seu gado[,] e as suas Éguas[,] estão na outra banda do Rio de São Francisco e que não carecia do caminho nem da ponte para conseguir o entento desta dependência, porque quando a fizera e quando o abriera já o intento estava conseguido, e a dependência [já estava conseguido e a dependência] já estava executada(,) o que(,) se o não tivera assim feito(,) certamente não levava o seu gado ao Sertão por tal caminho, nem povoava tais fazendas só porque eles não dissessem que aquele fora o fim porque assim obrava, e ocupada nestas e outras semelhantes conversações, em que o dito Senhor Mestre de Campo[,] desabafava a sua pena, se passou aquele dia, sem mais novidade que referir se possa, ordenando o dito Senhor que quem tivesse que requerer fosse no outro dia ao Tamandoá.

A 21 Depois de missa, marchamos para o Tamandoá(,) que dista deste lugar duas léguas e meia, em cujo caminho[,] encontramos com o Reverendo Vigário daquele Arraial, o seu coadjitor, o Comandante, o Alferes da Cavalaria[,] e outros

muntos mais que vieram esperar o Senhor Mestre de Campo, e depois de o cortejarem, e os mais que com o mesmo Senhor(,) já entramos a marchar em boa ordem dous[, ] e dous para o dito Arraial, e assim que chegamos (à) vista dele entraram os tamandoanos a tocar trombetas em sinal de feste[i]jo[, ] e alegria[, ] com que recebiam ao dito Senhor[, ] fomos endireitando a marcha para a Casa do Reverendo Vigário aonde estava preparada apusentadoria, e af perto se ordenou a cavalaria, em duas fileiras até a porta do vigário[, ] passando só o Senhor Mestre de Campo(,) por meio delas[, ] montado em um soberbo cavalo morzelo, mui bem preparado e agezado, e se apiou à porta do Reverendo Vigário(,) fazendo a todos ùa atenciosa e geral cortesia(,) depois da qual entrou para dentro junto com os ditos sacerdotes(,) e mais magnatas declara-dos[, ] e entraram a fazer sala ao dito Senhor.

Aqui entraram logo a frever os requerimentos(,) as bulhas(,) as queixas, e as contravérsias em tanta variedade que pareciam um lavarinto, de sorte que(,) em 24 horas, mal teve sussego para comer um bocado apressada mente[, ] e dormir duas horas(,) porque o povo era munto(,) as dúvidas munto[s] mais, e o Senhor Mestre de Campo via(-)se perplexo(,) porque a todos queria sastifazer, a todos queria aquietar[, ] e pôr em paz, porém o fervor dos ódios[, ] e malquerências era quase inflexível, e por esta razão lhe custou munto e munto o pacificá(-)los, e restituí(-)los a ùa doméstica[, ] e pacífica consunância, porém sempre conseguiu essa glória, excetuando só mente dous ou três, que não entraram no excessivo número. Aqui mandou o Senhor Mestre de Campo[, ] vir a sua presença um dos Negros que as Bandeiras tinham apanhado no Quilombo, e ali lhe disse que confessasse pública mente quem tinha matado aquele homem casado, que ali mataram, o que o Negro na presença de todos respondeu[, ] que os Negros do Quilombo da Sambabaia é que tinham morto tal homem, e que os trastes que se entregaram a viúva do mesmo Quilombo[, ] tinha(m) saído(,) o que ele presenciara por ter sido apanhado no mesmo Quilombo, a que o Senhor Mestre de Campo[, ] acrescentou diente de todos[, ] que aquelas eram as obras que faziam os Negros do Campo grande, e que quando ele andava *na deligência de extingui-los para fazer a ré pública*[, ] e o *bem comum da mesma, um serviço de tanta utilidade em que os exentasse de receios tão projodiciais*[, ] e tão nucivos(,) o Galardão que recebia de um tão continuado disvelo[, ] e mortificada laboriação[, ] era a ordinária calúnia com que o mal diziam, mais que estivessem certos que ele nada tinha feito por comprazer aqueles que o mormuravam, mas só sim por pura obediência a quem só tinha regresso para poder mandá-lo e que este era só mente o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares[;] e Governador Capitão General desta Capitania.

Aqui chamou a José Teixeira Basto, o Capitão do Mato(,) que quanto mais depressa andasse com a conclusão do seu prem(ed)itado intento ou nocivo assinado, o fizesse enquanto ele se achava e(m) Vila Rica(,) para poder contestar o livelo acusatório que ele pretendia pôr diante do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General já aprovado com as livrações que andava diligenciando, e dizendo isto, sem mais querer ouvi-lo(,) se virou para o soldado e lhe disse que noteficasse aquele homem a sua ordem, e do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General(,) para que no dia último de Dezembro, se achasse em casa do Capitão João Pinto Caldeira, para receber e seguir as ordens que o mesmo lhe detreminasse, e se virou para dentro, aonde o Reverendo Vigário publicamente e em voz alta lhe leu e ofereceu a seguinte

Oitava[.]

Tanto atento adimpl(i)r este [o] preceito  
de nume suprior alta Eleição  
que me fica endeciso no conceito  
se sois vós desempenho à régia mão(,)   
pertendo registrar vosso sujeito  
E por mais que examine tudo é vão  
porque apenas descubro, não se achava  
Quem qual vós tanto crédito alcançava.

Ao mesmo tempo saiu o padre coadigitor e em voz Alta leu e ofereceu ao mesmo  
Senhor Mestre de Campo o seguinte[.]

Silva

A indústria da vossa deligência(,)   
No universo lucrais tal preminência  
Quando intentais (h)ufano  
Dilatar o domínio Americano  
que a mesma Majestade  
Para glória da vossa heroicidade  
A mais terras o cetro já promuta  
por vós o Empério aumenta sem disputa,  
entrépido buscais a terra inculta  
a gentes solidão a mais oculta  
guiado do destino [que encômio vos prepara]  
que encômio vos prepara peregrino.  
Nação que imaginada  
Apenas se demostra acreditada  
Quando sem ofender ùa só vida  
Mostra a paz, esta empresa conseguida  
Que conquista se viu na antiga idade  
Da espada livre imune a crueldade  
Que de sangue inocente  
Derramado sem culpa ... ah fera gente  
no dano reparável  
Que mãe chora o seu filho consolável  
Da melitar soltura  
Qual donzela exentou sua candura  
nem ao pobre pastor lá na cabana  
Excetua do estrago a fúria humana  
Milhor obra Senhor vossa prudência  
porque os povos tratais com tais clemências  
Que encorruto o respeito  
Tanto do vosso nome é o conceito



Que sujeita a vontade  
Sem ofensa da própria liberdade  
Detestando a fereza  
Que estranha lhe faz querer a natureza  
Protestam reverentes  
Que por vós serão sempre obedientes

No dia 22 Esteve o Senhor Mestre de Campo, desde antes da minhã até as dez horas, na continuada deligência que bem lhe custou, e depois foi à igreja ouvir missa, e comeu algũa cousa, e montamos a cavalo seguidos dos mesmos que nos foram esperar no dia antecedente, que por todos eram 36 cavaleiros com os pajens, e assim fomos juntos ãa légua, até o Senhor Mestre de Campo[,] mandou recolher os tamandoanos.

Neste dia viemos dormir a Cachoeirinha, vindo com nosco o Capitão João Pinto Caldeira, a quem o Senhor Mestre de Campo deixou ordens particulares e nos mulhamos bem no caminho, e chegando ao po(u)so com 5 léguas de avançamento.

Aqui, se juntaram algumas pessoas com seus recolhimentos, a quem o Senhor Mestre de Campo não difiriu por chegarmos munto tarde, e partimos munto cedo, indo estes que tinham que requerer em nosso seguimento.

No dia 23 fomos dormir à fazenda do Mantiúdo, ao pé do Arraial da Senhora de Oliveira(,) com 5 léguas de marcha, chegamos pelo meio dia, aonde se ajuntou quase tamanho barulho como no Tamandoá, aqui estavam os homens terrível mente ainda mais teimosos que os tamandoanos, sendo a sua maior bulha por causa de terras, só sem o mais terrível de todos, era um Mateus Vieira(,) que dizia que o enforcassem, já que contendia com um Bertolameu de Tal, sobre ãa Negra queimada pelas partes podendas e outras estórias mais que envolviam(,) que faziam um enredo mui nocivo e espantoso, e(,) pelo que de um e outro se v(e)io a perceber das mulheres dos mesmos dous(,) naceu o ifeito de toda aquela rufna(,) porém o Senhor Mestre de Campo, por perceber isto mesmo, maior empenho teve em os acomodar, por se não desacreditarem mais, e arruinassem de sorte que se perdessem, e com ifeito acomodo(u)-os, de que causou geralmente aplauso e contentamento aos circunstantes.

Houve muntas e diversas compusições que seria um mare magno[,] o relatá(-)las, e bastantes despachos de requerimentos que só ao mesmo Senhor Mestre de Campo[,] eram manifestos o que ele(s) d(i)riam, conforme em dia(,) ser de justa rezão.

Só aqui houve um requerimento de novidade(,) que um (a)gregado de um homem afazendado(,) 3 dias antes da nossa chegada a este lugar, lhe tinha roubado ãa noute ãa filha e tudo o mais de valor que havia na casa, e tinha fugido, de cujo sucesso, requerera[m] ao Senhor Mestre de Campo ordem de prisão contra os fugitivos, e o mesmo Senhor deixou essa deligência recomendada ao comendante daquele lugar para lhe dar providência conforme a ocorrência do caso.

A 24 Nesta[s] laboriação se acabou o dia, até que chegou, o de 24(,) aonde se batalhou mais sobre ãa compusição que o Senhor Mestre de Campo[,] não pôde concluir, e ouvida a nossa missa, e tudo o mais na forma costumada, montamos a cavalo, e fomos nesse dia pousar à capela de São João, a capela, digo(,) a casa de

Bernardo Homem da Costa, e todo o dia nos acompanhou um alferes, André Dinis, pedindo ao Senhor Mestre de Campo[,] que assim como acomodava a todos que pelo amor de Deus[,] o acomodasse também a ele, e valesse para com o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares, o que o dito senhor prometeu fazer por ser naturalmente inclinado ao bem.

Aqui houve também algumas composições e bastantes requerimentos, porém só quatro homens se não compuseram por cuja razão os tro(u)xe consigo no dia seguinte até Francisco Pinto.

A 25 Depois dos Tambores[,] e músicos fazerem o que costumavam, fomos ouvir missa, e depois dela e de almoçar, deu o Senhor Mestre de Campo, ao soldado José Francisco Serra, por despedido, ordenando(-)lhe fosse cuidar nas deligências que lhe tinha encarregado, e o dito Serra se despediu de nós todos com muita cortesia e saudades(,) abraçando a todos um por um, e com ifeito seguiu diferente derrota.

Aqui ordenou o Senhor Mestre de Campo, que o dono da Casa com os 4 homens teimosos[,] o seguissem aquele dia, até aonde fomos pornoutar, porque ainda queria fazer mais um bocadinho de deligência por ver se os acomodava, e chegando por meia tarde com 5 léguas de jornada choveu muito nessa tarde, apareceram só dous homens teimosos, digo(,) dous homens, e outros não puderam chegar com a muita chuva.

No dia 26 depois da alvorada[,] e toque dos músicos(,) chegaram os dous homens que faltavam, esperou(-)se algum tempo com a missa, em razão de a ouvirem alguns vezinhos, que para esse ifeito tinham sido avisados, e no entanto tornou o Senhor Mestre de Campo[,] a trabalhar com os homens mais de duas horas, e como os não pôde concordar por modo algum, mandou dizer missa, almoçamos e marchamos.

Andamos neste dia 6 léguas, e viemos pornoutar a Casa do Nosso Reverendo Capelão, rindo a respeito dos sutaques das (Ilhas) de que ela(?) ainda hoje é mui devota(?), advertindo que neste dia foram 6 cavaleiros da maior estimação depois de esperar ao Senhor Mestre de Campo, e concluída a dita missa, montamos a cavalo, e viemos a um sítio(,) digo, de esperar ao Senhor Mestre de Campo, duas léguas antes da pousada.

No dia 27 tocaram os tambores a alvorada, e os músicos se desvelaram, por ser este o dia último da nossa jornada, celebrou(-)se o santo sacrafício da missa, e estando no meio dela, ainda chegaram 5 cavaleiros para virem acompanhar o Senhor Mestre de Campo, e concluída a dita missa montamos a cavalo, e viemos a um sítio do mesmo Senhor chamado a Tapera, aonde mandou ajuntar as o[u]velhas que ali tinha, que era(m) em tanta quantidade que cobriam muitos grandes espaços de campo, e depois que as viu de seu gosto mandou buscar as o[u]velhas que estavam paridas com crias piquenas que também eram um grande Número.

Seguiu(-)se o mandar buscar as burras paridas que eram 10 e depois de as vir muito a seu gosto mandou buscar as Burras solteiras que eram 36 e depois de as ver tudo muito bem, repreendeu os Escravos que naquilo lidavam de algum difeito que lhe achou, montamos a cavalo, e partimos para outra fazenda do mesmo Senhor chamada os Cataguases.

Chegamos às Cataguases, e achamos já três corrais, cheio(s) de Bestas muaras das crias de suas Fazendas onde o dito Senhor se dilatou mais de ãa hora, a ver e rever,

a qual acabadas de ver as Bestas da Fazenda dos Cataguases, viemos vindo buscando o rumo da do Capote, em cujos campos andou o dito Senhor vendo as Éguas, que estavam paridas com Bestas muares, que estavam juntas pelos Escravos para o dito ifeito, e ali se regalou munto mais, em ver aquelas crias tão fermosas.

Avistamos de longe as Éguas com crias cavalaes e para outro lado as prenhadadas que ainda não tinham parido(,) o que não podemos ver por se fazer tarde, e o Senhor Mestre de Campo[,] ter saudades de ver a sua casa[,] e nobre família.

Já perto da casa tomamos a topar tantas o[u]velhas, que cobriam os campos, e excediam as que tínhamos visto na fazenda da tapera, e logo entramos no terreiro, e nos apiamos ficando o Senhor Mestre de Campo[,] a salvamento.

Aqui lhe deram repetidas salvas de mais de 300 tiros, aqui se tocaram vários instrumentos(,) enfim não faltou alegria, recolhendo-se a sua casa.

Esta é a fiel relação de todos os sucessos dignos de poder relatar(-)se que por todo o descurso da jornada[,] nos aconteceu, menos dous que esqueceram de assentar(,) sendo um deles o mais digno de memória, e são os seguintes.

O Primeiro a disputa que o Senhor Mestre de Campo[,] teve em Nossa Senhora da Oliveira[,] com João Crisóstimo de Magalhães(,) em que o mandou notificar para na presença do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde General lhe dar pública sastifação da injúria que contra ele cometera, que já vai em seu lugar referida.

A segunda foi, que no dia antecedente ao em que o mestre caiu da ponte, por ficar um esteio fincado no Rio fora do seu lugar destinado, foi perciso o torná(-)lo arrancar, e como dipois de suspenso o mesmo Esteio, ia virando os pés para cima e a cabeça para baixo, caindo em cima do jirau, e matando mais de 50 pessoas que com o dito esteio estavam lidando, a cujo perigo acodiou o Senhor Mestre de Campo, atirando consigo de um altíssimo barranco abaixo, e daí passando(-)se logo a ua canoa que ali estava, foi navegando para o dito esteio, que já estava descobrindo para cair com o peso de cima, ia já descobrindo a última ponta debaixo já na flor da Água, e ia já virando em cima do jirau que tudo morria, porém ele metendo a canoa, meteu o ombro à ponta do esteio ao mesmo tempo se botaram no Rio a nado 4 Escravos do Senhor Mestre de Campo, para lhe acodirem em tão apertado lance.

Foi este sacorro dado tanto a tempo, e com tal prontidão(,) violência e valor que debaixo de Deus a libertou tantas vidas de que deixou a todos admirados, com o valor e ligeireza com que destemido se alojou desprezando o seu perigo por libertar[,] e salvar tantas Almas que nele estavam.

Aqui estão todos os sucessos de cada dia fiel mente escritos conforme os seus acontecimentos. Etc.

Lista dos novos Entrantes que pediram Sesmarias e se acham estabelecidos na nova Freguesia do Arraial da Senhora Santa Ana de Bambof na entrada que fez o Mestre de Campo Regente e Guardamor, a sua custa, por ordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares; das quais apresentaram ao mesmo Excelentíssimo as suas petições, e são os seguintes, até hoje 19 de novembro de 1769.

Manoel de Franca Campos  
João Jorge Pinto  
José Cardoso  
Francisco Cardoso  
Fortuoso Domingues  
Joaquim dos Santos Rosa  
José Nunes de Carvalho  
José Gonçalves de Carvalho  
O reverendo vigário José Rodrigues  
de Oliveira  
José Prudente Rosa  
Bertolameu Machado  
Jolião Álvares de Mendonça  
José Teixeira Aranha  
José da Costa Ferreira  
Estêvão de Arantes Ferreira  
Francisco Pereira Cardoso  
Adrião da Cunha Correia  
Francisco Xavier Pais  
Antônio Rodrigues Lima  
Caterina da Silva Costa  
Felipe Néri  
Caetano Domingues Poderoso  
Manoel Pinto Madureira  
João Fernandes  
João Teixeira de Camargo  
Manoel de Sousa  
José Teixeira Basto, ainda não  
deu título  
Francisco Gonçalves Laranjo,  
ainda não deu título  
Simplicia Correia Pamplona  
Manoel Bernardes de Cristo  
Teadósia Correia Pamplona  
Inácio Bernardes

Pessoas que se acham moradores nos mesmos distritos; e ainda não deram títulos; e foram notificados, e alguns vieram do Rio das Velhas, e de outros lhe não sei o nome, o que munto deixei recomendado ao cabo, o exame[,] destes e a obediência que devem, sem demora. Declaro os nomes que sei destes os seguintes

Manoel Marques de Carvalho  
João Nogueira e seus irmãos

Rio de São  
Francisco  
abaixo

João Ribeiro do Lago  
José Rodrigues Grácia  
Sebastião Gonçalves  
Paulo da Cunha  
Jerônimo Gomes  
Pedro de Camargo  
Gabriel Machado Neto

De que é Cabo deste Novo Arraial José Nunes de Carvalho. Estes se acham todos moradores, e pavoando a extensão da Freguesia deste Arraial.

Listra dos novos Entrantes que se acham situados no Ribeirão das Araras, Andaia, até a barra do Rio do Picão de um e outro lado, nas paragens nomiadas até o dia 19 de novembro de 1769 o seguinte.

Antônio Joaquim Rodrigues, no Rio Jacaré, que vai a Bambof, Domingos da Cunha, vertentes ao mesmo  
José de Caldas  
Manoel da Silva  
Francisco da Costa  
José de Misquita  
Bernardo de Sousa  
José de Mendonça  
Jorge da Cunha  
Antônio Rodrigues da Rocha  
José de Sousa  
Vicente de Sousa  
Manoel de Sousa  
José de Sousa Ferreira  
Antônio Marques  
José Marques  
João Grácia  
Antônio Rabelo  
Domingos Luís de Oliveira  
Miguel Domingues Lopes  
Domingos Gonçalves  
João Soares  
Teodósio Soares  
Manoel Álvares  
Antônio Esteves  
Alferes Barnabé  
Valério Coelho  
José Coelho  
Dionísio Pedro  
Pedro de Tal  
José Luís  
Antônio de Castro  
Domingos de Castro  
Carlos Francisco  
Costódio Francisco  
João Ferreira  
O Reverendo Agostinho Ferreira de Melo  
Caetano José  
Cláudio Soares  
Francisco Soares  
José Domingues  
Francisco Gonçalves  
Antônio José Ribeiro  
Francisco José  
José Monteiro  
Santos Gonçalves  
José Gonçalves Lima  
Manoel Gonçalves  
Jerônimo da Costa  
José Lopes  
João Gomes  
Salvador Cardoso de Amaral  
Antônio José Ribeiro

Francisco Correia  
Antônio Vaz  
João Gonçalves  
Félliz Rodrigues Chaves  
Antônio Rodrigues  
José Joaquim  
Manoel de Medeiros  
José Bernardes  
Manoel Gonçalves  
Domingos Camarada  
Manoel José Torres  
Manoel Correia Botelho  
Antônio Borges Cordeiro  
Miguel Dias Brabo  
José Correia do Canto  
José Marques Guimarães  
Gonçalo Pais  
José Correia de Oliveira  
José Fernandes Coura  
Francisco Xavier Ramires  
Caetano Pereira  
Félliz Dias de Almada  
Antônio Batista  
Francisco Fernandes  
José Gonçalves Santos  
Miguel de Queirós  
Antônio de Figueiredo  
Ansenso Rodrigues  
Luís de Figueiredo  
Antônio Pereira  
Jenuário Pereira  
Joaquim Pereira  
Salvador de São Paulo  
Manoel Rodrigues  
José de Oljeira  
Antônio Álvares  
Domingos Antônio  
José Pereira do Vale  
Romão Antônio e seus dous sócios  
Antônio Moreira na(?) Serra  
Vitorino José Pereira

Estes que v(ê)m da lauda atrás já se acham situados, e carecem munto de um novo Arraial.

De que é Cabo Antônio Joaquim Rodrigues.

Listra das pessoas que pediram Sesmarias pertencentes Ao a(r)Raial de Nossa Senhora da Conceição Conquista do Campo grande até o dia 19 de novembro de 1769.

Antônio Afonso Lamoniel	Pedro Francisco
Domingos Antônio da Silveira	O Doutor Pedro Tomás da Rocha
Pedro Vieira de Faria	Antônio Dutra da Silva
Manoel Coelho Pereira	Domingos Gonçalves Machado
José Fernandes Lima	Luís Monteiro da Silva
Simão Rodrigues de Sousa	José Antônio de Sousa Pinto
José Rodrigues de Sousa	Ana de Jesus
Antônio José Basto	Maria do Nascimento
José Antônio Basto	O Capitão José Antônio da Silva
José Álvares Dinis	Jolião Antônio da Silva
Lionardo Lopes	Antônio Castro da Silva
Sebastião do Rego	Gabriel Antônio da Silva Resende
Carlos José da Silva	Elias Antônio de Resende
O Reverendo Gabriel da Costa Resende	Manoel Antônio da Silva Resende
José Francisco Serra	José Antônio da Silva Resende
Joaquim José de Resende	João Antônio da Silva
Manoel da Costa Resende	Antônio Gonçalves da Costa
José Álvares de Resende	José Pinto Vizeu
Ana Álvares preta	Manoel Soares Migueis
Antônio de Resende de Moraes	João de Meireles
Vicente José da Silveira	Antônio Vaz Carneiro
José Pacheco Borges	Domingos da Cunha Lopes
João Borges Pacheco	José da Silva de Queirós
José de Resende de Moraes	José Caetano do Couto.
João de Resende Silva	
Antônio Marques de Moraes	
Antônio Gonçalves Viana	
Inácio José Ferreira	
José Vaz da Silva	
Manoel Gonçalves	
José Gonçalves Viana	
Domingos de São José	
Manoel Pereira de Melo	
José Pereira Fialho	
José Rodrigues da Cruz	
Francisco Coelho Gomes	
José Nunes da Cruz	
Bernardino Coelho Gomes	
João Cardoso da Silva	
Manoel Pires de Figueiredo	
Inácio Correia moço	
Francisco Álvares	
José Cardoso de Mesquita	
José Caetano Lamonier	
O Capitão Casemiro de Moraes Leite	
Manoel José da Cruz	
Manoel de Sousa Coutinho	
Miguel Luís Pereira	
José Ribeiro Guimarães	
Manoel Teixeira	
José Cardoso da Silva	
Antônio Gonçalves Montijo	
José Ribeiro Carneiro	
Francisca de Paula Pamplona	
Manoel Gonçalves Gomide	
Manoel Pereira Alvim	
João Rodrigues de Sousa	
Rosa Correia Pamplona	
Antônio Afonso	
Temócio Correia Pamplona	
Jolião da Costa Resende, Es(creven) <sup>te</sup> .	

De que é comandante José Antônio da Silva Resende. Estes tomaram posse, das suas sesmarias, e demarcaram novo Arraial, e pediram 4 meses para poderem entrarem e cultivarem, com suas criações, que em vertude das ordens do Senhor Conde de Valadares lhe concedi. Etc.

Listra dos novos entrantes e applicados a Nossa Senhora do Livramento do Arraial do Piuí. Etc.

O Alferes Nicolau Pereira de Faria  
João de Arantes Marques  
Antônio de Arantes  
Luís Antônio da Silva  
Luís Antônio Vilela  
Maria Joaquina  
Manoel da Silva Portela  
Manoel Afonso  
Antônio da Rocha Filgueiras  
Jerônimo Rodrigues Costa  
José Gomes da Silva  
João Pereira da Rocha  
Felipe Néri  
Joaquim Álvares

De que é comandante José da Serra Caldeira, estes já situados.



Os Novos Entrantes que se acham estabelecidos na nova Freguesia da Senhora Santa Ana, de Bambof, de que é Cabo José Nunes de Carvalho, são.....	41
Os novos Entrantes que se acham situados no Ribeirão das Araras, Andaia, até a barra do Rio do picão de um e outro lado, de que é Cabo Antônio Joaquim Rodrigues .....	94
As pessoas que pediram sesmarias pertencentes ao novo Arraial de Nossa Senhora da Conceição de que é Comandante José Antônio da Silva Resende.....	85
Os novos Entrantes, e applicados a Nossa Senhora do Livramento do Arraial do Piuf, de que é Comandante José da Serra Caldeira.....	14
	<u>244*</u>

Para se poder povoar esta terra, se fez ãa estrada de 49 léguas de comprido, que pega no pouso alegre e corre o rumo de precatu até o Salitre. Primeiramente depois de doze léguas de estrada, tem ãa capela com a vocação de São Francisco e Santa Maria, e ãa ponte no Rio de São Francisco declarada no diário, de trezentos[,] e tantos palmos de comprido, e sessenta e tantos de altura, desde o lume d'água até a Estiva. Ua Matriz feita de novo no novo Arraial de Santa Ana de Bambof, em distância grande. Depois de sobir a serra da Marcela, outro Arraial da Senhora da Conceição, passando outra distância que diz o diário nas Léguas, outro Arraial demarcado de Santa Maria de Cortona do Salitre.

Por ordem do Senhor Mestre de Campo Regente e Guarda mor de todas as picadas de Goias, Bambof[,] e Piuf, Inácio Corre(i)a Pamplona me foi mandado fazer um Mapa de todo o País que fosse avançando na viagem em que Eu o acompanhei ao Campo Grande aonde o destinou o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares(,) Governador e Capitão General desta Capitania de Minas Gerais, principiando e fazendo ponta central na Vila de São João, conforme as ordens do Excelentíssimo Senhor, de cuja deligência me encarreguei, mais por obediência que por conceito próprio que fizesse da minha entelegência para poder desempenhar o conceito que de mim formou o dito senhor, pois era preciso para esta matéria(,) mais claro descurso e maior notícia da medição geométrica daquela que tenho, para poder em breves Careteres mostrar sem confusão aquele delatado País.

Ocupei o meu Fraco descurso um grande espaço de tempo sobre a medição, ou Pitipê que havia de dar ao dito Mapa, e querendo dar uma das oito polegadas que tem um palmo, a cada Légua (como alguns autores determinam) achei que(,) seguindo esta determinação, faria um delatado Mapa que enfastiaria aos olhos do Excelentíssimo Senhor Conde General.

---

\* O erro da soma é do original.

Consultei esta Dúvida com o dito Senhor Mestre de Campo, o qual segunda vez me mandou que o fizesse o mais acomodado que coubesse no possível, ficando sempre precetível e claro, por cuja razão me acomodei ao Pitipê que no mesmo Mapa se vê, dando a cada um[,] uma légua de terreno.

Procurei com a maior exação que me foi possível noticiar daquela paragem por onde não passamos, para ir dando delas notícias, se nestas ho(u)ver algumas deferenças nas distâncias, será pelas deversidades de opiniões das pessoas de quem me enformei por se não acharem medidas ainda aquelas Terras, porém nunca a deferença poderá ser munta(,) porque(,) aonde conhecia dúvidas, deixei em claro para (sendo perciso) a seu tempo o abrigar.

Para menos confusão, esplico quase tudo por algarismos, dos quais a declaração[,] se verá nas margens do mesmo Mapa, e só aqui para maior Enteligência (digo que as cifras mostram o lugar das parages detriminadas e o mais, Rios, Serras, Matos, Cerrados[,] e Campos no mesmo Mapa se declara).

Antes que entre a outra esplicação quero dar notícia da Picada velha de Goiases, feita por Urbano do Couto. Corre esta de Su sueste para o És noroeste, principiando na ponte do Carandaí<sup>5</sup> passando pela Capela de Santa Rita<sup>9</sup> seguindo ao Capão grosso<sup>10</sup> e daí ao morro quebra Cangalhas<sup>30</sup> até a Capela da picada Nossa Senhora da Oliveira<sup>41</sup> passando Por Bernardo Vieira<sup>23</sup> seguia a<sup>45</sup> – Fazenda do Camacho, e daí pelo Rebeirão de Santa Ana<sup>46</sup> e Rebeirão do Po(u)so Alegre<sup>48</sup> e a dita Fazenda<sup>51</sup> e depois de passar o Morro Cavado, ia costando o Rio de Santa Ana, ficando este à parte do Norte té o passar em uma ponte, perto do Rio de São Francisco, e depois de passar este seguia o mesmo rumo até Serra da Marcela – letra A – o qual depois de a passar, se continuava por um Chapadão de Canga cousa de Quatro Léguas té se encaminhar à Serra das Mangabas, pelo chapadão da qual seguia aonde topamos vestijos dela – letra B – a qual fomos seguindo até o Rio das Onze mil virgens e daí sobia a Serra de São Rafael pelo chapadão da qual se encaminhava té de Fronte do quilombo de Santos Fortes<sup>90</sup> e daí té perto do Salitre – letra C – donde não havemos mais notícia dela, cuja estrada té esta parage[,] está em termos de se poder Frequentar, assim de pessoas escuteiras como conduções de Tropa, pelo caminho que o Senhor Mestre de Campo Regente mandou abrir do Morro Cavado té a ponte que fez no Rio de São Francisco<sup>68</sup>, e daí té o Arraial da Senhora Santa Ana de Bamboí<sup>70</sup> e deste té cima da Serra da Marcela – letra A – em cujo só tem de Aumento duas léguas(,) o qual não de(i)xaram de seguir quais quer viandantes e Tropas por ser este caminho livre de Pântanos e Cerrados que pelo Caminho velho havia e com maior mente por se livrar de passar em canoas e poderam fazer na nova ponte, acrecendo mais a esta circunstância[,] o de poder refazerem(-)se e fazer alguma conveniência no dito Arraial aquilo [...] que tiverem meios para isso.

Seguindo pois as declarações do dito Mapa digo que no dia 20 de Agosto do Ano presente de 1769 passou o Senhor Mestre de Campo Regente pela Capela de Nossa Senhora da Penha de França da Laje<sup>12</sup> com toda a grandiosa Cometiva como bem declara o Diário que nesta viagem se vai fazendo a que me reporto em que Eu o acompanhava e chegando ao Rio de Santo Antônio<sup>13</sup> que dista da dita Capela pouco mais de uma Légua, cujos Rios servem de devisa e princípio do destrito de seus cargos(,) passamos pela fazenda de José Corre(i)a<sup>14</sup> (,) fomos dormir à Fazenda de Francisco Pinto<sup>18</sup>.

No dia 21 nos pusemos Em marcha seguindo o Rumo de Oeste, chegamos à Fazenda de Manoel de Araújo Sampaio <sup>19</sup> ao pé do qual passemos um corgo chamado o Rio do Pe(i)xe <sup>17</sup> e daí fomos seguindo sempre no mesmo Rumo por caminhos bastante mente altos e ba(i)xos e chegamos a ouro fino <sup>27</sup> (,) cabeceira do Rio Jacaré <sup>31</sup> e daí fomos seguindo para a Capela de São João Batista <sup>28</sup> (,) defronte da qual(,) à parte do Norte, está o morro do Ferro(,) que vai findar no ouro fino, cujo nome lhe vem da munta Pedra que nele tem parecida ao próprio Ferro.

Seguimos mais adiante à Fazenda de Bernardo homem <sup>29</sup> (,) ali dormimos aquela noite depois de termos andado 5 Léguas e meia, de frente da dita Fazenda está a serra chamada do Sal(,) que corre ao Noroeste, tem de comprido duas Léguas, com cujo nome se apelida da munta areia branca que em si tem que imita ao Sal.

No dia 22 nos pusemos em marcha(,) sobimos o morro quebra Cangalha <sup>30</sup> do alto do qual olhando para o Sul vimos ao longe uma Serra <sup>35</sup> que nos disseram ser da Ibituruna e seguindo o nosso caminho passamos pela Fazenda de Guilherme Ferraz <sup>36</sup>(,) donde vistamos o Rio Jacaré decendo por umas grandes cachoeiras a parte do Sul, e fomos continuando té Capela de Nossa Senhora da Oliveira <sup>41</sup>(,) avistando pela parte do Norte bastantes Matos[,] e Morros e para o Sul morros de campos, e chegamos adiante da dita Capela[,] um Quarto de légua à fazenda de Manoel Afonso, por Antenomásia o Manteúdo – letra D – (,) ali dormimos aquela noite depois de termos andado pouco mais de Quatro Léguas.

No dia 23 nos pusemos em marcha e passamos o Rio Lambari(,) que faz barra no Jacaré a(r)redado da Estrada uma Légua, Cujas vertentes v(ê)m de um espigão de Mato que Corre enté Tamandoá, e seguindo a mesma estrada chegamos à fazenda de Bernardo vieira <sup>43</sup> (;) distante desta meia Légua para a parte do Sul está a Capela de São Francisco de Paula e distante desta três Léguas ao Rumo Oés sudoeste está a Fazenda do Capitão Manoel de Mota Botelho <sup>50</sup> e seguindo nosso Rumo chegamos à Fazenda da Cachoeira <sup>44</sup> (,) aonde Dormimos aquela noite. Deste Sítio a picada velha será perto de meia Légua para a parte do Norte e ao Sudoeste pouco mais de três léguas está a Capela de Nossa Senhora das Candeias, e desta enté o Rio grande está tudo povoado, e na mata da outra parte do Jacaré está também[,] quase tudo povoado, andamos neste dia pouco mais de Quatro Léguas.

No dia 24 saímos do dito po(u)so(,) procurando o Rumo Nor noroeste chegamos à Fazenda do Coral <sup>27</sup> e adiante um Quarto de Légua na fazenda de Manoel Dutra – letra E – nos aquartelamos aquela noite, cujo sítio está nas Cabeceiras do Rio de Santa Ana <sup>46</sup>, neste dia andamos três Léguas e meia a esta parage de muntos morros e a maior parte deles de Campos, neste mesmo dia avistamos a Serra da Boa Esperança no Rumo Sudoeste e a Serra de Piuf no Rumo de Oés sudoeste e a serra da Canastra no rumo oeste.

No dia 25 saímos do dito po(u)so e fomos procurando a Quarta de Noroeste e depois de termos passado por alguns morros chegamos à <sup>49</sup> ponte de Pedra que a natureza formou no Rebeirão de pouso alegre <sup>48</sup> (,) adiante do qual meia Légua nos abarracamos aquela noite em um Capão de Mato(,) tendo andado aquele dia pouco mais de duas Léguas.

No dia 26 Saímos do dito Po(u)so procurando oés Sudoeste chegamos a pouso alegre <sup>61</sup> (,) nome Impróprio por ser aquela fazenda situada em muntos morros, Largamos a parte direita o morro Cavado e fomos contenuando ao dito Rumo Oés Sudoeste(,) passamos pela fazenda da Formiga <sup>61</sup> (,) chegamos à fazenda de Antônio José <sup>62</sup> (,) aonde nos aquartelamos aquela noite(,) tendo andado naquele dia 4 Léguas; no dia 27 Saímos do dito po(u)so procurando sempre o Rumo Oés Sudoeste(,) chegamos à Fazenda da ponte alta adiente da qual uma légua – letra F – está um capão de mato chamado a Capetinga(,) no qual nos abarracamos aquela noite com viage de Quatro Léguas.

No dia 28 continuamos no mesmo rumo até a fazenda chamada Capetinga <sup>64</sup> (,) do Forriell mor Antônio Luís, e daí procuramos o Rumo Oeste, e chegamos à fazenda de Manoel Barbosa <sup>65</sup> (,) aonde nos aquartelamos aquela noite(,) dista desta Fazenda ao Rio grande que passa entre a Serra de Piuf e a da Esperança 4 Léguas e do mesmo sítio cortando rumo direito pela estrada que vai ao Porto velho no Rio de São Francisco <sup>67</sup> dista 5 Léguas.

No dia 29 saímos da dita Fazenda(,) procuramos o rumo Sudoeste, subimos a Serra do Piuf(,) chegamos ao seu Arraial de Nossa Senhora do Livramento(,) aonde nos aquartelamos aquela noite.

No dia 30 saímos do dito Arraial(,) procurando o Rumo Noroeste(,) carregando a nor noroeste(,) passamos o Corgo das Araras que verte de Piuf e chegamos ao Rio de São Francisco(,) o qual passamos no porto velho <sup>67</sup>(,) depois contenuamos o rumo do Norte, e(,) tendo andado duas Léguas por uma Mata, nos fomos a Barracar no Rebeirão das Araras(,) cujo perde nome no Rio Ajudas(,) onde se junta uma das cabeceiras do Rio de São Francisco, neste dia andamos 5 Léguas.

No dia 31 seguimos o mesmo Rumo e saindo da dita mata chegamos aos Campos da Estância de São Simão(,) Fazenda do Senhor Mestre de Campo Regente <sup>69</sup> a cujo sítio chegamos depois de termos andado perto de três Léguas, no qual o dito Senhor se demorou alguns dias para fazer a Espidiação das bandeiras que as enviou para cima da Serra da Marcela como mais particular mente se verá no diário que de todas as ações e movimentos se vai fazendo.

Depois das ditas Espedições(,) cuidadosa mente e com grande Exação Indagou o dito Senhor aonde seria mais conveniente uma ponte no Rio de São Francisco, e sendo informado das Pessoas mais práticas deles que o melhor Sítio era na parage chamada as Perdizes(,) a ele se encaminhou o dito Senhor Mestre de Campo(,) procurando o Rumo de Oeste(,) fazendo conduzir em Sua Companhia grande quantidade de Officiais e Escravos Seus, Carros(,) Carretão(,) Bois(,) Ferramentas[,] e mais aprestos necessários para factura da dita ponte(,) cuja grande despesa melhor se verá no sobredito Diário(,) e o depois de termos andado três Léguas no dito Rumo nos aquartelamos na Fazenda de S(ão) Cornélio(,) de José Rodrigues Cruz e no outro dia chegamos a dita parage <sup>65</sup> (,) aonde achamos prontas umas poucas de canoas que o dito Senhor tinha as mandado fazer e Conduzir para facilitar a factura da dita Ponte.

Daqui se despediram por ordem do dito Senhor as providências necessárias, e se entrou no rigoroso trabalho de conduzir as percisas Fazendas, digo(,) de conduzir as

percisas madeiras e logo formando a dita ponte a qual tem de Comprida 95 passos e de Altura 65 palmos pouco mais o(u) menos(,) tendo só de Altura de Água naquela parage sete palmos por todo Rio naquele tempo em que fizemos a dita ponte(,) aonde bem podia qualquer Afoita Pessoa passar de uma a outra parte sem que a Água o Cobrisse. No mesmo tempo em que se trabalhava na dita ponte(,) mandou o Senhor Mestre de Campo pelos Seus Escravos fazer uma Capela ao pé da mesma para nela colocar São Francisco de Sales e Santa Maria(,) a quem encomendou o bom sucesso da dita obra.

Feita a ponte com a maior segurança que foi possível, se findou aquele serviço tão útil à real Coroa como necessário ao bem comum e aos novos entrantes(,) cujos já passam de duzentos(,) a qual entrada lhe facilitou a dita ponte de tal sorte que em breves tempos[,] se verá aquele País cultivado de Abundantes povos de que o Irário Real receberá grande utilidade(,) o que assim não seria se não (h)o(u)vesse aquela passage Franca(,) concorrendo mais para esta circunstância o mandar o dito Senhor Mestre de Campo abrir uma real estrada da dita ponte até o morro Cavado a topar com o caminho que estava aberto.

Aqui seguimos para o novo Arraial da Senhora Santa Ana de Bambof<sup>70</sup> (,) aonde o dito Senhor Mestre de Campo mandou fazer a Capela mor daquela Freguesia(,) dista esta da ponte seis Léguas e aqui se aquartelou aquela noite e no outro dia seguimos para Sua Fazenda de São Simão aprestar(-)se para pessoal mente ir ver indagar e repartir as terras que estão de outra parte da Serra da Marcela, de que já tinha algumas notícias que os Comandantes das Bandeiras se lhe tinham dado.

No dia 13 de outubro nos pusemos em marcha e depois de termos andado uma Léguas para o Norte procuramos a Oeste(,) em Cujos Rumos fomos seguindo por um espigão de Campo que da parte do norte devida água a bambof e do Sul ao Rio Ajudas e depois de termos andado mais de 5 Léguas chegamos à serra da Marcela, distante Léguas e meia(,) aonde nos aquartelamos aquela noite em uma das Cabeceiras do Rio.

Em 14 seguimos para o alto da Serra procurando o Rumo do Norte, e procurando espigões e ficando de uma e outra parte grandes concavidades de morros [ficando,] e devidindo neles Águas umas ao braço da perdição, outras ao Samborá(,) que passa pelo pé do desempenhado(,) e depois de passarmos a um Pequeno Corgo sobimos a um morro – letra C – donde vimos grandes Campinas à parte esquerda confrontando com a última ponta da Serra da Canastra e aqui nos enformaram aonde se achava a pavação do Rio das velhas(,) o(u) para melhor dizer das Abelhas(,) que é o que mostra<sup>80</sup> (,) e seguindo o Rumo noroeste depois de termos passado o Espigão que devida Água ao Rio perdição nos fomos quartelar no Rio(,) digo(,) nas cabeceiras do Rio Samborá – letra D – (,) daqui divisamos a Serra de Santa Fé No rumo de Oeste a que alguns davam nome de Marrocos(;) neste dia andamos 3 Léguas.

No dia 15 nos pusemos em marcha seguindo sempre por espigões o Rumo de Noroeste(,) ficando de um e outro lado dilatados Campos(,) ainda que neles se via bastantes morros, e depois de Decermos um deles chegamos em um Rio<sup>71</sup> a que o Senhor Mestre de Campo deu o Nome de Santa Teresa distante do dito po(u)so pouco mais de 3 Léguas(,) o qual passamos e procurando o alto de um morro de Campo subimos(,) seguimos a este por um espigão que vai Cortando ao norte té sobirmos a um chapadão de cerrado(,) o qual seguimos no rumo noroeste e tendo passado o dito Cerrado nos fomos aquartelar nas Cabeceiras de um pequeno Corgo – letra E – (,) tendo andado aquele dia perto de 6 Léguas.

Em o dia 16 nos pusemos em Marcha em direitura a um morro que está da outra parte do Rio <sup>73</sup> (,) chegando a este o passamos com algum trabalho(,) o qual mostra ter seu princípio por todas Cabeceiras da Perdição(,) e o Senhor Mestre de Campo lhe deu o nome Rio da Misericórdia(,) distinando todo ambre [...] que se compreende entre este e o Rio de Santa Teresa té onde se juntam para Fazenda da Santa Casa da Misericórdia de Vila Rica o que mostra <sup>72</sup> (;) depois de passarmos o dito Rio fomos costiando o tal morro(,) ficando este à parte direita(,) e encaminhando o Nosso rumo ao de Oeste vimos a norte outro morro de Campo que ò depois julgamos ser Gorita ou lugar de Sintinela do Quilombo do Ambrósio e ò depois de Rodiarmos umas pequenas Restingas de Matos[,] fomos ter a parage <sup>74</sup> em que tinha sido o tal quilombo não afamado nestas minas como prejudicial aos moradores delas(,) por Cuja Circunstância e pela Idé(i)a com que aquele maligno Negro[,] dele fez o pre[sen]te mapa(,) Digo(,) o presente mapa(,) e tomando a procurar o nosso Rumo nos fomos aquartelar em umas restingas de Capoeiras – letra F –(,) as quais por se acharem queimadas aqui demoramos Algum tempo(,) pelo que(,) no diário se verá, aqui se distinou o Senhor Mestre de Campo tudo que compreendia entre o Rio <sup>78</sup> té o de <sup>75</sup> a que deu nome Corgo do bom Jesus, para fazenda do mesmo Senhor do Matozinho da Lagoa Doirada.

Em o dia 23 Seguimos o Rumo de noroeste e depois de passarmos o dito Corgo do Bom Jesus e na decida de um morro <sup>76</sup> achamos o lugar do quilombo da Samambaia, o qual tinha queimado o Comandante de uma[s] das Bandeiras José Cardoso, mais porque ainda lhe vi vestijos e o mesmo me enformar dele fiz o mapa aqui junto, e adiente darei mais clara Notícia.

Aqui se plantou a Roça que estava queimada e depois Seguimos o Rumo noroeste(,) chegamos ao Corgo <sup>77</sup> a que deu nome o dito Senhor Mestre de Campo Corgo do Sacramento, entre o qual[,] e o do bom Jesus[,] e A Serra de São Pedro de Alcantra <sup>78</sup> (,) Sinalou para a Fazenda e patrimônio de Nossa Senhora da Conceição aonde distinou fazer o novo Arraial(,) passamos o dito corgo e sobimos a serra das Mangabas, assim nomeada pela munta mangabeira que ali se v(ê)m(,) e seguindo pelo chapadão da mesma topamos vestijos de uma estrada – letra G – que julgamos ser de Goiases como já ficou dito(,) a qual fomos seguindo té decermos a mesma Serra e passarmos um Rio <sup>81</sup> a que o Senhor Mestre de Campo deu o nome das Onze mil virgens e nos fomos aquartelar ao pé do corgo – letra H –(,) aqui nos demoramos té o dia 25. No dia 25 Seguimos o Rumo de Nordeste e tendo andado 4 Léguas chegamos ao morro Escarvado <sup>83</sup> (,) aonde nos fomos aquartelar(;) neste dia passamos por umas grandes vargerias de Campo de admiráveis capões(,) e em uma Barreira em um pequeno Corgo que lhe passa pelo meio aqui nos demoramos até o dia 29 nas ocupações que no Diário se verá, e só digo que o dito Senhor Mestre de Campo deu ao Rio <sup>84</sup> o nome de Santa Úrsula <sup>86</sup>, o(u) de São Simão(,) cujas águas me parecem vão ao Caité(,) o(u) que melhor se abrigará(;) entre ocasião deste mesmo Po(u)so vimos grandes fomaças a <sup>85</sup> e <sup>87</sup> (,) como se declara No diário.

No dia 29 retrocedemos pelo mesmo Caminho e tendo andado pouco mais de três Léguas sobimos a Serra de São Rafael(,) cujo nome lhe tinha dado o dito Senhor Mestre de Campo(,) a qual nos conduziu e encaminhou um espigão de Campo por onde Conhecemos que ia a picada velha de Goiases procurando o rumo [o] És noroeste. Do chapadão desta Serra vimos o lugar do Quilombo de São Gonçalo <sup>79</sup> (,)

o qual o comandante de uma das Bandeiras(,) o Tenente José da Serra Caldeira(,) de repente topou e nele amarrou um Negro que ali estava e os mais fogiram para aonde nova mente estavam outros camaradas estabalecendo outro novo Quilombo para breve mente se modarem todos, e ali só estavam alguns que se ocupavam em fazer farinhas para os mais(,) as quais o mesmo Comandante confiscou junto com vários trastes e panos de Algodões feito(s) ricamente pelos mesmos Negros, do qual por me dar tão fiel cópia fiz o presente Mapa para admiração do munto que eles trabalham para Si.

Indaguei a razão por que se nomeava Quilombo de São Gonçalo, e achei que os primeiros povoadores que tinham estado em outro Quilombo nas Cabeceiras do Rio das onze mil virgens donde safram por padecerem af uma grande Epidimia que os obrigou a devota mente fazerem oferimento ao dito Santo a ereção de um novo Quilombo com o título de São Gonçalo – Grande devoção – tornando ao nosso Rumo, digo que fomos seguindo por Cima da dita Serra de São Rafael e passando alguns cerrados nos fomos abarracar nas Cabeceiras de um pequeno Corgo que está em cima da dita Serra <sup>88</sup> depois de termos andado naquele dia mais de 6 Léguas.

No dia 30 fomos seguindo o rumo da dita picada velha que em partes nos aparecia[mos] e tendo andado Légua e meia <sup>89</sup> topamos um corgo em [...] que o dito Senhor deu o nome de Santa Iria(,) é este abundante de Águas e de Pedras(,) o qual passamos e seguindo o mesmo Rumo chegamos de Frente do Quilombo de Santos Fortes em <sup>90</sup> (,) distante pouco menos de uma Légua(,) onde largamos a dita picada e fomos ao dito Quilombo para ver se achávamos alguns Negros dos que tinham fogido[s] do Quilombo da Samambaia(,) e neste Lugar os destroçou e saquiou grande quantidade de panos de Algodões e feito(s) no[s] dito Quilombo e outros mais Ro(u)bos que eles tinham feito(,) ali nos demoramos de se plantar a Roça que eles tinham queimado por Cuja razão tive tempo de tirar o Mapa do dito Quilombo, que é o presente(,) e como prometi dar maior Individuação do Quilombo da Samambaia(,) digo que estes Negros estavam em um Quilombo em um[s] dos Braços da perdição(,) ao pé de outro Quilombo na mesma perdição Cujos Mapas apresento, e daqui se retiraram o ano passado a fazerem roça na Samambaia por lhe ficar perto para conduzirem o seu Mantimento e daí melhor estabalecer[;] Este Quilombo(,) cuja notícia so(u)bemos por um Negro que o dito José Cardoso amarrou(,) vindo-se retirando da Samambaia para este que antigamente se chamava do Corisco outro que aqui houve(,) de que ainda se vê vestijos(,) por Cair um raio a(r)Redado dele meia Légua, Lugar por onde nos passamos e se vê ainda os regos que abriu na Terra.

Em o primeiro de Novembro saímos daquele pouso a procurar o espigão que tínha[-]mos deixado e no Alto dele olhando para o norte e para o Sul vimos a um e outro Lado dilatadas campinas aonde se pode formar Grandiosas Fazendas e seguindo nosso Rumo Oés Noroeste decemos a Serra por um espigão que deve de Águas a um e a outro Lado(,) topamos uma Mata com munto grandes Capoeiras(,) largamos estas à parte direita(,) chegamos ao Rio <sup>95</sup> a que o Senhor Mestre de Campo lhe deu o nome de Santa Maria de Cortona e andemos naquele Dia 4 Léguas.

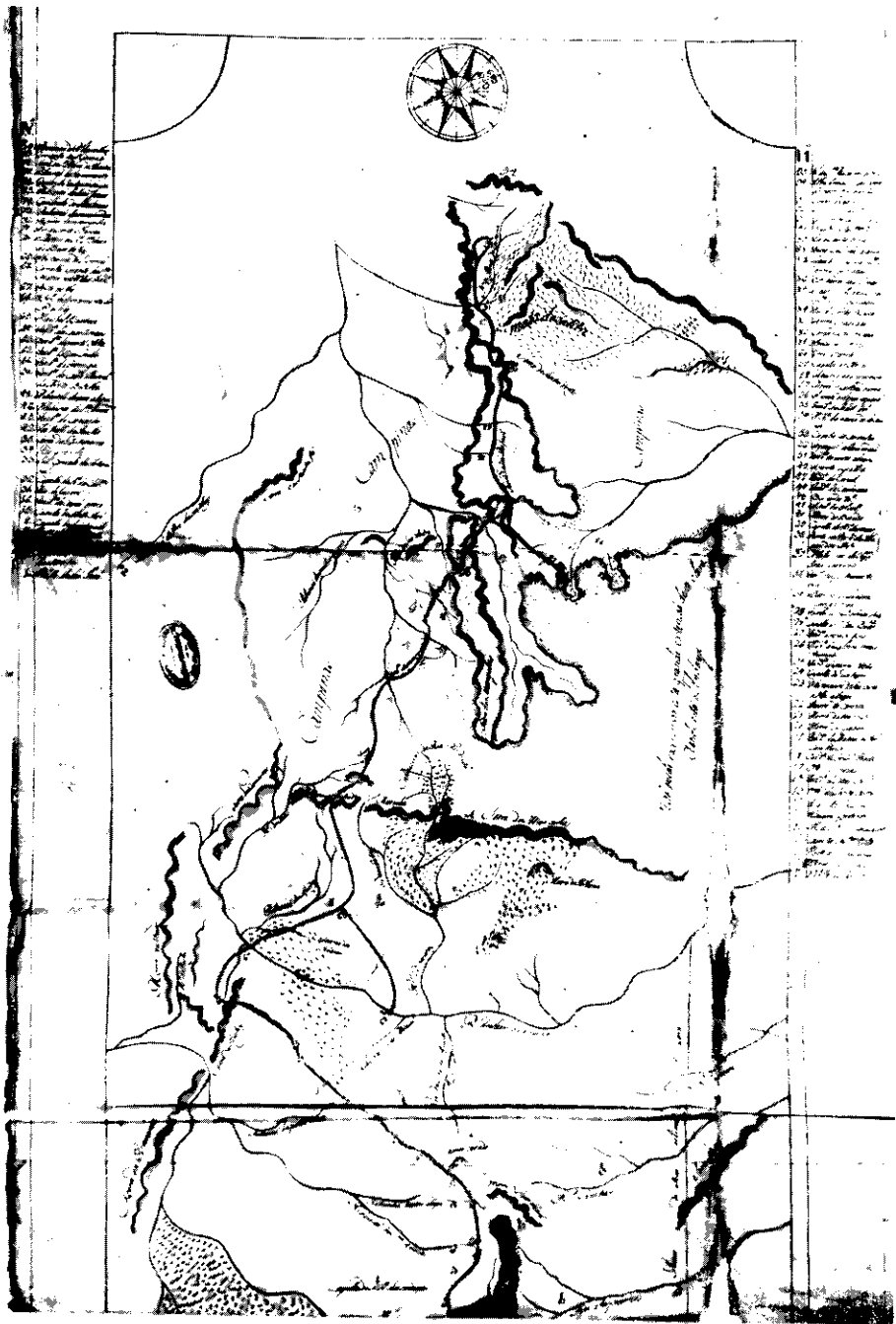
Em 4 do dito Mês seguimos o Rumo do Noro(és), ò depois de termos andado 3 Léguas no meio de um Campo <sup>93</sup> (,) tomou posse o dito Senhor Mestre de Campo de tudo quanto tinha avançado té a Serra <sup>94</sup> (,) como melhor se declara no diário.

A este Rio de Santa Maria de Cortona vem um corgo da parte do Norte chamado o Salitre(,) [o] onde nace uma Água salgada Cuyo Mapa apresenta e o mais no Diário

se esplica(,) como também a volta que fizemos para fora e só aqui digo que abengoei a devisão do termo da vila de São José com a de Pi[n]ta(n)gui e achei ser certa estar um marco no morro de Calhau de Lima posto pela Câmb](a)ra de Pitangui do qual marco cortando a Rumo Direito passa pela parte da Serra Negra e vai dar a Piraquara(,) rumo que me dizem ser o mais justo para Divisão dos Ditos Termos.

Tenho dado Fim na melhor forma que pude Ao que me foi mandado, e se a execução desta matéria não foi Coarente(,) sirva-me de Disculpa a minha Ignorância(,)







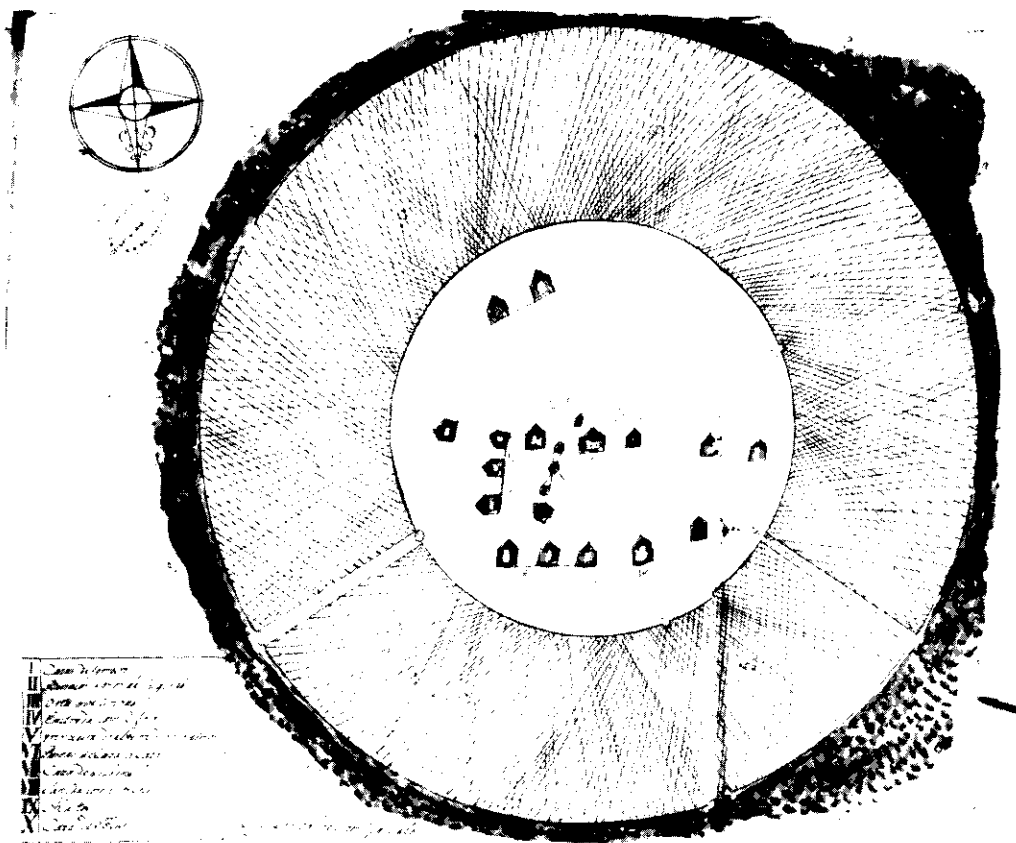
LEGENDAS DOS MAPAS DAS PÁGINAS 104 E 105

Lado esquerdo

- Nº  
95 Rio de Santa Maria Cortona  
94 Até donde chegou a posse dos novos Entrantes.  
93 Lugar de posse  
92 Lugar do Salitre  
91 Quilombo do Catiguá  
90 O Quilombo dos Santos Fortes  
89 Rio da Santa Eria  
88 Pousou em cima da Serra  
87 Lugar que apareceram muntas e grossas fumaças.  
86 O Ribeirão de São Simão  
85 Lugar donde apareceram muntas mais fumaças.  
84 Rio de Santa Úrsula  
83 Morro escaldado  
82 Corgo de São Rafael  
81 Onze mil virgens  
60 Três Barras  
59 Capela do Morais  
58 A barra da Itapecerica  
57 Morro de Calhau de Lima  
56 A ponte do Lopes no pará  
55 Fazenda de Francisco Ferreira  
54 Nossa Senhora d'aparecida do Cláudio  
53 Capela do Carvalho  
52 Arraial do Tamandóá  
51 Fazenda do pousou alegre  
49 A ponte de pedra  
47 Fazenda do Corral  
44 Fazenda da Cachoeira  
43 Bernardo Vieira  
41 A Senhora da Oliveira  
40 Morro do Bicudo  
39 Capela do Rio do pe(i)xe  
38 Ponte no Pará de Alexandre Pereira  
37 A bela Cruz, do Capitão João Teixeira

Lado direito

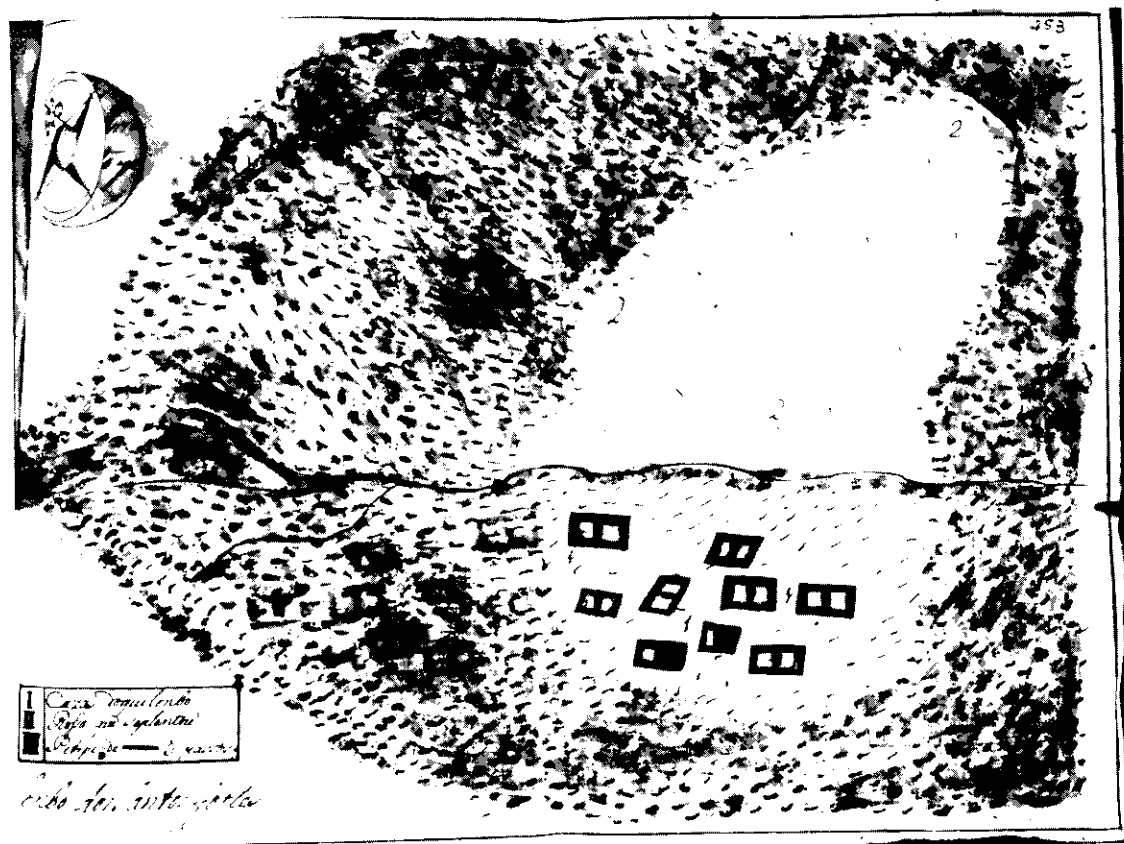
- Nº  
80 Pavação do Rio das velhas  
79 Quilombo de São Gonçalo  
78 Serra de São Pedro de Alcantra  
77 Ribeirão do Sacramento  
76 Quilombo da Sambabaia  
75 Ribeirão do bom Jesus  
74 Quilombo do Ambrósio  
73 Ribeirão da misericórdia  
72 Fazenda da misericórdia  
71 Rio de Santa Taresa  
70 A Matriz da Senhora Santa Ana de Bamboí  
69 A Estância de São Simão  
68 Capela, e ponte de Santa Maria, no Rio de São Francisco  
67 Porto velho  
66 A Senhora do livramento do Piuf  
65 Manoel Barbosa  
64 Fazenda da Capitinga  
63 Fazenda da ponte Alta  
62 Fazenda do Quilombo  
61 Fazenda da Fromiga  
50 Fazenda do Capitão Manoel da Mota Botelho  
48 Ribeirão do po(u)so alegre  
46 O Ribeirão de Santa Ana  
45 Fazenda do Camacho  
42 São Francisco de Paula  
35 Serra da Ibituruna  
34 Rio grande  
33 São Gonçalo da Ibituruna  
32 Capela da Senhora da Conceição  
31 Rio do Jacaré  
16 Fazenda do Capão grosso  
15 Capela de Santiago  
8 Capela de São Gonçalo  
7 Ponte de São Gonçalo  
6 Capela de São Sebastião  
3 A ponte Rial do Rio das mortes  
1 A Vila de São João  
36 Fazenda de Guilherme Terras  
30 O morro do quebra Cangalhas  
29 Fazenda de Bernado Homem  
28 Capela de São João Batista  
27 Fazenda do Ouro fino  
26 Nossa Senhora da Glória do passa tempo  
25 Fazenda da ponte Alta  
24 Capela do Desterro  
23 O Espigão da boa vista até a lagoa  
22 Morro do Corisco  
21 Morro da boa vista  
20 Morro da Galga  
19 Fazenda de Manoel de Araújo Sampaio  
18 Fazenda de Francisco Pinto  
17 O Rio do peixe  
14 Fazenda de José Corre(i)a  
13 O Rio de Santo Antônio  
12 A Capela da Laje  
11 A Lagoa Dourada  
10 A Capela do mosquito  
9 Capela de Santa Rita  
5 Ponte no Rio do Grandaf  
4 A Serra de São José  
2 A Vila de São José



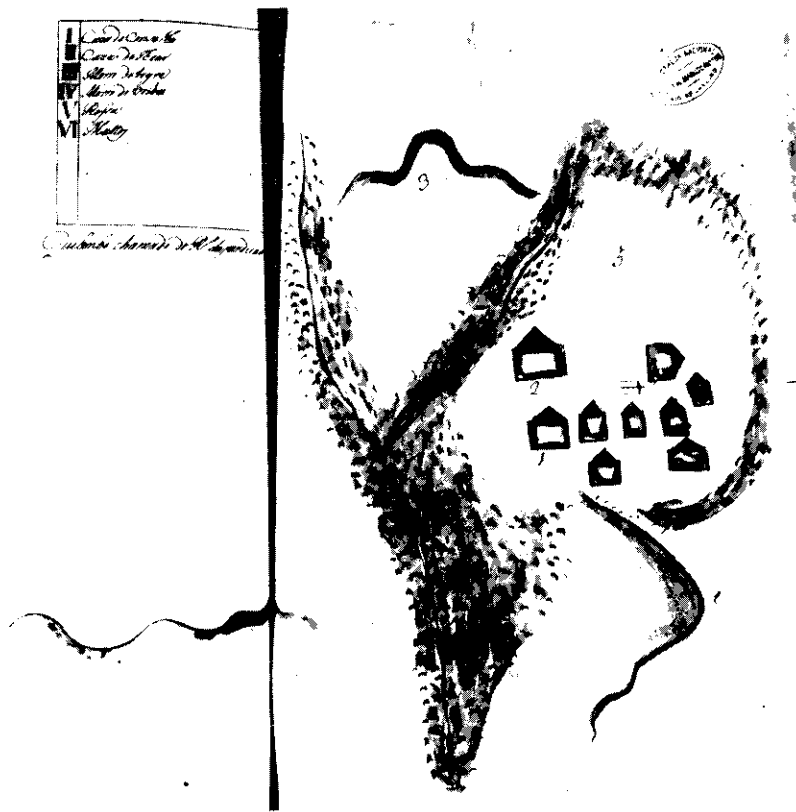
Quilombo de São Gonçalo: I – Casas de ferreiro; II – Buracos por onde fugiram; III – Horta que tinham; IV – Entrada com 2 fojos; V – Trincheira de altura de 10 palmos; VI – Parede de Casa a Casa; VII – Casa de pilões; VIII – Saída com estrepes; IX – Matos; X – Casa de Tear.



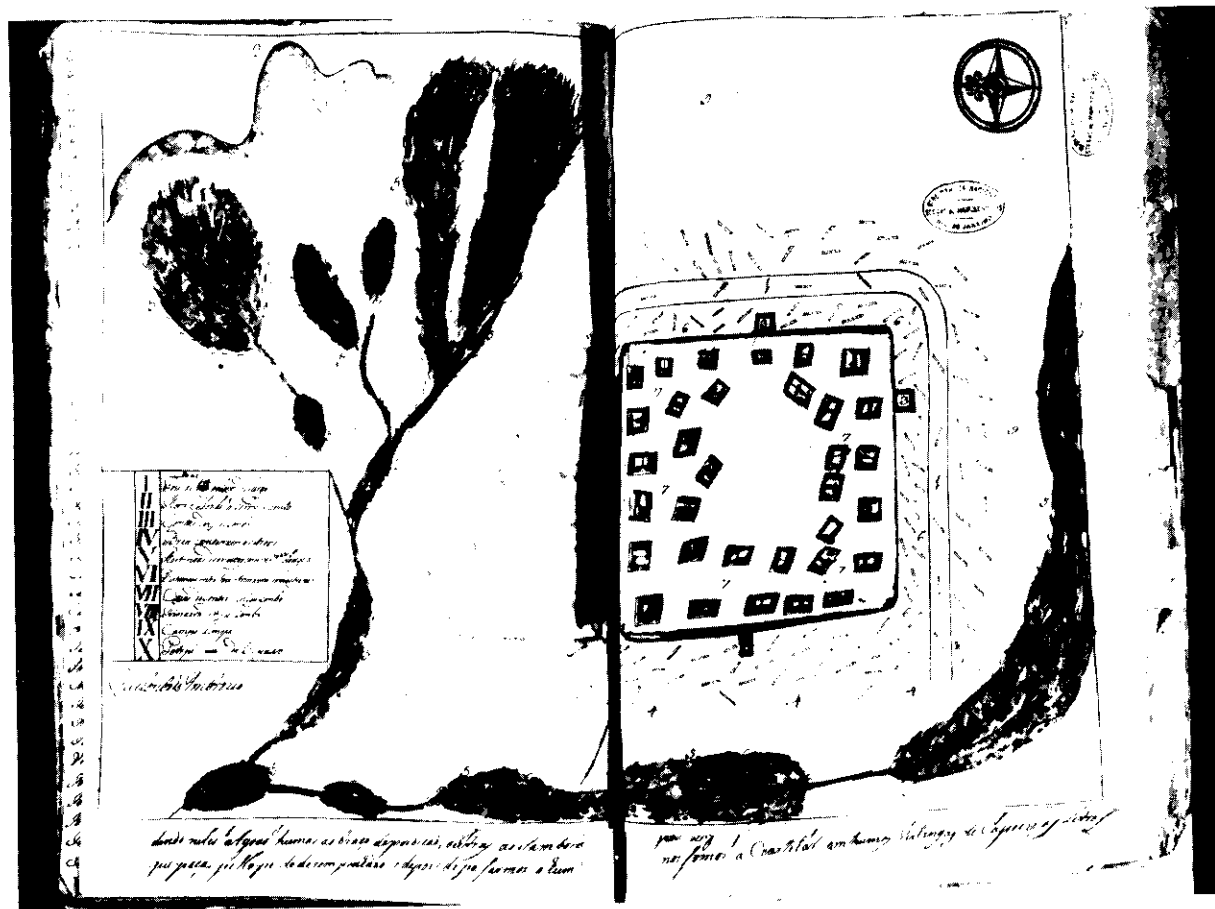
Quilombo de um dos braços da perdição: I – Casa do Rei; II – Casa do Tear; III – Aguada com ua bica; IV – Algozoais; V – Mandiocais; VI – Matos.



Quilombo dos Santos fortes: I – Casas do quilombo; II – Rocha que se plantou; III – Petipé de [-] 5 passos.  
– Petipé: escala de reduções utilizada em mapas e cartas.



Quilombo chamado do Rio da perdição: I – Casa do Concelho; II – Casas do Tear; III – Morro do tigre;  
IV – Morro do Urubu; V – Roça; VI – Matos.



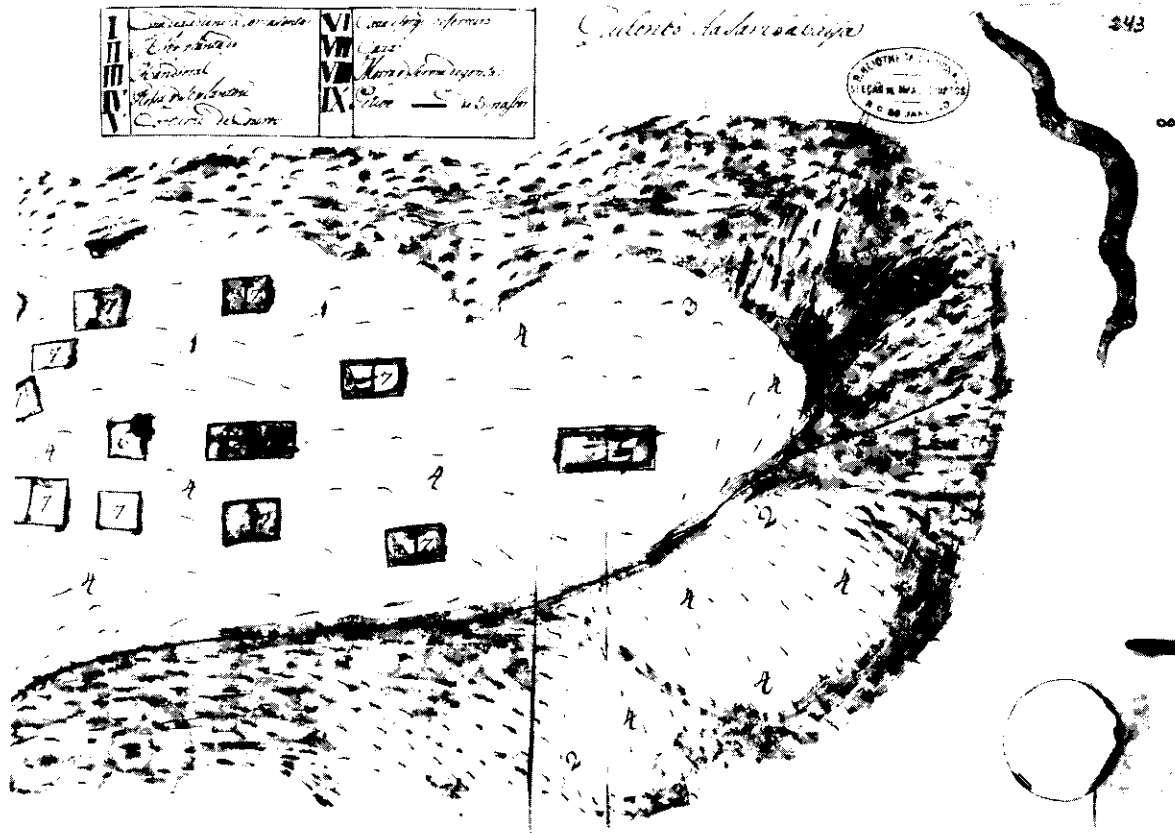
Quilombo do Ambrósio: I – Fosso de 15 palmos de largo; II – Morro redondo que servia de gorita; III – Goritas do Quilombo; IV – Brejo, com buracos e estrepes; V – Restingas de matos com vertentes de água; VI – Distância entre fosso, e trinche(i)ra com estrepes; VII – Casas do Centro do Quilombo; VIII – Trinche(i)ra do Quilombo; IX – Campo Limpo; X – Petipê [...] de 5 passos.



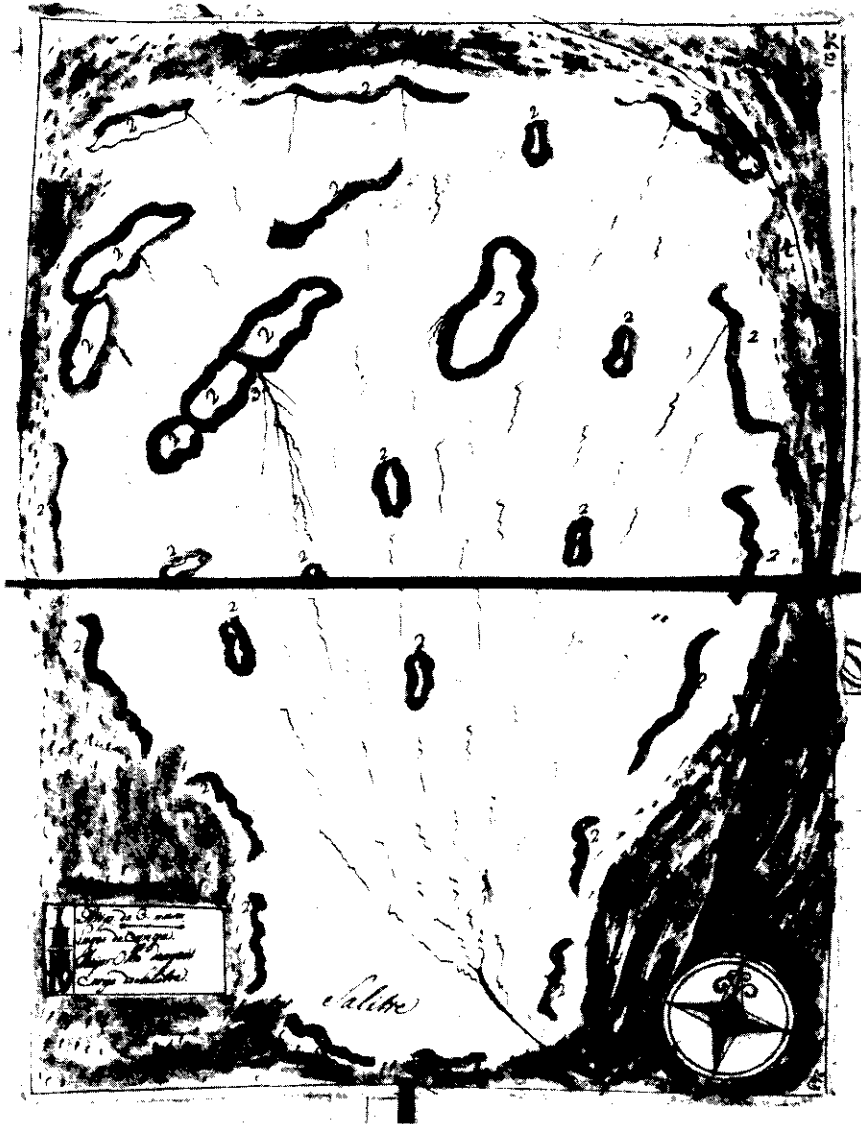
I	Casa de audiência com assentos	VI	Casa e forja de ferreiro
II	Milho plantado	VII	Casas
III	Mandiocal	VIII	Morro que servia de gorita
IV	Roça que se plantou	IX	Petipé [= - =] de 5 passos
V	Cortume de Couros		

Quilombo da Sambaíba

243



Quilombo da Sambaíba: I - Casa de audiência com assentos; II - Milho plantado; III - Mandiocal; IV - Roça que se plantou; V - Cortume de Couros; VI - Casa e forja de ferreiro; VII - Casas; VIII - Morro que servia de gorita; IX - Petipé [= - =] de 5 passos.



Salitre: I – Petipé de 3 passos; II – Lajes de canga; III – Maior Olho de água; IV – Corgo do Salitre.  
– Canga: concentrações de óxido de ferro à superfície do solo.

A FAZENDA DE GERICINÓ  
E O VISCONDE DE SANTO AMARO

Papéis provenientes do Arquivo do Visconde, retratando as atividades da fazenda, seus escravos e contratos. O arquivo do Visconde de Santo Amaro foi adquirido pela Biblioteca Nacional, com procedência da Diretoria da Biblioteca Fluminense, por transferência em 21 de julho de 1916.

Explicação e transcrição pelo Professor Waldir da Cunha,  
chefe da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional

## EXPLICAÇÃO

### *A FAZENDA DE GERICINÓ E O 2º VISCONDE DE SANTO AMARO*

Trata-se de uma *seleção* extraída de um conjunto documental pertencente ao *Arquivo do 2º Visconde de Santo Amaro*, José Carlos de Almeida (1806-1866)<sup>(\*)</sup>, adquirido pela Biblioteca Nacional, procedente da Biblioteca Fluminense por transferência de acervo, em 21 de julho de 1916.

Contém 224 documentos que caracterizam as atividades do 2º Visconde de Santo Amaro, como Administrador da Fazenda de Gericinó entre 1840-1860, destacando-se: Correspondência, Escrituras, Públicas formas, Notas de compra, Ordens de entrega de mercadorias, Faturas, Participação fúnebre, Recibos de casas comerciais, de tratamento de saúde de escravos e relação de bens de inventário.

---

(\*) DiMss – I-9,31.

Houve engano em relação ao nome deste titular a partir de verbete no Arquivo Nobiliárquico dos Barões de Vasconcelos. Foram examinadas as suas assinaturas no Arquivo Histórico do Itamarati, segundo o Prof. Gabriel da Costa Pinto, historiador do Arquivo Nacional.

1916

52

O Ill. Sr. Conde Visconde de Sta Amara

Ao Hospital da Santa Casa da Misericordia

Deve:



Por O dias de tratamento do seu escravo Legimario, crioulo, desde 20 de julho p. fando, até a do corrente

em que falleco: a	1200	75200
Aluguel de caixão, condução e sepultura		5000
	R\$	<u>125200</u>

Escritura da Administracão do Hospital, em 11 de Agosto de 1889.

O Administrador  
Manoel José de Sousa

Recebi o importe da conta acima.

Pois de Lancião 5 de junho de 1890

O Cobrador  
José Rodrigues de Faria

19-43

*A FAZENDA DE GERICINÓ E O 2º VISCONDE  
DE SANTO AMARO*

Papéis provenientes do Arquivo do Visconde  
de Santo Amaro, existentes na Divisão de Manuscritos,  
retratando as atividades da Fazenda, seus escravos  
e contratos.

1. *Contrato que fazem o Visconde de Santo Amaro, como dono da Fazenda de Gericinó, e Geraldo Antonio Pimentel, na qualidade de Administrador da mesma.*

1º O Visconde entrega a Pimentel a sua Fazenda, corrente e moente\*, com noventa e dois escravos de ambos os sexos, com noventa cabeças de gado vacum, trinta e seis ovelhum, três cavalares e muares, o que tudo consta do Inventário, juntos, com seus competentes valores para ele administrar.

2º O Visconde obriga-se a dar a Pimentel pelo seu trabalho 10% do líquido produto, que será calculado, não só depois de deduzidas todas as despesas, como também depois de feito o abatimento nas mortes que tivessem havido durante o ano, nas quais tem Pimentel a sua parte, assistindo-lhe todavia o direito, de reclamar em seu favor igual parte em ter do quanto tiver nascido durante o ano.

3º O Visconde deixa ordem aos Snres. José Antonio Pinheiro Bastos & Cia., morador nesta Cidade, a rua das Violas nº 2, para fornecer a Fazenda com mantimentos, ferragens, remédios, pano de algodão, baeta, mantos, e tudo aquilo que fôr preciso para o seu custeio, e bem assim pagará aos Empregados os seus ordenados.

4º O Visconde deixa como seus Procuradores no Brasil a seu Cunhado o Exmo. Sr. Visconde de Barbacena, e a seu sobrinho o Sr. Capitão José Tomas de Almeida Pereira Valente; devendo Pimentel dirigir-se a qualquer destes Senhores, para tudo quanto for relativo a Fazenda, e lhe fôr mister.

---

(\*) Dizia-se do moinho que se encontrava em bom estado e pronto para o serviço regular e efetivo. Ver Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

5º Este contrato terá vigor por seis anos; e no caso do Visconde querer rescindí-lo, antes de expirar este prazo marcado, deverá ele prevenir a Pimentel três meses antes, e nesse caso proceder-se-a a uma avaliação das plantações por árbitros para seu embolso na proporção que lhe poderia caber, servindo o ano anterior para base de cálculo.

6º Se fôr porém Pimentel, quem precisa sair da Fazenda deverá ele dar seis meses de aviso ao Visconde, por isso que achando-se ele fora do Império não poderá providenciar com tanta facilidade quem o substitua, e nessa hipótese, perderá Pimentel o direito á sua porcentagem no resto da Çafra (*sic*), e mais rendimentos, o que será igualmente calculado, servindo o ano anterior de Casa.

7º Se sobrevier uma epidemia nos escravos, como seja o cólera, ou um mal no gado, o que Deus tal não permita, tomará o Visconde em consideração esta circunstância no ajuste anual das contas. Por outro lado, obriga-se Geraldo Antonio Pimentel: 1º) A tratar o melhor que puder a escravatura, sobretudo em caso de moléstias, não lhe faltando com o necessário, e usando para com ela, uma bem entendida disciplina, evitando tudo aquilo, donde possa resultar perdas devida ou fugidas, o que redundaria em prejuizo do dono, e dos interessados na propriedade. 2º) Pimentel remeterá ao Correspondente nomeado pelo Visconde na Cidade, não só tudo quanto fizer em aguardente e açúcar, como o produto dos pastos, capim e os mais rendimentos, que puder tirar da Fazenda. 3º) Para se poder desempenhar a Fazenda em pouco tempo, é necessário que Pimentel dedique a ela todo o seu tempo, obrigando os outros empregados a coadjuvá-lo, dando-lhe o primeiro exemplo: tornando-se portanto impraticável, que ele tenha lavoura, ou outro qualquer negócio por sua conta, enquanto for Administrador da mesma Fazenda. 4º) Pimentel não poderá distrair escravo da Fazenda para outro qualquer emprego, embora mais lucrativo. 5º) Do momento em que o produto for aumentando e que se possa alargar a lavoura, poderá Pimentel engajar gente livre para esse fim, dando a preferência aquella que souber trabalhar com arado. 6º) Além do gado pertencente a Fazenda, só poderão ser admitidos nos pastos da mesma, animais que forem recebidos a trato, pagando o competente aluguel. 7º) Pimentel conservará todos os edificios existentes no melhor pé possível, não podendo empreender obras novas, a não ser aquelas, que forem indispensáveis para tirar melhor partido dos produtos da mesma Fazenda. 8º) Pimentel remeterá de 3 em 3 meses um mapa do estado sanitário da Fazenda, dos gêneros que tiverem saído, e dos que tiverem entrado, tendo para isso uma escrituração regular.

Além das cláusulas especificadas no presente Contrato, deixará o Visconde uma carta de ordens com instruções mais detalhadas, a qual poderá servir de título para qualquer dúvida que possa por efetivo aparecer.

Para clareza e recíproca segurança passarão-se dois do mesmo teor por ambos assinados ficando dada uma das partes com um em seu poder.

Rio de Janeiro em 1º de junho de 1860

Visconde de Santo Amaro  
Geraldo Antonio Pimentel

Carimbo: "Melhoramento do Meio Circulante. J.B. Rs. 160."

2. *Relação do Gado:*

Trinta bois de carro, ao preço de cada um . . . . .	60\$000
Trinta vacas ao preço de . . . . .	30\$000
Quinze garrotes ao preço de . . . . .	20\$000
Cinco vitelos ao preço de . . . . .	20\$000
Dez bezerros ao preço de . . . . .	15\$000
Dois touros ao preço de . . . . .	100\$000
Vinte e nove carneiros ao preço de . . . . .	10\$000
– Mais pequenos ao preço de . . . . .	5\$000
Uma besta de sela ao preço de . . . . .	80\$000
Um cavalo dito ao preço de . . . . .	60\$000

Rio de Janeiro em 1º de junho 1860

Visconde de Santo Amaro  
Geraldo Antonio Pimentel

3. *Lista da Escravatura de Gericinó com seus Valores*

N <sup>os</sup>	NOMES	OFICIOS	IDADES	VALORES
01	Antero	Falq <sup>or</sup> . Pintor	38	1:600\$000
02	Ruxolina	Cose, Feitora da horta	30	1:600\$000
03	Militão		09	900\$000
04	Victorina		08	800\$000
05	Roque		06	600\$000
06	Eugenia		02	200\$000
07	Pedro	Capataz trata de animais	45	300\$000
08	Bento	Carapina. Barqueiro	48	600\$000
09	Quiteria	Moendeira	36	800\$000
10	Augusta	Mucamba. Cozinha, lava	24	1:800\$000
11	Esperança		08	800\$000
12	Adão		09	900\$000
13	Faustino	Mestre de açúcar. Tan <sup>o</sup> Oleiro	50	1:500\$000
14	Tiburcio	Banqueiro Cavoq <sup>to</sup>	45	500\$000
15	Cristino	Roça	40	400\$000
16	Madalena	Cose, roça	24	1:000\$000
17	Senhorinha	Moendeira, Roça	22	1:000\$000
18	Helena	Cose engoma	20	1:200\$000
19	Vicente		01	100\$000
20	Rozino	Carreiro	16	1:400\$000
21	Henrique	Roça	14	1:000\$000



N <sup>os</sup>	NOMES	OFICIOS	IDADES	VALORES
22	Caetano	Trabalha de arado Carreiro	28	1:500\$000
23	Romana	Cose faz manteiga e queijos	24	1:700\$000
24	João		09	900\$000
25	Antonio		02	200\$000
26	Lino	Feitor	30	1:000\$000
27	Manoel Nagô	Cavoq. <sup>or</sup> Serr. <sup>or</sup> Falq. <sup>o</sup>	40	500\$000
28	Reginalda	Roça	40	200\$000
29	Alexandre	Carapina	45	500\$000
31	João Moçambique	Falq. <sup>o</sup> Cavoq. <sup>o</sup>	40	800\$000
32	Alexandrina	Roça	35	500\$000
33	Sebastião	Aprendiz de Pedreiro	16	1:600\$000
34	Rodrigo	Carreiro	45	1:000\$000
35	Sebastião	Sacristão Carapina Arr. <sup>or</sup>	36	1:800\$000
36	Zacarias	Carr. <sup>o</sup> Falquejador	25	2:000\$000
37	Marcos	Roça	40	200\$000
38	Agostinho	Faz cestos	50	600\$000
39	Inácia	Roça	40	300\$000
40	Justiniano	Carr. <sup>o</sup> Falquejador	40	600\$000
41	Engracia	Coz. <sup>ra</sup> Moendeira	30	1:000\$000
42	Rafael	Pedreiro banqueiro	40	400\$000
43	Hermogenes	Fornoleiro. Roça	22	1:400\$000
44	Afonso	Roça	14	1:400\$000
45	Agata	Roça	20	1:000\$000
46	Diogo		04	400\$000
47	Procopio	Cavoq. <sup>ro</sup> falqueijador	40	500\$000
48	Hipolito	Banq. <sup>ro</sup> Falqueijador	45	200\$000
49	Bernardo	Campeiro	12	800\$000
50	Frederico	Serr. <sup>or</sup> Banq. <sup>ro</sup> Falqueijador	40	1:000\$000
51	Anacleto	Roça	22	900\$000
52	Celestina		05	500\$000
53	José Maria	Serviço de paiol	50	Cego
54	Guimar	Mestra de farinha Moend. <sup>ra</sup>	30	1:000\$000
55	Domingos	Penhor o fole	45	Cego
56	Luis	Cald. <sup>ro</sup> Coz. <sup>ro</sup> Tan. <sup>o</sup> Carapina	50	1:000\$000
57	Escolastica	Feitora	40	600\$000
58	Manoel Correa	Pastor de Carneiro	50	200\$000
59	Justiniana	Cose, roça	18	1:800\$000
60	Bernabé	Pastor das Vacas	48	200\$000
61	Mariana	Roça	40	300\$000
62	Prudencia	Moendeira, cose	26	1:000\$000
63	Fabiana	Cose	40	200\$000
64	Josefa Mina	Serviço do paiol	50	Cega

N <sup>os</sup>	NOMES	OFICIOS	IDADES	VALORES
65	Damazia	Parteira. Lavadeira	50	200\$000
66	Arcangela	Roça	22	1:000\$000
67	Clemencia	Roça	36	600\$000
68	Serafina		09	900\$000
69	Maria d'Assumpção	Enfermeira, lavadeira	42	400\$000
70	Januaria	Cose	18	1:800\$000
71	Marciano	Roça	16	1:500\$000
72	Joana Pinto	Feitora da roça	40	500\$000
73	Maria Barbara	Roça	18	1:600\$000
74	Rufina	Roça	36	300\$000
75	Precilla	Roça	12	1:200\$000
76	Narciza	Vigia de partidos	50	100\$000
77	Natalia	Roça	30	1:000\$000
78	Micaela	Roça	40	200\$000
79	Inês	Lavadeira	40	200\$000
80	Vitória creoula	Cozinha e roça	26	1:000\$000
81	Antonia	Creadeira de Perú	Velha	—
82	Ludovina	Cose, engoma	35	300\$000
83	Eva	Cose	10	1:000\$000
84	Adelaide	Mucamba cozinha cose	28	1:700\$000
85	Manoel f <sup>o</sup> da mesma			100\$000
86	Cezario	Pedreiro	28	1:600\$000
87	Iria	Mucamba, cose, engoma	45	400\$000
88	Constança f <sup>a</sup> de Romana			100\$000
89	Juvencio	Pagem copeiro	17	1:800\$000
90	Maria Bahiana	Cose Cosinha engoma	35	1:600\$000
91	Jorge		02	200\$000
92	Maria Clara		02	200\$000
93	Januario		01	100\$000
94	Custodia	Roça	50	200\$000

NB. Nesta relação saltou-se um número, o que faz que aparecem 94 escravos em lugar de 93.

Rio de Janeiro em 1<sup>o</sup> de junho 1860

Visconde de Santo Amaro  
Geraldo Antonio Pimentel

4. *Alugueis dos Pretos do Exmo. Senr. Visconde de Santo Amaro que faltam receber*

De Antonio de Paula Holanda Cavalcanti, alugueis dos pretos José e Canupe, desde 29 de maio 1849, até 29 de janeiro 1851, 20 meses cada um a 20\$000 . . . . .	800\$000
Antonio José Godinho Junior, alugueis de 2 Pretas Henriqueta e Cosma desde 15 de janeiro 1849, até 15 de fevereiro de 1851, 25 meses cada um a 12\$000 . . . . .	600\$000
Candido Carvalho de Sousa, aluguel do Preto Mariano, ferreiro desde 12 de março 1850, até 18 de fevereiro de 1851 que são 11 meses a 18\$000 . . . . .	198\$000
José Bertrand, aluguel da Preta Josefina, Mina, desde 8 de novembro 1850, até 8 de fevereiro de 1851, 3 meses a 16\$000 . . . . .	48\$000
Castilho Barreto, aluguel do Preto Napoleão, desde 15 de julho a 15 de outubro 1850, 3 meses a 20\$000 . . . . .	60\$000
Cristovão Bonnini por saldo de alugueis dos Pretos que trabalharam na Estrada desde 1º de agosto 1849, até 31 de janeiro 1850 como dos Pontos . . . . .	238\$090

Em consequência de ter adoecido das febres o feitor encarregado destes Pretos; falta obter do mesmo Bonnini a nota dos vencimentos de alguns que ainda trabalharam daquela data em diante: o que apesar de ter-se exigido repetidas vezes, não se pode até hoje conseguir.

O mesmo Bonnini imp<sup>a</sup> de 1 L<sup>a</sup> vencida em outubro de 1849 . . . . . 1:750\$000

Joaquim José de Melo Carão alugueis dos Pretos que andam trabalhando na Estrada de Iguaçu desde 23 de fevereiro 1850: sendo os Cabouqueiros a 24\$000 e os outros a 15\$000 por mês, cuja cobrança deve-se realizar logo que o Governo Provincial, efetive o pagamento.

5. *Relação das faltas encontradas na Fazenda de Gericinó*

A Saber:

- 59 Bois de Carro
- 6 Cabeças de Gado entre vacas e bezerras
- 78 Carneiros
- 3 Animais Cavalares e Muares
- 72 Formas de barro para Açúcar
- 22 Ditas de madeira
- 11 Pipas de Carreto

- 2 Balças
- 20 Enxadas
- 4 Machados
- 19 Peças de forramento de carpinteiro
- 2 Mesas de jogo
- 4 Cadeiras
- 1 Quadro de Santos
- 1 Relógio (no Embargo acha-se mencionado uma Caixa de bronze para relógio)
- 14 Tábuleiros
  - Louça e outros artigos

**LIVRO DE BATISMO DOS PRETOS PERTENCENTES  
À PARÓQUIA DE IRAJÁ,**

Rio de Janeiro, set. 1704 a agosto de 1707. Fragmentos.

Introdução e transcrição de Bartolomeu Homem d'El Rei Pinto,  
Técnico em Pesquisa da Biblioteca Nacional, Divisão de Manuscritos



## INTRODUÇÃO

### *A PARÓQUIA DE IRAJÁ E O BISPO DO RIO DE JANEIRO*

Durante o período compreendido entre os anos de 1702 e 1721, o bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Francisco de São Jerônimo<sup>1</sup>, empreendeu diversas visitas canônicas à diocese. Como não era possível realizá-las sozinho, devido à extensão da diocese, nomeou visitantes idôneos.

A *Divisão de Manuscritos* guarda o fragmento de um códice intitulado “*Registro de batismo de pretos pertencentes à Paróquia de Irajá*”<sup>2</sup>, no seu acervo de fundo antigo, fruto das visitas dos padres João de Barcelos Machado, Frutuoso Pinheiro de Lemos e Tomé Peres da Fonseca.

Ocorrem nesse códice alguns registros de batismo de escravos, com os seus respectivos padrinhos e proprietários, estimando-se em cerca de 188 proprietários e 709 escravos.

Dentre os proprietários, destacam-se João de Andrade Rego, proprietário do Engenho de Irajá, e a família Paredes, como uma das maiores proprietárias de escravos daquela paróquia.

Nos batismos incluem-se, algumas vezes, os exorcismos dos recém-nascidos e a catequização dos adultos. Entre os padrinhos, aparecem negros escravos, livres, libertos e forros.

A transcrição paleográfica ora apresentada mantém a grafia original. Algumas palavras não puderam ser transcritas por estarem ilegíveis, em virtude do estado precário do documento (estão substituídas por pontilhados).

O documento é rubricado por Francisco, bispo do Rio de Janeiro.

- (1) Dom Frei Francisco de São Jerônimo nasceu em Lisboa, em 1638, e morreu no Rio de Janeiro, em 1721. Bispo do Rio de Janeiro, criou, em Minas Gerais, 40 freguesias; fundou, no Monte da Conceição, o Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda e substituiu, por três vezes, aos governadores do Rio de Janeiro. In *Roteiro dos Bispos do Brasil e seus respectivos bispos*. Pelo Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar. Tip. Cearense, 1864. p. 105/111.
- (2) DiMss II, 32, 10, 17.

Anexo ao texto transcrito, inserimos, em ordem alfabética, uma relação dos proprietários, com o número de escravos pertencentes a cada um deles.

A importância desse documento é que ele representa uma fonte de estudo para a história da paróquia, para estudos genealógicos de seus habitantes, além de situar a origem de alguns negros, destacando-se os *Fullas*<sup>3</sup>, os de *Luanda* e os de *Mina*.

*Bartolomeu Homem d'El-Rei Pinto*  
Técnico em Pesquisa da Biblioteca Nacional  
(Divisão de Manuscritos)

---

(3) Antiga designação de um grupo de negros originários da Guiné (África), de cabelos encarapinhados e cor mais ou menos baça.



“LIVRO DE BAPTISMO DOS PRETOS.”

Franc<sup>o</sup> Bispo do Rio de Janeiro

1704

f. 9

Severina  
Cipriana      Aos quatro de Setembro de mil, e Setembro, digo de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Severina e Cipriana Irmãs gêmeas filhas de Izabel escrava de Antonio de Andrade, nomearão lhe por pae a João escravo do dito, forão padrinhos de Severina Joseph Pereira, e Gracia escrava de Christovão Lopes; e padrinhos de Cipriana Antonio Rodrigues, e Theodozia, escrava do Predito Christovão Lopes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Florencia      Aos Sete de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Florencia filho Legitimo de Francisco, e de sua mulher Maria do gentio da terra, do Serviço do Capitão Mor Garcia Rodrigues Paes; forão Padrinhos Fernão Dias Paes, e Maria Dias.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Lourenço      Aos Sete de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos, a Lourenço filho Legitimo de Antonio, e de sua mulher Gracia escravos de Antonio de Mattos, forão Padrinhos Miguel escravo do dito, e Cosma da S...

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Augustinho      Aos Sete de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Augustinho filho de Brizida escrava de Christovão Lopes Leitão, nomearão lhe por pae Ventura da Fonseca; Solteiro, forão padrinhos Manoel Correa Somente.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Miguel      Aos Sete de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Miguel filho de Julliana escrava de Domingos da Silva, nomearão lhe por pae Henrique Mendes, forão padrinhos Manoel .... do Rozario, e Luzia Simoens Collaço.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Mariana      Aos oito de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Mariana filha de Julliana escrava de Francisca Valente, nomearão lhe por pae Manoel escravo de Antonio Pires, forão padrinhos ...., e Sebastiana escravos de Rodrigo Mendes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Sebastiana Aos doze de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Sebastiana filha de .... escrava de Chrispim ..., nomearão lhe por pae A..., forão padrinhos .... Gomes, e Francisca de ...

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Miguel Aos dezasete de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Miguel Filho Legitimo de Miguel, e de sua mulher Luzia escravos de Manoel Martins Soares; forão padrinhos Salvador Mendes, e Paula Cardoza mulher de Paulo Dias.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Maria Aos vinte e Sinco dias do Mes de Setembro de mil, e Sete Centos e quatro baptizei, e pus os Sanctos oleos a Maria filha de Francisco, e de Thereza ambos do gentio de guinë escravos de N. S. do Desterro; foi Madrinha Luzia preta escrava de N. S. do Desterro.

Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> Lemos

Angela Aos vinte e oito de Setembro de mil e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Angela filha Legitima de João, e de sua mulher Cecilia escravos do Douctor Augustinho de Paredes, forão padrinhos Francisco de Paredes, e Angela de Paredes, digo Izabel de Paredes.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Hieronimo Aos vinte e oito de Setembro de mil, e Setecentos, e quatro, baptizei e pús os Sanctos oleos a Hieronimo filho Legitimo de Francisco, e de sua mulher Esperança escravos do Capitão Manoel Vidal, forão padrinhos Thomé Correa Izabel Gonçalves.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Vimos em vizita este livro de bautismo dos Pretos E mandamos Se continue na mesma Forma.

Iraja 30 de Setembro de 1704

Fran.<sup>co</sup> Bispo do Rio de Janeiro

1704

fl. 9v

Ignes Ao primeiro de outubro de mil, e Setecentos, e quatro baptizou, e pos os Sanctos oleos o Reverendo Padre Coadjutor F.... Pinheiro, a Ignês filha de Urbana escrava de Estevão Machado, forão padrinhos Phelippe de Almeida e Thereza de Souza.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

- Nicolao      Aos Sinco de outubro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei e pús os Sanctos oleos, a Nicolao, filho de Joanna escrava do Capitão Manoel Netto Barretto, forão padrinhos Ignacio e Elena escravos tambem do dito.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Maria        Aos oito de outubro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos, a Maria filha de Magdalena escrava de Luzia Pinheira de Cisneiros nomearão lhe por pae a Joseph pardo escravo de Manoel Nunes de Souza, forão padrinhos Custodio de Araumo Goes, e Ursula de oliveira.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Thereza     Aos onze de outubro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thereza filha Legitima de Sebastião e de sua mulher Domingas, escravos do Licenciado Theodozio Pereira, forão padrinhos Miguel e Perpetua escravos de Pedro Mendes.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Michaela    Aos doze de outubro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Michaela, filha Legitima de Manoel Nunes e de Sua mulher Suzana escravos de Francisco de Seixas, forão padrinhos Joseph Gomes, e Ignacia de Campos.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Ignacia     Aos vinte e seis de outubro de mil, e Setecentos, e quatro pús os Sanctos oleos e fis os exorcismos, a Ignacia filha de Floriana escrava do Capitão Ignacio Correa da Silva, a qual por estar em perigo de vida foi baptizada em caza e a baptizou o dito Capitão Ignacio Correa da Silva, e por ora consta, que a baptizou na forma da Igreja lhe pús somente os Sanctos oleos, e fis os exorcismos.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Ricardo     Aos vinte e oito de outubro de mil, e setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ricardo filho de Maria, escrava de ..., nomearão lhe por pae..., forão padrinhos Manoel ..., e Maria Rodrigues.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Salvador    Aos trinta de outubro de mil, e setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Salvador filho de Roza escrava de João Bernardes, forão padrinhos, Vascos Dias e Anna Correa Viana.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

- Miguel      Aos nove de Novembro de mil, e Setecentos e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Miguel filho Legitimo de Francisco e de sua mulher Luzia escravos do Capitão Ignacio Correa da Silva, forão Padrinhos Alexandre escravo de Francisco Pereira Valle, e Maria escrava de Antonio Marques Esteves.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Paulo      Aos nove de Novembro de mil, e Setecentos e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Paulo filho de Matheus e de sua mulher Branca escravos de Manoel da Costa Albernás, forão Padrinhos Matheus escravo de Antonio Ferreira da Costa e Catharina da Costa escrava de Vicente Thiers.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Anna      Aos nove de Novembro de mil, e Setecentos, e quatro, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Anna filha de Maria escrava de Domingos de Amaral, nomearão lhe por pae a João escravo de Jonnas de Soberal, forão padrinhos Antonio escravo de Maria Ribeira, e Maria escrava do R.<sup>do</sup> P.<sup>re</sup> Manoel Soares da Rocha.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Florentina      Aos dezaseis de Novembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Florentina filha de Manoel, e Andreza escravos de Domingos Soares, filha Legitima por serem cazados o dito Manoel, e Andreza, forão padrinhos Jullião de Maya, e Lourença escrava de Francisco de Oliveira Guimaraens.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Antonia      Aos vinte, e quatro de mil, e Setecentos, e quatro, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonia filha de Mariana escrava de Caza do Cap.<sup>am</sup> Mor Garcia Rodrigues Paes, forão padrinhos Fernão Dias Paes, e Maria Dias declaro que foi aos vinte e quatro de Novembro.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Thereza      Aos vinte e quatro de Novembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thereza filha de Joanna escrava de serviço do Cap.<sup>am</sup> Garcia Rodrigues Paes, forão Padrinhos Fernão Dias Paes, e Maria Dias.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Andre      Aos trinta de Novembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos, a Andre filho de Maria, escrava de Antonio Ferreira da Costa, nomearão lhe por pae João escravo do dito, forão padrinhos

Manoel tambem escravo do dito Antonio Ferreira, e Gracia escrava do Cap.<sup>am</sup> Ignacio da Silveira Villalobos.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

1704

fl. 10

Cecilia      Aos trinta de Novembro de mil e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Cecilia filha de Phelippa escrava do L.<sup>do</sup> João Pereira Barretto, nomearão lhe por pae Antonio Pereira; forão padrinhos Manoel de Barcellos Maçiel, e Paula de Almeida Maçiel.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

João      Aos Seis de Dezembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, a João, filho de Cecilia escrava do Douctor Antonio de Barros foi padrinhos Miguel de Paredes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Andreza      Aos Sete de Dezembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei a Andreza filha Legitima de Antonio e de sua mulher Maria escravos de Pedro Mendes Henriques, forão padrinhos Sebastião escravo do L.<sup>do</sup> Theodozio Pereira, e Perpetua escrava do dito Pedro Mendes Henriques.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Francisco      Aos quatorze de Dezembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Francisco filho de Pedro, e de sua mulher Catharina, escravos de Guine de Simão Rodrigues, forão padrinhos Raphael escravo de George da Costa e Dorothea de Manoel de Souza Antunes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Michaela      Aos vinte e hum de Dezembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a Michaela filha de Maria de Guine escrava do Alferes Francisco de Maçedo Freire, forão Padrinhos Manoel e Joanna escravos tambem do dito.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

João      Aos vinte e oito de Dezembro de mil, e Setecentos, e quatro baptizei, e pús os Sanctos oleos a João filho de Marcella escrava do Douctor Augustinho de Paredes, foi padrinho Miguel de Paredes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Antonio      Aos vinte e Sinco de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonio filho de Maria escrava de Chrispim Serrão

Freire; forão padrinhos Manoel de Azevedo e Antonia escrava de Luiza Alvers.

João de Barcellos Machado

Brisida AOs vinte e Sinco de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Brisida filha de Monica escrava de Antonio Ferreira da Costa, forão padrinhos Joseph de Paredes, somente.

João de Barcellos Machado

Anna AOs trinta dias do mes de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Anna filha de Izabel, escrava de Christovão Lopes Leitão, forão padrinhos Joseph Pinheiro de Maçedo, e Anna de Jesus mulher de Duarte Correa.

João de Barcellos Machado

Hilaria AOs trinta de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Hilaria filha Legitima de Matheus, e de Sua mulher Joanna escravos do Reverendo Padre Francisco de Paredes, forão padrinhos Gaspar escravo de Manoel Coelho, e Maria escrava do dito R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup>

João de Barcellos Machado

Sebastiana Ao primeiro de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Sebastiana filha de Ignacia Solteira escrava de Manoel Coelho, nomearão lhe por pae Gabriel de Paredes forão Padrinhos Manoel Ferreira, e Seraphina escrava do dito.

João de Barcellos Machado

Izabel AOs dous dias do mes de Fevereiro de mil, e Setecentos, e sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Izabel filha de Maria escrava pertencente aos bens da Igreja de Nossa Senhora do Desterro da Cidade do Rio de Janeiro, forão Padrinhos Salvador, e Thereza escravos pertencentes tambem aos ditos bens de Nossa Senhora do Desterro.

João de Barcellos Machado

Antonio AOs oito de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonio filho de Catharina, escrava de Manoel Machado forão padrinhos Paschoal Mansagano escravo de Manoel de Souza, e ...escrava de Domingos Ribeiro.

João de Barcellos Machado

Mariana AOs oito de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Mariana filha Legitima de Matheus, e de Luzia escravos de Maria

de Assumpção, Donna Viuva, forão Padrinhos Domingos Gomes escravo de Bernardo Jurdão, e Barbara Escrava de Sebastião Monteiro de Crasto.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Ignacio      Aos oito de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignacio filho de Suzana escrava de Francisco de Sá Sotto mayor; forão padrinhos Domingos escravo de Pedro Dias Pereira, e Maria escrava do dito Francisco de Sá.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

1705

f. 10v

Luzia      Aos quinze de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sinco, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Luzia filha de Lucreçia Solteira escrava de Manoel de Paredes da Costa, forão padrinhos Antonio Rodrigues Ramires, e Antonia da Silveira escrava do Cap.<sup>am</sup> Ignacio da Silveira Vilalobos.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Maria      Aos dezasete de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Maria Adulta do gentio da Mina escrava de Francisco Paes Correa, a qual foi cathequizada em .... da .... mentos em ... Nossa Sancta Fé, e pello achar. . . . as, a baptizei forão Padrinhos Theodoro escravo do dito Francisco Paes, e Catharina de Souza escrava do R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Bento Correa Coutinho.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Ignacia      Aos vinte, e tres de fevereiro de mil, e setecentos, e Sinco baptizei e pús os Sanctos oleos a Ignacia filha de Izabel Solteira escrava de Manoel Rodrigues da Costa; nomearão lhe por pai a Domingos escravo do dito; forão padrinhos Fernando Cabral de Souza, filho do difunto Domingos Cabral, e Joanna parda, escrava de Manoel Rodrigues Franco.

O' P.<sup>e</sup> Thome Peres da Fonseca

Caetana      Aos vinte e quatro de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizou, e pús os Sanctos oleos a Caetana filha de Antonia escrava do capitão Manoel Pinto Duarte; o R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Thome Peres da Fonseca de Licença minha; nomearão lhe por pae a Domingos da mesma caza forão padrinhos João escravo de Donna Margarida Pimenta, e Maria escrava de Domingos da Costa Leite.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

- Paschoal    Aos oito de Março de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Paschoal filho de Maria fulla, escrava de Manoel Paredes Costa, nomearão lhe por pae a Antonio escravo do dito forão padrinhos Domingos, tambem escravo do dito, e Ignês escrava de Manoel Pestana de Britto.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Luiza        Aos oito de Março de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos, a Luiza filha Legitima de João, e de sua mulher Marçella escravos de Manoel de Paredes de Britto, digo da Costa, forão Padrinhos Custodio, da Silveira, e Valleria escravos do Capitão Ignacio da Silveira Villalobos.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Alexandre    Aos oito de Março de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Alexandre filho Legitimo de Manoel, e de sua mulher Paschoa, escravos do Capitão Manoel Vidal, forão padrinhos Simão escravo de João de Andrade Rego, e Monica escrava de Alexandre Pereira.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Victoriana    Aos nove de Março de mil, e Setecentos, e Sinco, baptizei, e pús os Sanctos, oleos a Victoriana filha de Catharina pagã, e de Amaro pagão, escravos de Miguel Lopes de Carvalho, forão padrinhos Miguel Soares, e Maria da Gama.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Jacinta        Aos quatorze de Março de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Jacinta filha de Margarida escrava de Francisco Ribeiro Passos; forão Padrinhos Antonio Cardozo, e Maria Pinheira mulher de João Vieira.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Dorothea     Aos dezaseis de Março de mil, e Setecentos, e Sinco, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Dorothea filha de Maria parda escrava de Manoel Rodrigues da Costa, nomearão lhe por pae Antonio Gomes Solteiro forão Padrinhos Fernando Cabral e Francisca Nuncs Xavier;
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Josepha        Aos dezanove de Março de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Josepha filha Legitima de Pedro e de sua mulher Maria escravos do Douctor Augustinho de Paredes, forão padrinhos Matheus, e Maria escravos do dito Douctor.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>



Salvador    Aos vinte e dous de Março de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Salvador filho de Francisca escrava de Chrispim Serrão Freire, a qual baptizei sub conditione, por ser baptizado por Ventura de Figueiredo, nascendo com perigo de vida, e por não apparecer o dito Ventura de Figueiredo, para me informar da forma, em que a baptizou; forão padrinhos Paulo Pinto, e Francisca de Abreu.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Luis        Aos dezoito de Abril, de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Luis adulto do gentio da Mina escravo de Ignacio Pereira Leão forão Padrinhos Clemente e Branca escravos do dito Ignacio Pereira.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

1705

fl. 11

Alberto    Aos dous de Mayo de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Alberto filho de Monica escrava de João do Couto Ferreira, nomearão lhe por pae a Francisco de Figueiredo, forão padrinhos Luis de Moura, e Paschoa minha escrava.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Antonio    Aos Sete de Mayo de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonio filho de Izabel escrava de Suzana Ferreira Viuva nomearão lhe por pae Joseph Jordão, forão Padrinhos Manoel Moreira da Costa, e Ignês Morcira da Costa mulher de .... Rodrigues Moreira.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Domingos    Aos dez de Mayo de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Domingos filho Legítimo de Antonio B... e de sua mulher Josepha.... escravos de Domingos Alvares Cazaro, forão Padrinhos ....., ga....lla escravos do dito Domingos Alvares Cazaro.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Joseph    Aos quinze de Mayo de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Joseph filho de Phelipa escrava do Reverendo Padre Manoel Soares da Rocha forão padrinhos Pedro escravo do dito R.<sup>do</sup> Padre; e Thereza escrava do Engenho de João de Andrade Rego.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Domingas Aos vinte e quatro de Mayo de mil, e Setecentos, e Sinco Baptizei, e pús os Sanctos oleos a Domingas filha de Maria escrava de Antonio Marques Esteves, forão Padrinhos Bento de Souza Motta, e Francisca da Costa mulher de Luis de Moura.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Augustinho Aos vinte e Sinco de Mayo de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Augustinho filho Legitimo de Paschoal pardo, e de sua mulher Ascensa escravos de João Affonço do oliveira; forão padrinhos Manoel de Gouvea Somente.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Sebastião Aos trinta de Mayo de mil, e Setecentos e Sinco, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Sebastião filho Legitimo de João e de sua mulher Maria, escravos de guinë de Manoel Dias Garcia forão padrinhos Joseph de Faria, e Leonor Rodrigues.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Bernardo Aos trinta e hum de Mayo de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Bernardo filho de Francisco e de sua mulher Elena escravos de Domingos Alvares Cazado, forão padrinhos Bernardo Gomes, e Escholastica de Soberal.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Joanna Aos dous de Junho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Joanna filha de Maria escrava de Luzia Carvalho digo Catherina Carvalho Viuva; forão padrinhos João escravo do Cap.<sup>2<sup>m</sup></sup> Ignacio da Silveira Villalobos, e Anna Mendes escrava de Sebastião Monteiro; e nomearão lhe por pae a Manoel escravo do dito Sebastião Monteiro.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Antonia Aos Sete de Junho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonia adulta do gentio da Mina, Sendo primeiro introduzida, nos Misterios da Nossa Sancta Fé a qual Antonia he escrava de João Ribciro de Menezes, forão padrinhos Domingos, e [Anna] escrava de Joseph Pacheco de Azevedo.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Joseph Aos quatorze de Junho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Joseph filho de Esperança escrava de Sebastião Monteiro, nomearão por pae Sebastião escravo do dito Sebastião Monteiro,

forão padrinhos Manoel de Souza e Maria escrava pertencente a Nossa Senhora do Desterro.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Luzia      Aos quatorze de Junho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Luzia filha de Escolastica escrava de Sebastião Monteiro, nomearão lhe por pae Joseph da [Paixão]; forão Padrinhos Ursula de oliveira e Manoel de Souza.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Antonio      Aos vinte e hum de Junho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei sub conditione a Antonio filho de Maria escrava de Manoel Rodrigues Franco, o qual elle dito.... baptizou em cazo de necessidade, e Eu ad cautellam o baptizei sub conditione e lhe pús os Sanctos oleos, o qual he filho Legitimo da dita Maria e de seu Marido Pedro....., forão padrinhos Francisco de Souza, e Anna Soares mulher de Vasco Dias.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

1705

fl. 11v

Josepha      Aos vinte e hum de Junho de mil, e Setecentos e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Josepha filha Legitima de Pedro e de sua mulher Maria escravos do Capitão Francisco Viegas de Azevedo, forão padrinhos Francisco escravo de Joanna do Soberal, e Antonia Fernandes.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Joanna      Aos vinte e hum de Junho de mil e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Joanna Legitima de Leandro e de sua mulher Floriana escravos de Manoel Dias Garcia; forão padrinhos Ruffino da Costa, e Thereza de Seixas.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Valeria      Aos vinte e oito de Junho de mil, e Setecentos e Sinco, baptizou, e pos os Sanctos oleos com minha Licença o R.<sup>do</sup> Padre Thomê Peres da Fonseca a Valeria filha Legitima de Lourenço e de sua mulher Serephina escravos de Manoel Paredes da Costa, forão padrinhos Antonio Rodrigues Ramires.

João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

Florencia      Aos Sete de Julho de mil, e Setecentos, e Sinco com minha Licença o R.<sup>do</sup> Padre Thomê Peres da Fonseca baptizou, e pos os Sanctos oleos a

Florencia filha de Esperança Escrava de Anna Mendes Viana, nomearão lhe por pae o Alferes Augustinho Monteiro mosso Pardo; forão Padrinhos Manoel de Barcellos Maciel, e Sebastiana de Paredes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Cactano Aos doze de Julho de mil, e Setecentos e Sinco de Licença minha o R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Thomê Peres da Fonseca baptizou, e pos os Sanctos oleos a Caetano filho Legítimo de Salvador e de sua mulher Paula escravos do Capitão Francisco Viegas de Azevedo; forão Padrinhos Joseph Ramalho, e Violante de oliveira.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Pedro Aos doze de Julho de mil, e Setecentos, e Sinco, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Pedro filho de Paula escrava de Manoel dos Sanctos Moreira; forão padrinhos Clara, e Matheus, escravos de João Morcira.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Marcella Aos doze de Julho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Marcella filha de Maria escrava de Christovão de Azevedo, forão digo nomearão lhe por pae a João escravo do dito forão Padrinhos João Machado digo de oliveira, e Maria Jordão.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Antonio Aos vinte de Julho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonio filho de Agueda escrava de Pedro Jacome Vieira, forão padrinhos Francisco Moreira da Costa e Antonia da Costa Moreira mulher de Francisco Ribeiro Passo.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Antonia Aos vinte e Sete de Julho de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonia filha de Domingas escrava de Domingos Garces Palha, nomearão lhe por pae Antonio Rodrigues Cruz; foi padrinho o dito Domingos Garces Palha.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Domingos Aos vinte e nove de Julho de mil, e Setecentos e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Domingos filho de Antonio Congo, e de sua mulher Mariana escravos do R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Manoel Soares da Rocha forão padrinhos Paulo da Fonseca, e Lourença escrava de Francisco de oliveira.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Antonio      Aos trinta e hum de Julho de mil, e Setecentos, e Sinco com Licença minha baptizou, e pôs os Sanctos oleos o Reverendo Padre Gregorio Pinto Correa a Antonio filho de Lourença MameLuca, do serviço de Donna Catharina, forão Padrinhos o R.<sup>do</sup> Padre Ignacio Correa da Silva e Donna Brites de Sá filha do Alferes Francisco de Maçedo Freire.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Joseph      Aos dous de Agosto de mil, e Setecentos, e Sinco com Licença minha baptizou e pôs os Sanctos oleos o Reverendo Padre Gregorio Pinto Correa a Joseph filho de Joseph da Pontes, e de sua mulher Messia digo Marisa da Costa escravos de Manoel Lopes, forão padrinhos Garcia de Sa... e Ursula da Costa.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Domingas    Aos nove de Agosto de mil, e Setecentos, e Sinco com minha Licença baptizou e pôs os Sanctos oleos o Reverendo Padre Gregorio Pinto Correa a Domingas filha de Sebastião da Rocha e de sua mulher Luzia escravos de Bento da Rocha, forão Padrinhos, [Garcia] de Manoel Rodrigues Franco, e Maria grande escrava de Francisco de Seixas.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

1705

f. 12

Hieronimo    Aos treze de Agosto de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Hieronimo filho de Pedro e de sua mulher Esperança escravos de Miguel Machado Homem forão Padrinhos Alberto, e Luzia de Lemos.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Ignacia      Aos quinze de Agosto de mil e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignacia filha de Suzana, escrava de Manoel Barboza digo escrava de Christovão Lopes Leitão nomearão lhe por pae a Bonifacio, escravo do dito Christovão Lopes Leitão foi Padrinho Cipriano da Silva.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Francisco    Aos trinta de Agosto de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Francisco filho de Maria escrava do Reverendo Padre Francisco de Paredes; forão padrinhos Bertholameu escravo de João [Afonço] de oliveira, e Izabel escrava do Alferes Manoel Coelho Borges.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

- Miguel      Aos treze de Setembro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Miguel filho de Anna escrava de Antonio Ferreira da Costa forão padrinhos Gaspar da Silva, Paschoa Nunes.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Ventura      Aos treze de Setembro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ventura filho de Martha escrava do Alferes Pedro de Azevedo, nomearão lhe por pae Manoel escravo do dito Pedro de Azevedo; forão Manoel de Silveira e Anna Soares.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Manoel      Aos dezanove de Setembro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Manoel filho de Maria escrava de Thome da Costa e forão padrinhos João da Costa, e Magdalena escrava de Francisco Garcia Fidalgo. nomearão lhe por pae Antonio Cardozo.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Manoel      Aos vinte de Setembro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei a Manoel, e lhe pús os Sanctos oleos filho de Damião, e de sua mulher Elena escravos de Antonio Gonçalves, da Silva; forão Padrinhos Marcello Pinto, e Ursula da Costa.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Maria      Aos vinte de Setembro de mil e Setecentos, e Sinco baptizei, sub conditione, e pús os Sanctos oleos a Maria filha de Maria escrava de Gonçallo Gomes, o qual por nascer a criança com perigo de vida, a baptizou, e por não aparecer o dito Gonçalo Gomes, para me informar de como a baptizou; ad cautellam a baptizei sub conditione; forão Padrinhos Marcos Rodrigues, e Leonor Rodrigues.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Ignacio      Aos quatro de Outubro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignacio filho de Maria escrava de Manoel Barboza Lima, nomearão lhe por a Manoel Leitão Solteiro, e a dita Maria tambem he Solteira; foi padrinho Salvador da Fonseca.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Damião      Aos quatro de outubro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos e Damião, filho de Maria escrava de Francisco Garcia Fidalgo nomearão lhe por pae a Manoel escravo do dito Francisco Garcia

Fidalgo; forão padrinhos Antonio Soares, e Maria escrava do dito Francisco Garçia Fidalgo.

João de Barcellos Machado

Dionisia      Aos vinte e Sinco de outubro de mil, e Setecentos, e Sinco, baptizei, e pús os Sanctos oleos, a Dionisia filha de Joanna escrava do Capitão Ambrosio de Souza, forão padrinhos Manoel de Barcellos Maçiel, e Martha Souza.

João de Barcellos Machado

Victoria      Aos vinte, e oito de outubro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Victoria filha de Graçia escrava de Maria Tourinha Donna Viuva, forão padrinhos Manoel de Barcellos Maciel, e Francisca escrava da dita Maria Tourinha.

João de Barcellos Machado

Joseph      Aos oito de Novembro de mil, e Setecentos e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Joseph filho Legitimo de Bertholameu, e de sua mulher Catharina escravos do Capitão Ignacio Correa da Silva forão Padrinhos Ignacio da Silveira, e .... escrava de Manoel Lins.

João de Barcellos Machado

Balthazar    Aos quinze de Novembro de mil, e Setecentos, e Sinco, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Balthazar filho de Domingas Solteira escrava de Miguel Domingues de Carvalho, nomearão Ihe por pae a João escravo de Francisco de oliveira forão Padrinhos Maria Fernandes, e João escravo do Reverendo Padre Manoel Soares.

João de Barcellos Machado

Antonia      Aos vinte e dous de Novembro de mil, e Setecentos e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonia filha de Eugenia escrava parda dos herdeiros de Joanna de Soberal Donna viuva ja defunta; foi padrinho o Capitão Ignacio Correa da Silva.

João de Barcellos Machado

1705

fl. 12v

Simoa      Aos vinte e dous de Novembro de mil e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Simoa filha Legitima de Salvador, e Angela escravos cazados de Joseph de Almeida, forão Padrinhos João de Barcellos Machado digo João da Silveira, e Maria da Conceição.

João de Barcellos Machado

- Maria      Aos vinte e quatro de Novembro de mil, e Setecentos, e Sinco o Reverendo Padre Thomê Peres da Fonseca de Licença minha baptizou, e pos os Sanctos oleos a Maria filha Legitima de Diogo, e de sua mulher Maria ambos do gentio de Guinë escravos do Capitão Francisco Viegas de Azevedo, forão padrinhos Balthazar dos Reis Viegas, e Julliana, escrava do dito Capitão Francisco Viegas de Azevedo.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Andre      Aos treze de Dezembro de mil, e Setecentos, e Sinco o Reverendo Padre Thomê Peres da Fonseca, de Licença minha baptizou, e pos os Sanctos oleos, a Andre filho de Maria escrava de Anna Correa, nomearão lhe por pae a Simão escrava da dita; forão padrinhos Ignacio de Britto escravo do Sargento Mor Gaspar de Britto Soares, e Maria de Souza escrava do Reverendo Padre Bento Correa de Souza Coutinho.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Thomasia      Aos vinte e nove de Dezembro de mil, e Setecentos, e Sinco baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thomasia filha Legitima de Salvador, e sua mulher Maria escravos de Nossa Senhora de Desterro; forão padrinhos Luis de Barros, e Paula escrava de Sebastião de Monteiro.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Cecilia      Aos sete de Janeiro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Cecilia filha de Elena escrava de Donna Margarida Pimenta, forão padrinhos Antonio da Fonseca e Francisca escrava do R.<sup>do</sup> Desb. D.<sup>tor</sup> João Pimenta de Carvalho.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Salvador      Aos dez de Janeiro de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Salvador filho de Joanna escrava de Maria Ribeira Viuva, nomearão por pae a Thomé Fernandes pardo escravo de Domingos de Amaral forão padrinhos Joseph de Paiva, e Gracia escrava de Manoel Moreira.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Cactano      Aos dezanove de Janeiro de mil e Setecentos e Seis pús os Sanctos oleos e fis os exorcismos a Cactano filho de Barbara escrava de Matheus de Peralta, nomearão lhe por pae a Antonio Rodrigues, o qual Caetano me contou que nascera nas Minas, e nellas foi baptizado, que o baptizo o Padre Fr. Joseph Religioso da .... de [xabregas] .... nas ditas minas, e quando lhe pús os Sanctos oleos,.... ter de idade hum anno.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>



- Bernarda Aos vinte e quatro do Mes de Jan.<sup>to</sup> de Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Bernarda filha de Maria preta escrava de Domingas de Amaral, foram Padrinhos Joseph de paiva Mosso pardo forro, e Apolonia Ribeira parda.  
Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos
- Antonio Aos dous dias do Mes de Fev.<sup>to</sup> de mil e Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Antonio filho de Maria preta escrava de Pedro Vieira Homem, foram Padrinhos Pedro preto esc. do D.<sup>r</sup> Bernardo de Alm.<sup>da</sup> e Maria preta escrava di P<sup>a</sup> Vieira Homem.  
Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos
- Roque Aos dous dias do Mes de Fev.<sup>to</sup> de mil e Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Roque filho de Izabel preta escrava, de D. Margarida Pim.<sup>ta</sup>, foram Padrinhos Gregorio escravo da d.<sup>a</sup>; e Fran.<sup>ca</sup> parda do Deam João Pim.<sup>ta</sup>.  
Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos
- Victoria Aos dous dias do Mes de Fev.<sup>to</sup> de mil e Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Victoria filha de Joanna parda escrava de Manuel Rodrigues Franco; foram Padrinhos Manoel Dias....., e Paula Gonçalves.  
Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos
- 1706 fl. 13
- Faustino Aos vinte e hum de Fev.<sup>to</sup> de mil e Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Faustino filho de Anna do gentio de guinë escrava de Manoel Dias Garcia Derão lhe por pay Manoel preto escravo do D.<sup>or</sup> An.<sup>de</sup> Bairros. foram Padrinhos D.<sup>os</sup> Vir.<sup>a</sup> pardo escravo de Manoel Coelho, Serafina Frr<sup>a</sup> preta escrava do d.<sup>o</sup>.  
Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos
- Brites Aos vinte e quatro do Mes de Fevereiro de Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Brites filha de Maria parda escrava do D.<sup>or</sup> Augustinho de Paredes, derão lhe por pay Gabriel de Paredes mosso pardo Livre, forão Padrinhos Fr.<sup>co</sup> da Silva Cabral mosso pardo Livre e Izabel Fr.<sup>ca</sup>. ....  
Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos
- Ignes Aos Sete de Março de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignes filha de Ascenia escrava do Douctor Augustinho de Paredes forão padrinhos Domingos escravo de Bento da Rocha, e Luiza escrava do L.<sup>do</sup> Theodozio Pereira.  
João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

- Leonor      Aos Sete de Março de mil, e Setecentos e Seis baptizei sub conditione, e pús os Sanctos oleos a Leonor escrava Mina, de Antonio da Costa, forão padrinhos Manoel de Barcellos, e Antonia de Barros.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Adriana      Aos doze de Março baptizei e pús os Sanctos oleos a Adriana filha de Angela parda escrava de Manoel do Couto, foi padrinho Joseph Pereira de Amaral.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Domingas      Aos quinze de Março de mil, e Setecentos e Seis, baptizei e pús os Sanctos oleos a Domingas adulta do gentio da Mina escrava de João Bernardes forão padrinhos Antonio de Almeida, e Lourença escrava de Francisco de oliveira.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Thomé      Aos vinte e dous de Março de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thomé filho de Antonia crioula escrava do R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Manoel da Nobrega Religioso da N. Senhora do Carmo, forão padrinhos Joseph da Costa e Agueda de Andrade.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Leonor      Aos vinte e Sinco de Março de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Leonor filha Legitima de Gregorio, e de sua mulher Branca escravos do Douctor Antonio de Barros, foi padrinho João de oliveira.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Augustinho      Aos trinta e hum de Março de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Augustinho filho de Thereza parda escrava do Capitão Gaspar de Azedias Machado nomearão lhe por pae Salvador de Lemos, forão padrinhos Ignacio Carvalho, e Antonia da Fonseca.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Paschoa      Aos dezanove de Abril de mil, e Setecentos, e Seis baptizei e pús os Sanctos oleos a Paschoa filha de Joanna escrava de Donna Branca Coutinho nomearão lhe por pae a Francisco escravo de Maria da Assumpção, forão padrinhos João Nunes escravo do Cap.<sup>am</sup> Manoel Jordão da Silva e Domingas da Fonseca escrava de Sebastião da Fonseca.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Paschoal      Aos dezanove de Abril, de mil, e Setecentos e Seis baptizei a Paschoal filho Legitimo de João e de sua mulher An....., escravos de João Affonço

de oliveira, forão Padrinhos Ventura Mendes, e Maria de Paredes escrava do R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Francisco de Paredes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

1706

fl. 13v

Paschoa Aos vinte de Abril de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Paschoa filha de Marianna parda escrava de Donna Maria de oliveira, nomearão por pae a Francisco Alvares Homem Solteiro, forão digo foi madrinha somente Donna Catharina de oliveira filha de Donna Brites.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Miguel Aos vinte e hum de Abril, de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Miguel filho de Magdalena escrava de Lourença Mendes Viuva nomearão lhe por pae a Theodozio de Freitas, forão padrinhos João da Cruz da Fonseca; e Maria Mendes de Sampayo mulher de Pedro da Fonseca.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Ignacia Aos vinte e Sinco de Abril, de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignacia filha de Maria, escrava de Joseph Pereira; forão Manoel de Barcellos, e Izabel da Silva.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Paschoal Aos vinte e Sinco de Abril, de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Paschoal filho de Bento, e de sua mulher Victoria escravos de Douctor Augustinho de Paredes, forão Padrinhos João Baptista, e Sebastiana escrava do dito Douctor.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

João Aos vinte e Sinco de Abril de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a João, Filho Legitimo de Ricardo, e de sua mulher Magdalena escravos do Capitão Manoel Netto Barretto forão Padrinhos Estevão Machado, e Angela Gomes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Maria Aos dous de Mayo de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Maria filha de Marcos, e de sua mulher Ignes escravos de João de Andrade Rego, forão Padrinhos Simão de Souza, e Violante da Costa.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Thomás Aos dez de Mayo de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thomás filho de Izabel escrava de Silvestre de Figueiredo, e

nomearão lhe por pae a Francisco escravo de Lourenço Carvalho, foi padrinho Ignacio Pereira de Leão filho de Ignacio Pereira de Leão.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Manoel      Aos trinta de Mayo de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Manoel filha de Cecilia parda escrava do Capitão Antonio Nunes do Amaral, forão padrinhos o Capitão Francisco de Brito Serpa, e Romana Paes Ferreira mulher do Capitão Francisco Nunes do Amaral.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Ascensa      Aos trinta de Mayo de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ascença filha de Luzia escrava do Capitão Francisco Nunes do Amaral, forão Padrinhos Domingos escravo de Maria Ribeira, e Francisca escrava de Domingos do Amaral.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Theodozia      Aos trinta de Mayo de mil, e Setecentos e Seis, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Theodozia filha de João e de sua mulher Joanna escravos de Manoel da Costa forão padrinhos Luis de Barros, e Marcella de Paredes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Jullião      Aos trinta de Mayo de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Jullião filho de Miguel, e de sua mulher Magdalena escravos de Manoel Barboza Lima, forão Padrinhos Theodozio Barboza e Magdalenra escrava do dito Manoel Barboza.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Iris      Aos onze de Junho de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, sub conditione, e pús os Sanctos oleos a Iria filha de Thereza escrava de Luzia de Albernaz; a qual por ser baptizada em caza por Salvador de Lemos, e não apparecer, para me informar de Como foi baptizada, a baptizei, sub conditione, forão padrinhos Estevão de Azedias Machado, e Elena.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

1706

fl. 14

Bonifacio      Aos dezaseis de Junho de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Bonifacio filho de Maria escrava do Reverendo P.<sup>o</sup> Manoel Soares da Rocha; forão padrinhos Balthazar e Hieronima escravos do dito R.<sup>do</sup> Padre.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

- Ignácia      Aos vinte de Junho de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignácia filha de Maria escrava de Luis Moreira, forão padrinhos Joseph Pereira, e Anna Rodrigues.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- João          Aos vinte e Sete do mes de Junho de mil e Setecentos e Seis, baptizei, e pús os Sanctos oleos a João filho de Vicência, escrava de Manoel Machado, forão padrinhos Diogo de Araujo, e clara do Couto.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Angela      Aos vinte e nove de Junho de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Angela, filha Legitima de Domingos, e de sua mulher Domingas, do gentio de Guiné escravos do R.<sup>do</sup> Padre Francisco Pinheiro, forão padrinhos Manoel Rangel e Luzia Rangel.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Antonia     Aos vinte e nove de Junho de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos, a Antonia filha de Faustina escrava de Maria Tourinha Donna Viuva forão Padrinhos Ignacio da Silveira, e sua mulher Rufina.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Antonio     Aos Sinco de Julho de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonio filho de Izabel escrava do Capitão Manoel Correa Cabral forão padrinhos Paschoal Antunes, Joanna escrava do dito Manoel Correa Cabral.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Antonia     Aos Sete de Julho de mil, e Setecentos e Seis, pús os Sanctos oleos, e fis os exorcismos a Antonia filha de Cecilia escrava de Manoel Vieira Barros, a qual Antonia, por estar em perigo de vida foi baptizada em caza, pelo dito Manoel Vieira Barros, ao qual examinei, e achei, aver feito o dito Baptismo, na forma que a Igreja manda, e Somente lhe pús os Sanctos oleos, e fis os exorcismos, forão digo foi padrinho dos exorcismos o dito Manoel Vieira Barros.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Pedro        Aos dezoito de Julho de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Pedro filho de Margarida escrava minha, forão padrinhos Phelipe Pinheiro e Francisca Pinheira.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Ursula      Aos dezoito de Julho de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ursula, filha de Garcia e de sua mulher Violante escravos

do Capitão Manoel Netto Barretto, forão Padrinhos Hieronimo e Theodorozia escravos de Christovão lopes Leitão.

João de Barcellos Machado

Antonio      Aos vinte e nove de Julho de mil, e Setecentos, e Seis, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonio filho de Ursula parda escrava do Alferes Joseph Correa Ximenes, nomearão lhe por pae a Simão Farto, Dinis mosso Solteiro, foi padrinho o Capitão Antonio Nunes do Amaral.

João de Barcellos Machado

Maria        Ao primeiro de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Maria filha de Suzana escrava de Manoel de Paredes da Costa; nomearão lhe por pae Antonio Rodrigues Ramires, forão padrinhos Ignacio de Lemos Peixoto, e Leonor de Souza.

João de Barcellos Machado

1706

fl. 14v

Felipe        Aos tres dias do Mes de Agosto de Sete centos e Seis baptizei, e pus os Santos oleos a Felipe pardo filho de Apolonia preta escrava de F.<sup>co</sup> da chagas; forão Padrinhos F.<sup>co</sup> Cabral da Silva, e Anna de Proensa, ambos Pardos Libertos.

Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos

Christina    Aos Seis de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a christina filha de Paschoa minha escrava; foi padrinho Francisco de oliveira.

João de Barcellos Machado

Ignacia      Aos oito de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignacia filha de Branca, escrava do Capitão Manoel Netto Barretto, nomearão lhe por pae Pedro escravo do dito Capitão Manoel Netto Barretto; forão padrinho Antonio de Andrade Ribeira, e Anna Barboza.

João de Barcellos Machado

Paula        Aos oito dias do Mes de Agosto de Sete centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Paula parda filha de Antonio Mendes, e de Barbara parda escrava de Sebastião Mon.<sup>to</sup> de Crasto. forão Padrinhos Antonio Rodrigues Crus, e Suzana Monteiro parda Liberta.

Frutuozo Pin.<sup>to</sup> de Lemos

João           Aos quinze de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a João filho de Maria parda escrava de Izabel Barboza, nomearão lhe por pae Anselmo Rodrigues, mosso Solteiro; forão Padri-nhos Estevão Gomes, e Izabel Monteiro filha de Sebastião Monteiro.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Caetano       Aos quinze de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Caetano filho Legitimo de Matheus, e de Sua mulher Branca; escravos de Manoel da Costa Albernas forão Padri-nhos Bento da Costa e Joanna Rodrigues.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Antonia       Aos quinze de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os oleos a Antonia filha de Luzia escrava de Maria de Assumpção, nomearão lhe por pae Bras escravo da dita. forão Padri-nhos Francisco e Josepha todos da mesma caza.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Domingas     Aos .... de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Domingas filha de Suzana escrava de Francisco Vaz Coelho; forão Padri-nhos o R.<sup>do</sup> Padre Bernardo de Almeida, e Apolonia escrava de Francisco de Almeida.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Lourença     Aos vinte e hum, de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Lourença filha de Magdalena escrava de Ignacio Pereira de Leão, forão padri-nhos Ignacio Pereira de Leão o mosso, e Antonia de Souza mulher de Simão da Costa.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Florençia     Aos vinte e dous de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Florençia filha Legitima de Bernardo, e de sua mulher Izabel escravos do Douctor Augustinho de Paredes, forão Padri-nhos Matheus de Antonio Ferreira da Costa, e Maria da Silveira.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Anna           Aos vinte e quatro de Agosto de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Anna filha de Izabel escrava de Leucadia da Costa viuva forão padri-nhos Manoel de Barcellos, e Phelipa escrava da dita Leucadia da Costa.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Florencia Aos vinte e Sinco de Agosto de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Florencia filha de Josepha parda escrava de Miguel Machado Homem; e foi padrinho o dito Miguel Machado Homem.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

1706

fl. 15

Augustinha Aos Sinco de Setembro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Augustinha filha de Romana escrava de Miguel Machado Homem foi padrinho Gaspar de Azedias Machado o mosso, e Maria parda escrava de Ignacia de Lemos.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

João Aos quatorze de Setembro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a João filho de João, e de sua mulher Victoria escravos de Domingos Alveres cazado forão Padrinhos Phelipe Correa, e Esperança escrava do Coronel Chrispim da Cunha.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Roza Aos dezoito de Setembro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Roza filha de Francisca escrava do Reverendo Padre Manoel Soares da Rocha, forão Padrinhos Raphael Correa, e Maria escrava do dito Reverendo Padre.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Bento Aos dezanove de Setembro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Bento filho de Maria, escrava de Antonio Ferreira da Costa forão Padrinhos Sebastião, escravo de Suzana Ferreira, e Magdalena de Francisco Garcia. digo foi padrinho Bento escravo do D.<sup>10r</sup> Augustinho de Paredes.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Amaro Aos vinte e Seis de Setembro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Amaro filho de Catharina escrava de Miguel Lopes de Carvalho, nomearão lhe por pae a Amaro escravo do dito Miguel Lopes de Carvalho forão padrinhos Miguel Tavares, e Cecilia escrava de Manoel Vieira Barros.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>



- Bernardo    Aos vinte, e oito de Setembro de mil, e Setecentos e Seis baptizei, Sub conditione, e pús os Sanctos oleos a Bernardo filho de Mariana escrava do Coronel Chrispim da Cunha Tenreiro, ao qual baptizei Sub conditione por Ser informado, que a forma, com que o baptizou o dito Coronel Chrispim da Cunha Tenreiro, padecias Suas duvidas nomearão lhe por pae a Ignacio da Silva; forão padrinhos, o dito Coronel Chrispim da Cunha Tenreiro, e Maria Coutinha.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Mauriça    Aos dez de outubro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Mauriça filha de Anna escrava de Simão Rodrigues Pereira forão Padrinhos Clemente da Costa Barreto, e Clara parda escrava de Manoel Marques Fortuna.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Esperança    Aos dez de outubro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Esperança filha de Anna escrava de Manoel de Paredes da Costa nomearão lhe por pae a Manoel escravo do dito Manoel de Paredes forão padrinhos Gaspar escravo do Capitão Ignacio da Silveira Villa Lobos, e Maria escrava do dito Manoel de Paredes.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Brizida    Aos treze de outubro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Brizida filha de Elena escrava de Joseph Pacheco de Azevedo, forão padrinhos Miguel da Fonseca, escravo de Phelipa da Fonseca, e Antonia escrava da dita Phelipa da Fonseca.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Ignacio    Aos vinte e quatro de outubro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ignacio filho de Maria escrava de Christovão de Azevedo forão padrinhos Ignacio, e Felícia escravos de Joanna Carneira Viuva de Paulo Ferreira.
- +  
João de Barcellos Machado
- Simão    Aos vinte e oito de outubro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Simão filho de Matheus e de sua mulher Gracia escravos de Antonio Ferreira da Costa, forão Padrinhos Domingos escravo do Licenciado Theodozio Pereira, e Sebastianna de Paredes escrava do Douctor Augustinho de Paredes.
- +  
João de Barcellos Machado

Amador      Aos dous de Novembro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Amador filho de Maria escrava de João Pereira Silva; nomearão lhe por pae a Joseph da Silva pardo; forão Padrinhos Manoel de Barcellos, e Maria....

João de Barcellos Machado

Bento        Aos tres de Novembro de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Bento filho de Julliana escrava do Licenciado Raphael de Figueiredo, forão padrinhos Francisco da Silva de Figueiredo, e Domingas de Figueiredo.

João de Barcellos Machado

Marçella    Aos quatorze de Novembro de mil, e Setecentos e Seis, baptizei, e pús os Sanctos oleos a Marçella filha de Luzia escrava do Capitão Manoel Netto Barretto, nomearão lhe por pae a Antonio escravo de Antonio da Costa forão Padrinhos Bernardo, e Marcella do Sarg.<sup>10</sup> Mor Felis Correa.

João de Barcellos Machado

Paula        Aos dezanove de Novembro de mil, e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Paula filha Legitima de Diogo, e de sua mulher Maria escravos pertencentes aos bens de Donna Anna de Amaral, de que he administrador o R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Fr. Manoel da Nobrega Religioso de Nossa Senhora do Carmo; forão Manoel Correa, e Lucreçia Gomes Padrinhos.

João de Barcellos Machado

Geralda     Aos vinte e oito de Novembro de mil e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Geralda filha de Julliana escrava de Francisco Viegas de Azevedo forão padrinhos Paulo de Ramos, e Thereza de Souza.

João de Barcellos Machado

Clemente    Aos trinta de Novembro de mil e Setecentos, e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Clemente filho Legitimo de Gaspar e de sua mulher Izabel escravos do Alferes Manoel Coelho Borges, forão Padrinhos Lourenço escravo do dito, e Maria escrava de João Affonço.

João de Barcellos Machado

Clara        Aos Sinco dias do Mes de Dezembro de Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a clara filha de Maria escrava de M.<sup>el</sup> Correa já defunto deram lhe por pay D.<sup>os</sup> Fran.<sup>co</sup> preto do mesmo defunto; foram Padrinhos Alexandre preto escravo dos Religiozos de S. Bento, e Anastasia preta escrava dos mesmos Religiozos.

Frutuozo Pin.<sup>10</sup> de Lemos

- Francisco    Aos Sete dias do Mes de Dezembro de Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Francisco filho de Maria preta escrava de Maria Fernandes, deram lhe por Pay Manoel da Silva, foram Padrinhos Manoel Ribeiro da Asumsam, e Joanna Pereira.  
Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Catharina    Em doze de Dezembro de Sete Centos e Seis baptizei e pus os Sanctos oleos a Catharina filha de Leandro, e de Sua Mulher Christina ambos escravos de Manoel Dias Garcia, foram Padrinhos Agostinho escravo do mesmo, e Maria escrava de Bento da Costa.  
Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Francisco    Aos dezanove dias do Mes de dezembro de Sete Centos e Seis baptizei, e pus os Sanctos oleos a Francisco filho de Getrude preta escrava de João de Andrada Rego deram lhe por Pay Luis Telles mosso pardo Livre foram Padrinhos Bonifacio da Costa mosso Pardo, e Michaella Soares tambem parda escrava do P.<sup>e</sup> M.<sup>el</sup> Soares.  
Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Thomé        Aos vinte e oito de Dezembro de mil, e Setecentos e Seis baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thomé filho de Pedro, e de sua mulher Joanna escravos do R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Bernardo de Almeida; forão padrinhos Gaspar escravo de Custodio da Silveira, e Luzia de Figueiredo.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Thomazia    Aos Seis de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thomazia filha de Luzia pagaos do Gentio de Mina; forão padrinhos Joseph Gonçalves, e Josephina Pereira.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- 1707 fl. 16
- Sebastião    Aos dês de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Sebastião filho Legitimo de Francisco, e de sua mulher Luzia, escravos de Guiné do Capitão Ignacio Correa da Silva, forão padrinhos Ventura escravo de Donna Ighes de Andrada, e Lourença escrava de Francisco de oliveira Guimaraens.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Luis         Aos doze de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Luis filho de Lucinda, parda escrava de Manoel de Moura Fogaça; forão padrinhos Antonio de Barros Samente.  
João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

- Maria      Aos vinte e tres de Janeiro de mil, e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Maria filha de Antonia da Fonseca parda escrava de João Carvalho, nomearão lhe por pae ao L.<sup>do</sup> Manoel da Gama. forão Padriinhos Ignacio Carvalho e Maria de .... filha de Phelippa da Fonseca.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Felix      Aos vinte e tres de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Felix filho de Manoel de Sampayo e de Sua mulher Romana mestissa escrava de Joseph Pacheco de Azevedo; forão Padrinhos Joseph Correa, e Ursula escrava do dito Joseph Pacheco de Azevedo.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Paula      Aos vinte e Seis de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Paula filha de Ascença escrava de Donna Izabel de Lemos, forão padriinhos Salvador de Marins Coelho, e Roza Pimenta da Fonseca.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Roza      Aos trinta de Janeiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Roza filha Legitima de Matheus de Tavora, e de Sua mulher Luzia escravas de Maria da Assumpção, forão padriinhos João da Silveira, e Maria da Silveira escrava do Capitão Ignacio da Silveira Villa Lobos.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Paschoa    Aos Sete dias do Mes de Fevereiro de Sete Centos e Sete baptizei, e pus os Sanctos oleos a Paschoa filha de Diogo, e Elena Sua Mulher escravos dos Herdeiros de Jorge da Costa já defunto forão Padrinhos Manoel da Costa, e Maria da Costa escravos dos d.<sup>tos</sup>
- Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Ignacio    Aos dezoito de Fevereiro de Sete Centos e Sete baptizei, e pus os Sanctos oleos a Ignacio filho de Izabel do gentio de Guine escrava do Capittam Christovão Lopes Leitam, derão lhe por Pay Manoel Correa Vasques. foram Padrinhos digo foi Padrinho o R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Andre Moreira Nunes.
- Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Marianna    Aos vinte e quatro dias do mes de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sete de Licença minha baptizou e pôs os Sanctos oleos o R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Sebastião de Eirô do Condê, Capellão Curado da Igreja de Sanctiágo de Inhauma, na dita Igreja a Marianna filha Legitima de Antonio Vas pardo escravo de Francisco Silveira Valle, e de sua mulher Thereza de Jesus Liberta e os fregueses, forão padriinhos o Capitão Thomas Falleiro, e Donna Izabel

mulher de Dom João [Izarathe]; o que me constou por certidão do dito R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Sebastião de Eiró de Conde a mim remetida.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Valentim Aos vinte e Sete de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Valentim filho de Phelipa escrava de Antonio Ferreira da Costa, forão padrinhos Ignacio da Silveira, e Esperanca, escrava do Cap.<sup>am</sup> Manoel Netto.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Bento Aos vinte e oito de Fevereiro de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Bento filho de Francisca pagaos do gentio da Mina escrava do Reverendo P.<sup>e</sup> Bento Correa da Souza Coutinho, forão padrinhos Manoel de Souza, e Francisca da Silva.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

1707

fl. 16v

Anna Ao primeiro dia do mes de Março de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Anna filha de Clara parda escrava do R.<sup>do</sup> Padre Manoel Soares da Rocha, nomearão lhe por pae a Bonifacio pardo escravo de Manoel de Moura Coutinho; forão padrinhos Joseph Barboza de Mattos, e Paula da Rocha.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Faustina Aos Seis de Março de mil, e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Faustina filha de Thereza Solteira escrava de Roque Gonçalves; forão padrinhos Antonio escravo de Manoel Moreira, e Luzia escrava de George Gonçalves.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

Thomâs Aos dezanove de Março de mil e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Thomâs filho de João e de sua mulher Maria escravos de Manoel Dias Garcia, forão padrinhos Domingos escravo de Bento da Rocha, e Luzia escrava de Manoel Pereira.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

João Aos tres de Abril de mil, e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a João filho de Custodia, escrava do Capitão Manoel Vidal, nomearão lhe por pae a João escravo de Manoel de Moura; forão padrinhos Christovão escravo do dito, e .... de Antonio Rodrigues.

João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

- Vicente      Aos dezasete de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Vicente filho de Maria escrava de Antonio Ferreira da Costa forão padrinhos Matheus escravo de Manoel da Costa Albernás, e Seraphina escrava do Douctor Augustinho de Paredes.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Ezequiel    Aos dezoito de Abril de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Ezequiel filho de Maria escrava de Andre de Almeida foi padrinho Manoel Vas Coelho.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Joseph     Aos vinte e nove de Abril de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Joseph filho de Izabel escrava de Custodio de Araujo Goes nomearão por a Gaspar da Silva Homem Solteiro e forro, foi padrinho Manoel Gonçalves da Costa.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Salvador    Ao primeiro de Mayo de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Salvador filho de Pedro, e de Sua mulher Margarida escravos de Manoel de Paredes da Costa; forão Padrinhos Manoel Pereira, Augustinha de Paredes.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Domingos   Ao primeiro dia de Mayo de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Domingos filho de Maria escrava de Antonio Marques Esteves, derão lhe por pae a Matheus Marques, forão padrinhos Beatris de Lemos mulher de Antonio de Martinho.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Hieronimo   Ao primeiro de Mayo de mil e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Hieronimo filho de Catharina escrava de Domingas de Amaral, nomearão lhe por pae a Augustinho escravo do dito Domingas de Amaral; forão padrinhos Antonio escravo de Manoel Moreira, e Maria escrava do P.<sup>o</sup> Manoel Soares.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Theodozio   Aos vinte e dous de Mayo de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Theodozio filho de Anna escrava do R.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> Bento Correa Coutinho; nomearão por pae a Domingos escravo tambem do dito; forão Padrinhos Lourenço e Maria todos escravos do dito Reverendo Padre Bento Correa de Souza Coutinho, declaro, que o padrinho foi Manoel Crioulo escravo do R.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>

- Francisco    Aos dous de Junho de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Francisco filho de Paschoa escrava de Domingos [Alvers] cazado, nomearão por pae a Pedro escravo do dito Domingos cazado, forão padrinhos Miguel, e Domingas escravos todos do dito Domingos Alvers cazado.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Julliana    Aos Sinco de Junho de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Julliana filha Phelippa escrava de Leucadia da Costa, forão padrinhos Salvador Viegas, e .....
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- 1707 fl. 17
- Josepha    Aos Sinco de Junho de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Josepha filha de Brizida e de Seu marido João escravos de João Affonço de oliveira forão padrinhos Domingos Vieira, e Magdalena Monteiro.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Luzia        Aos Sinco de Junho de mil, e Setecentos e Sete baptei, e pús os Sanctos oleos a Luzia filha de Catharina escrava de Bertholameu Dias; forão padrinhos Manoel de Souza, e Maria de oliveira escrava do dito Bertholameu Dias.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Silvestre    Aos Seis dias do Mes de Junho de Sete Centos e Sete baptizei, e pus os Sanctos oleos a Silvestre filho de Raphael Correa pardo escravo do P.<sup>e</sup> M.<sup>cl</sup> Soares, e de Michaela parda escrava do mesmo Padre. foram Padrinhos Bartholomeu Dias, e Hieronima Soares preta escrava do mesmo R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup>
- Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Francisco    Aos onze de Junho de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Francisco filho Legitimo de Manoel, e de sua mulher Lucreçia pardos escravos de Manoel de Paredes da Costa forão Padrinhos o Capitão Augustinho Monteiro, e Maria de Proença mossa solteira da caza, de Manoel Pestana de Britto.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Euzebio     Aos quatorze de Junho de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Euzebio filho de Maria escrava de Ignaçia de Lemos, foi padrinho Americo Cardozo Rangel.
- João de Barcellos Machado<sup>+</sup>

- Anna      Aos quatorze de Junho de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Anna filha Legitima de Garcia, e de sua mulher Clara escravos de Manoel Rodrigues Franco, forão padrinhos Pedro da Costa, e Antonia Rodrigues.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Antonia    Aos dezanove de Junho de mil, e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonia filha de Catharina escrava de Manoel Machado de Lima forão padrinhos Ignácio da Silva, e Esperança Cardozo.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- João      Aos vinte e dous de Junho de mil, e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a João filho de Ighes escrava de Manoel Pestana de Britto e nomearão lhe por pae Matheus escravo do dito Manoel Pestana foi padrinho Gabriel de Paredes.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Paula      Aos vinte e quatro de Junho de mil e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Paula filha de Domingos ja defunto e de sua mulher Joanna escravos de Prudencio de Castilho, forão padrinhos Francisco, escravo do Serviço de Nossa Senhora de Desterro, e Maria escrava tambem pertencente ao serviço di Nossa Senhora do Desterro.
- João de Barcellos Machado<sup>†</sup>
- Getrudes    Aos tres dias do Mes de Julho de mil e Sete Centos e Sete baptizei e pus os Sanctos oleos a Getrudes filha de Paschoal de Manoel, E Beatris ambos minas e ainda não baptizados escravos do R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Bento Correa foram Padrinhos Lourenço da Silva pardo ....., e Catharina de Souza preta escrava do mesmo R.<sup>do</sup>
- Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Joam      Aos dês dias do Mes di Julho de Sete Centos e Sete baptizei, e pus os Sanctos oleos a Joam filho Legitimo de Joam, e de Sua mulher Luiza ambos, de gentio de guiné escravos de Theodozio Pr.<sup>a</sup> foram Padrinhos Domingos escravo de Bento da Rocha, e Joanna escrava de Manoel da Costa.
- Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Joam      Aos dês dias do Mes de Julho de Sete Centos, e Sete baptizei e pus os Sanctos oleos a Joam pardo, filho de Manoel Pinheiro mosso branco, e de Joanna preta escrava de Manuel digo Joam .... foram Padrinhos Alberto Rodrigues mosso pardo, e Magdalena parda.
- Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos



1707

fl. 17v

- Tereza      Aos onze dias do Mes de Julho de Sete Centos e Sete pus os Sanctos oleos a Tereza filha de Lucrecia preta escrava de Manoel Barboza de Lima. foi baptizada em caza por nascer moribunda e eu a baptizei por me achar na oCaziam. : que nasceu. foi Padrinho Ignacio de Lemos....  
Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Paschoa      Aos dezaseis dias do Mes de Julho de Sete Centos e Sete baptizei, e pus os Sanctos oleos a Paschoa filha de Francisco, e de Sua mulher Maria escravos do Capitam Francisco Viegas de Macedo. foram Padrinhos Lourenço escravo de D. Izabel de Marins, e Luzia escrava de Fr.<sup>co</sup> Pr.<sup>a</sup> do Valle.  
Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Hyeronimo      Aos dezasete dias do Mes de Julho de Sete Centos e Sete baptizei, e pus os Sanctos oleos a Hyeronimo filho de Elena parda escrava de Teotonio da Silva. foram Padrinhos o mesmo Senhor, e Anna de Macedo  
Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Serafina      Aos dezasete dias do Mes de Julho de Sete Centos e Sete baptizei, e pus os Santos oleos a Serafina mina filha de Pais barbaros de idade de tres ou quatro annos mais ou menos, e escrava de Antonio Nabo. foram Padrinhos Domingos, e Damazia escravos do Sobre dito.  
Frutuozo Pin.<sup>ro</sup> de Lemos
- Hieronimo      Aos trinta e hum de Julho de mil, e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Hieronimo filho de Leonor escrava de Antonio Ferreira da Costa, forão padrinhos Marcos Rodrigues, e Angela da Costa.  
João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Antonio      Aos Sete de Agosto de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Antonio filho de Ursula escrava de Donna Brittes; forão padri-nhos Manoel Rangel, e Luzia Rangel.  
João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Francisca      Aos Sete de Agosto de mil, e Setecentos e Sete baptizei, e pús os Sanctos oleos a Francisca filha de Ascença escrava do Douctor Augustinho de Paredes, forão padrinhos Antonio de oliveira, Graçia da Rocha.  
João de Barcellos Machado<sup>+</sup>
- Marcellina      Aos quatorze de Agosto de mil, e Setecentos e Sete baptizei, Sub conditione a Marcellina filha de Maria escrava de Manoel dos Sanctos, a qual por estar em perigo de vida foi baptizada em caza pello dito Manoel

dos Sanctos, e Eu ad cautellam a baptizei sub conditione, e lhe pús os Sanctos oleos; forão padrinhos Francisco Gomes, e Ignacia Pereira.

João de Barcellos Machado

Phelipa      Aos dezenove de Agosto de mil, e Setecentos e Sete baptizei sub conditione a Phelipa adulta escrava do gentio de Loango, escrava de Lourenço da Silva Borges, a qual foi cathequizada pello Reverendo Padre Fr.<sup>o</sup> João da Trindade Religioso Missionario de Sancto Antonio e achandoa instruida nos Misterios de Nossa Sancta Fé a baptizei Sub conditione, e lhe pús os Sanctos oleos; forão padrinhos Francisco de Souza Martinho, e Maria da Silva.

João de Barcellos Machado

Garcia      Aos dezanove de Agosto de mil, e Setecentos, e Sete baptizei, Sub conditione a Garcia do gentio da Mina.... escravo de Maria da Assumpção, o qual foi instruido e cathequizado pello Reverendo P.<sup>o</sup> Missionario Fr.<sup>o</sup> João da Trindade Religioso de Sancto Antonio, e achando instruido o baptizei, Sub conditione e lhe pús os Sanctos oleos forão padrinhos Manoel Thomé, e Graçia de Tavera.

João de Barcellos Machado

RELAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVOS  
DA PARÓQUIA DE IRAJÁ  
(Set. 1704-Ago. 1707).

Proprietários	Nº de Escravos
Albernaz, Luzia	2
Albernaz, Manoel da Costa	7
Almeida, André	2
Almeida, Bernardo de, <i>Padre</i>	4
Almeida, Francisco de	1
Almeida, José de	3
Alvares, Luiza	1
Amaral, Ana	3
Amaral, Antonio Nunes, <i>Capitão</i>	2
Amaral, Domingas de	3
Amaral, Domingos do	6
Amaral, Francisco Nunes de, <i>Capitão</i>	2
Andrada, Ines de	1
Andrade, Antonio de	4
Antunes, Manoel de Souza	1
Assunção, Maria da	13
Azevedo, Cristovão de	5
Azevedo, Francisco Viegas de, <i>Capitão</i>	12
Azevedo, José Pacheco de	8
Azevedo, Pedro de, <i>Alferes</i>	2
Bairros, Andrade de, <i>Doutor</i>	1
Barboza, Izabel	2
Barreto, João Pereira, <i>Licenciado</i>	2
Barreto, Manoel Neto, <i>Capitão</i>	16
Barros, Antonio de, <i>Doutor</i>	5
Barros, Manoel Vieira	6
Bernardes, João	3
Borges, Lourenço da Silva	1
Borges, Manoel Coelho, <i>Alferes</i>	5
Brito, Manoel Pestana de	10
Cabral, Manoel Correa, <i>Capitão</i>	3
Carneira, Joana	2
Carvalho, Catarina	4
Carvalho, João	2
Carvalho, João Pimenta de, <i>Desembargador</i>	1
Carvalho, Lourenço	2

Proprietários	Nº de Escravos
Carvalho, Miguel Domingues de	2
Carvalho, Miguel Lopes de	6
Castilho, Prudêncio de	3
Cazado, Domingos Alvares	11
Chagas, Francisco da	2
Cisneiros, Luzia Pinheiro de	2
Coelho, Francisco Vaz	2
Coelho, Manoel	5
Coelho, Manoel Borges, <i>Alferes</i>	5
Correa, Ana	3
Correa, Felis, <i>Sargento-Mor</i>	2
Correa, Francisco Paes	2
Correa, Manoel	3
Costa, Antonio da	5
Costa, Antonio Ferreira da	21
Costa, Bento da	1
Costa, George da	1
Costa, Jorge da	1
Costa, Leucádia da	5
Costa, Manoel da	4
Costa, Manoel de Paredes da	24
Costa, Manoel Rodrigues da	5
Costa, Tomé da	2
Coutinho, Bento Correa de Souza, <i>Padre</i>	10
Coutinho, Branca	2
Coutinho, Manoel de Moura	1
Couto, Manoel do	2
Craсто, Sebastião Monteiro de	8
Cunha, Crispim, <i>Coronel</i>	2
Dias, Bartolomeu	3
Duarte, Manoel Pinto, <i>Capitão</i>	3
Esteves, Antonio Marques	5
Fernandes, Maria	1
Ferreira, João do Couto	2
Ferreira, Suzana	2
Fidalgo, Francisco Garcia	5
Figueiredo, Rafael, <i>Licenciado</i>	1
Figueiredo, Silvestre de	2
Fogaça, Manoel de Moura	2
Fonseca, Felipa	

Proprietários	Nº de Escravos
Fonseca, Sebastião da	1
Fortuna, Manoel Marques	1
Franco, Manoel Rodrigues	10
Freire, Crispim Serrão	4
Freire, Francisco de Macedo, <i>Alferes</i>	4
Garcia, Francisco	1
Garcia, Manoel Dias	15
Goes, Custódio de Araújo	2
Gomes, Gonçalo	2
Gonçalves, Antonio	1
Gonçalves, George	1
Gonçalves, Roque	2
Guimarães, Francisco de Oliveira	2
Henriques, Pedro Mendes	4
Homem, Miguel Machado	7
Homem, Pedro Vieira	3
Instituições	
Igreja de Nossa Senhora do Desterro	15
Igreja de São Bento	2
Jurdão, Bernardo de	1
Leão, Inácio Pereira de	5
Leitão, Cristovão Lopes, <i>Capitão</i>	11
Leite, Domingos da Costa	1
Lemos, Frutuoso Pinheiro de, <i>Padre</i>	1
Lemos, Inácia	3
Lemos, Inácio de	2
Lemos, Izabel de	2
Lima, Manoel de Barboza	8
Lima, Manoel Machado de	2
Lins, Manoel	1
Lopes, Cristovão	2
Lopes, Manoel	3
Macedo, Francisco Viegas de, <i>Capitão</i>	3
Machado, Estevão	2
Machado, Gaspar de Azedias, <i>Capitão</i>	2
Machado, João de Barcelos, <i>Padre</i>	5

Proprietários	Nº de Escravos
Machado, Manoel	4
Marins, Izabel	1
Matos, Antonio de	4
Mendes, Lourença	2
Mendes, Pedro	2
Mendes, Rodrigo	2
Menezes, João Ribeiro de	1
Monteiro, Sebastião	8
Moreira, João	2
Moreira, Luís	2
Moreira, Manoel	3
Moreira, Manoel dos Santos	2
Moura, Manoel de	2
Nabo, Antonio	5
Nobrega, Manoel da, <i>Padre</i>	2
Oliveira, Francisco de	4
Oliveira, João Afonso de	11
Oliveira, Maria de	2
Paes, Garcia Rodrigues, <i>Capitão-Mor</i>	4
Palha, Domingos Garce	2
Paredes, Augustinho de, <i>Doutor</i>	26
Paredes, Francisco de, <i>Padre</i>	8
Passos, Francisco Ribeiro	2
Peralta, Mateus de	2
Pereira, Alexandre	1
Pereira, José	2
Pereira, Manoel	1
Pereira, Pedro Dias	1
Pereira, Simão Rodrigues	2
Pereira, Teodózio, <i>Licenciado</i>	9
Pimenta, João, <i>Deão</i>	1
Pimenta, Margarida	6
Pinheiro, Francisco, <i>Padre</i>	3
Pires, Antonio	1
Rego, João de Andrade, <i>Proprietário de Engenho</i>	7
Ribeira, Maria	4
Ribeiro, Domingos	1
Rocha, Bento da	6
Rocha, Manoel Soares da, <i>Padre</i>	16
Rodrigues, Antonio	1
Rodrigues, Simão	3

Proprietários	Nº de Escravos
Sá, Brites de	2
Santos, Manoel dos	2
Seixas, Francisco de	3
Silva, Antonio Gonçalves	3
Silva, Domingos da	2
Silva, Inácio Correa da, <i>Capitão</i>	11
Silva, João Pereira da	1
Silva, Manoel Jordão da, <i>Capitão</i>	1
Silva, Teotônio da	2
Silveira, Custódio	3
Silveira, Francisco da	2
Silveira, Maria da	3
Soares, Domingos	3
Soares, Gaspar de Brito, <i>Sargento-Mor</i>	1
Soares, Manoel, <i>Padre</i>	7
Soares, Manoel Martins	3
Soberal, Joana de	1
Soberal, Jonas de	1
Sobral, Joana	1
Sotomayor, Francisco de Sá	3
Souza, Ambrósio de, <i>Capitão</i>	2
Souza, Crispim	2
Souza, Manoel de	1
Souza, Manoel Nunes de	1
Tenreiro, Crispim da Cunha, <i>Coronel</i>	2
Thiers, Vicente	1
Tourinha, Maria	5
Vale, Francisco Pereira	2
Vale, Francisco [Silveira]	2
Valente, Francisca	2
Viana, Ana Mendes	2
Vidal, Manoel, <i>Capitão</i>	8
Vieira, Pedro Jacome	2
Vilalobos, Inácio da Silveira, <i>Capuão</i>	7
Ximenes, José Correa, <i>Alferes</i>	2

O ANDARILHO E A MÃE-DE-SANTO

O NEGRO NA OBRA DE ARTHUR RAMOS

Dirceu Lindoso  
Antropólogo-historiador; pesquisador da  
Biblioteca Nacional



No dia 17 de novembro de 1927, o médico e psiquiatra Arthur Ramos fazia tranqüilamente um passeio de bonde pelo centro da cidade do Salvador, na Bahia, quando seu companheiro de viagem, um jornalista de *O Combate*, lhe chamou a atenção para um tipo popular que caminhava pela rua de um modo estapafúrdio, o peito coberto de medalhas. Era um andarilho, um viajante sem destino, que perambulava de cidade a cidade, de povoado a povoado, tomado de uma missão mística. Chamava-se José Cavalcanti dos Reis, natural de Jequiá da Praia, distrito de São Miguel dos Campos, em Alagoas. Desde os 19 anos que saíra pelo mundo em penitência, em paga de uma promessa, pedindo esmolas e fazendo, com o que arrecadava, caridades. Vendo-o, Arthur Ramos logo diagnosticou: paranóia ambulatória. Era – como classificou – um anacronismo vivo, o que na Idade Média se chamava um “scholasticus vagans”.

Na cidade do Açu, no Rio Grande do Norte, declarara-se um “andarilho perpétuo, propagando por todo o mundo a religião de Deus”. No estudo que Arthur Ramos lhe dedicou em *Loucura e Crime*, refere-se ao caso do andarilho como um doente, portador de anamnese e nomadismo patológico<sup>1</sup>. Como se pode ver, em 1927, a antropologia, como a entendeu depois, não se tornara ainda, para o célebre médico, sua principal atividade científica. Observava-a a partir da plataforma científica da psiquiatria. Aplicava o método psicanalítico a fenômenos suscetíveis de outras explicações. Via o caso individual, estendendo-o a fenômenos coletivos, como o de Canudos, de Joazeiro do Ceará e Contestado.

A preocupação pelo método psicanalítico foi uma constante na obra de Arthur Ramos, atravessa toda sua atividade futura de antropólogo, e vai incidir, em 1938, na elaboração do t. II de *Os Índigenas do Nordeste*, de Estêvão Pinto. De uma certa maneira, o “caso” do andarilho José Cavalcanti dos Reis permaneceria, em sua obra posterior, sob a forma de um fulcro reflexivo-psicanalítico, e, aplicado a outros contextos, alcançaria o mundo dos orixás e dos êxtases dos terreiros negros da Bahia.

O episódio do andarilho de 1927 é um fantasma que não abandona facilmente a produção antropológica de Arthur Ramos. A *diferença* individual, nele contida, se transformava em diagnóstico psicanalítico. Diante do êxtase das sacerdotisas dos

candomblés baianos, o método psicanalítico marca, por sua vez, uma outra *diferença*, não só individual, mas coletiva ou de cultura. O método, entretanto, permanecia idêntico.

## 2

O “estado de santo” dos sacerdotes e sacerdotisas jejes-nagôs, essencial nas cerimônias de iniciação das yauôs, ou “filhas-de-santo”, é um fenômeno de possessão, pelo qual um orixá se manifesta, de um modo espontâneo ou provocado, numa pessoa. Arthur Ramos, em *O Negro Brasileiro* (1934), classifica esse estado de possessão mística de “possessão fetichista”, e o considera “um capítulo da mais alta importância para a psicologia”<sup>2</sup>. A expressão “espontâneo ou provocado” provém da classificação admitida por T. K. Oesterreich. Usando a expressão, Arthur Ramos queria dizer que o estado de possessão ocorria também por indução de alguns fatores, como as práticas evocatórias especiais (em uso nos terreiros jeje-iorubanos) ou a ingestão de bebidas eufóricas. Nina Rodrigues preferia, como causas desse fenômeno, o cansaço ou fadiga da atenção, a sugestão oral e a imitação coletiva, isto é, considerava-o um delírio histero-hipnótico (Pitres). E Arthur Ramos mostra, em seu livro, um estado de transe, classificando as várias fases: o estado cataleptóide e o de movimentos coreiformes. Encontramos, portanto, aí, uma categoria etnológica básica nos estudos do autor – o conceito de fetichismo – e o método psiquiátrico, sob a forma de exegese psicanalítica. Mas, pelo menos na obra de Arthur Ramos, o conceito de “fetichismo” não passa de um epifenômeno, que opera com toda segurança no interior da “exegese psicanalítica”, e é, sobretudo, um produto dela.

## 3

Que buscava Arthur Ramos, desde o “caso” do andarilho até as manifestações de êxtase nos candomblés afro-brasileiros? No texto “O Conceito de *totalidade* e a noção do *arcaico* em Patologia Mental” (Maceió, 1934)<sup>3</sup> confessa que, desde a sua vida acadêmica, procurara estabelecer um paralelo entre o “conteúdo mental das psicoses e a mentalidade do homem primitivo”. Nesta busca, e antes dos estudos de Schilder e Storch, construiu sua teoria do “inconsciente folclórico”. Impressionaram o ilustre psiquiatra certos conceitos existentes: num historiador, Jakob Burckardt, o de “grandes imagens ancestrais” (die grossen urtümlichen Bilder); num psicanalista, C. G. Jung, o de “inconsciente superindividual ou coletivo” (das überpersonliche oder kollektive Unbewusste). Dos trabalhos de Jung, destacou a noção de “arcaico”, onde se sediavam as realidades psicológicas dos arquétipos do inconsciente. Daí realiza a operação intelectual de aproximação entre o conceito de “alma ancestral” e o de “pensamento arcaico”. Alguns etnólogos já se referiam ao “espírito étnico” (Volkgeist) como um produto anônimo. E neste contexto teórico Arthur Ramos chega

a uma conclusão de ordem psicanalítica: “Todo o material do *folk-lore* não é mais do que uma *sobrevivência* das imagens arcaicas, que sobreviveram ao indivíduo, tornando-se patrimônio comum da humanidade, em todos os tempos, em todas as latitudes”. Trata-se de uma lei geral, de alcance universal. Segundo pensa, o conceito de “inconsciente folclórico” inclui duas noções: a do ancestral e a do intersíquico. Com este conceito, negava a noção de “indivíduo isolado”, que aparece, embora não o tenha percebido, em sua análise do andarilho.

Essa passagem, que em 1934 realiza Arthur Ramos, significa um avanço importante, do ponto de vista da antropologia. A partir daí, abandona (não de todo) as diagnoses de tipo individual, e abre caminho para as diagnoses de tipo cultural. Chega a dizer, como Adolph Bastian, da Escola Etnológica de Berlim, que o “pensar em mim” é mais importante que o “eu penso”, o “cogito” cartesiano. Estava, portanto, a um passo do culturalismo da etnografia norte-americana, que o encantou por toda a vida.

Mas antes havia de passar pela etnologia de Lévy-Bruhl e seu conceito clássico do “pré-logismo” na mentalidade primitiva. A conclusão de Arthur Ramos seria dramática: a lógica do primitivo não pode ser idêntica à do homem civilizado (branco e adulto). As representações coletivas do primitivo não correspondem à desse homem. O homem primitivo tem mentalidade pré-lógica e mística, onde rege a “lei da participação”. Seus atos, como no caso dos “medicine-men”, são regidos pelo esquema mental do “post hoc, ergo propter hoc” (continuidade) e do “juxta huc, ergo propter hoc” (continuidade). Suas práticas são “místicas, pré-lógicas e indisciplinadas”. Embora essa posição de Arthur Ramos date de 1934, de uma ou outra maneira persiste em seu culturalismo posterior.

#### 4

O conceito de “primitivo” é de cepa evolucionista, e vinha sendo aplicado na etnografia clássica de um modo bastante tranqüilo. É uma designação reconhecida-mente ambígua, mas os teóricos do evolucionismo não-linear, pós-clássicos, tentam eliminar essa ambigüidade, dando ao seu significado um conteúdo preciso. Desse modo, o termo deixa de significar “atraso”, e sob a designação de “arcaico” passa a conotar uma *diferença*, que se quer fundamental. Como mostra C. Lévi-Strauss, a expressão “sociedade *primitiva*” parece clara vista *grosso modo*, mas quando se examina de mais perto o conteúdo do significado “primitivo” associado para designar uma sociedade, aí a coisa se complica. Inicialmente pode-se pensar uma “sociedade primitiva” como a que se constitui de um sistema econômico de extrema rudimentaridade, mas quase sempre a organização social dessa sociedade desmente essa rudimentaridade. Isto é, esta se revela de uma complexidade inesperada<sup>4</sup>. Lévi-Strauss diz que o termo “primitivo” designa “um vasto conjunto de populações que permaneceu na ignorância da escrita”. Suas noções de economia, de filosofia política, de estrutura social e sua concepção do mundo aparecem como estranhas a nós. E adverte: “Um povo primitivo não é um povo atrasado ou retardado. Ele pode, em tal ou qual domínio, revelar um espírito de invenção e de realização que deixe muito para trás os êxitos

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro, 108:175-198, 1988.

dos civilizados”<sup>5</sup>. Por outro lado não é a existência ou não de história (preconceito que vinha de Hegel) que determina se um povo é ou não “primitivo”, porque – como explica Lévi-Strauss – o que ocorre é que essa história “primitiva” é que nos escapa.

Como vimos, desse conceito inicial de “primitivo” surge o conceito, mais usado pela etnologia pós-clássica, de “arcaico”. Esse conceito se revela muito rico na arqueologia e na pré-história, mas pode ser usado na etnologia – como diz ainda C. Lévi-Strauss – quando aplicado àquele tipo de sociedades de modo que não se perca de vista que são sociedades vivas, de duração e que passam por mudanças.

O conceito de “primitivo” é, em primeiro lugar, um conceito comparativo. Uma sociedade se diz “primitiva” com relação a outra. O que se compara, neste caso, é a diferença de nível cultural. Uma cultura pode revelar-se mais pobre em suficiências técnicas que outras que lhe convizinhem. Mas o conceito de “arcaico” não é comparativo, pois se trata de uma condição interna de certas sociedades existentes. O que pode revelar-se arcaico é a estrutura interna de uma sociedade, e não suas disponibilidades técnicas. “Arcaico” é um conceito interno, não-comparativo e estrutural.

## 5

Na época de Sir Edward Burnett Tylor, como mostra a segunda parte do seu famoso livro *Primitive Culture* (1871), o que predominava, no estudo das idéias religiosas, dos ritos e cultos, era a teoria do animismo<sup>6</sup>. Segundo esta teoria, a mentalidade primitiva concebia os homens como portadores de várias almas, e as plantas e animais como constituídos de uma parte material e de uma alma. O etnólogo alemão Konrad Theodor Preuss considerou, em sua época, a teoria do animismo de Tylor dotada de “base muito firme”<sup>7</sup>.

A teoria do fetichismo foi defendida, pela primeira vez, em 1760, por Charles de Brosses, presidente da Académie des Inscriptions et Belles Lettres, em sua obra *Du Culte des Dieux Fétiches*<sup>8</sup>. Derivou o termo “fétiche” do português “feitiço” (De Brosses escreveu “fetisso”), que era usado pelos comerciantes do Senegal para designar “chose fée, enchantée, divine ou rendant des oracles”. Afrancesada em “fétiche”, passou a designar deuses, coisas sagradas e talismãs. O fetichismo é considerado por De Brosses um sistema religioso, e com esse significado entrou na etnografia moderna. “Fétiche”, do latim *facticius*, significava coisa feita à mão, e, a partir do século XV, passou a designar, na África Ocidental, as esculturas negras que se considerava possuir forças mágicas<sup>9</sup>.

## 6

Como definiu Louis-Vincent Thomas, Lucien Lévy-Bruhl é um teórico da etnologia que marcou profundamente o pensamento filosófico-etnológico francês<sup>10</sup>. Em 1910, publicou sua primeira obra de caráter nimaemente etnológica – *Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures*. Neste trabalho estuda a linguagem, a numeração e as instituições das sociedades “primitivas”. Sua grande repercussão

deve-se ao postulado da existência de uma diferença irreduzível entre o pensamento do homem civilizado e do homem primitivo. O civilizado é detentor – segundo diz – de um pensamento lógico e conceitual; e o primitivo é portador de um pensamento oposto: pré-lógico, não-conceitual. Essa tese expunha um estado de oposição irreduzível entre os dois modelos de mentalidades, e negava a identidade do espírito humano. De um lado, a mentalidade lógico-discursiva; de outro, a mentalidade trabalhada pelos mitos e pelo poder de forças ocultas. Daí, Lévy-Bruhl deduzia a “inferioridade” das sociedades de mentalidade pré-lógica, e, a um tempo, a “superioridade” das sociedades de mentalidade lógica.

Em 1919, Lévy-Bruhl leu, no Lowell Institute, de Boston, uma série de palestras, que depois desenvolveu num livro não menos importante: *La Mentalité Primitive* (1922). Nele desenvolve a denominada “lei de participação”, existente na mentalidade primitiva, onde debate, também, a questão da causalidade. Em 1949 ocorre a publicação de seus *Carnets*, onde ameniza sua hipótese do pré-logismo.

Neste último livro, L. Lévy-Bruhl constata “uma aversão decidida” dos chamados “primitivos” pelo raciocínio (*raisonnement*), isto é, pelas operações discursivas do pensamento. Essa aversão provinha do que denominava de “hábitos do espírito” desses primitivos. Não se tratava, portanto, de uma incapacidade ou de uma impotência do seu entendimento (dos primitivos), mas, como o entendi, de uma escolha. Daí sua atitude diante dessa humanidade portadora de tal diferença, que se encontrava – diz – a um tempo longe e perto de nós, e que apelidávamos impropriamente de “primitivos”.

Lévy-Bruhl nunca realizou estudos de campo. E, a partir de seu gabinete em Paris, elaborou sobre as sociedades primitivas um sistema explicativo global, de muita eficiência em se tratando de uma filosofia etnológica. Esse sistema de explicação totalitário é que estabeleceu, em seu interior, essa diferença radical entre a razão “selvagem” e a razão cartesiana ou kantiana. De um e outro lado dessas humanidades os respectivos pensamentos se revelam irreduzíveis. Os postulados etnológicos de Lévy-Bruhl revelam um sistemático pensamento etnocêntrico por parte do etnólogo. Nos *Carnets*, Lévy-Bruhl iria advertir que o etnólogo se deve pôr em guarda contra “nossos hábitos mentais”, que podem conduzir a hipóteses de evidente similitude, mas no fundo falsas. Para sua época, Lévy-Bruhl realizou uma verdadeira revolução copernicana (a expressão é de L.V. Thomas) em seu pensamento: “Enquanto admite que o espírito dele (do primitivo) é orientado como o nosso, que reage como o nosso às impressões que recebe, admite-se também, implicitamente, que deveria refletir e raciocinar como o nosso a respeito de fenômenos e de seres do mundo dado”<sup>11</sup>.

7

Pode haver uma diferença de base entre pensamento “científico” e pensamento “primitivo”? A colocação desse problema merece de C. R. Hallpike a designação de “stultifying contrasts”<sup>12</sup>.

Já se tentou também aproximar o pensamento primitivo das formas pré-operatórias do pensamento da criança. Se acreditarmos, com C. Lévy-Strauss, na existência de um “estrato universal de cristalizações” do pensamento, e que a “cultura mais primitiva é sempre uma cultura adulta”, e como tal incompatível com as manifestações do pensamento infantil<sup>13</sup>, considere-se respondida boa parte de ambas as questões. Ademais, não existe camada arcaica do pensamento. O pensamento primitivo não é pré-operatório, e o que acontece é que opera com outras variantes. Ele é adulto como o pensamento “civilizado”, e, em etnobotânica ou em etnozologia, é comum referir-se às formas de classificação e às taxonomias “selvagens”. E C. Lévy-Strauss, na sua monumental *Mythologiques* (4 tomos), elabora nas análises dos mitos indígenas verdadeiras categorias sensíveis do pensamento e estruturas formais. E fala, em *Les Structures Élémentaires de la Parenté*, da “ilusão do arcaico”. Como diz Robert H. Lowie, o homem de nossa época pertence a uma espécie única, o *homo sapiens*<sup>14</sup>. O homem primitivo não é aquele selvagem que, na concepção setecentista de De Brosses, levava a “vida numa perpétua infância”. Esta é apenas a visão de um ideólogo, elaborada a partir do etnocentrismo europeu de sua época.

## 8

Há uma certa dificuldade teórica na fixação do conceito de cultura. A definição de Richard Thurnwald, em que o conceito de cultura aparece como um sistema que inclui costumes, juízos de valor, atitudes, modos de agir, instituições e organizações que integram uma sociedade<sup>15</sup>, pode ser provisoriamente aceita. Os etnólogos alemães costumam dividir a cultura em: cultura espiritual (*geistige Kultur*) e cultura material (*materielle Kultur*), entendendo pela primeira a totalidade dos bens espirituais, e, pela segunda, a totalidade dos bens materiais. Como se coloca, nesse contexto da cultura, a etnologia? Parece-me oportuna a definição de André Leroi-Gourhan<sup>16</sup>, que considera a etnologia como “a ciência das *pessoas étnicas*”.

O derivado “aculturação” é um termo que Bronislaw Malinowski considerou possuir alguns inconvenientes etimológicos, e dele chegou a dizer: “É um vocábulo etnocêntrico com uma significação moral”<sup>17</sup>. Sua opinião era a de que o termo “acculturation” implicava o conceito de um *terminus ad quem*. Achava preferível o emprego do termo “transculturación”, proposto pelo etnólogo cubano Fernando Ortiz. Emilio Willems definia o termo “aculturação” como o que designava “mudanças na cultura de dois ou mais grupos quando postos em contato direto e contínuo”<sup>18</sup>. É o termo operatório fundamental na obra de Arthur Ramos a partir de 1937. Robert Redfield, Ralph Linton e Melville J. Herskovits entendem por “aculturação” os “fenômenos resultantes do contato, direto e contínuo, dos grupos de indivíduos de culturas diferentes, com as mudanças conseqüentes nos padrões originais culturais de um ou ambos os grupos”<sup>19</sup>. Explica Arthur Ramos que são três os resultados da “aculturação”: aceitação, adaptação e reação. No primeiro caso, a nova cultura é aceita, “com perda e esquecimento da herança cultural mais velha”; no segundo, há uma combinação entre a cultura nova e a velha; e no terceiro, surgem reações contra-aculturativas.

Lowie dá a acepção científica de “cultura” como o “conjunto das tradições sociais”<sup>20</sup>. Exclua, desse modo, as conotações que o termo comumente implica, como as de refinamento cultural ou de instrução excepcional. Essa definição permite que se possa falar de “cultura” técnica como parte da história da cultura. As culturas consideradas “primitivas” têm como características gerais a ausência da escrita e o atraso técnico. Isto é, como explica Jean Cazeneuve<sup>21</sup>, “os pretensos primitivos ignoram em geral o meio de traduzir seu pensamento por meio de signos escritos”. É essa incapacidade que impede que tenham acesso às sociedades de modelo “cumulativo”, como a nossa. O etnólogo francês define a sociedade primitiva ou arcaica pelos componentes principais de sua mentalidade: 1. penetração do sobrenatural na visão geral do mundo sob todas as suas formas; 2. classificação que mistura o natural e o social; 3. e fraqueza da abstração. A primeira já foi assinalada na mentalidade arcaica por L. Lévy-Bruhl, e totaliza toda a conduta mental do homem social arcaico; a segunda revela que as classificações, no sistema arcaico, têm um fundo analógico de difícil percepção por nossa parte; e a terceira revela que o processo de abstração e de conceitualização no pensamento do homem primitivo se faz com a ausência de conceitos gerais, pelo uso de um vocabulário que Cazeneuve denomina “pletórico” e do simbolismo.

O etnólogo anglo-polonês Bronislas Malinowski<sup>22</sup> mostrou que uma cultura funciona por meio de normas, costumes, tradições e regras. Além do que, ela se compõe de idéias e valores, interesses e crenças. E estabeleceu uma tabela mínima das necessidades básicas, ocorrentes numa cultura e as respectivas respostas culturais. Por exemplo: a *reprodução* tem como resposta o *parentesco*; os *confortos corporais* têm como resposta o *abrigo*, e assim por diante. Em seus estudos das sociedades arcaicas, Malinowski opera com o conceito de “função”. Este conceito permite que se verifique as funções das diversas esferas culturais e a da cultura em sua totalidade (Mühlmann). Assim, pensa-se qual a função dos termos de parentesco, primários e derivados, individuais e coletivos, descritivos e de classificação. A pergunta inicial dos etnólogos dessa tendência é saber: Como funciona uma cultura?

Outros etnólogos trabalham com o conceito de “estrutura”. O que lhes interessa, numa cultura, é sua estrutura social. Em vez de trabalharem com a realidade empírica, preferem a construção de modelos, que têm como ponto de partida essa realidade. Para isto adotam um tipo de formalização, isto é, estabelecem uma análise dos aspectos formais dos fenômenos sociais. É uma análise não-indutiva, que opera primeiramente sobre as relações sociais. Como se pode ver, o método estrutural tem uma extensão epistemológica. Concebe a “estrutura” como sistema, e o modelo, a partir daí construído, deve levar em conta todos os fatos observados. É, por conseguinte, uma antropologia de amplo teor teórico. Claude Lévi-Strauss é o principal representante dessa tendência<sup>23</sup>.

## 9

Em 1934, como revela a obra *O Negro Brasileiro*, as preocupações etnológicas de Arthur Ramos estavam centralizadas no pré-logismo, na teoria do fetichismo, nos

processos de aculturação e, posteriormente, no método histórico-cultural. Eram o quadrívio teórico à sua disposição para o estudo das culturas negras. Com a adoção do método histórico-cultural, desenvolvido pelos etnólogos católicos reunidos em torno da revista *Anthropos*, Arthur Ramos pensava corrigir as teses do evolucionismo linear (Tylor *et alii*).

Wilhelm Schmidt, um dos patronos dessa corrente, operava conceitos interessantes, como o de “círculos culturais” (Kulturkreis) e de “estratos culturais” (Kulturhochichten). Surgiram dois centros de difusão dessa tendência: um em Berlim e outro em Leipzig. Dentro dos preceitos dessa escola etnológica, Adolf Bastian formulou a teoria das “idéias elementares” (Elementargedanken), que tinha por corolário o conceito da “idéia de povos” (Völkergedanken).

Por sua vez, ainda dentro dessa tendência, Ankermann e Graebner fixaram os círculos e estratos culturais da África e da Oceania. Frobenius, o excelente etnólogo dessa escola, é, na verdade, o formulador da idéia dos círculos culturais, a partir dos ensinamentos de Peschel e Rätzel. A tese fundamental da escola histórico-cultural é a de que o progresso humano se realiza através de empréstimos culturais, de uma a outra cultura. As idéias elementares são verdadeiros arquétipos (para usarmos o termo de Jung) comuns ao pensamento humano, e que se reproduzem independentemente em qualquer latitude terrestre. São esses os fundamentos teóricos da escola histórico-cultural<sup>24</sup>.

A nosso ver, Arthur Ramos tenta superar as dificuldades do método histórico-cultural aplicando, em seus estudos sobre o negro, a teoria da aculturação, tão cara a alguns etnólogos. O que se não explica por meio de empréstimos, explicar-se-á, obviamente, por conta dos processos aculturativos. Estes, pelo menos, exigem certo grau de contato e proximidade cultural.

## 10

Um dos aspectos extremamente simpático da obra de Arthur Ramos, a partir de 1934, é acreditar que métodos e teorias são, em si, relativos, não guardando a ilusão de que sejam definitivos e infalíveis. Ambos são encarados como “hipóteses de trabalho”. Usava de métodos e hipóteses como instrumentos operatórios, e usou (e de certa maneira, abusou) dos que sua época oferecia. O importante para ele numa hipótese não era o que poderia ter de “verdadeiro”, mas sua “fecundidade”, sua disposição operatória. Nesta postura científica entra um tanto quanto de pragmatismo. Sua etnologia do negro corre, deste modo, o risco de tornar-se uma antropologia “de resultados”. Se resulta bem, a hipótese é boa. Essa postura científica de Arthur Ramos torna-se clara, quando o nosso etnólogo exerce o direito de crítica sobre alguns resultados dos estudos pioneiros de Nina Rodrigues, seu mestre. Os trabalhos de Nina Rodrigues encerram várias teses atualmente não conferidas cientificamente. E Arthur Ramos as expõe na introdução de *O Negro Brasileiro*: a da inferioridade antropológica de certos grupos étnicos e a da degenerescência da mestiçagem. São postulados em desacordo com o atual estado dos estudos científicos sobre etnias e raças.



Do mesmo modo, a teoria animista de Tylor entrou em desacordo com os atuais estudos etnológicos, e foi substituída, à época de Arthur Ramos, pela teoria do pré-logismo e pela teoria do fetichismo. O razoável da postura de Arthur Ramos é a previsão de que as teorias, que lhe serviam de instrumentos conceituais, estavam fadadas a uma revisão. Apesar da transitoriedade dos métodos, das teorias e hipóteses, os resultados das investigações realizadas sob essas tutelas podem ser fecundos. A obra de Nina Rodrigues sobre as religiões negras na Bahia é um exemplo, e a de Arthur Ramos, seu discípulo, também.

Neste livro de 1934, Arthur Ramos estuda as “representações coletivas” dos grupos negros da Bahia e do Rio de Janeiro, incluindo os catimbós nordestinos. Hubert<sup>25</sup> define essas representações como sendo as que o indivíduo não formaria no estado de isolamento. Elas constituem uma realidade *sui generis*, e, segundo Durkheim<sup>26</sup>, essas reações se produzem pelas ações e reações trocadas entre as consciências elementares que constituem uma sociedade. Constituídas, adquirem uma certa autonomia, formando sínteses de várias espécies. São a forma que tomam, na vida social, a consciência coletiva e os estereótipos. Arthur Ramos dá especial atenção às formas religiosas, porque acha que o estudo dessas formas abre acesso ao conhecimento da psicologia de um povo. Ele denomina essas formas religiosas dos negros dos candomblés baianos, da macumba carioca e dos catimbós nordestinos de “fetichismo”. Nina Rodrigues, por sua vez, o antecipou, denominando-as de “animismo fetichista”. As representações coletivas se organizam em sistema, e o que pretendeu estudar Arthur Ramos, em seu ensaio de 1934, foi o sistema de representações coletivas dos grupos negros. Estuda, nesta ocasião, o fetichismo jeje-nagô, a magia fetichista e a possessão fetichista, ao lado do sincretismo, da liturgia jeje-nagô, dos cultos de origem banto e as danças e músicas dos candomblés. Na segunda parte aplica, com rara habilidade, o método de psicanálise profunda – o que denomina de “exegese psicanalítica” – aos mitos das águas, aos orixás fálicos, ao totemismo, ao culto dos gêmeos e o ciclo da magia, onde faz a psicanálise do pensamento pré-lógico. Todas essas preocupações analíticas se incluem no estudo mais profundo do que denominou, como vimos anteriormente, de “inconsciente folclórico”.

Outro aspecto simpático neste ensaio é a repulsa, por parte de Arthur Ramos, da tese da inferioridade do negro e de sua incapacidade de civilização. Convenhamos que essa sua atitude foi corajosa numa época em que certas correntes racistas postulavam essa inferioridade e essa incapacidade. Apelida essa lógica racista de “falsa lógica”, que tinha por fundamento um “sadismo negricida”. Ou como se referiu de uma maneira geral: “Esses conceitos de ‘primitivo’, de ‘arcaico’, são puramente psicológicos e nada têm que ver com a questão da inferioridade racial”.

## 11

Nina Rodrigues foi o primeiro que demonstrou a existência de um fetichismo nos negros baianos. Em 1900 apareceu seu ensaio *L'Animisme Fétichiste des Nègres de Bahia*, onde estuda a religiosidade nagô. O título já deixa patente a teoria etnológica

que norteava as pesquisas. Nina Rodrigues acreditava na predominância dos escravos yorubanos na população negra baiana. Posteriormente essa sua posição foi criticada por Arthur Ramos, a partir de seu ensaio de 1934. Suas observações das sobrevivências das formas religiosas africanas entre os negros da Bahia até hoje chamam a atenção pela fidelidade e correção, apesar de suas teses em desacordo com os postulados científicos atuais. Nesse seu estudo, Nina Rodrigues estabelece o nagô como a língua geral dos negros baianos<sup>27</sup>. A constatação já fora feita anteriormente pelo historiador Varnhagen. Posteriormente, falada fora da Bahia, Arthur Ramos acrescentava, como língua geral, o quimbundo. Ao lado da língua nagô ou yorubá, aparece também uma religião geral, jeje-nagô, como comprovou ainda Nina Rodrigues.

Como vimos anteriormente, Nina Rodrigues detectara a existência, entre os negros baianos, de um “animismo fetichista”, provavelmente de predominância yorubana ou nagô. Essa afirmação serve de fundamento à tese de Arthur Ramos de que existe um fetichismo nagô, mas não em estado puro. Neste ponto, Arthur Ramos introduz em sua análise o conceito de “sincretismo”, referindo-se a uma fusão entre grupos sudaneses e grupos bantos. Fusão física – com cruzamentos biológicos; fusão cultural – com “interinfluências de ordem psicossociológica”.

O fetichismo puro – esse “vasto sistema cosmolátrico”, no dizer de Arthur Ramos – inexistia na Bahia, pois na época já se afastara do modelo yorubano. Constatou ainda que esse processo sincrético continuava, atravessava a totalidade da existência das formas religiosas. Chegou a escrever que, “hoje, a obra do sincretismo avança no seu trabalho rápido de transformação das espécies míticas”. Caracteriza o fetichismo nagô como possuidor de um sincretismo mítico, de dominância da mítica nagô, com adoção do gri-gri (“essência das proto-religiões africanas”) e separação entre o *fétiche*-ídolo e o ídolo.

O centro das pesquisas de Nina Rodrigues foi o terreiro do Gantois, em Salvador. É um terreiro de tradição nagô. Pois, passados anos, é nesse terreiro que Arthur Ramos centraliza – como confessa – suas pesquisas. Este fato não deixou de marcar profundamente (e, de fato, condicionou) o desenvolvimento dos estudos de campo dos dois cientistas. O fato é de tal importância que marcou uma diferença entre os modelos etnológicos construídos, respectivamente, por Arthur Ramos e Edison Carneiro. As pesquisas desse último etnólogo centralizaram-se no terreiro do Alaketo. Há diferenças de detalhes entre ambos os modelos de pesquisa, algumas de importância. A meu ver, nos dois casos, o espaço etnográfico das pesquisas condicionaram essas diferenças entre modelos.

## 12

Há dois pontos de debates que seria interessante colocar aqui: a questão do sincretismo e a questão Olorun. Ambas as questões foram motivos de debates. Revelam bastante o temperamento de um etnólogo em trabalho de campo, e a interferência que esse temperamento pode ter na descrição e na teorização do material colhido. É oportuno lembrar, de antemão, as palavras de um etnólogo ilustre, o

funcionalista Bronislas Malinowski: um etnólogo, que vai a trabalho de campo para comprovar certas hipóteses, deve ter coragem de mudar seus pontos de vista diante das provas documentais, e, além disto, abandoná-los sob pressão das evidências. Do contrário, seu trabalho não vale nada<sup>28</sup>.

Arthur Ramos afirma, em *O Negro Brasileiro*, que Olorun ou Olorung, o maior dos orixás africano, fora esquecido no Brasil. E diz que, em suas pesquisas no Rio de Janeiro e na Bahia, não encontrara entre os negros nenhuma referência a essa divindade yorubana. O fato é que o cronista João do Rio<sup>29</sup>, realizando pesquisas nas macumbas cariocas, registrara, no começo do século, a existência desse orixá sob a forma de Orixá-alun e Orixalá-alun. Era uma pegada muito importante para que se pudesse prosseguir no rastro. Em vez disto, Arthur Ramos pôs sob suspeição a afirmativa do cronista, acusando-o de realizar pesquisas apressadas. Entretanto em 1935, em sua obra *O Folclore Negro no Brasil*, reconheceu a procedência do registro do cronista. Pesquisas mais extensas realizadas no nordeste tornaram evidente a existência do orixá. Sua informante do Pilar, em Alagoas, falou do orixá Olóro ou Olólo, que não era outro senão Olorun. O informante Valdevinos se referiu a Olorun-modupé e a Olorun-didê, e cantou até uns versos onde o orixá yorubano aparecia “nas terras de Batirité”. Essas evidências, contudo, não deixaram Arthur Ramos conformado. Fez pé atrás, e concluiu: “Seja como for, a minha observação primitiva permanece de pé”. E deu por acabada a questão.

O fato revela uma falta de modéstia alarmante, mas o etnólogo Malinowski, que fez a advertência de respeito aos fatos, nem sempre se revelou, por sua vez, modesto em relação a certos fatos etnográficos. Mas nem por isso sua advertência perde valor. A arte da modéstia não é muito praticada por alguns etnólogos, entre eles Arthur Ramos. Com isto não se pode concluir apressadamente que a imodéstia ponha em dúvida seu trabalho como um todo. Os etnógrafos são imodestos nos detalhes, ou, mais precisamente, em alguns detalhes. Arthur Ramos revela sempre a dificuldade de voltar atrás. E isto não impede que se faça um juízo justo sobre seu discurso antropológico.

A humanidade do etnógrafo faz parte da profissão. O caso com a etnóloga norte-americana Ruth Landes é um exemplo. De uma família aristocrática do Sul dos Estados Unidos, veio ao Brasil estudar as culturas negras numa época politicamente difícil: 1938-1939. O país se encontrava em plena ditadura Vargas. Ela veio da Universidade de Columbia recomendada a Arthur Ramos e, ao retornar, publicou um dos livros mais belos e irreverentes sobre a Bahia – *A Cidade das Mulheres* (The City of Women). Neste trabalho esboça sua tese sobre o matriarcado cultural e o homossexualismo masculino nos candomblés baianos. Estava muito influenciada pelos trabalhos do mais heterodoxo dos etnólogos norte-americanos: Gregory Bateson, autor de *Naven*, sobre o cerimonial dos Iatmul, um grupo de caçadores de cabeça de Nova Guiné.

Em sua estada na Bahia, fez amizade com Edison Carneiro, que a encaminhou pelos terreiros de Salvador. Essa amizade ocasionou a suspeita da polícia de segurança do Estado Novo, que criou sérias dificuldades para a realização da pesquisa. Por ordem da Carnegie University, a etnóloga retornou aos Estados Unidos. Em 27 de dezembro de 1939 escrevia, do seu apartamento da luxuosa Walton Avenue, em Nova Iorque, carta a Arthur Ramos, onde pedia desculpas de “todos seus erros”. Que erros foram esses, que causaram irritação

---

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro, 108:175-198, 1988.

em Arthur Ramos, a tal ponto que se chegou a dizer que negara aval ao livro da etnóloga? Foi algum fato político? Na carta, a etnóloga pensa em voltar ao Brasil, mas reconhece que talvez não a deixem entrar outra vez<sup>30</sup>.

A meu ver, há, aí, motivos de duas ordens: 1. dificuldades políticas, em que se fazia envolver os centros de cultos afro-brasileiros na luta contra a ditadura Vargas; 2. motivo puramente etnográfico, pois os estudos sobre *ethos* nos candomblés conduziram à constatação de um processo interessante de homossexualização masculina. O trabalho que escreveu após voltar aos Estados Unidos para o *Journal of Abnormal and Social Psychology*, dirigido por Gordon Allport, chamava-se justamente *A Cult Matriarchate and Male Homosexuality*. Nele descreve como na Bahia “os vagabundos se habilitam ficando *mulheres da seita*”. Será que o tema etnológico da homossexualidade era então tabu no Brasil? E não foi isto que irritou o machismo etnológico de Arthur Ramos? Ou pode ser que tenha havido alguma coisa de mais profundo na amizade de Ruth Landes com Edison Carneiro, e que Arthur Ramos tenha achado pouco ético? Numa cidade provincial, como Salvador, a amizade de uma etnóloga loura com um etnólogo mulato deve ter provocado a maldicência, aliás muito divertida, da gente baiana. Seria interessante descobrir o que realmente houve de tão importante, que chegou a interromper as pesquisas, tão bem encaminhadas, sobre as culturas negras da Bahia.

A questão do sincretismo, que faz a *performance* dos estudos de Arthur Ramos sobre os negros, não foi uma questão pacífica. Demonstrou, durante a feitura de toda sua obra antropológica, forte entusiasmo pela teoria do sincretismo. Para determinadas correntes culturalistas, o sincretismo sempre foi uma espécie de *deus ex machina*. E na obra de Arthur Ramos preenche os espaços abandonados pelo exclusivismo banto. O lema passou a ser: onde não há exclusivismo, há sincretismo. Isto revela o pavor do vazio na antropologia culturalista.

Arthur Ramos não acreditava na existência dos voduns jeje-minas no Brasil. Chegou a dizer que o termo jeje-daomeano – *vodu*, grafia haitiana; *voodoo*, grafia inglesa – era desconhecido no Brasil. A descoberta dos voduns (como se pronuncia no Maranhão) coube, pelo menos como registro principal, ao etnólogo Nunes Pereira, que em criança cresceu na Casa das Minas, em São Luís, onde sua mãe era *noviche*. Um fato muito simpático é que coube a Arthur Ramos publicar, pela Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, em 1947, o admirável estudo – *A Casa das Minas* – de Nunes Pereira, sobre as sobrevivências domeianas no Brasil. A introdução de Arthur Ramos a esse ensaio levanta uma polêmica científica em torno da questão do sincretismo.

No texto de seu ensaio, Nunes Pereira é muito claro: a Casa das Minas é uma sociedade transplantada para o Brasil, genuinamente africana, “com as suas leis, os seus deuses, os seus costumes e as suas tradições”<sup>31</sup>. Portanto, Nunes Pereira nega que haja um processo de sincretismo. Neste terreno prevalece o exclusivismo mina-jeje sob uma forma religiosa, dedicada ao culto dos voduns. Arthur Ramos discordou das afirmações de Nunes Pereira sobre a pureza do culto, e levantou a suspeição de sincretismo. Há ou não há sincretismo no Querebetan jeje-mina de São Luís? Não havia com o culto católico – diz Nunes Pereira – referindo-se à época em que o estudou. Admitiu uma fórmula de modelo mina-jeje-nagô-muçulmi onde poderia ocorrer o que Arthur Ramos denominou “sincretismo inicial”. O termo “fórmula”, usado por

---

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro, 108:175-198, 1988.

Nunes Pereira, é cauteloso, e não deixa muito espaço para a teoria do sincretismo. A postura científica do etnólogo maranhense chama a atenção para a complexidade do fenômeno do sincretismo. Sendo um etnólogo que não operava no interior da teoria do sincretismo, como Arthur Ramos, pôde pôr um dique teórico na exuberância do sincretismo. É interessante a sinceridade de Arthur Ramos, dizendo que não dispunha de elementos para contrapor-se à idéia de Nunes Pereira.

Entretanto a discussão não fica aí, porque em matéria de teoria Arthur Ramos não cedia facilmente. Não tendo elementos para contrapor-se à tese de Nunes Pereira, disse que encontrara evidências de sincretismo nas pesquisas de Nunes Pereira. Eram evidências sincréticas. E as citou: a pedra de Santa Bárbara e referências a São Jerônimo sob a forma de Sobô e Badé. Mas o que assegurava Nunes Pereira era que, na Casa das Minas, a distinção entre o culto mina-jeje e católico era nítida. A presença eventual de santos do hagiológico católico corria por conta das táticas dos escravos, que desse modo evitavam a repressão de seus senhores. E tanto era – acrescenta – que as negras da Casa das Minas se dirigiam aos santos católicos em “língua africana engrolada com latim”. Os argumentos de Nunes Pereira não deixam de barrar a penetração do sincretismo num espaço de distinção de cultos, e que se achavam em situação especial de contato. Não se tratava de sincretismo. O que havia era a fórmula sincrética mina-jeje-nagô-muçulmi. Fórmula que excluía o sincretismo como sistema: o da aculturação dos cultos negros no catolicismo neocolonial<sup>32</sup>.

### 13

No caso do trabalho etnológico de Ruth Landes, na maneira como o apresentamos, ficou em suspenso a questão do *ethos*. Gregory Bateson chama de *ethos* (plural, *ethe*) o fundo emocional ativo de uma cultura<sup>33</sup>. É o teor emocional da cultura. O *Oxford English Dictionary* define o termo grego *ethos* como o “espírito característico ou teor de sentimento dominante de um povo ou comunidade; ‘gênio’ de uma instituição ou sistema”. Ele aparece como elemento dominante da estrutura e do funcionamento pragmático da cultura. Ruth Landes reconhece, em sua carta (27 de dezembro de 1939), que o *ethos* em etnologia era uma concepção nova, inspirada na teoria da “culture pattern” de Ruth Benedict. No momento ela analisava o livro de Bateson, e confessava que a obra (juntamente com a de Margareth Mead) lhe inspirava no seu trabalho, onde explorava as várias interpretações. Realmente, o primeiro capítulo de *The City of Women* é o ensaio “Matriarcado Cultural e Homossexualidade Masculina”, referido anteriormente.

É no livro *Patterns of Culture*<sup>34</sup>, de Ruth Benedict, que se sugere a existência de culturas apolíneas e culturas dionisíacas. Ela inspirou-se na obra de Nietzsche, e estabeleceu que há culturas, como a dos Pueblo, onde predomina a sobriedade e a continência, e há outras, onde predominam os excessos emotivos em suas manifestações, como os Kwakiutl de Vancouver Island. Na classificação da etnóloga teuto-americana, os Pueblo são um povo de comportamento apolíneo, e os Kwakiutl, um povo dionisíaco. São dois padrões de cultura opostos. Dessa oposição de padrões culturais surgiu a sugestão para o estudo desses componentes emocionais ou *ethos* nas culturas.

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro, 108:175-198, 1988.

## 14

Arthur Ramos defende a tese de que os negros muçulmis, islamizados, eram portadores de um “islamismo *sui generis*”. Isto é, de um islamismo já deturpado, em África, por “aluviões fetichistas”. No Brasil novas transformações ocorreram a esse islamismo muçulmi. Essas transformações se deram no espaço de um sincretismo geral – tão bem defendido pelo nosso etnólogo – e daí provindo o desaparecimento do islamismo muçulmi<sup>35</sup>.

Segundo Arthur Ramos, os negros do espaço sincrético, isto é, já aculturados, revelavam um “espírito maleável”, enquanto os negros muçulmis, por sua vez, eram portadores de um islamismo rígido, de práticas severas. A rigidez das práticas muçulmis entrou em choque com a maleabilidade aculturativa, concluindo-se, daí, o apagamento das tradições mais rígidas muçulmis nas culturas negras afro-brasileiras.

Assim, misturam-se em um único sincretismo práticas negro-fetichistas, práticas católicas e de outras procedências, dando como resultado um “sincretismo curioso”, um cadinho de tradições divergentes, onde já não se pode distinguir o que seja islâmico, ou fetichismo jeje-nagô ou banto, ou superstições católico-populares negro-mestiças. O único detentor dos traços de assimilação culturais é o “inconsciente folclórico”, onde se comportam de um modo significativo, apesar do esquecimento de suas origens. Como se pode observar, a aculturação é uma saída oportuna para os impasses da teoria do sincretismo. O inconsciente folclórico opera como catalisador do processo aculturativo, pois nele é que se resguardam os traços significativos do processo de assimilação. Em vista dessa habilidade do sincretismo, pode-se entretanto pôr a questão: não houve um processo social repressivo contra o islamismo muçulmi na Bahia, sob a crença que se tratava de negros letrados (alfabetizados em árabe), profundamente religiosos e orgulhosos, capazes de pôr em risco a maleabilidade aculturativa?

## 15

Um traço interessante, nessa época, no comportamento etnológico de Arthur Ramos, é o que se pode designar de etnologia participativa. Confessa que se submeteu à iniciação de *ogan*, no terreiro do Gantois, para fins de pesquisa científica. Com isto inicia, entre nós, o que designei de etnologia participativa, e que Margareth Mead realizaria, em outro contexto etnográfico, casando-se com um chefe indígena.

O *ogan*, considerado por alguns etnógrafos como um sacerdote (parece que isto ocorre no Gabão), na Bahia simplesmente é um protetor de terreiro. Com sua atitude participativa, Arthur Ramos mostrou que o *ogan* não era um sacerdote, pois ele pode sê-lo, iniciado por uma mãe-de-santo ou de terreiro.

O que resta perguntar é se essa atitude é ética. No caso do sacerdócio não seria, mas no caso de um protetor, simples amigo, não vejo obstáculo, dando mais profundidade às pesquisas. Por outro lado, a iniciação exerce, no caso de Arthur Ramos, o papel de um divã psicanalítico. A iniciação é, neste caso, um condutor psicanalítico.

Submetendo-se à iniciação, o etnólogo passa à condição de paciente, perdendo temporariamente sua função de agente. O método participativo de Arthur Ramos é, assim, parte da exegese psicanalítica, por ele defendida.

## 16

Ainda em sua obra de 1934, Arthur Ramos critica a “teoria do animismo” de Tylor. Explicar a crença dos “primitivos” em espíritos por essa teoria é, segundo diz, “explicar o *obscurus per obscurius*”. A teoria animista dá, para todos os “primitivos”, um estado mental comum. Estabelece, desse modo, uma filosofia primitiva geral. A importância do novo método do pré-logismo de Lévy-Bruhl é que substitui essa filosofia geral primitiva pelo novo conceito de “representações coletivas”. Embora considere ainda a mentalidade “primitiva” como mística, o faz considerando mística apenas a propriedade geral das representações coletivas, e não no sentido de Tylor. Não se refere ao misticismo religioso, mas a “crenças em forças, em influências imperceptíveis”.

Ora, Lévy-Bruhl entende que a psique “primitiva” possui uma lógica especial, diversa da lógica do civilizado. Segundo acha, o pensamento “primitivo” não indaga a causa dos fenômenos. Ou, como resume Arthur Ramos, “o mundo exterior é (...) percebido pelo primitivo através dos vidros espessos de uma mentalidade especial, diferente da nossa, impermeável à experiência e ao juízo crítico”. Pela teoria de Lévy-Bruhl, à qual se atrela teoricamente Arthur Ramos, a mentalidade “primitiva” rege-se pela lei da participação sob várias formas: contato, transferência, simpatia, ação a distância e outras. É a mentalidade pré-lógica, que impregna todas as instituições selvagens.

Arthur Ramos considerou que esse pré-logismo, que pode existir ao lado de elementos lógicos, forma o mundo mítico dos negros brasileiros. Mundo em que – diz Arthur Ramos – o microcosmo é inseparável do macrocosmo, onde o irreal e o real aparecem numa mesma dimensão. E acrescenta à lei da participação de Lévy-Bruhl a teoria da “onipotência das idéias” (*Allmacht der Gedanken*) de Freud. Aliás, no método de exegese etno-comparativa de Arthur Ramos, o método psicanalítico de Freud assume um lugar cada vez de maior destaque. Enfim, é o princípio da “onipotência das idéias” freudiano que explica a noção de contato inerente à lei de participação de Lévy-Bruhl. E são as sobrevivências dessa mentalidade pré-lógica que alimentam o inconsciente folclórico, tão caro a Arthur Ramos.

## 17

A antropologia de Arthur Ramos apresenta-se sob a forma de um duplo discurso: de um lado, uma antropologia dos fatos particulares, setorial, e que forma um discurso microantropológico, que inclui estudos sobre psicologia social, medicina legal e

folclore; de outro, uma antropologia dos fatos gerais, um discurso geral, macroantropológico, cujo modelo é a *Introdução à Antropologia Brasileira* (vol. I, 1943; vol. II, 1947).

Exemplos de microantropologia são *O Folk-lore Negro no Brasil* (1935), *O Negro Brasileiro* (1934), *A Aculturação Negra no Brasil* (1942) e *As Culturas Negras no Novo Mundo* (1937).

Em *O Folk-lore Negro no Brasil*, Arthur Ramos atualiza e, de certo modo, sistematiza seu ecletismo metodológico, revelando um conceito de “método” bastante pragmático. Entende por “método mais justo” o que, na coleta de dados, revela uma fecundidade que vai dotar a sistematização de seu ecletismo de um caráter científico. Considera toda “teoria” uma hipótese de trabalho, e o método mais justo é o que revela maior rendimento operacional, maior utilidade. O ecletismo metodológico de Arthur Ramos gera-se nesse conceito de resultados úteis, o que faz que se não possa determinar, do ponto de vista analítico, diferença fundamental entre método histórico-cultural, método psicanalítico e as teses do pré-logismo. Confessa que “o que vale é a fecundidade dos resultados. O que vale são os fatos”. É, a sua, uma antropologia de resultados. Entenda-se por antropologia de resultados a que adere à factualidade da sistematização, que transforma, primeiro, os fatos em “dados” observáveis e analisáveis, e, em seguida, os enquadra num sistema teórico, cuja base é a conciliação metodológica. Arthur Ramos não reconhece o exclusivismo metodológico, e quando o acusaram de não fazer uma antropologia do método histórico-cultural, confessou que seguia o “legítimo método histórico-cultural”, pois não fizera outra coisa, nos estudos das culturas negras, que discriminar suas diferenças sudanesas, negro-maometanas e bantos. Mas, ao dizer isto, contemporizava: “Devemos assumir uma posição conciliatória em meio às diversidades metodológicas nas ciências sociais, fugindo assim a todo unilateralismo”. Pensamos que esse temor ao unilateral o conduziu ao reino contemporizador de uma antropologia de resultados, e, de uma certa maneira, a um oportunismo metodológico. Aliás, Arthur Ramos era vezeiro em conciliar métodos, como o descritivo de Sylvio Romero com o culturalista da demopsicologia.

É interessante observar a conduta teórica desse sincretismo do método com relação aos estudos das culturas negras. Em *As Culturas Negras no Novo Mundo* (1937), Arthur Ramos critica a tese de Rüdiger Bilden e Gilberto Freyre, de que os estudos sobre o negro incluem exclusivamente negros *escravos*. Acha a tese “interessante e rica de resultados”, mas excessivamente sociológica para ser aceitável como generalização. Isto significa que, para Bilden e Freyre, o regime de escravidão foi fator exclusivo do apagamento, do esfacelamento e da diluição das culturas negras no Brasil. Arthur Ramos, pelo contrário, embora reconheça que o regime de escravidão alterou a vida cultural e social dos negros, sabe que foi um fator apenas “condicionante, entre outros, de dois processos psicossociais de relevante significado: a) a separação dos indivíduos dos seus grupos de cultura e b) os contactos de raça e de cultura, com a *miscigenação*, na ordem biológica, e a *aculturação*, na ordem cultural”. E reconhece outros fatores: as migrações secundárias, as fugas dos negros escravos em massa.

A posição teórica de Arthur Ramos, não se reduzindo apenas ao estudo dos negros escravos, possibilita o estudo do negro cultural. A meu ver, aí reside a diferença



entre um estudo sociológico e um estudo antropológico. Entretanto se há de convir que a opção para o estudo exclusivo do negro cultural, ignorando a situação escrava, corre o risco de não detectar o estado de escravidão como uma situação sistêmica. A nosso ver, os contatos de raça e cultura, a separação dos indivíduos de seus grupos originais, as migrações secundárias, as fugas, a miscigenação e a aculturação são fatores condicionantes, que operam dentro de uma situação sistêmica. À sociologia interessa a situação sistêmica do negro escravo; à antropologia as condições de sobrevivência das culturas negras em situação ou não sistêmica. Como se pode observar, a questão do método não é apenas uma questão nomenclatória, e que o sincretismo metodológico, ao ignorar a situação sistêmica, pode acarretar enganos, considerando a cultura sem observar a situação sistêmica de seus portadores — os escravos.

Em *A Aculturação Negra no Brasil* (1942), Arthur Ramos desenvolve, de um modo mais explícito, sua teoria da transplantação, que tem por *pendant* o conceito de aculturação. Neste ensaio, assistimos ao fato de Arthur Ramos, de um modo um tanto sub-reptício, admitir a situação sistêmica do negro escravo, vendo na escravidão um processo deformador das culturas negras importadas. Neste caso, a situação sistêmica da escravidão é que pode explicar certos fenômenos contra-aculturativos. Essa mudança de posição faz com que Arthur Ramos reconheça a escravidão como um “estado de dependência” aplicado ao negro. É esse “estado de dependência” que provoca a separação dos indivíduos de seus grupos de cultura, e determina, por conseguinte, a desmemória cultural dos estados aculturativos.

A contemporização entre o método sociológico de Bilden e Freyre e o método antropológico de Arthur Ramos se estabelece nesse reconhecimento do papel sistêmico da situação escrava. E assistimos Arthur Ramos confessar que é “impossível estudarmos o destino das culturas negras no Brasil e os fenômenos contra-aculturativos, sem a análise do papel deformador da escravidão”. Mas será que essa nova posição anula o que Arthur Ramos escreveu em 1935? Dizia então: “O homem é o resultante do seu complexo cultural”. Outra coisa não disse Gilberto Freyre em todos seus ensaios, senão que o complexo patriarcal da casa-grande condicionou a vida de todo brasileiro.

Com *Introdução à Antropologia Brasileira*, Arthur Ramos estabelece um discurso geral antropológico, que inclui o estudo não só das culturas negras e indígenas, como das culturas euro-asiáticas. É um discurso generalizante, que corre o risco de ignorar certos detalhes específicos das culturas estudadas. Todo estudo generalizante, toda macroantropologia, corre o risco de perder a lealdade dos fatos. Trata-se de um vasto panorama, em que os detalhes às vezes não contam.

O risco de perder a lealdade dos fatos é a primeira dificuldade de um discurso geral. A passagem da microantropologia para a macroantropologia não pode ser indiferente ao comportamento dos fatos, pois os critérios generalizantes têm por propriedade o apagamento de certas diferenças das situações factuais. Os fatos nem sempre se comportam de um mesmo modo quando se trata de submetê-los a critérios de nível microanalíticos ou quando se trata de submetê-los a critérios macroanalíticos.

Os fatos sistematizados em nível microanalíticos são suscetíveis de uma sobre-análise, sem que se percam sua natureza tópica ou relacional. Mas sistematizados a nível macroanalíticos tendem a deixar-se absorver pela ideologia do discurso geral. O macrodiscurso se sustenta na sua capacidade de gerar generalidades, e esse é um fato cheio de riscos para seu tratamento científico. Todo discurso geral é, a um tempo, sistematizador e generalizante, e comumente reverte as expectativas factuais da análise.

O discurso geral antropológico, na obra de Arthur Ramos, inicia-se com a operação de redefinir certos conceitos antropológicos dentro da Escola Culturalista. No interior deste discurso, a antropologia é entendida como a ciência do Homem e da Cultura, com sua divisão: etnografia (termo criado, em 1807, por Camper) e etnologia (termo criado, em 1839, pela Société Ethnologique de Paris). Arthur Ramos acreditava que na tarefa da antropologia constava a elaboração de leis gerais, para o estudo da cultura, que dessem a inteligência dos processos de mudanças e de aculturação.

O que se pode observar é que Arthur Ramos não elabora uma crítica dos conceitos fundamentais que constituem seu discurso geral. Conceitos como o de “mudança cultural” e de “aculturação”. Deve-se talvez ao fato de que a prioridade do discurso geral não está na crítica teórica do *modus operandi*, mas na sistematização nomenclatória, na teoria da classificação científica. Por necessidade do uso nomenclatório, o uso dos conceitos se faz de um modo pragmático, acético. No discurso geral os conceitos básicos operam como *utensils*, verdadeiros utensílios mentais do poder nomenclatório. É assim que o discurso geral se revela: 1. sistematizador; 2. expositivo; 3. inclusivo; 4. generalizante; 5. classificatório; 6. e acético. A ausência de uma teoria crítica dos conceitos deve-se à função integradora do sistema classificatório imperante. O sistema de conceitos do discurso geral opera, desse modo, a contemporização metodológica e generaliza as particularidades dos fatos antropológicos, relacionando-os e opondo-os, resultando na homogeneização do discurso.

O discurso culturalista opera em dois níveis de conceitos: um, de conceitos abrangentes, como “assimilação” e “aculturação”; outro, de conceitos restritivos, como “acomodação”, “adaptação”, “ajustamento”, “fusibilidade” e “homogeneidade”. A sociedade é considerada como um caldeamento cultural, que se pode medir — como queria o sociólogo norte-americano Bloom Wessel — por meio de “coeficientes” e “índices” de homogeneidade e de fusibilidade. Sua preocupação é a conduta social de certos grupos minoritários, quando tomados isoladamente. O que lhe interessa saber é como lidar com os grupos que revelam ou não um comportamento “integrado”.

Portanto, o discurso geral procura integrar num sistema classificatório categorias étnicas, como “índios”, “negros”, “ciganos”, “japoneses”, “alemães”, “italianos” ou subgrupos sociais, como “cafusos”, “mulatos”, “cangaceiros”, “beatos”, “andarilhos”, como ingredientes de marginalidades sociais. Preocupa-se por descrever os elementos culturais desses contingentes étnicos e sociais, sem que se precise estabelecer uma relação de dependência entre si. O modelo do discurso geral antropológico é nitidamente descritivo e neutro.

Só em nível macroanalítico o discurso geral opera conceitos relacionais, como “contacto de raças” e “mestiçagem”. É interessante observar como ele estabelece um critério nitidamente emblemático a respeito de opiniões e autores que o antecedem

na tentativa de criar um sistema classificatório. Assim, Sylvio Romero é definido por sua “hesitação sobre o problema da mestiçagem”; Euclides da Cunha, por suas “incoerências e confusões”; Alberto Torres, por suas perplexidades sobre as “raças de cor”; Oliveira Vianna, pela tese do “coeficiente ariano” e pela teoria da “arianização progressiva”, que encerram as estereotípias da “superioridade” do índio e da “inferioridade” do negro, além das confusões teóricas sobre o conceito de “raça” e de “cultura”, falando em “mestiços inferiores” e “mestiços superiores”, sendo ele próprio um mestiço; Paulo Prado, por suas “hesitações e estereotípias”; e, afinal, Alfredo Ellis Júnior, por sua “exaltação do mameluco e aviltamento do mulato”. Demais, quanto à análise científica, aparecem: Roquette Pinto, pregando a “fraca variação dos tipos mestiços”; Bastos de Ávila, realizando pesquisas biométricas de massa, e só Deus sabe para que finalidade; Alexander Marchant, defendendo a teoria do contacto inicial (isto é, do começo de nossa colonização) que se baseia no instituto geral do escambo; e Nina Rodrigues e Manuel Querino construindo a hipótese da aculturação negra.

Apesar das preocupações de ordem analítica, o discurso geral antropológico, como se dá a conhecer em sua extensão, só incidentalmente coloca a questão do negro escravo. Nele, a escravidão colonial e imperial, como sistema, não passa por uma teorização. O conceito de “escravidão” se revela, nele, como um epifenômeno, sem funcionalidade sistêmica. Na estruturação do discurso geral apenas se alude à escravidão. O domínio operatório é o dos conceitos de “assimilação”, “aculturação” e “adaptação” vinculados ao conceito de “cultura”. Interessa mais a esse discurso as culturas negras como fenômenos sincréticos que o negro social em situação sistêmica.

As propriedades do discurso geral ao transitar à condição de material de uma microantropologia são mediatizadas pela teoria do fetichismo (termo pela primeira vez empregado por Charles de Brosses em 1760) e pelo método etnocomparativo de fundamentação psicanalítica. Nina Rodrigues publicara um estudo sobre o animismo fetichista dos negros baianos, e, em seu ensaio de 1934, Arthur Ramos retoma a tese do mestre, e fala de uma “religião negra geral, no Brasil, jeje-nagô, com elementos introduzidos por outros povos negros”. Das suas afirmações: 1. que o fetichismo puro é um vasto sistema cosmolátrico, onde os orixás são a expressão de forças da natureza; 2. que na época em que Nina Rodrigues realizou suas pesquisas, o fetichismo jeje-nagô pouco se afastava do fetichismo yorubano, tal como observaram-no o Coronel A. B. Ellis e o missionário Bowen na Costa dos Escravos, na África Ocidental; 3. e que esse fetichismo yorubano era encontrado, ainda no tempo das pesquisas de Arthur Ramos, sem mescla de sincretismo, no candomblé do Gantois, em Salvador.

É um fato observável: quando a teoria do fetichismo opera na microantropologia de Arthur Ramos, retrai-se, nela, a teoria do sincretismo. Em 1934 a teoria do sincretismo não operava de um modo absoluto na obra de Arthur Ramos. Mas em 1947, mais de uma década depois, a teoria do sincretismo operava absolutamente, não deixava brecha, não procurava deixar espaço para um fetichismo puro, como indica sua discussão com Nunes Pereira.

Na obra de Arthur Ramos a defesa do método se confunde com a defesa do método etnocomparativo e da exegese psicanalítica. Aí a questão: como se comporta

o método psicanalítico na obra antropológica de Arthur Ramos? Ele é revelador de um estado de renovação nos discursos antropológicos no Brasil. O método psicanalítico (a teoria de Freud em primeiro lugar, e só secundariamente Jung) se revela uma hipótese de trabalho que, aplicada às culturas negras, deu resultados fecundos para a época. A exegese psicanalítica, seu *pendant*, tem por ingredientes principais: os resultados do método etnocomparativo; a teoria do pré-logismo; a teoria animista; o estudo psicanalítico das mitologias; a teoria do totemismo; e a psicanálise do pensamento pré-lógico.

A exegese psicanalítica opera como interpretadora e explicadora dos fatos mentais das culturas. Mas Arthur Ramos, por sua vez, considera as interpretações e as explicações psicoculturais daí resultantes, “simples hipóteses de trabalho”. Isto é, são hipóteses de trabalho, a um tempo, o método e os resultados do método. É por meio da exegese psicanalítica que Arthur Ramos exerce uma contemporização constante entre método e resultados, entre psicanálise e cultura (totemismo, teoria dos complexos), e entre a teoria histórico-cultural (difusionismo, *strata* culturais, etc.) e cultura. Daí suas admirações por Opler, Sapir e Ruth Benedict, considerados psicólogos e psiquiatras da cultura. Na obra de Opler interessou-se sobretudo pela relação da “subcultura individual” (Ego) com a “cultura total” (Superego).

De fato, Arthur Ramos encarava as incompatibilidades metodológicas como apenas uma questão de nomenclatura. Desse modo, as incompatibilidades e as diferenças entre métodos aparecem como questões secundárias, um atrito de nomenclaturas. No seu espírito contemporizador, considera “fecunda” toda conciliação metodológica, tanto na análise da cultura como na análise da personalidade. E oferece como exemplo de conciliação metodológica na interpretação da cultura e da personalidade nada menos que o volume II de *Os Índigenas do Nordeste*, de Estêvão Pinto.

## 18

Em *A Organização Dual entre os Índios Brasileiros* (1945), Arthur Ramos introduz em sua obra o método funcionalista. No seu parecer, o novo método amplia os horizontes da interpretação cultural, libertando a etnologia de sua sujeição ao puramente descritivo. Aos trabalhos do método funcionalista atribui a “exploração vertical do fenômeno da cultura”. Essa “exploração vertical” consiste na descoberta dos vínculos entre os traços de cultura e seus portadores culturais. Isto é, do homem que “jazia escondido detrás das maciças descrições dos seus padrões de cultura”.

A “organização dual” (também chamada “metades”, “sistema dual”, “sistema das duas classes” e “sistema bipartite”) é um dos aspectos da organização social primitiva. W. R. Rivers pôs em destaque esse tipo de organização social dividida em metades em sua obra *Kinship and Social Organization* (1914). Compreendia como tal o alinhamento de todos os membros de uma sociedade em dois grupos unilineares, com designações distintas. Essa divisão em metades permite o estabelecimento de linhagens e parentescos. Esse tipo de parentesco, que vai além da aliança sanguínea, chama-se “sistema classificatório”, onde os vínculos ideológicos de parentesco dominam sobre os vínculos de sangue.

Para compreender-se esse tipo de parentesco é preciso que se elimine as ambigüidades do termo “família”, não o reduzindo unicamente a nosso tipo de família ou família nuclear. G. P. Murdock define a família como “um grupo social caracterizado pela residência comum, cooperação econômica e reprodução”<sup>36</sup>. Em seu estudo, estabelece a diferença entre “família” e “matrimônio”. Este último é um complexo de costumes que se centraliza na relação da associação sexual entre pares adultos dentro da família.

Por outro lado, Murdock distingue, no estudo de 250 sociedades humanas representativas, apenas três tipos de organização familiar: a “família nuclear”, a “família poligâmica” e a “família extensa”. A família nuclear é um grupo social humano universal. A família poligâmica consiste de duas ou mais famílias nucleares filiadas a uma pluralidade matrimonial. Essa pluralidade exerce-se de duas maneiras: o matrimônio de um homem com duas ou mais mulheres, ou poliginia; o matrimônio de uma mulher com dois ou mais homens, ou poliandria. A família extensa consiste, por sua vez, em duas ou mais famílias nucleares filiadas por meio de uma extensão das relações de parentesco que vai além da relação marido-mulher. Como se pode observar, a família nas sociedades primitivas difere estruturalmente do tipo de família conhecida em nossa sociedade euro-americana. O “sistema classificatório” foi descoberto por L. H. Morgan em sua monumental *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family* (1871).

Admitiu-se que a função primordial da existência da organização dual era de ser um organismo regulador do casamento. Descobriu-se depois que tinha outras funções, como a cerimonial, recreativa e até política. Em seu trabalho, Arthur Ramos estuda a organização dual entre os jê. Assim, aborda o conceito de bidualidade nos Orarimudogue dos borôro, e a relação com o culto dos gêmeos.

Seria universal, nas sociedades primitivas, a organização dual? Arthur Ramos parece indicar que sim. Mas C. Lévi-Strauss, em seu estudo *Les organisations dualistes existent-elles?*, parece pôr em dúvida não só essa pretensa universalidade, mas a própria existência da instituição, pelo menos nos termos apresentados por Rivers e seus seguidores<sup>37</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

1. Ramos, Arthur, *Loucura e Crime*, Porto Alegre, 1937
2. Ramos, Arthur, *O Negro Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1934
3. Ramos, Arthur, *Loucura e Crime*, Porto Alegre, 1937
4. Queiroz, Maria Isaura Pereira de, A noção de arcaísmo em Etnologia e a organização social dos Xerênte, *Revista de Antropologia*, vol. I, São Paulo, 1953
5. Lévi-Strauss, Claude, *Anthropologie Structurale*, Paris, 1958
6. Tylor, Sir Edward B., *Primitive Culture*, t. II (Religion in Primitive Culture), New York, 1958
7. Preuss, K. Theo., *Die geistige Kultur der Naturvölker*, Leipzig-Berlin, 1914
8. De Brosses, Charles, *Du Culte des Dieux Fétiches*, Paris, 1760
9. Baldus, H. e Willems, E., *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, São Paulo, 1939
10. Thomas, L.-V., “Lucien Lévy-Bruhl: l’origine de l’anthropologie moderne”, in Lévy-Bruhl, L., *La Mentalité Primitive*, Paris, 1976
11. Lévy-Bruhl, L., *La Mentalité Primitive*, Paris, 1976
12. Hallpike, C. R., *The Foundations of Primitive Thought*, Oxford, 1979
13. Lévi-Strauss, C., *Les Structures Élémentaires de la Parenté*, Paris – La Haye, 1968
14. Lowie, Robert H., *An Introduction to Cultural Anthropology*, New York, 1941
15. Thurnwald, Richard, *Die menschlich Gesellschaft*, t. IV, Berlin, 1931-1935

16. Leroi-Gourhan, André, *Le Fils du Temps* (Ethnologie et Pré-histoire: 1935-1970), Paris, 1983
17. Malinowski, B., Prefácio a Ortiz, Fernando, *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar*, Barcelona, 1973
18. Willems, Emilio, *Dicionário de Sociologia*, Porto Alegre, 1950
19. Ramos, Arthur, *As Culturas Negras no Novo Mundo*, São Paulo, 1937
20. Lowie, Robert, op. cit.
21. Cazeneuve, Jean, *L'Ethnologie*, Paris, 1967
22. Malinowski, B., *A Scientific Theory of Culture*, Carolina, s.d.
23. Lévi-Strauss, *Anthropologie Structurale* (I e II), Paris, 1958 e 1973; Lindoso, Dirceu, *A Diferença Selvagem*, Rio de Janeiro, 1983
24. Schmidt, Wilhelm, *Ethnologia Sul-Americana* (círculos culturais e estratos culturais), trad. de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, 1942
25. Hubert, René, Psychosociologie et le Problème de la Conscience, *Revue Philosophique*, nr. 3 e 4, Paris, 1928
26. Durkheim, E., Représentations individuelles et collectives, *Revue de Métaphysique et de la Moral*, Paris, 1898
27. Rodrigues, Nina, *Os Africanos no Brasil*, São Paulo, 1945
28. Malinowski, B., *Argonauts of Western Pacific*, London, 1978
29. Rio, João do, *As Religiões no Rio*, Rio de Janeiro, 1904
30. Arquivo Arthur Ramos, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
31. Pereira, Nunes, *A Casa das Minas* (contribuição ao estudo das sobrevivências daomeanas no Brasil), Rio de Janeiro, 1947
32. Pereira, Nunes, *A Casa das Minas*, nova edição, Petrópolis, 1979
33. Bateson, G., *Naven* (un ceremonial iatmul), Barcelona, 1990
34. Benedict, Ruth, *Patterns of Culture* (An analysis of our social structure as related to primitive civilizations), New York, 1950
35. Ramos, Arthur, *O Negro Brasileiro*, 1934
36. Murdock, G.P., *Social Structure*, New York - London, 1965
37. Lévi-Strauss, C., *Anthropologie Structurale*, Paris, 1958

## PARTILHA DE ESCRAVOS

Pouso Alegre, Minas Gerais, 1878  
Doação de Maximiano de Carvalho e Silva

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1991.

Senhor Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Professor Doutor Affonso Romano de Sant'Anna:

Tenho a honra de por seu intermédio fazer a doação ao acervo da Biblioteca Nacional do presente documento, que registra uma partilha de escravos homologada por decisão judicial com a data de 26 de novembro de 1878 na cidade de Pouso Alegre, termo da comarca de Jaguari, na então Província de Minas Gerais. Quero assim deixar patente, ainda que de forma singela, o mais profundo reconhecimento ao extraordinário trabalho de preservação da memória nacional que se realiza nessa benemérita instituição, agora revigorado por novas iniciativas de grande alcance.

O documento que passo às mãos de V.S<sup>a</sup> tem para mim especial valor estimativo, pois fez parte do arquivo de meu saudoso avô materno e padrinho de batismo Eduardo Carlos Vilhena do Amaral, primeiro signatário da petição inicial de que resultou a efetivação da referida partilha. Estou certo de que, pelo interesse que tem como mais um documento autêntico para ajudar a exata reconstituição da nossa história, receberá ele o tratamento adequado, e como tudo o que existe na Biblioteca Nacional ficará ao alcance dos estudiosos em busca de outras fontes que favoreçam a confirmação, retificação ou melhor compreensão do que tem sido dito sobre a escravidão negra no Brasil.

Na explicação prévia à transcrição que fiz do referido documento com a finalidade de facilitar a leitura do mesmo, procurei reunir uma série de dados para a avaliação do seu valor e dos motivos que terão levado os co-herdeiros dos nove escravos nele relacionados a requerer a partilha do que era propriedade comum num momento em que se acentuava o clamor nacional de protesto dos inconformados com a continuação da existência de escravos negros na sociedade brasileira.

Aproveito o ensejo para reiterar a V.S<sup>a</sup> as expressões do meu mais alto apreço e consideração.

Maximiano de Carvalho e Silva  
Professor Titular de Filologia (aposentado)  
da Universidade Federal Fluminense



## PARTILHA DE ESCRAVOS

### *NA CIDADE DE POUSO ALEGRE (MINAS GERAIS)*

O documento que aqui se transcreve é a homologação judicial da partilha de escravos solicitada ao Juiz de Direito da comarca de Jaguari, Província de Minas Gerais, no ano de 1878, pelos herdeiros (cinco filhas, três das quais solteiras, e dois genros) do cidadão José Pedro de Sousa Dias, falecido anos antes. Assinam a petição Eduardo Carlos Vilhena do Amaral e sua esposa Alvarina de Barros Dias do Amaral, Antônio Branco dos Santos e sua esposa Francisca de Barros Dias dos Santos, Ricardina de Barros Dias, Mariana de Barros Dias e Ernestina de Barros Dias, residentes na cidade de Pouso Alegre (termo da referida comarca de Jaguari).

A iniciativa desse pedido de partilha de escravos foi principalmente do primeiro signatário, Eduardo Carlos Vilhena do Amaral, então com vinte e um anos de idade. Era ele filho do Major José Luís Campos do Amaral e de Maria Bárbara Vilhena do Amaral, nascido em Pouso Alegre a 16 de agosto de 1857, e casado a 24 de julho de 1875 com Alvarina de Barros Dias, filha do casal José Pedro de Sousa Dias e Maria Umbelina de Barros Dias. Eduardo do Amaral - como se tornou mais conhecido - teve atuação destacada em sua terra natal, desde cedo trabalhando como professor público de instrução primária e em seguida no exercício da advocacia, para o que obteve a licença de advogado provisionado, segundo o costume da época para atender à situação dos que exerciam a profissão sem o diploma de cursos jurídicos regulares numa das duas únicas escolas superiores de Direito do país (a do Recife e a de São Paulo). Muito moço ainda, interessou-se também pela vida pública, e na defesa de nobres ideais tornou-se um dos fervorosos adeptos da abolição da escravatura. Participou com outros ilustres pouso-alegrenses de movimentos de proteção e alforria dos escravos, que culminaram na abertura de um Livro de Ouro para angariar assinaturas de adesão e donativos junto à população sensibilizada pela convocação dos líderes abolicionistas em todo o Brasil: trabalhou decididamente por essa causa, ao lado de dedicados companheiros, entre os quais as suas primas Prisciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos (que também se projetaram como defensoras dos direitos femininos, organizando e editando inclusive, na cidade de São

Paulo, de 1897 a 1900, a revista literária *A Mensageira*, com colaboração das melhores escritoras brasileiras – revista de que se publicaram 36 números, recentemente reeditados em dois volumes e em fac-símile pela Secretaria de Estado da Cultura, de São Paulo, no ano de 1987, com nota prévia da então Secretária, Deputada Bete Mendes).

Natural, pois, que Eduardo do Amaral e sua esposa, sempre tão solidários um com o outro, vendo-se na condição de co-herdeiros de nove escravos que tinham pertencido a José Pedro de Sousa Dias, tivessem de comum acordo com os demais herdeiros requerido a partilha amigável desses escravos, de tal modo que mais facilmente pudessem logo após decidir o que fariam com os mesmos. Na crônica familiar ficou mais viva a lembrança da alforria da escrava de menos idade e que teria mais tempo de vida, Sabina: recebeu ela a carta liberatória das mãos da filha mais velha de Eduardo e de Alvarina do Amaral, Mária Bárbara (que tinha o apelido de Dodoca), em festa familiar, por volta de 1880. A ex-escrava Sabina, que adotou o nome de Sabina de Barros, viveu mais de oitenta anos, até o fim da vida em casa de seus irmãos de criação o Monsenhor Antônio Furtado de Mendonça (que foi durante anos vigário-geral da diocese de Pouso Alegre) e a professora Maria Umbelina de Barros Mendonça (Quinha), filhos do casal Antônio Francisco Furtado de Mendonça e Ernestina de Barros Dias de Mendonça; está sepultada, com os outros ex-escravos, num dos túmulos da família Barros Dias no cemitério de Pouso Alegre.

Eduardo do Amaral, no decurso de sua vida pública (de cerca de quarenta anos), alcançou postos de relevo nos planos municipal, estadual e federal, no desempenho dos quais deu extraordinários exemplos de retidão e integridade moral e de lúcida visão administrativa: em Pouso Alegre - foi Vereador, Presidente da Câmara e Agente Executivo (Prefeito); em Belo Horizonte - Deputado Estadual, Senador e Presidente do Senado Estadual, Vice-Presidente do Estado de Minas Gerais (de 1918 a 1922) e membro da Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro (PRM); no Rio de Janeiro, então capital da República – Deputado Federal por Minas Gerais (de 1923 a 1930). Faleceu em Pouso Alegre a 21 de janeiro de 1938.

*Maximiano de Carvalho e Silva*

Junio Municipal de 1855  
Cidade de Porto Alegre

Wuqto de Caracas

Caridade Carlos, Pedreira de a Anunciação e outras  
Pleasant e Grande

Amor de a caridade de a Anunciação e outras  
Pleasant e Grande de a Anunciação e outras  
de a Anunciação e outras de a Anunciação e outras  
de a Anunciação e outras de a Anunciação e outras  
de a Anunciação e outras de a Anunciação e outras  
de a Anunciação e outras de a Anunciação e outras  
de a Anunciação e outras de a Anunciação e outras  
de a Anunciação e outras de a Anunciação e outras

Amor de a caridade de a Anunciação e outras

Juízo Municipal da  
Cidade de Pouso Alegre

1878

Divisão de Escravos

Eduardo Carlos Vilhena do Amaral e outros.

O escrivão Miranda.

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus  
Cristo de mil oitocentos setenta e oito, aos vinte  
e sete dias do mês de novembro do dito ano  
nesta cidade de Pouso Alegre em nosso Cartório  
faço [autuação] da partilha amigável  
que se segue, do que fiz este termo. Eu  
Luís Rodrigues de Miranda Escrivão que  
o escrevi e assino.

Luís Rodrigues de Miranda.



II.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Juiz Municipal.

Como requer, [arquivando] a certidão da matrícula. Pouso Alegre 26 de novembro de 1878.

Araújo Macedo.

Dizem Eduardo Carlos Vilhena do Amaral, sua mulher Dona Alvarina de Barros Dias do Amaral e outros abaixo assinados, senhores e possuidores de nove escravos em comum por herança de seu finado pai e sogro José Pedro Dias; de nomes Joana, Alexandrina, Cesarina, Cornélia, Laura, Vitória, Ezequiel, Cristina e Sabina e bem assim dos serviços de três ingênuos, Julieta, Félix e Narciso, que não lhes convindo mais continuarem em tal comunhão, e achando-se todos emancipados e maiores de vinte um anos, como se vê da certidão junta da sócia de menos idade, resolveram fazer desses escravos uma divisão amigável, o que levaram a efeito e é a que junto se vê; e pois, para que essa divisão possa produzir seus devidos efeitos, vêm os abaixo assinados requerer a V.S<sup>a</sup> que haja de ordenar que distribua esta e selados os autos, sejam conclusos ao Dr. Juiz de Direito da Comarca, para por sua sentença homologar a referida divisão.

Por ser de justiça:

[P.P.] a V.S<sup>a</sup> assim deferir-lhes.

E.R.J.

Pouso Alegre, 26 de novembro de 1878.

Eduardo Carlos Villaça de Sousa & C.  
Alvarina de Barros Dias Amarel.  
Antonio Branco dos Santos.  
Francisca de Barros Dias  
Ricardina de Barros Dias  
Mariana de Barros Dias  
Ernestina de Barros Dias



D. ao Sr. Sabellino Miranda.  
Couro Negro, 26 de Novembro de 1875.  
Machado.

Eduardo Carlos Vilhena do Amaral  
Alvarina de Barros Dias Amaral  
Antônio Branco dos Santos  
Francisca de Barros Dias  
Ricardina de Barros Dias  
Mariana de Barros Dias  
Ernestina de Barros Dias

D. ao 1º Tabelião Miranda.  
Pouso Alegre 26 de novembro de 1878.

Machado.

Certifico, que em um livro de assentos de batismo desta Paróquia a [fl.] 188, verso, achei o seguinte: Mariana, à margem. Aos dezanove de janeiro de mil oitocentos e cinquenta e oito nesta Matriz batizei e pus os Santos Óleos a Mariana nascida a trinta e um de outubro do ano próximo passado, filha legítima de José Pedro de Sousa Dias, e de Dona Maria Umbelina de Barros; padrinhos o Doutor João Dias Ferraz da Luz e Dona Maria José de Barros Cobra, ambos casados, todos desta. O Vigário Barnabé José Teixeira de Andrade.

Nada mais [consta] no dito assento, que mandei copiar [ao qual] me reporto.

Ita in Fide Parochi. Cidade de P. A., 3 de setembro de 1878.

O Vigário Barnabé José Teixeira de Andrade.



Divisão Amigal que entre si fazem, Eduardo Carlos Vilhena do Amaral, e sua senhora e mais sócios de escravos, sendo todos maiores de 21 anos e tudo na forma abaixo declarada.

Aos quinze dias do mês de novembro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos setenta e oito, nesta cidade de Pouso Alegre, Comarca de Jaguari, em casa de residência de Dona Maria Umbelina de Barros, onde se achavam presentes, Eduardo Carlos Vilhena do Amaral e sua senhora Dona Alvarina de Barros Dias do Amaral, Antônio Branco dos Santos e sua senhora Dona Francisca de Barros Dias dos Santos, Dona Ricardina de Barros Dias, Dona Ernestina de Barros Dias, e Dona Mariana de Barros Dias, pelos mesmos foi unanimemente dito que possuindo em comum nove escravos, e não convindo continuarem mais em comunhão, e não havendo impedimento algum e nem sujeição ao Juízo, haviam resolvido fazerem divisão amigável, e para esse fim haviam concordado em nomearem nomearem Louvados e Partidores, os cidadãos Alferes Urbano Dias Ferraz da Luz e Belisário Paulino de Assis, do que para constar lavro o presente termo em que assinam. Eu Belisário Paulino de Assis o escrevi e assino. Belisário Paulino de Assis. Eduardo Carlos Vilhena do Amaral. Alvarina de Barros Dias do Amaral. Antônio Branco dos Santos. Francisca de Barros Dias Santos. Ricardina de Barros Dias. Ernestina de Barros Dias. Mariana de Barros Dias.

Termo de aceitação dos Louvados.

Aos quinze dias do mês de novembro de mil oitocentos setenta e oito, nesta cidade de Pouso Alegre, Comarca de Jaguari, em casa de residência de Dona Maria Umbelina de Barros, onde se achavam presente[s] o Alferes Urbano Urbano Dias Ferraz da Luz, comigo Belisário Paulino de Assis, Louvados – nomeados e aprovados pelos interessados; por nós foi dito que visto a nomeação que de nossas pessoas fizeram os interessados, senhores e possuidores dos escravos que se tem de dividir-se, pelo presente termo aceitavam esse encargo, e nos comprometíamos em nossas consciências a procedermos segundo o direito, do que para constar fiz este termo em que assinamos. Eu Belisário Paulino de Assis, o escrevi e assino. Belisário Paulino de Assis. Urbano Dias Ferraz da Luz.

Em ato sucessivo passamos avaliarmos os escravos pela maneira seguinte.

	Joana – Preta – solteira – idade 50 anos matriculada com os números 1026 da Matrícula Geral e 1 da Relação nº 118 – apresentada a 3 de maio de 1872	
500:000	avaliada por quinhentos mil réis.	
	Alexandrina – preta – solteira – idade 29 anos – matriculada com os números 1028 da Matrícula Geral e 3 da Relação	
1:200:000	por um conto e duzentos mil réis.	
	Cesarina – preta – solteira – idade 24 anos – matriculada com os números 1029 da Matrícula Geral e 4 da Relação, por	
1:200:000	um conto e duzentos mil réis.	
	Cornélia – parda – solteira – idade 22 anos – matriculada com os números 1030 da Matrícula Geral e 5 da Relação, por	
1:100:000	um conto e cem mil réis.	
	Laura – parda – solteira – idade 18 anos matriculada com os números 1031 da Matrícula Geral e 6 da Relação, por um	
1:200:000	conto e duzentos mil réis.	
	Vitória – preta – solteira – idade 18 anos, matriculada com os números 1032 da Matrícula Geral e 7 da Relação, por	
1:200:000	um conto e duzentos mil réis.	
	Ezequiel – pardo – solteiro – idade 15 anos – matriculado com os números 1033 da Matrícula Geral e 8 da Relação	
	por um conto e oitocentos mil réis.	1:800:000
	Cristina – preta – solteira – idade 13 anos, matriculada com os números 1034 da Matrícula Geral e 9 da Relação por	
	novecentos mil réis.	900:000
	Sabina – parda – idade 9 anos, matriculada com os números 1035 da Matrícula Geral e 10 da Relação por seiscentos	
	réis, digo seiscentos mil réis.	<u>600:000</u>
		9:700:000
	Serviços dos Ingênuos	
	Julieta – idade – 6 anos, avaliados os serviços em cem mil réis.	100:000
	Félix – idade de dez meses – filho de Laura, avaliados os serviços	50:000
	Narciso – idade – trinta dias – filho de Cornélia – avaliados os seus serviços	<u>25:000</u>
		<u>175:000</u>

	Vindo a somar o valor dos nove escravos em nove contos e setecentos mil réis.	9.700:000
	E o[s] serviços dos Ingênuos em cento e setenta e cinco mil réis.	<u>175:000</u>
	O Louvado – Belisário Paulino de Assis. Urbano Dias Ferraz da Luz. Neste ato sendo apresentado[s] os Formais de Partilhas do Inventário do falecido José Pedro Dias – verificado ser o total dos escravos – e serviços dos Ingênuos em nove contos oitocentos setenta e cinco mil réis – pertencentes em partes iguais aos cinco sócios, pelo que, repartido por eles toca a cada um a	
9:875:000	quantia de um conto novecentos setenta e cinco mil réis.	
1:975:000		
	Pagamento feito aos sócios – Eduardo Carlos Vilhena do Amaral e sua senhora Dona Alvarina de Barros Dias do Amaral, um conto novecentos setenta e cinco mil réis.	
	Dá-se	
1:100:000	A escrava Cornélia, por um conto e cem mil réis, Narciso / ingênuo / a quantia de vinte e cinco mil réis.	
25:000	Parte na escrava Joana – cem mil réis.	
100:000	Parte na escrava Sabina – cento e vinte mil réis.	
120:000	Parte na Julieta / ingênuo / vinte e cinco mil réis.	
25:000	Parte no escravo Ezequiel, a quantia de seiscentos e cinco mil réis, e por esta forma fica concluído este pagamento da quantia de um conto novecentos setenta e cinco mil réis. Belisário Paulino de Assis. Urbano Dias Ferraz da Luz.	605:000
		1:975:000
	Pagamento feito à sócia – Dona Ricardina de Barros Dias – um conto novecentos setenta e cinco mil réis.	1:975:000
	Dá-se	
	A escrava Alexandrina por um conto e duzentos mil réis. Parte na escrava Joana a quantia de cem mil réis.	1:200:000
		100:000

	Parte na escrava Sabina – cento e vinte mil réis. Parte na ingênuia – Julieta – a quantia de vinte e cinco mil réis.	120:000 25:000
	Parte na escrava Laura, a quantia de trezentos noventa e cinco mil réis.	395:000
	Parte no ingênuo Félix, vinte e cinco mil réis –	25:000
	Parte no escravo Ezequiel, a quantia de cento e dez mil réis. E por esta forma fica concluído este pagamento da quantia de um conto novecentos setenta e cinco mil réis. Beli- sário Paulino de Assis. Urbano Dias Ferraz da Luz.	110:000 1:975:000

1:975:000 Pagamento feito à sócia – Dona Ernesti- na de Barros Dias – um conto no- vecentos setenta e cinco mil réis.

Dá-se

1:200:000	A escrava Cesarina – um conto e duzentos mil réis. Parte na escrava Joana
100:000	a quantia de cem mil réis. Parte na escrava Sabina, a quantia de cento
120:000	e vinte mil réis. Parte no escravo Ezequiel a quantia de quinhentos
555:000	cinquenta e cinco mil réis. E por esta for- ma fica concluído este pagamento da quantia de um conto novecentos
1:975:000	setenta e cinco mil réis. Belisário Pau- lino de Assis – Urbano Dias Ferraz da Luz.

1:975:000 Pagamento feito à sócia – Dona Mariana de Barros Dias – um conto novecentos setenta e cinco mil réis.

Dá-se

1:200:000	A escrava Vitória, por um conto e duzentos mil réis. Parte na escrava Joana, a quantia de cem mil réis.
100:000	Parte na escrava Sabina, a quantia de cento e vinte mil réis. Parte na Julie- ta (ingênuia) vinte e cinco mil réis.
120:000	Parte no escravo Ezequiel a quantia de quinhentos e trinta mil réis. E por esta forma fica concluído este pagamento da quantia de um conto novecentos
25:000	setenta e cinco mil réis.
530:000	Belisário Paulino de Assis – Urbano Dias Ferraz da Luz.
	1:975:000

Pagamento aos sócios – Antônio Branco dos Santos e sua senhora Dona Francisca de Barros Dias dos Santos – um conto novecentos setenta e cinco mil réis. 1:975:000

Dá-se

A escrava Cristina, por novecentos mil réis. Parte na escrava Joana – a quantia de cem mil réis. Parte na escrava Sabina a quantia de cento e vinte mil réis. Parte na Julieta (ingênuo) vinte e cinco mil réis. Parte no Félix (ingênuo) vinte e cinco mil réis. Parte na escrava Laura, a quantia de oitocentos e cinco mil réis. E por esta forma fica concluído este pagamento da quantia de um conto novecentos setenta e cinco mil réis. Com toda a igualdade de direito, do que para constar lavrei este em que assinamos, e eu Belisário Paulino de Assis o escrevi e assino. 900:000  
100:000  
120:000  
25:000  
25:000  
805:000  
1:975:000

Belisário Paulino de Assis.  
Urbano Dias Ferraz da Luz.

### Pública Forma

Relação número cento e dezoito dos escravos pertencentes às órfãs Ricardina, Ernestina, Alvarina, Mariana e Francisca filhas do falecido José Pedro de Sousa Dias, residentes na Província de Minas Gerais, município de Pouso Alegre. Artigo segundo do Regulamento número quatro mil oitocentos e trinta e cinco do primeiro de dezembro de mil oitocentos e setenta e um. Número de ordem na matrícula. Número de ordem na relação. Nomes. Cor. Idade. Estado. Naturalidade. Filiação. Aptidão para o trabalho. Profissão. Observações. Mil e vinte e seis. Um. Joana. Preta. Quarenta e três anos. Solteira. Pouso Alegre. Desconhecida. Regular. Cozinheira. Mil e vinte e sete. Dois. Felisbina. Cabra. Trinta e três anos. Solteira. Pouso Alegre. Filha de Felícia, liberta. Regular. Serviço doméstico. Mil e vinte e oito. Três. Alexandrina. Preta. Vinte e três anos. Solteira. Pouso Alegre. Filha de Joana número um. Regular. Serviço doméstico. Mil e vinte e nove. Quatro. Cesarina. Preta. Dezesete anos. Solteira. Pouso Alegre. Filha de Joana número um. Regular. Serviço doméstico. Mil e trinta. Cinco. Cornélia. Parda. Onze anos. Solteira. Pouso Alegre. Filha de Joana número um. Regular. Serviço doméstico. Mil e trinta e um. Seis. Laura. Parda. Oito anos. Pouso Alegre. Filha de Joana número um. Regular. Serviço doméstico. Mil e trinta e dois. Sete. Vitória. Preta. Oito anos. Pouso Alegre. Filha de Felisbina número dois. Regular. Serviço doméstico. Mil e trinta e três. Oito. Ezequiel. Pardo. Sete anos. Pouso Alegre. Filho de Joana número um. Mil e trinta e quatro. Nove. Cristina. Preta. Quatro anos. Pouso Alegre. Filha de Joana número um. Mil e trinta e cinco. Dez. Sabina. Parda. Três anos. Pouso Alegre. Filha de Felisbina número dois. Província de Minas Gerais, município de Pouso Alegre, Paróquia da cidade de Pouso Alegre, três de maio de mil e oitocentos e setenta e dois. O Tutor das Órfãs Cândido Antônio de Barros. Apresentada a matrícula e matriculados a três de maio de mil e oitocentos e setenta e dois. Pagou cinco mil réis de emolumentos. O Coletor José Inácio de Barros Cobra. O Escrivão Heliodoro Silvério Monteiro. E o que consta da dita matrícula a qual bem e fielmente para aqui a fiz reduzir à pública forma e ao próprio original me reporto e dou fé em poder dos apresentantes. Extraída nesta cidade de Pouso Alegre em doze de junho de mil e oitocentos e setenta e oito. Eu Luís Rodrigues de Miranda Tabelião que a subscrevi e assino em público e raso.

Em testemunho de verdade.

O Tabelião Luís Rodrigues de Miranda

Pago o selo de

[fl. 2] Miranda

Pago o selo de

{fl. 7}

Miranda

Aos vinte e sete dias do mês de novembro de mil oitocentos e setenta e oito nesta cidade de Pouso Alegre...

(Seguem-se Recebimentos (3), assinaturas e certificados.)

ACQUIÇÕES MAIS IMPORTANTES FEITAS  
PELA BIBLIOTHECA NACIONAL  
durante os 2º, 3º e 4º trimestres de 1888.

No 2º trimestre de 1888, menos de dois meses depois da Abolição, o *BOLETIM de Aquisições da Biblioteca Nacional* publicou esta lista de impressos nacionais e estrangeiros, em comemoração à “Extinção da Escravidão no Brazil”. A lista continuará no Boletim referente aos 3º e 4º trimestres do mesmo ano, como consta a seguir, à pág. 239.

ANNO III N° 2

IMPRESSOS NACIONAES COMMEMORANDO A EXTINCÇÃO DA  
ESCRavidÃO NO BRAZIL

752. – Abolição (A) da Escravatura no Brazil.

Artigo do *Instituto*, de Coimbra, de Junho de 1888, nº 12, segunda serie, assignado “F.A.”

753. – Augusta (A’) Princeza Regente pela Abolição da Escravidão no Brazil.

Soneto, sem data, assignado *B. de M.*

754. – Ave Brazil!

Artigo editorial do *Monitor Campista*, provincia do Rio de Janeiro, nº 110, anno 51, de terça feira, 15 de Maio de 1888.

755. – Ave Libertas! 13 de Maio de 1888.

Tercetos, sem data, assignados “A Peres Junior.”

756. – Ave, Patria! Homenagem do *Brazil Illustrado*.

Soneto, sem data, assignado “Rangel de S. Paio”, e referente á promulgação da lei que extingue a escravidão no Brazil.

– Outro soneto do mesmo autor.

757. – Aviso. Grande reunião sabbado 19 do corrente... em frente ao edificio da Alfandega... afim de se encorporarem (*os empregados*) em solemne marcha civica... *Rio, Maio de 1888.*

758. – Brazil Livre. Imprensa Mont’Alverne. Gloria a Dantas, Joaquim Nabuco e José do Patrocinio.

Noticia da passagem do Decreto da abolição nas Camaras Legislativas e da sua publicação e sancção.

759. – Brazil Livre. – Jornal commemorativo a Lei de 13 de Maio de 1888. Edição unica. Provincia do Paraná. Curitiba 8 de Junho de 1888.

Transcreve a Lei e contém muitos artigos em prosa e um em verso, relativos exclusivamente ao assumpto.

760. – Commercio do Amazonas.

N. 119, anno XIX, de “Manãos, 24 de Maio de 1888.”



Transcreve a lei que declara abolida a escravidão, com uma breve noticia historica dos actos legislativos e governamentais anteriores, que prepararam a abolição.

761. – O Conservador. – Orgão official do Partido Conservador.

N. 128, anno X, datado de “Porto Alegre – Quarta-feira, 13 de Junho de 1888.”

Traz na primeira folha um desenho allegorico, com os retratos do conselheiro Euzebio de Queiroz, do Visconde do Rio Branco e do Sr. Conselheiro João Alfredo, tendo a legenda – Liberdade – em cima, e o distico “Glorioso Ministerio 10 de Março”, em baixo.

762. – Derby Club, 13 de Maio de 1888.

Soneto em versos alexandrinos, sem data assignado “Moreira Sampaio.”

763. – Diario de Belém. Orgão Especial do Commercio.

N. 131, anno XXI, datado do “Pará – Segunda-feira 11 de Junho de 1888 – Brazil.”

Traz na primeira folha um bello ret. lith. da Princeza Imperial Regente e a transcrição da Lei, e no corpo da folha artigos consagrados á promulgação d’esta e aos festejos que por esse motivo se fizeram.

764. – Emilio Castelar. – Discurso sobre a abolição immediata da escravidão. *Rio de Janeiro, Imprensa Industrial, 1885.*

Faz parte do “Almanak da Redempção. V.T.”

765. – Fada (A’) da Redempção. Homenagem dos Empregados da Typographia Universal – Laemmert & C.

Quatro decimas glosando as letras de uma quadra do Hymno da Independencia.

Sem data nem nome de autor.

766. – Gazeta de Noticias. Ao glorioso 13 de Maio.

Estrophes sem data, assignadas “Soares de Souza Junior” commemorando a lei da abolição.

767. – Homenagem da Historia. Scena dramatica por Domingos de Castro Lopes. Original. *Rio de Janeiro, Typ. de Almeida C., 1888.*

Em verso. Relativa á Lei da Abolição.

768. – Homenagem do Congresso Gymnastico Portuguez a Promulgação da Lei 13 de Maio de 1888 que terminou a escravidão no vastissimo Imperio...” *Typ. Italia, Rua da Alfandega nº 142.*

769. – Homenagem do *Diario de Noticias* da Bahia ao 13 de Maio de 1888. Consumatum est.

Estrophes em versos alexandrinos, sem data, assignadas “Antonio Lopes Cardoso.”

770. – Hontem, Hoje, Amanhã.

Estrophes em versos alexandrinos, sem data, assign. “Soares de Souza Junior”, e referentes á abolição do elemento servil no Brazil.

771. – Hymno do Club Abolicionista. Gutenberg.

São as letras do hymno. Sem data nem assignatura.

772. – A Imprensa Fluminense, 13 de Maio de 1888.

Numero unico, datado de 21 de Maio, consagrado á commemoração da adopção da Lei d'aquella data. Contém o transumpto do Decreto que a promulga, o pessoal do ministerio e das presidencias das duas casas do Parlamento e artigos dos redactores da maior parte das folhas da Côrte, etc.

773. – Imperador (Ao).

Quintilha assignada “Arthur Azevedo” e que termina:  
“Na minha terra não ha mais escravos.”

774. – A Imprensa Mont’Alverne a Sua Alteza a Princeza Imperial.

Tres sextilhas em redondilha maior, sem data nem assignatura. Referentes á abolição.

775. – Jornal do Amazonas. Orgão do Partido Conservador.

N. 1539, anno XIV, datado de “Manãos, 24 de Maio de 1888”, contendo na primeira folha o *Edital* da Presidencia da Provincia, com a sancção da Lei que extingue a escravidão no Brazil, encimado por um escudo com o n. da Lei. Impresso a tinta vermelha.

776. – José do Patrocinio (A).

Soneto, datado “13, Maio 88,” e assignado: “Guil. Mar.”  
Commemora a lei da abolição.

777. – Libertas.

Estrophe assignada: “Ernesto Senna” e referente á promulgação da lei da abolição.

778. Libertas.

Soneto, datado “13 de Maio de 1888” e assignado “Virgilio Gentil”.

779. – Libertas, Quae Sera Tamen...

Soneto, datado “Rio, 13 de Maio de 1888.” e assignado “Lucio de Mendonça.”

780. – Libertas, Quae Sera Tamen!! Viva o Brazil Livre!!!... Homenagem do *Correio da Limeira* aos propugnadores da Liberdade.

É o n. 23, anno I, da folha, consagrado á festejar a promulgação da abolição. Tem a data: 20 de Maio de 1888.

781. – A Liga da Imprensa Paráense.

Numero unico, consagrado ao festival de 11 de Junho de 1888 em honra da abolição do elemento servil.

Avulso *in-folio* grande, contendo não só a integra da Lei (impressa a côr), como artigos do “Diario do Gram-Pará”, do “Diario de Belém”, do “Liberal do Pará”, da “A Provincia do Pará”, do “Diario de Noticias”, do “Commercio do Pará”, do “Jornal das Novidades”, e outros artigos em prosa e verso.

782. – Mar (O).

Soneto datado de 17 de Maio de 1888 e assignado “Adelina Lopes Vieira,” relativo á abolição.

783. – Mensagem a Sua Alteza Imperial a Regente pelos Allumnos da Escola Normal da Corte.

Datada de “Rio, 13 de Maio de 1888” e assignada: “Alfredo Coelho Barreto.”

**784. – A minha Patria.**

Soneto datado de 20 de Maio de 1888, assignado “Costa Coimbra” e distribuido pelos empregados da casa dos Srs. Pereira Braga & C., Rio de Janeiro.

**785. – Não ha mais escravos! 723.419 cidadãos. E’ livre o Brazil! Lei treze mil trezentos cincoenta e trez.**

N. 46, anno I, do *O Norte do Brazil*, datado de “Manãos – Quarta feira 23 de Maio de 1888.”

Consagrado á commemoração da lei da abolição.

**786. – Ao Povo!**

Estrophes em versos hendecasyllabos, sem data, assignados: “Rodrigo Octavio”. Referentes á abolição.

**787. – Prado Villa Isabel.**

Tres estrophes em redondilha maior, sem nome de autor, nem typ., datados “Côrte, 20 de Maio de 1888.” Tendo no verso dous chromos coloridos. Consagradas á abolição.

**788. – Programma das Grandes Regatas promovidas pela Imprensa Fluminense na enseada de Botafogo em homenagem á abolição. Sabbado 19 de Maio de 1888.**

**789. – Razão (Em) da mesma.**

Estrophes joco-serias, sem data, assignadas “B. Lopes”, commemorando a lei da abolição.

**790. – Redempção! Scena dramatica por Domingos de Castro Lopes. Original. Rio de Janeiro, typ. de Almeida & C., 1888.**

Em verso. Relativa á Lei da abolição.

**791. – Redemptora (A).**

Estrophes em versos alexandrinos, datadas “Rio, 16 de Maio de 1888.” e assignadas “Valentim Magalhães”, dedicadas á Princeza Imperial Regente, tendo por assumpto a abolição.

**792. – Ressurreição!**

Soneto, assignado: “Dr. Neves Armond.” sem data. Tem por assumpto a promulgação da lei da abolição.

**793. – Revista Typographica, Domingo, 20 de Maio de 1888. Homenagem dos Typographos Fluminenses aos batalhadores da causa abolicionista... Rio de Janeiro.**

**794. – S. A. (A) a Princeza Imperial Regente.**

Estrophes em versos hendecasyllabos, datadas “Rio, – 5 – 88.” e assignadas: *Guimarães Passos*.

**795. – S. A. I. Regente (A).**

Soneto, datado “Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1888”, e assignado “Affonso Celso Junior.”

**796. – Salve!**

Soneto sem data, assignado “Bernardino Queiroz”, referente á promulgação da lei da abolição.

**797. – Salve!**

Soneto datado de 13 de Maio de 1888 e assignado “Gastão Briggs.”

798. – Saudação ao dia 13 de Maio.

Poesia, datada “26-5-88” e assignada: “Christovão Martins.”

799. – Sol (Ao).

Soneto, datado “17 de Maio de 1888” e assignado: “Adelina Lopes Vieira”.

Referente á promulgação da lei que extinguiu a escravidão no Brazil.

800. – Sub Lege Libertas! Soou a hora da reivindicação de um direito natural!

É o nº 1620, anno XXIV, de 24 de Maio de 1888, do *Amazonas. Orgão Liberal*, consagrado a commemorar a lei do dia 13. Impresso a tinta verde.

801. – Treze de Maio de 1888. *Jornal dos Economistas. Revista quinzenal.*

N. 9, datado de 15 de Maio de 1888 especialmente consagrado á solemnizar a promulgação da Lei nº 3353 e dedicado ao “Benemerito Estadista João Alfredo Corrêa de Oliveira, Presidente do Conselho do Ministerio 10 de Março.”

802. – 13 de Maio.

Consta de quatro estrophes em versos alexandrinos, datados “Rio, 1888.” e assign. “Ignez Sabino Pinto Maia.”

Da “Bibliotheca da Imprensa. Empreza de romances em fasciculos. Escriptorio Rua da Ajuda 75.”

803. – Treze de Maio. *Imprensa Monte-Negro.* Maio 13, 1888.

Poesia.

804. – Treze de Maio. Homenagem dos Empregados da Typographia Universal Laemmert & C.

Poesia.

805. – 13 de Maio.

Quadras datadas “Rio, 15 de Maio de 1888.” e assignadas: “A. Cardoso de Menezes”.

806. – Treze de Maio. Jornal commemorativo da Abolição, publicado pela corporação Typographica da Casa de H. Lombaerts & C. Numero unico. Rio de Janeiro. Maio de 1888.

Acompanha um retrato da Princeza Imperial Regente.

807. – Treze de Maio (*Rio de Janeiro*), *Typ. Montenegro, s. d.*

Versos mandados imprimir pelos Kiosques “Capitão Negro”, “Vulcão da Sorte”, “S. João”, e “Novo Triumpho”, agentes da venda de bilhetes da loteria.

808. – Viva o dia 13 de Maio!... Viva o Ministerio 10 de Março! Viva o Conselheiro João Alfredo!

Do *Amazonia*, do Pará, num. 84, anno I, de 15 de Maio de 1888.

809. – Viva o 13 de Maio! Viva Sua Magestade o Imperador! Viva Sua Alteza Regente! Viva a Nação Brasileira! Viva o Ministerio de 10 de Março! (*Rio de Janeiro*), *Typ. Montenegro, s. d.*

Poesias impressas a expensas de kiosques em que se vendem bilhetes de loteria.

810. – Votos e Louvores com que o Collegio Italo-Brazileiro festeja a abolição da escravidão no Brazil.

Versos latinos, datados “Rio de Janeiro, 19 de Maio de 1888”, e assignados “O Director A. Biolchini.”

### IMPRESSOS EXTRANGEIROS COMMEMORANDO A EXTINCCÃO DA ESCRAVIDÃO NO BRAZIL<sup>1</sup>

811. – L’Empereur Don Pedro. – Artigo de *L’Abeille de la Nouvelle Orléans*, de 15 de Maio de 1888, datado de “Milan, 13 mai.” Refere-se á molestia do Imperador e á abolição da escravidão.

812. – Dom Pedro II. – Artigo da redacção da *L’Abeille de la Nouvelle-Orléans*, de 30 de Maio de 1888, embaixo do retrato do Imperador. *Começa*: “La réputation de Dom Pedro II, empereur du Brésil, est universelle.”

813. – L’Encyclique du Pape aux Évêques du Brésil. – Artigo de *L’Armorique*, de Saint-Brieux, de 27 de Maio de 1888.

814. – L’Abolition de l’Esclavage au Brésil. – Artigo do *L’Avenir de la Dordogne*, de Périgueux, de 13 de Junho de 1888. Dá o telegramma do ministro Goblet.

815. – Artigo sem titulo do *Badsche Landeszeitung*, de Karlsruhe, de 24 de Maio de 1888, relativo á emancipação da escravidão no Brazil.

816. – Die Aufhebung der Sklaverei in Brasilien. – *Do Berliner Tageblatt*, de Berlim, de 19 de Maio de 1888.

817. – Artigo sem titulo do *Berliner Tageblatt* de 22 de Maio de 1888. *Começa*: “Ueber die Abschaffung der Sklaverei in Brasilien...”

818. – Artigo sem titulo do *Berliner Tageblatt* de 23 de Maio de 1888, referente á abolição do estado servil no Brazil.

819. – Die Unterzeichnung der Sklavenbefreiungs Dekrets. – Artigo do *Berliner Tageblatt*, de 7 de Junho de 1888, datado: “Rio de Janeiro 13. Mai.”

820. – Artigo sem titulo do *Berliner Tageblatt* de 8 de Junho de 1888. Refere-se á abolição da escravidão no Brazil.

821. – Extinction de l’Esclavage. – Artigo do *Le Brésil*, de Paris, de 21 de Maio de 1888. *Começa*: “Fica abolida a escravidão no Brazil.”

822. – Statistique de l’Esclavage. – Artigo do *Le Brésil*, de Paris, de 5 de Junho de 1888. *Começa*: “Pour se faire une idée de l’importance de la mesure d’abolition...”

823. – Brazilian Emancipation. – Artigo do *Commercial Bulletin*, de New-York, de 22 de Maio de 1888, datado: “Washington, May, 21”, e assignado: “R.”

824. – Brilhante Festa. – Artigo do *Commercio de Portugal*, de Lisboa, de 12 de Junho de 1888, dando conta do banquete dado em regosijo da colonia brasileira pela extinção da escravidão no Brazil.

825. – Theatro da Avenida. – Artigo do *Commercio de Portugal*, de 12 de Junho de 1888, annunciando o espectáculo que se ia effectuar em applauso á promulgação da Lei da abolição.

(1) Foram offerecidos á Bibliotheca Nacional pelo Sr. Dr. Eduardo Prado. Nesta relação seguiu-se a ordem alphabetica dos titulos dos jornaes.

**826.** – L’Esclavage au Brésil. – Artigo do *Courier des États-Unis*, de New-York, de 13 de Maio de 1888.

**827.** – L’Émancipation au Brésil. – Artigo do *Courier des États-Unis*, de New-York, de 18 de Maio de 1888.

**828.** – Artigo do *Courier des États-Unis*, de New-York, de 23 de Maio de 1888.

**829.** – Artigo sem titulo de *The Christian Union*, de New-York, de 3 de Maio de 1888. *Começa:* “The slavery question is still of paramount interest in Brazil.”

**830.** – L’Esclavage. L’Abolition au Brésil... Artigo do *La Cocarde*, de Paris, de 18 de Junho de 1888.

**831.** – Esclaves. – Artigo do *La Croix*, de Paris, de 26 de Maio de 1888. *Começa:* “L’esclavage a été aboli au Brésil,” assignado: “Le Clerc.”

**832.** – Artigo de redacção do *La Cronica*, de Montevidéo, de 4 de Maio de 1888. Refere a sessão de abertura do Parlamento e as principaes disposições da Falla do Throno.

**833.** – Artigo sem titulo do *Dagblad*, da Haya, de 30 de Maio de 1888. *Começa:* “Dezer dagen werden te Brazilië de slaven vrij verklaard.”

**834.** – Dom Pedro of Brazil. – Artigo do *Daily Eagle*, de Brooklyn, de 24 de Maio de 1888, referente á *emancipation of the slaves*.

**835.** – Slavery in Brazil. The Emancipation Movement. – Do *Daily Evening Telegraph*, de Philadelphia, de 11 de Maio de 1888.

**836.** – Extinction of Slavery in Brazil. – Artigo do *Daily Picoyne*, de Nova Orleans, de 21 de Abril de 1888.

**837.** – Slaves to be Freed, Proposition of the New Ministry of the Brazilian Empire. – Artigo do *Daily Picoyne*, de Nova Orleans, de 22 de Abril de 1888.

**838.** – L’Encyclique sur l’Esclavage. – Artigo do *La Défense*, de Paris, de 26 de Maio de 1888. Precede a publicação franceza da Encyclica.

**839.** – La Lettre de Léon XIII aux Évêques du Brésil. – Artigo (Segundo) do *La Défense*, de Paris, de 30 de Maio de 1888. *Começa:* “Le profond penseur qui de son observatoire de Pérouse...” Assignado: “L’Abbé F. Lagrange.”

**840.** – La Lettre de Léon XIII aux Évêques du Brésil et le pèlerinage africaine. – Artigo (Primeiro) do *La Défense*, de Paris, de 28 e 29 de Maio de 1888. *Começa:* “Il faut rapprocher ces deux choses...” Assignado: “L’Abbé F. Lagrange.”

**841.** – A escravatura no Brazil. – Artigo do *Diario de Noticias*, da cidade do Funchal, de 18 de Maio de 1888, communicando a *libertação completa* dos escravos da capital do Pará.

**842.** – Abolição da escravidão no Brazil. Grande banquete em Lisboa. – Artigo do *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 20 de Maio de 1888.

**843.** – A abolição da escravatura no Brazil. – Artigo do *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 31 de Maio de 1888.

**844.** – Abolição da escravatura. – Artigo do *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 3 de Junho de 1888.

**845.** – A emancipação dos escravos. – Artigo do *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 12 de Junho de 1888, tendo por subtítulo: “Grandiosa festa da colonia brasileira em Lisboa.”

846. – Lo stato di Don Pedro. – Artigo do *Il Diritto*, de Roma, de 22 de Maio de 1888. Refere-se á molestia do Imperador.

847. – Suppression de l'esclavage au Brésil. – Artigo de redacção do *L'Echo Cognaçais*, de Cognac (França), de 20 de Maio de 1888.

848. – L'Abolition de l'esclavage au Brésil. – Artigo do *L'Économiste Français*, de 16 de Junho de 1888, assignado “E. Levasseur.”

849. – Artigos (2) sem titulo do *Ellsasser Journal*, de Strasburgo, de 21 de Maio de 1888, datados do “Rio-de-Janeiro, 13 Mai,” e de “18 Mai.”

850. – Do *Nordd Allg. Zeitung*, de Berlim, de 15 de Maio, datado: “Rio de Janeiro. montag 14. Mai.”

851. – Artigos (2) sem titulo do *Ellsasser Journal*, de Strasburgo, de 24 de Maio de 1888, datados de “Rome, 21” e “22 Mai.”

852. – Artigos (2), em allemão e em francez, do *Ellsasser Journal*, de Strasburgo, de 12 de Junho de 1888, referentes á promulgação da Lei da extincção do estado servil no Brazil.

853. – L'Encyclique “In Plurimis.”

Artigo do *L'Emancipateur*, de Cambrai, de 26 de Maio de 1888. Começa: “Malgré les fatigues de son triomphe jubilaire...”, assignado: “Auguste Roussel.”

854. – L'Abolition de l'esclavage au Brésil...

Do *Le Estafete*, de Paris, de 11 de Junho de 1888.

855. – La presse et l'abolition.

Artigo do jornal *L'Etoile du Sud*, do Rio de Janeiro, de 6 a 20 de Maio de 1888.

Seguido de

“Le premier jour de liberté dans une plantation”, e do art. de redacção: “Liberté!” Referentes todos ao mesmo assumpto.

856. – Artigo sem titulo do *L'Evenement*, de Paris, de 26 de Maio de 1888, assignado “Le Sphinx”, referente á Lei da abolição, quando communicada a sua passagem nas Camaras ao Imperador em Milão.

857. – Freedom in Brazil. The emancipation measure becomes a law.

Artigo do *Evening Telegraph*, de Philadelphia, de 14 de Maio de 1888.

858. – Artigo sem titulo do *Evening Telegraph*, de Philadelphia, de 15 de Maio de 1888. Começa: “The important news receiveid yesterday from Brazil...”

859. – Colonies & Pays Étrangers. Brésil.

Artigo de *L'Exposition Coloniale*, de Paris, de 28 de Maio de 1888. Começa: “La Chambre des députés et le Sénat du Brésil...”

860. – Emancipation in Brasil.

Artigo do *The Express*, de Albany, de 20 de Maio de 1888.

861. – Fiesta de la Libertad. Manifestacion argentina por la abolicion de la esclavatura en el Brasil. Adhesiones. (Buenos-Aires), *Establecimiento Tipográfico de “El Censor”* (1888). Folha avulsa.

862. – La France et le Brésil.

Artigo do *La France*, de Paris, de 12 de Junho de 1888, communicando o telegramma do ministro francez dos negocios estrangeiros ao do Brazil.

- 863.** – Lettre du Pape sur l’esclavage.  
Artigo do *La France Nouvelle*, de Paris, de 27 de Maio de 1888.
- 864.** – Artigo sem titulo do *Frankfurter Journal* de 24 de Maio de 1888, datado: “Rom, 21. Mai.”  
Referente á abolição do estado servil no Brazil.
- 865.** – Die Abschaffung der Sklaverei in Brasilien.  
Artigo do *Frankfurter Journal*, de 29 de Maio de 1888.
- 866.** – Warnung vor Auswanderung nach Brasilien.  
Artigo do *Frankfurter Journal*, de Francoforte sobre o Meno, de 13 de Junho de 1888.
- 867.** – Brasilien. W. S. Porto Alegre, 15 April.  
Artigo do *Frankfurter Zeitung*, de Francoforte sobre o Meno, de 18 de Maio de 1888.
- 868.** – Artigo sem titulo do *Frankfurter Zeitung*, de Francoforte sobre o Meno, de 22 de Maio de 1888, datado: “Rom, 21. Mai.”  
Trata da *Abschaffung der Sklaverey in Brasilien*.
- 869.** – Brésil.  
Artigo de *Le Franco-Californien*, de San Francisco, de 18 de Maio de 1888, datado de: “Washington, 16 mai.”, referindo a adopção da Lei que extingue a escravidão no Brazil.
- 870.** – Brésil.  
Artigo do *Le Franco-Californien*, de San Francisco, de 21 de Maio de 1888, datado: “Rio de Janeiro, 19 mai.”
- 871.** – What Brazil owes American Abolitionists.  
Artigo do *Galiguan’s Messinger*, de Paris, de 30 de Maio de 1888.
- 872.** – La Princesse Régente du Brésil.  
Artigo do *Le Gaulois*, de Paris, de 26 de Maio de 1888, assignado: “Michel Kanner.” Começa: “En votant à l’unanimité l’abolition complète... de l’esclavage... la Chambre des députés a comblé... le voeu de Dom Pedro II.”
- 873.** – L’Imperatore del Brasile.  
Artigo da *Gazzetta d’Italia*, de Roma, de 22 de Maio de 1888, relativo á doença do Imperador.
- 874.** – Artigo sem titulo da *Gazzetta Piemontesa*, de Turim, de 24 de Maio de 1888. Refere-se á molestia do Imperador em Milão.
- 875.** – Nouvelles Religieuses.  
Artigo do *La Gazette de France*, de Paris, de 25 de Maio de 1888. Começa: “L’Encyclique au Brésil commence par les mots *In plurimis*.”
- 876.** – Brésil.  
Artigo do *La Gazette de France*, de Paris, de 9 de Junho de 1888. Começa: “Le projet de loi portant abolition...”
- 877.** – Artigo de redacção da *Gazette*, de Lausanne, de 21 de Maio de 1888, que começa: “Il importe de souligner la grande nouvelle que le télégraphe...” Acaba: “...l’empereur don Pedro.”



**878.** – Abolition de l’esclavage.

Artigo da *Gazette des Travailleurs*, de Chaumont, de 24 de Maio de 1888, assignado: “Tony Révillon.”

**879.** – Auferes H. Paters Leo XIII. Encyclica an die Brasilianischen Bisghofe.

Artigo do *Germania*, de Berlim, de 30 de Maio de 1888.

**880.** – Artigo sem titulo do *Germania*, de Berlim, de 1 de Junho de 1888, referente á abolição da escravidão no Brazil.

**881.** – Nouvelles de l’Étranger. L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Gil Blas*, de Paris, de 23 de Maio de 1888, assignado “A.M.”

**882.** – Brazilian slavery abolished.

Artigo do *The Globe*, de Toronto, de 16 de Maio de 1888. *Começa*: “Dom Pedro, the liberal Emperor of Brazil...”

**883.** – L’esclavage aboli au Brésil.

Artigo do *Guetteur*, de Saint Quentin, de 25 de Maio de 1888. *Começa*: “Un grand événement humanitaire vient de s’accomplir au Brésil.”

**884.** – Artigo sem titulo do *Hamburger Nachrichten*, de 29 de Maio de 1888. Referente á abolição da escravidão no Brazil.

**885.** – Artigo do *Hamburger Nachrichten*, de Hamburgo, de 11 de Junho de 1888, sem titulo, datado: “Rio, den 11. Mai.”

**886.** – Transatlantisch Nieuws.

Artigo do *Het Vaderland*, da Haya, de 26 de Maio de 1888. *Começa*: “De afschaffing der slavernij is in Brazilië tot stand gekomen.”

**887.** – La abolicion de la esclavitud.

Artigo do *El Imparcial*, de Madrid, de 12 de Junho de 1888, datado de: “Lisboa, 11.”

**888.** – Del otro Mundo. Abolicion de la esclavitud en el Brasil. – Fiestas y felicitaciones...

Artigo de *El Imparcial*, de Madrid, de 14 de Junho de 1888.

**889.** – Brésil.

Artigo do *Indépendance Luxemburgeoise*, de 15 de Maio de 1888. *Começa*: “Une nouvelle dont on ne saurait exagérer l’importance...”

**890.** – Echos et Nouvelles. L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Indépendance Luxemburgeoise*, de 25 de Maio de 1888.

**891.** – Echos et Nouvelles. L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Indépendance Luxemburgeoise*, de 26 de Maio de 1888.

**892.** – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo de *Indépendance Roumaine*, de Bucarest, de 19 de Maio de 1888.

**893.** – Etranger. L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *L’Indépendant*, de Constantina, de 5 de Junho de 1888.

**894.** – L’esclavage au Brésil.

Artigo do *Indépendant*, de New York, de 29 de Maio de 1888, dando as principaes disposições da lei que devia declarar extincta a escravidão no Brazil.

Como se vê, é noticia atrazada; não é só nesse ponto que se mostra mal informada a folha franceza de Nova York.

895. – Brésil. La suppression de l'esclavage.  
Artigo de *L'Indépendant*, de New York, de 30 de Maio de 1888.
896. – Le Pape et l'esclavage.  
Artigo do *L'Italie*, de Roma, de 23 de Maio de 1888. Em francez.
897. – O Papa e a abolição da escravatura no Brazil.  
Artigo do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, de 26 de Maio de 1888.
898. – Correspondencia do Brazil.  
Artigo do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, de 30 de Maio de 1888, datado: “Rio de Janeiro, 8 de Maio de 1888”, contendo a *Falla do Throno* do dia 3 e outros actos publicos precusores da extincção da escravidão no Brazil.
899. – Abolição da escravatura.  
Artigo do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, de 3 de Junho de 1888.
900. – Correspondencia do Brazil.  
Artigo do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, de 12 de Junho, datado: “Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1888”, assignado “I. M.” Dá a integra da Lei nº 3.353, que extingue a escravidão no Brazil e noticia relativa.
901. – Correspondencia do Brazil.  
Artigo do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, de 14 de Junho, datado de “Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1888”, relativo á *emancipação total dos escravos no Brazil*.
902. – Brazil frees her slaves.  
Artigo do *The Journal*, de Newport, de 19 de Maio de 1888.
903. – Artigo sem titulo do *The Journal*, de Newport, de 20 de Maio de 1888.  
*Começa*: “The venerable Emperor of Brazil has at last accomplished his purpose of emancipating the slaves of his empire.”
904. – Rome (Correspondance particulière).  
Artigo do *Journal de Bruxelles*, de 24 de Maio de 1888, datado: “Rome, 15 mai.” em que se refere á “l'encyclique qu'il (*o Papa*) se propose d'envoyer aux Brésiliens sur l'abolition de l'esclavage...”
905. – L'encyclique du pape sur l'esclavage.  
Artigo do *Journal de Bruxelles*, de 27 de Maio de 1888. É uma paraphrase da carta do Santo Padre.
906. – L'abolition de l'esclavage au Brésil.  
Artigo do *Journal de Bruxelles*, de 8 de Junho de 1888.
907. – L'abolition de l'esclavage au Brésil.  
Artigo editorial do *Journal de Bruxelles* de 14 de Junho de 1888.
908. – Brésil.  
Artigo do *Journal des Debats*, de Paris, de 12 de Junho de 1888, dando o telegramma do Snr. René Goblet ao Snr. conselheiro Rodrigo da Silva “à l'occasion de l'abolition de l'esclavage.”
909. – Artigo sem titulo do *Journal de Genève*, de 12 de Junho de 1888, referente á abolição da escravidão no Brazil. *Começa*: Hier, l'Académie des sciences morales et politiques...”
910. – Brésil.  
Artigo do *Journal du Havre* de 19 de Maio de 1888.

- 911.** – L’abolition de l’esclavage au Brésil.  
Pequeno artigo do *Journal de Paris*, de 10 de Junho de 1888, com a noticia de ter o governo francez recebido communicacão official da extincção da escravidão no Brazil.
- 912.** – L’abolition de l’esclavage.  
Artigo do *Journal de Paris*, de 12 de Junho de 1888. Transcreve o telegramma do Snr. Goblet, ministro dos negocios estrangeiros da Republica Franceza, ao Snr. conselheiro Rodrigo Silva.
- 913.** – L’esclavage aboli au Brésil.  
Artigo do *Journal de la Sarthe*, de Le Mans, de 11 de Junho de 1888. O artigo é datado: “Rio de Janeiro, 7 juin.”
- 914.** – Artigo sem titulo do *Journal de Saint Petersburg*, datado de 5 (17) de Maio de 1888. Em francez.
- 915.** – L’esclavage et l’immigration au Brésil.  
Artigo do *Journal des Voyages*, de Paris, de 17 de Junho de 1888.
- 916.** – L’abolition de l’esclavage au Brésil.  
Artigo do *La Justice*, de Paris, de 7 de Junho de 1888.
- 917.** – Artigo sem titulo do *Kolnische Zeitung*, de Colonia, de 30 de Maio de 1888, relativo á abolição.
- 918.** – Artigos do *Kolnische Zeitung*, de Colonia, de 9 de Junho, e do *Badische Landeszeitung*, de Karlsruhe, de 7 do mesmo mez, de 1888, datado o 1º de “Rio, 11. Mai.” Referentes á emancipação.
- 919.** – Artigo do *Kolnische Zeitung*, de Colonia, de 13 de Junho de 1888.
- 920.** – Italien.  
Artigo da *Landeszeitung fur Elsass-Lotheringer*, de Strasburgo, de 23 de Maio de 1888. Refere-se á *Encyclica* e á libertação dos escravos no Brazil.
- 921.** – Amerika.  
Artigo de redacção da *Landeszeitung fur Elsass-Lotheringer*, de Strasburgo, de 9 de Junho de 1888, referente á promulgacão da lei da abolição.
- 922.** – Artigo sem titulo da *Landeszeitung fur Elsass-Lotheringer*, de Strasburgo, de 9 de Junho de 1888.  
Segue-se outro do *Het Vaderland*, da Haya, de 12 do mesmo mez e anno, referentes ambos á abolição.
- 923.** – Au Brésil. L’abolition de l’esclavage.  
Artigo do *La Lanterne*, de Paris, de 12 de Junho de 1888.
- 924.** – Emancipation in Brazil.  
Artigo do *The Leader and Herald*, de Cleveland, de 14 de Maio de 1888.  
Começa: “The announcement that the Brazilian Chamber of Deputies...”
- 925.** – La rosa d’oro.  
Artigo do *La Lega Lombarda*, de Milão, de 3 de Junho de 1888. Allude á emancipação da escravidão no Brazil.
- 926.** – Artigo sem titulo do *Levant Herald*, de Constantinopla, de 23 de Maio de 1888. Começa: “The Bill for the immediate and unconditional abolition...”

927. – Artigo sem título do *Levant Herald*, de Constantinopla, de 26 de Maio de 1888. *Começa*: “Une dépêche de Rio-de-Janeiro...”

928. – The “Flesh Pots” of Slavery.

Artigo do *Levant Herald*, de Constantinopla, de 26 de Maio de 1888.

929. – Artigo sem título do *Levant Herald*, de Constantinopla, de 2 de Junho de 1888. *Começa*: “L’affranchissement des esclaves au Brésil est sans contredit un événement important dans l’histoire du siècle.”

930. – Abolition de l’esclavage.

Artigo do *Le Libéral*, de Chalons-sur-Marne, de 15 de Maio de 1888, datado de “Rio de Janeiro, 10 mai.”

931. – Artigo sem título do *La Liberté Roumaine*, de Bucarest, de 27 de Maio de 1888. *Começa*: “On écrit de Rome que le Pape va dresser une encyclique...”

932. – Slavery.

Artigo do *Luxemburger Wort*, de 22 de Maio de 1888, referente á abolição da escravidão no Brasil.

933. – Die Befreiung der Sklaven in Brasilien.

Artigo do *Luxemburger Wort* de 23 de Maio de 1888.

934. – Artigo sem título do *Luxemburger Zeitung*, de 23 de Maio de 1888. *Começa*: “In der anslaesslich der Ausschaffung der Slavery in Brasilien...”

935. – Les esclaves libérés au Brésil.

Do *Lyon Republicain*, de Lyon, de 21 de Maio de 1888, datado: “Londres, 20 mai.”

936. – Artigo sem título do *The Mail*, de Toronto, de 24 de Abril de 1888, relativo á abolição da escravidão no Brasil.

937. – Emancipation in Brazil.

Artigo do *Mail and Express*, de New York, de 21 de Abril de 1888.

938. – L’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Matin*, de Bruxellas, de 23 de Maio de 1888, datado de “Rome, 21 mai.” Refere-se á Encyclica do Papa sobre a abolição do estado servil no Brasil.

939. – Abolition de l’esclavage au Brésil. – La Fête Nationale – La revue Longchamp.

Do *Matin*, de Paris, de 10 de Junho de 1888.

940. – Artigo sem título do jornal *Meinus v. d. Dag*, de Amsterdão, de 14 de Maio de 1888.

941. – L’abolition de l’esclavage au Brésil

Artigo do *Memorial des Vosges*, de Epinal, de 10 e 11 de Junho de 1888.

942. – L’esclavage au Brésil. – Artigo de *Le Monde*, de Paris, de 27 de Maio de 1888.

943. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Moniteur de l’Arrière*, de Poix, de 27 de Maio de 1888.

944. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Moniteur de l’Algérie* de 22 e 23 de Maio de 1888. *Começa*: “Une personne de la suite de l’empereur Don Pedro...”

945. – Échos de l’Étranger.

Artigo editorial do *Le Moniteur Universel*, de Paris, de 23 de Maio de 1888.  
*Começa*: “L’encyclique *In plurimis...* sur l’abolition de l’esclavage...”

946. – Artigo sem título do *Narodni Listi*, de Praga, de 14 de Junho de 1888.  
*Começa*: “O zruseni otroctvi y Brasillii.”

947. – II. – A brief sketch of slavery in Brazil.

Artigo do *The Nation*, de Dublin, de 2 de Junho de 1888.

948. – Telegrammas de Milão de 22 de Maio, publicados na *Nazione*, de Florença, de 23 de Maio de 1888, relativos á molestia do Imperador.

949. – Artigo sem título do *La Nazione*, de Florença, de 24 de Maio de 1888, datado: “Milano, 23”, referente á molestia do Imperador.

950. – Don Pedro e l’abolizione della schiavitú.

Artigo do *La Nazione*, de Florença, de 10 de Junho de 1888. *Começa*: “Ha lasciato Milano e l’Italia il Sovrano del Brasile, augusto ospite e caldo amico del nostro pacse.”

951. – L’abolizione della schiavitú nel Brasile.

Artigo de *La Nazione*, de Florença, de 14 de Junho de 1888, datado: “Rio de Janeiro, 22 maggio 1888.”

952. – Artigo sem título do *Neue Züricher Zeitung*, de Zurich, de 12 de Maio de 1888, datado de “Rio de Janeiro, 11. Mai.”

953. – Artigo sem título do *Neue Züricher Zeitung*, de 15 de Maio de 1888, datado de “Rio Janeiro, 14. Mai.”

954. – Artigos sem título do *Neue Züricher Zeitung* de 24 de Maio de 1888. Um *começa*: “Brasilien. Am 21. Mai ist ein papstliche Encyklica...”

O outro *começa*: “Die Abschaffung der Sklaverci in Brasilien.”

955. – Brazilian slavery doomed.

Artigo do *New York Herald*, de 12 de Maio de 1888, datado: Rio Janeiro, April 21. 1888.”

956. – Freedom in Brazil.

Artigo do *New York Herald*, de 22 de Maio, datado: “Rio Janeiro, April 28, 1888.”

957. – Praise from the Vatican.

Artigo do *New York Herald*, de 24 de Maio de 1888, datado: “Rome, May 21, 1888.” *Começa*: “The Pope has issued an encyclical...”

958. – Artigo sem título do *Nieuwe Rotterdamsche Curant*, de Rotterdão, de 24 de Maio de 1888, relativo á emancipação do estado servil no Brazil.

959. – Artigo sem título do *Le Nord*, de Bruxellas, de 19 de Maio de 1888. *Começa*: “Les chambres brésiliennes ont voté l’abolition immédiate de l’esclavage”.

960. – Brésil.

Artigo do *Nouveau Monde*, de Paris, de 9 de Junho de 1888, que *começa*: “Le projet de loi portant abolition...”

961. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Nouvelliste*, de Bordeaux, de 29 de Maio de 1888. *Acaba*: Il ne faut pas oublier que c’est l’empereur dom Pedro qui en a été le promoteur.”

962. – Abolição da escravidão no Brazil.

Artigo do *Novidades*, de Lisboa, de 16 de Maio de 1888.

963. – O Papa e a abolição da escravidão.

Artigo do *Novidades*, de Lisboa, de 22 de Maio de 1888, datado: “Roma, 21”,  
Acompanha outro artigo do mesmo jornal, do dia 23, sob o título: “A Italia e o Brazil.”

964. – Homenagem do parlamento brasileiro ao parlamento portuguez.

Artigo editorial do *Novidades*, de Lisboa, de 25 de Maio de 1888, relativo ao  
“grande facto da abolição plena do elemento servil no Imperio.”

965. – Abolição da escravatura no Brazil.

Artigo do *Novidades*, de Lisboa, de 3 de Junho de 1888.

966. – Artigo sem titulo do *Novidades* de Lisboa, de 6 de Junho de 1888, dando  
noticia do banquete da colonia brasileira em Lisboa, para commemorar a *abolição da  
escravatura* no Brazil.

967. – O banquete da colonia brasileira.

Artigo do *Novidades*, de Lisboa, de 12 de Junho de 1888.

968. – Artigo sem titulo do *Observateur*, de Marenes, de 20 de Maio de 1888.

969. – Artigo sem titulo do *L'Opinione*, de Roma, de 23 de Maio de 1888.

Começa: “Non sono buone le notizie che si hanno intorno alla salute d’ell’imperatore  
del Brasile.” Refere-se, como se vê, á molestia do Imperador.

970. – L’imperatore del Brazile.

Artigo do *L'Opinione*, de Roma, de 24 de Maio de 1888, publicando telegramas  
de Milão, de 22 e 23, relativos á molestia do Imperador.

971. – Il pellegrinaggio africano-lionese dal Papa.

Artigo do *Osservatore Cattolico*, de Milão, de 27 de Maio de 1888. Refere-se á  
abolição da escravidão no Brazil.

972. – La schiavitù al Brasile.

Artigo do *Osservatore Cattolico*, de Milão, de 8 de Junho de 1888.

973. – La Rosa d’oro e l’emancipazione degli schiavi.

Artigo do *Osservatore Romano*, de 24 de Maio de 1888, assignado “R”.

Começa: “Non esagerava quell’illustre publicista...”

974. – Brazil’s future minus slavery.

Artigo do *Pall Mall Gazette*, de Londres, de 2 de Junho de 1888.

975. – Banquete commemorativo da abolição em Paris.

Artigo d’*O Paiz*, do Rio de Janeiro, de 8 de Agosto de 1888, assignado:  
“Joaquim Nabuco” e “J.N.” Transcreve noticias dadas pelo *Gil Blas* e *Journal des  
Débats*, de Paris.

Acompanha uma noticia da Mensagem aos Academicos do Porto, por motivo  
da abolição.

(Está neste grupo por vir na Collecção do Dr. Prado).

976. – Saint-Siège. – Le Pape et les esclaves. Rome, 21 Mai.

Do *Le Patriote*, de Bruxellas, de 22 de Maio de 1888.

977. – Lettre de Saint-Denys. L’esclavage.

Artigo do *Le Pays*, de Paris, de 12 de Junho de 1888, assignado: “Chanoine G.  
Bazin.”

978. – (Aushebung der Sklaverei).

Artigo do *Pesther Lloyd*, de Pesth, de 20 de Maio de 1888.

979. – Artigo sem titulo do *Le Phare d’Alexandrie* (Egypto), de 12 de Maio de 1888.

Annuncia a votação da Lei nas Camaras brazileiras.

980. – Artigo do *Le Phare d’Alexandrie*, de 5 de Junho de 1888. *Começa*: “Les bulles du Pape Léon XIII se succedent...” *Acaba*: “... le vénérable souverain qui lutte en ce moment contre la mort dans une chambre d’hôtel à Milan...”

981. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Phare du Bosphore*, de Constantinopla, de 7 de Junho de 1888.

982. – L’esclavage.

Artigo do *Petit Beauceron*, de Chartres, de 13 de Junho de 1888.

983. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Petit Caporal*, de Paris, de 13 de Junho de 1888, dando as principaes disposições da Lei de emancipação, anterior á que foi depois promulgada.

984. – Artigo sem titulo do *Le Petit Centre*, de Limoges, de 14 de Maio de 1888. *Começa*: “L’oeuvre humanitaire de l’abolition de l’esclavage au Brésil...”

985. – L’abolition de l’esclavage.

Artigo do *Petit Centre*, de Limoges, de 12 de Junho de 1888.

986. – Le Pape et l’esclavage.

Artigo do *Le Petit Méridional*, de Montpellier, de 24 de Maio de 1888.

987. – Abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Petit Méridional*, de Montpellier, de 12 de Junho de 1888, datado: “Rio de Janeiro, 11 juin, soir.”

988. – L’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Petit Méridional*, de Montpellier, de 14 de Junho de 1888.

989. – M. Goblet et le Brésil.

Artigo do *Petit Moniteur*, de Paris, de 13 de Junho de 1888, dando o telegramma do ministro francez ao do Imperio, agradecendo a comunicação da promulgação da Lei da abolição.

990. – Au Brésil.

Artigo da redacção do *Le Petit Parisien*, de 29 de Maio de 1888, assignado: “Jean Frolo.” *Começa*: “C’est un grand événement humanitaire..”

991. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Petit Parisien*, de 10 de Junho de 1888.

992. – L’esclavage. – Artigo do *Le Petit Percheron*, de Noyent-le-Rotrou, de 13 de Junho de 1888. Reproduz o do *Le Petit Beauceron* da mesma data.

993. – Abolition de l’esclavage.

Do *Le Petit Troyen*, de Troyes, de 23 de Maio de 1888, assignado “Tony Révillon.”

994. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Petit Vaboulon*, de 13 de Junho de 1888, datado: “Paris, 12 juin, 9h.35m”.

995. – La France et le Brésil.

Artigo do *Petite France*, de Tours, de 14 de Junho de 1888. Dá o telegramma passado pelo governo de França ao do Brazil sobre a promulgação da Lei.

996. – L'esclavage aboli au Brésil.

Artigo do *La Petite République Française*, de Paris, de 10 de Junho de 1888, datado: "Rio-de-Janeiro, 7 juin." Dá ainda o projecto de lei que se dizia seria apresentado ás Camaras legislativas.

997. – Artigo sem titulo do *Politik*, de Praga, de 13 de Maio de 1888.

998. – Don Pedro del Brasile.

Artigo do *Il Popolo Romano*, de 24 de Maio de 1888: noticias telegraphicas de Milão sobre o estado do Imperador.

999. – Artigo do *Il Popolo Romano*, de Roma, de 29 de Maio de 1888. Consta de despachos telegraphicos de Milão acerca do tratamento do Imperador.

1000. – Artigo sem titulo do *Post*, de Strasburgo, de 1 de Junho de 1888, relativo a "... der Aufhebung der Sklaverei in Brasilien."

1001. – Brazil. The abolition of slavery.

Artigo do *Post Dispatch*, de Saint Louis, de 18 de Abril de 1888, datado: "Rio de Janeiro, April 18."

1002. – Suppression de l'esclavage au Brésil.

Artigo de redacção do *Le Progrès*, de Amiens, datado de 19 de Abril de 1888.

1003. – Brésil.

Artigo do *Le Progrès*, de Los Angeles (California), de 19 de Maio de 1888, acerca da passagem da Lei da abolição nas camaras do Brazil.

1004. – Abolition de l'esclavage au Brésil.

Artigo do *Le Progrès de la Côte d'Or*, de Dijon, de 29 de Maio de 1888.

1005. – L'abolition de l'esclavage au Brésil.

Artigo do *Progrès de la Somme*, de Amiens, de 1 de Junho de 1888.

1006. – Artigo sem titulo do *Public Ledger*, de Philadelphia, de 11 de Maio de 1888. Começa: "Brazil has been trying to abolish slavery since 1871..."

1007. – Artigo sem titulo do *Public Ledger*, de Philadelphia, de 16 de Maio de 1888. Começa: "That noble old Monarch and genuine gentleman..."

1008. – Abolition de l'esclavage.

Artigo editorial do *Le Radical*, de Paris, de 22 de Maio de 1888, assignado: *Tony Révillon*.

1009. – The abolition of slavery in Brazil.

Artigo do *The Record*, de Philadelphia, de 17 de Maio, datado: "Washington, D. C., May 16."

1010. – Festejos academicos.

Artigo do *A Republica*, de Lisboa, de 23 de Maio de 1888.

Outro, assign. "Theotonio Freire", relativo ao mesmo assumpto, a extincção da escravidão.

1011. – Brazil abolishing slavery.

Artigo do *The Republican*, de S. Louis, de 19 de Abril de 1888, datado: "Rio Janeiro, April 18." Começa: "The new ministry have made public..."

1012. – Emancipation in Brazil.

Artigo do *The Republican Springfield*, de 18 de Maio de 1888.

1013. – L'abolition de l'esclavage au Brésil.



- Artigo de redacção do *Républicain Orléanais*, de 22 de Maio de 1888.
1014. – L'esclavage au Brésil.  
Artigo do *Reveil du Poitou*, de Poitiers, de 13 de Junho de 1888. Reproduz o telegramma do governo francez acerca da promulgação da Lei.
1015. – Brazilian emancipation.  
Artigo do *The Review*, de New-York, de 17 de Maio de 1888.
1016. – Brazilian emancipation. Effects of the decree as understood at the legation.  
Artigo do *Review*, de New-York, de 24 de maio de 1888.
1017. – Abolição da escravidão. Lei nº 3353...  
Artigo da *Revista de Engenharia*, do Rio de Janeiro, de 14 de Maio de 1888. (Está incluído neste grupo por pertencer á collecção do Dr. Prado.)
1018. – L'Imperatore del Brasile.  
Artigos do *La Riforma*, de Roma, de 24 de Maio de 1888, datados de "Milano, 22 e 23," relativos á doença do Imperador.
1019. – Brasilien.  
Artigo do *Riga'sche Zeitung*, de 24 de Maio de 1888, referente á total libertação dos escravos no Brazil.
1020. – Brasilien. Die Befreiung der Sklaven.  
Artigo do *Riga'sche Zeitung*, de 31 de Maio de 1888.
1021. – Don Pedro stá morendo.  
Artigo do *Il Secolo*, de Milão, de 22 e 23 de Maio de 1888. *Começa*: "Una spiacevole e dolorosa notizia corse stamane."
1022. – L'abolizione della schiavitú.  
Artigo do *Il Secolo*, de Milão, de 24 e 25 de Maio de 1888. *Começa*: "Questo secolo di progresso e di luce ha le sue macchie come il sole."
1023. – L'abolizione della schiavitú.  
Artigo do *Il Secolo*, de Roma, de 27 de Maio de 1888, com o retrato do Sr. conselheiro Antonio Prado. *Começa*: "Il massimo cooperatore di Don Pedro d'Alcantara...fu Antonio da Silva Prado."
1024. – A abolição da escravidão no Brazil.  
Artigo do *O Seculo*, de Lisboa, de 17 de Maio de 1888 (*Telegrammas*).
1025. – Idem da redacção do mesmo Jornal, de 18 do mesmo mez e anno.
1026. – Abolição da escravatura.  
Artigo do *O Seculo*, de Lisboa, de 3 de Junho de 1888. Reproducção do *Diario de Noticias*, da mesma cidade, do mesmo dia.
1027. – A abolição da escravidão no Brazil.  
Artigo do *O Seculo*, de Lisboa, de 12 de Junho de 1888, seguido de uma carta sobre o mesmo assumpto, datada de Bruxellas a 7 de Junho, assignada "Nicolau Ribeiro da Silva."
1028. – L'abolition de l'esclavage au Brésil.  
Artigo da *Semaine Spéculative*, de Paris, de 11 de Junho de 1888. *Começa*: "Le project de loi portant abolition..."

1029. – Artigo sem titulo do *La Sendro*, de Marennes (França), de 20 de Maio de 1888.

1030. – Exterieur–Brésil.

Artigo de *Le Siècle*, de Paris, de 13 de Junho de 1888. *Começa*: “Voici le texte du télégramme envoyé por M. René Goblet...”

1031. – Informations diverses.

Artigo do *Le Siècle*, de Paris, de 18 de Junho de 1888. Refere-se á “perturbation qui va resulter de l’esclavage au Brésil.”

1032. – Artigo sem titulo do *The South American Journal*, de Londres, de 12 de Maio de 1888.

1033. – Empire of Brazil.

Artigo editorial do *The South American Journal, and Brazil and River Plate Mail*, de Londres, de 9 de Junho de 1888.

1034. – Lettre de Saint-Denys. L’esclavage.

Artigo do *Souveraineté*, de Paris, de 13 de Junho de 1888, assignado: “Chanoine G. Bazin.” Reproduzido do *Le Pays*, de Paris, do dia 12.

1035. – Artigo de redacção do *Le Télégraphe*, de Paris, de 21 de Maio de 1888, que *começa*: “L’abolition de l’esclavage au Brésil...”

1036. – Artigo sem titulo do *Télégraphe*, de Paris, de 1 de Junho de 1888. *Começa*: “L’accomplissement définitif de l’emancipation des esclaves...”

1037. – L’abolition de l’esclavage.

Artigo do *Télégraphe*, de Paris, de 9 de Junho de 1888, datado: “Rio de Janeiro, 7 juin.”

1038. – L’abolition de l’esclavage au Brésil.

Artigo redactorial do *Le Temps*, de Paris, de 23 de Maio de 1888.

1039. – Brésil.

Artigo do *Le Temps*, de Paris, de 12 de Junho de 1888. Dá o texto do telegramma do Sr. Goblet ao Sr. conselheiro Rodrigo da Silva “au sujet de l’abolition définitive de l’esclavage au Brésil.”

1040. – Artigo do *Times*, de Chicago, de 19 de Abril de 1888. *Começa*: “The emancipation of slaves is progressing rapidly in Brazil...”

1041. – Emancipation in Brazil.

Artigo do *Times*, de Chicago, de 18 de Maio de 1888.

1042. – Slavery abolished in Brazil.

Artigo do *The Tribune*, de Chicago, de 17 de Maio de 1888, datado: “Washington, D. C., May 16.”

1043. – L’abolizione della schiavitú nel Brasile.

Artigo de *La Tribuna*, de Roma, de 22 de Maio de 1888.

1044. – La schiavitú al Brasile.

Artigo de *La Tribuna*, de Roma, de 23 de Maio de 1888, datado da mesma cidade a “22 maggio,” e assignado: “F. Turchi.” Acompanha: *L’imperatore del Brasile in pericolo di vita*: telegramma de Milão de 22 acerca da doença do Imperador.

1045. – La salute di Don Pedro.

Artigo de *La Tribuna*, de Roma, de 24 de Maio de 1888. *Começa*: “Le ultime notizie, che il telegrafo ci trasmette de Milano...”

1046. – Artigo sem titulo do *La Tribune Libre du Clergé*, de Paris, de 27 de Maio de 1888. *Começa*: “L’Encyclique in *Plurimis*” e refere-se á emancipação da escravidão no Brazil.

1047. – L’abolition de l’esclavage au Brésil et Alphonse XIII d’Espagne.

Artigo do *Le Trait d’Union*, do Mexico, de 22 de Maio de 1888. Acompanha outro artigo sob o titulo: “L’emancipation des esclaves au Brésil.”

1048. – La rosa d’oro del S. Padre a S. A. I. la principessa reggente del Brasile.

Artigo da *Unità Cattolica*, de Turim, de 15 de Maio de 1888.

1049. – La schiavitù nel Brasile e la tirannia delle sette in Europa.

Artigo da *Unità Cattolica*, de 18 de Maio de 1888. *Começa*: “Il Giubileo sacerdotale di Leone XIII va associato ad un fatto di straordinaria importanza...”

1050. – Una lettera di Leone XIII ai Vescovi del Brasile sull’abolizione della schiavitù.

Artigo da *Unità Cattolica*, de 23 de Maio de 1888.

1051. – La schiavitù nel Brasile e l’Enciclica di Leone XIII.

Artigo da *Unità Cattolica*, de 24 de Maio de 1888.

1052. – La schiavitù de’neri abolita nel Brasile e ripristinata in Italia contro i preti.

Artigo da *Unità Cattolica*, de 25 de Maio de 1888, tendo por epigraphę os dous afamados versos de Juvenal, da Satira V, 210.

1053. – L’enciclica del S. Padre al Vescovi del Brasile.

Artigo da *Unità Cattolica* de 26 de Maio de 1888. É a traducção italiana do texto original latino da Encyclica *In plurimis*, de 5 de Maio.

1054. – Artigo sem titulo da *Unità Cattolica*, de 27 de Maio de 1888. *Começa*: “Dans ces jours mêmes nous avons publié la Lettre Encyclique...” Acompanha outro artigo da mesma folha sob o titulo: “L’affrancamento degli schiavi nel Brasile.”

1055. – La rosa d’oro alla principessa del Brasile.

Artigo da *Unità Cattolica*, de Turim, de 31 de Maio de 1888. Tem relação remota com a abolição.

1056. – La legge che abolisce la schiavitù nel Brasile.

Artigo da *Unità Cattolica*, de 8 de Junho de 1888, a que se ajunta outro sob o titulo: “Il numero degli schiavi nel Brasile”

1057. – Brésil.

Artigo do *L’Univers*, de Paris, de 12 de Junho de 1888, reproduzindo o telegramma do governo francez ao governo brasileiro acerca da promulgação da lei da abolição.

1058. – Artigo sem titulo do *Das Vaterland*, de Munich, de 26 de Maio de 1888. *Começa*: “In Brasilien wurde die Sklaverei...”

1059. – Artigos de *Das Vaterland*, de Munich, de 8 de Junho, e do *Frankfurter Zeitung*, de 11 do mesmo mez, 1888, datado este de “Paris, 9 Juni.”

1060. – La rosa di oro.

Artigo do *La Vedetta*, de Florença, de 26 de Maio de 1888.

1061. – A abolição da escravatura no Brazil.

- Artigo d'A *Verdade*, de Thomar (Portugal), de 20 de Maio de 1888.
1062. – Il Papato e la Schiavitú.
- Artigo (3º) do *La Voce della Verità*, de Roma, de 29 de Maio de 1888. Refere-se á abolição da escravidão no Brazil.
1063. – L'abolition de l'esclavage au Brésil.
- Artigo do *Le Voltaire*, de Paris, de 1 de Junho de 1888, assignado: "Henri Feval."
1064. – A Brazilian Budget. Efforts of the new ministry to abolish slavery.
- Artigo do *Weekly Bec*, de Toledo, de 19 de Abril de 1888, datado: "New York, April 18."
1065. – A century of emancipation.
- Artigo do *Weekly Transcript*, de Boston, de 25 de Maio de 1888. *Começa*: "Brazilian emancipation is the final consummation.."
1066. – Die Abschaffung der Sklaverei in Brasilien.
- Artigo do *Wiener Abendblatt*, de 4 de Junho de 1888.
1067. – No more slaves in Brazil.
- Artigo do *The World*, de New York, de 17 de Maio de 1888, "Rio de Janeiro, May 14."

ANNO III N<sup>o</sup> 3 e 4

ARTIGOS RELATIVOS A' EXTINCÇÃO DO ELEMENTO SERVIL

1457. – A festa das crianças. Commemoração da lei de 13 de maio de 1888...  
*Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1888.*
1458. – Padre Theophilo Vieira de Andrade e João Luiz de A. e Souza – Discursos proferidos por ocasião dos festejos realizados pela promulgação da lei nº 3.353, de 13 de Maio de 1888. *Serro, 1888.*
1459. – Antilles (Les). Saint Pierre, Martinique, 29 de Agosto, 1888. Artigo intitulado L'esclavage.
- Começa*: "Il y a un mois, quand don Pedro et sa fille, secondés par les patrons eux-mêmes..."
1460. – Berliner Tagblat. – Artigo sem titulo, de 8 de Agosto de 1888, concernente á emancipação total da escravidão no Brazil.
1461. – Brésil (Le). Paris, 5 de Setembro de 1888.
- Le début de l'ère nouvelle.* – Extenso artigo de redacção assignado: Alfred Marc.
1462. – Costa Rica Ilustrada
- La esclavitud. – Artigo de Setembro de 1888. Consta de uma *Disertacion extraordinaria leida por el autor en la sociedad* "Estudios Juridicos", datada de "San José, 17 de agosto de 1888" e assignada: "Octavio Béeche", referente á libertação dos escravos no Brazil.
1463. – Courier des États Unis. – Nova York, 6 de Setembro de 1888.
- Brésil. – Artigo da redacção. Refere-se á emancipação do elemento servil no Brazil e cita a opinião do *Etoile du Sud*, do Rio de Janeiro.
1464. – Evening Telegraph. – Philadelphia, 24 de Julho de 1888.
- Brazilian emancipation. – Tem por subtítulo: "How the Planters are Trying to Meet the New Condition of the Labor Problem."

1465. – Evening Telegraph. – Philadelphia, 2 de Agosto de 1888.  
Artigo sem titulo relativo á libertação total dos escravos no Brazil. *Com.* “It is declared now that the *emancipation of slaves* in Brazil...”
1466. – Frankfurter Zeitung.  
Brasilien. – Artigo de 7 de Agosto de 1888, concernente á emancipação da escravidão no Brazil; datado de “W. S. Porto Alegre, 5. Juli.”
1467. – Frankfurter Zeitung. – Artigo sem titulo, de 6 de Setembro de 1888, datado de “W. S. Porto-Alegre, 31 Juli.”, referente á emancipação da escravidão no Brazil.
1468. – Artigo sem titulo de 10 de Setembro de 1888, datado de “W. S. Porto Alegre, 28 August.”, referente á *Emancipation der Sklaven*.
1469. – Brasilien. Artigo de 17 de Outubro de 1888, datado de “W. S. Porto Alegre, 12 Sept.”, referente á emancipação total da escravidão no Brazil.
1470. – Deutsch-Brasilianische Plantagen-und Handels-Gesellschaft.  
Artigo de 18 de Outubro de 1888.
1471. – Freeman’s Journal. – Nova York, 30 de Julho de 1888. Ecclesiastical Note.  
Artigo relativo á emancipação dos escravos no Brazil.
1472. – Gazzetta d’Italia. – Roma, 14 de Agosto de 1888. L’abolizione della schiavitú al Brazile.
1473. – Kennebec Journal. – Augusta, 23 de Julho 1888. Brazilian Emancipation. Artigo do mesmo jornal, de 24 de Julho de 1888.
1474. – Levant Herald. Constantinopla, 30 de Julho, 1888. The emancipation of the slaves in Brazil.
1475. – Massachusetts Spy, Worcester, 13 de Julho, 1888.  
Artigo sem titulo. *Começa:* “Brazilian slavery died a comparatively easy death...”
1476. – Nation (The). Dublin, 18 de Agosto, 1888. The Political Situation in Brazil.
1477. – New York Herald, Emancipation in Brazil.  
Artigo de 24 de Julho de 1888, transcripto do *Rio News*. Tem por titulo: “The demands for slave indemnification cause uneasiness, but no trouble anticipated.”
1478. – Nouvelle Revue. Paris, 15 de Agosto, 1888. L’abolition de l’esclavage au Brésil.  
Artigo que occupa as pags. 736 a 745, assignado: “Manuel Carneiro.”
1479. – Osservatore Cattolico, Milão, 28 de Agosto, 1888. La Lettera Pontificia sulla schiavitú e le Camere brasiliane.
1480. – Progrès de Guadeloupe (Le). Pointe-á-Pitre, 10 de Agosto, 1888. Abolition de l’esclavage au Brésil.  
Responde a uma carta datada de “Paris, le 22 juillet,” assignada: “E. Prado”, a qual se transcreve.
1481. – Radical Algérien (Le).  
Nouvelles & “Echos”. La République au Brésil.  
Artigo de 5 de Setembro de 1888. Refere-se ao *mouvement républicain* a que deu causa *l’emancipation des esclaves, surtout accentué dans les sphères conservatrices*.

1482. – Record (The). – Philadelphia, 17 de Agosto de 1888.  
Brazil Under New Conditions.  
Com. “The abolition of slavery in Brazil”...
1483. – Revolte (La). – Paris, 23-29 de Setembro de 1888.  
Brésil.  
Com. “Les journaux nous annoncent à grands fracas ce qu’ils appellent  
*l’abolition de l’esclavage au Brésil. Méfions-nous*”.
1484. – Revue du Monde Latin. – Paris, 1<sup>o</sup> de Agosto de 1888.  
L’abolition de l’esclavage au Brésil.  
Artigo que vai da pg. 462 á pg. 486 e assignado “A. Spont”.
1485. – Revue du Monde Latin – Paris, 1<sup>o</sup> de Setembro de 1888.  
Artigo sem titulo, referente á emancipação da escravidão no Brazil. Com.  
“Tandis que le cardinal poursuit sa merveilleuse campagne en faveur de la suppression de la traité en Afrique...”
1486. – Riforma (La). – Roma, 16 de Setembro, 1888.  
Un insuccesso.  
Artigo relativo á *schiavitù perdurante in Tunisia* e, accidentalmente, á emancipação effectuada no Brazil.
1487. – Star and Herald. – Panamá, 11 de Agosto, 1888.  
Liberty! One Million Three Hundred Thousand Slaves become Freeman!  
Artigo editorial.
1488. – Tribuna (La). – Roma, 25 de Agosto, 1888.  
L’abolizione della schiavitù al Brasile.  
Artigo editorial.
1489. – Voz de Mexico (La)  
Catálogo de los esclavos que han obtenido libertad en el Brasil.  
Datos sobre la esclavitud en Africa, contra la que protesta Leon XIII en su Enciclica à los Obispos del Brasil.  
Artigos de 14 de Setembro de 1888.
1490. – Weekly bee. – Omaha, 25 de Julho, 1888.  
Artigo sem titulo. Com. “The abolition of slavery in Brazil”...
1491. – Weekly Budget. – Nova York, 1<sup>o</sup> de Setembro, 1888.  
Brazil’s emancipated slaves.  
Tem por segundo titulo: “Their Gratitude to the Royal Family. – Public Rejoicings in Rio de Janeiro.”
1492. – Weekly Mail. – New York, 19 de Setembro, 1888.  
Brazil. I. The abolition of slavery.  
Artigos assignados: “Brazileiro.”

***O RISCO DO BORDADO:  
A MARCA DO HOMEM***

**Francisca Maria do Nascimento Nóbrega**

**Palestra pronunciada na Biblioteca Nacional,  
integrando o colóquio realizado entre 11 e 25 de junho de 1984  
intitulado – “LETRAS BRASILEIRAS NO MUNDO  
– POR QUE ESSES LIVROS FORAM TRADUZIDOS?” – em torno  
de obras literárias brasileiras traduzidas no exterior.**

Este encontro tem um título: *O RISCO DO BORDADO: A MARCA DO HOMEM*.

Um sintagma que acena um enigma a clarear.

Toma-se como texto o romance de Autran Dourado e, como diretriz, a de uma leitura poética, pois estamos convictos de que, quando a crítica não se coloca poeticamente, é quase inevitável que se coloque em termos judicativos, num quadro de “bem” e de “mal” definidos conforme alguma moral, confinados em conceitos estatuídos pela visão deste ou daquele “significante mestre” que ocupe o “lugar da verdade”. No proceder poético, o homem se despe, carente. Critica, mas não se arvora em manejador de parâmetros, não se enfileira como avaliador. Pensa, se pensando.

Nada mais pretendemos que expor aqui uma leitura, ex-pondo-nos com ela.

Aí, o risco.

*Fala-se de muito risco.* O primeiro diz o perigo do sujeito crítico, que faz seu percurso consciente de que, se pode escolher caminhos, pode escolher um ou outro, um e outro, um pelo outro. E que arrosta o risco perigo de não ser fiel ao Risco obra.

Outro Risco diz a responsabilidade de personagens e pessoas que não aceitam viver no engano. E preferem arriscar-se na aventura de buscar, na sua silvação de ex-posto, o Risco-projeto, o Risco sinal, a riscadura, a marca, a deflagração desvanecida mas que encena o vestígio do traço original, união entre o ser que se está sendo e o Ser que se é.

Assim, leremos o Risco riscado por Autran.

Assim, iluminamos nossa aventura de viver, a-riscando-nos.

*Fala-se de um bordado.*

Uma criação: em processo? concluída?

Certamente, um trabalho humano que implica o Risco. Neste se vislumbra o TRAÇO e se des-envolve o fio. No fio o fluir dos pontos. No fluir, o flutuar. A possibilidade de todas as dúvidas, a exigência da grande coragem, por exigência do medo maior.

*Fala-se de marca:* sinete gravado, distintivo; registro grifado, instantâneos, onde se assina a condição de ser homem; tatuagem na pele da vida, bordada em ponto de marca, também chamado ponto cruz.




Então, *se fala do Homem*: este pouco de húmus que vê e fala; este punhado de terra que se ergue porque pensa, contempla, escuta, agasalha a transcendência na imanência. Este CUJO que, por demandar o QUEM, rompe limites, se move no infinito e re-incide no limite saudoso do ilimitado.

Fala-se deste homem que pode superar e está sempre à beira-nada; que estabelece definições e logo se conduz para uma dimensão que lhe exige outra vez definir. Move-se em mágico espiral que se estreita a cada volta, co-incidindo em si, progressivamente caindo em si, Homem a cair-no-ser. Pois que “o voltar-se pertence ao Ser (q é) e de tal forma que o ser-sendo repousa sobre o voltar-se. Então o sendo se dissolve, desaparece na sua essência e se risca é riscado em cruz. Estou dizendo – talvez de modo complicado – que TUDO QUANTO ESTAMOS SENDO É SEMPRE *POUCO* EM VISTAS DO QUE QUEREMOS SER. Repare-se que digo QUEREMOS SER. Pois todos temos a consciência do MAIS que nos é devido, do MAIS que nos é creditado. Esta consciência de SER MAIS é que me garante que existe uma vocação humana para aquilo que FUNDAMENTALMENTE SE É.

Por isso o homem indaga. Ele possui conceitos, noções com as quais, muitas vezes, não se sente satisfeito. E quando retoma estas noções (estes saberes) e reindaga, querendo mais verdade, mais entendimento daquilo sobre que indaga, usa o verbo ser; diz: Isto É isto mesmo? O que É realmente isto?

Pois é esta pergunta (em termos de É) que significa uma VOLTA, para apagar o pouco e avivar o mais que se quer saber. Isto aparece no romance de Autran como uma constante, um dado sempre presente: seu personagem quer AVIVAR, CLAREAR UMA NOÇÃO MAIS VERDADEIRA, MAIS SUA. Quer conceitos de acordo com a sua *Linguagem*.

Este é o riscar cruciforme – como dizem os filósofos. Isto. Esta procura de repelir o costume que temos de representar o Ser (q é) como algo fora, independente e que, de vez em quando, se opõe ao homem. (...) O sinal cruciforme não pode ser simplesmente um sinal negativo, indicando que algo foi eliminado. Ele aponta – isto sim – para quatro regiões que se unem num cruzamento:  Ele diz que o homem É, no ponto em que – paralelo a todos os homens – se cruza com o meridiano que o singulariza, riscando-o entre céu e terra homem e divindade. Por isso o seu caminho é uma errância em círculo, não um obstinado. Pegar a reta. Ir para a frente implica o constante voltar atrás. “Por sua essência, o homem é a lembrança do Ser, é o ser que se desenha na volta (lembrar não é re-avivar o que está antes?). É a inscrição da/na quaternidade que abriga a dimensão do abraço e a do aprofundamento. No ponto onde se cruzam a horizontalidade expansiva de sua abertura e a sua verticalidade a-pro-fundadora, justamente aí, se situa o lugar da sua glória. Verdade.

Verdade na obra criada, verdade no poeta, verdade no leitor – são todas produzidas no voltar. Todas ponto de cruzamento entre três procuras que procuram consumir-se. Todas expressões de carência. Por preenchê-la o requisito é deixar falar o pensamento. No pensamento, o Ser se torna Linguagem. Na Linguagem ancoram todas as opções do falar, que todas são modos de exercício da Linguagem na Língua, inclusive o mito. Talvez principalmente o mito. Relembro um:

O mito da árvore da vida nos fala de um homem-criatura que problematiza o seu pacto com o criador. Fala-nos de uma precisão: o companheiro consistente de si. O criador pairava sobre. Ele vagava entre. Sentia a solidão da diferença. Queria ser plenamente diferente: um animal com o sopro. Por que não a plenitude do SOPRO?

Então se fala de uma serpente-impulso de superar. Sinuosa, insinua-se. Enroscada no tronco da árvore do conhecimento, ela tem o saber. E pronuncia o saber com língua dupla.

Antes, criador e criatura mantêm o diálogo da plenitude da Linguagem. No vigor desta, não vigora a língua por desnecessária. Intrometida no diálogo de Deus com o homem, a serpente inaugura a dicotomia hgg/lg, inaugurando a consciência da separação. Sua língua divisora é bifida, bi-laminada: expõe o veneno mas resguarda o antídoto. No exercício de sua liberdade, o homem pode optar por se matar no veneno ou por atender ao desafio da força, penetrar no conhecimento, voltando ao ponto onde se entroncam as duas lâminas, deixando-se invadir pelo sentido, para além das estruturas, anterior a toda tessitura, força da mão que tece e permanece no TRAÇO que se deixa cobrir para re-fazer, buscar. O TRAÇO de que falo é o desenho autêntico, o que é próprio, singular, único de cada um.

E o que se propõe numa crítica poética é justamente abrir os signos do texto atrás de um desenho humano. Não estacionar para sempre sobre as linhas. Não ler como se fosse um passa-tempo: ler – sim – para não deixar passar (e se perder) o nosso tempo, como quem viveu em vão.

Uma vez li – não sei mais onde e nem sei mais dito por quem – que a finalidade da arte é conferir DIGNIDADE à vida.

Ser digno é ser dono de si - penso eu.

Então, a arte existe para fazer a gente se assenhorear daquilo que se É.

Para se ler, corre-se o risco de sofrer...

Mas para viver, há que correr o risco.

O bordado do risco da vida – dissemos e repetimos – se tece em movimentos (pontos) que vão adiante, voltando atrás. (Todo ponto de bordado é executado assim, seja ele ponto de haste, de segredo, de sombra, de cruz ou de cadeia.)

O RISCO DO BORDADO, também.

Este não é um romance de memórias, mas da memória (Autran). Nada mais adequado ao movimento da memória que o ir e vir des-compromissado com mapas. Nada mais necessário que comemorar cada descoberta, cada momento em que o Ser se apresenta no voltar-se. Mnemósine celebra a devoração de Cronos. Lenta e voraz, mergulha. Por isso a volta. Muitas voltas, n'O Risco romance. Em cada uma brilha mais viva a luz de uma realidade, determina-se um meridiano zero onde o sentido perseguido pelo personagem João lhe acena, mas se afasta e se retrai para a ausência. João é o homem marcado, marcando sua história na procura de se recompor. Todo o seu pensamento é “feito de magia e medo, um medo vago, branco, sufocante; um medo ele não sabia de quê”. (RB p. 191)

O medo é o movente que lhe impõe o recurso pela memória, a investigar os porquês e os paraquês da sua existência fragmentária. João se encaminha para fora do engano, quer-se sem risco de ilusão quanto ao Risco desenho verdadeiro de sua vida. Por isso,

“Depois de uma ausência de muitos anos, homem feito, João voltava a Duas Pontes.” (RB p. 234)

Voltar ao espaço da infância, voltar no tempo, são recursos do errante que quer superar. Cruzam-se nessa volta dois tempos, dois homens. Seu ser se risca no Risco. “Sua essência copertence àquilo que no riscar cruciforme do Ser assume o pensamento para um apelo mais originário”.

Fica-nos aqui uma primeira certeza. João acolhendo em si a venenosa pronúncia do medo que não se explica, tem a urgência do seu TRAÇADO ORIGINAL. Quer ser SEM ESTE MEDO, quer a “VISÃO TOTAL”. Não pega a reta. Volta. Circula pelos lugares de outrora, para resenhar, conferir e tirar a limpo: *que medo é esse, seu?*

Começa pelos “reinos proibidos”: primeiro, o prostíbulo: a CASA da PONTE. E o poeta nos borda um João ansioso, um quase garoto – quase rapaz querendo, de desejo encorpado, conhecer Teresinha Virado, a prostituta menina. E nos põe dentro do medo do rapazinho, “metade dele querendo ir, metade querendo ficar”. (RB p. 18) Medo de abrir “a porteira do mundo e depois ter de enfrentar os olhos de seu pai e de falar de frente com a mãe, ela podia ver a alma pecaminosa à flor da pele...” (RB p. 21)

Mas vai. Vê-la foi tudo. A presença

“foi emudecendo o coração do menino (...)

Era carne inteiramente diversa da carne que ele criara em sonho”

(...) mas “tinha o condão de gerar uma nova Teresinha, um novo sonho, novos sinos na noite”. (RB p. 34)

O poeta cruza os fios do João adulto com os fios do João adolescente. Os fios do investigador com os do evocador que lembra. E o que se apresenta nesse cruzar é apenas um esmaecimento do mito pela desmitificação:

“o casarão prenhe de segredos jamais revelados “.... (RB p. 11)

é apenas

“uma sala comum, os mesmos móveis lá de casa, da casa de vovô Tomé (...) até mesmo a surpresa de uma Santa Ceia na parede.” (RB p. 31)

As mulheres, mitificadas como

“ninfas (...) que de noite à luz das candeias volantes, safam a cantar pelos bosques” (RB p. 12)

depois de vistas são muito reais

“real demais para o seu sonho.” (RB p. 12)

O outro reino proibido, o mundo da morte, se estende ao lado do seu colégio, na chácara além muro, onde tio Maximino moribundo, demorando a morrer está de fora, vida afastada, por relações cortadas com vovô Tomé:

“Ele é meu inimigo, você está proibido de pisar lá.” (RB p. 55)

O menino João primeiro vê a chácara, além muro como

“um quintal tão misterioso, tão cheio de gênios alados e estranhos ruídos zunindo no ar.” (RB p. 43)

vê o tio como

“um mistério (...) um fantasma andando macio.” (RB p. 50)

A proximidade da morte aproxima os vivos. E João penetra na casa e a sente como

“cheiro pesado e oleoso de suor, mijo, remédio ou coisa pior”... (RB p. 66)

O tio:

“Meu Deus como ele era comprido e magro!” (RB p. 66)

A morte do velho, a grande interdição, ele a saúda com o medo e a fuga. Vomita. Tem medo de passos que o seguem, imaginários. (RB p. 70)

Mas, até a hora do enterro, adere à indiferença da parentela.

“lavou bem a cara na pia (...) vestiu a calça de flanela branca (...) levou um tempão acertando o laço da gravata no espelho (...) se tivesse uma menina mais bem apanhadinha por lá, ele bem que poderia tirar um flerte”. (RB p. 75)

Idas e vindas, mitificações/desmitificações, no tempo adolescente, não garante, ao personagem adulto, a liberdade ante o medo. Esfumina-se o negro. Mas resta o sombreado. Porque a cada desmitificação se cria outro mito: à Teresinha Virado (ninfeta virada em real demais) substitui Valentina – a menina ruiva do circo: uma graça ruiva

“Eu começava a criar novo sonho, um novo mito para meu consumo diário...” (RB p. 92)

João esvazia também este mito substituto. Perto de si ele a vê “um pouco suada”, vê que “parecia um menino de tão desembaraçada”. Seu cheiro de suor misturado a talco e leite de rosas, suas maneiras nada encantatórias, humanizavam-na. (RB p. 97)

O reino penetrado é outro, mas o processo é o mesmo.

E o mito Valentina, o mito Teresinha, esvaziados, substituídos são apenas imagens calcadas para o fundo, adensando, encorpando os territórios do medo, com camadas de mais medo, de remorso e de culpa. No mundo evocado, bordam-se as VOLTAS do FILHO PRÓDIGO.

Tio Zózimo ... “aquele mistério”, sempre em andanças por não se sabe que terras, de repente, voltando, “alguma coisa no ar” anunciando sua volta. Nome interdito. Aflição da família. Zózimo chegando, detestando Alfredo (seu irmão), Caim odiando Abel. A avó Naninha apelando à misericórdia de Deus. Vovô Tomé se argüindo “por que ele não volta? Por que ele tem de fazer tudo na minha presença (...) que culpa tenho eu, Jesus? A VELHA CULPA.” (RB p. 115)

E João ali, rondando medroso e curioso, querendo saber que coisa esquisita era aquela que ele tinha no ouvido direito. O amigo Zito lhe deu a chave do mistério: “Um dia seu tio sapcou um tiro no ouvido.” (RB p. 130)

O tiro “explodiu no ouvido do menino” ... “Ele próprio uma caixa acústica ressoante (...) Trompas e trombetas do Juízo,” lhe dizendo que há medo, remorso, culpa no bordado da família. E que este medo é a porção de herança que lhe cabe. (RB p. 130)

Desmitifica-se o defeito físico de Zózimo. Não a Zózimo. O tiro atravessa o Risco, é um nó atando o fio de João ao fio de outros, fio de sangue – família, fio por onde flui o desconhecido que espessa e adensa o medo maior. O tiro – sangue – fio se encorpa na corda com que Zózimo se enforca.

Mas permite a João desfiar um pouco mais o ponto de corrente com que se bordam os elos parentes e se aprisionam os parentes em anel de medo.

Agora, o assunto é de família. Zózimo replica Zé Mariano – esquisito pai de vovô Tomé. Ele – João – replica Tomé querendo ver para crer/entender – de quem é a culpa maior. Tomé lhe conta da mãe “uma onça braba” dona Pequetita (RB p. 147) e de Mariano “antigo e forçado” (RB p. 143) que também “purgava pecado antigo”. (RB p. 144) Bisavô terrível, companheira das rápidas trocas de olhares, de econômicos

bater de lábios, impunha. Bisavô perdendo o ânimo, crepusculando. E antes de ser sol-posto passando a Tomé – avô – “o bastão, que nem Abraão a Isac, Isac a Jacó e Jacó a José.” (RB p. 159) Partindo, recolhendo-se a um casebre que jamais torna a abrir até que Tomé a mando da mãe obriga Mariano a sair do casebre, atira-o para um banho de rio. Imersão na água de limpar. Prelúdio das águas de matar. Mariano atira maldições sobre Tomé. Retira-se no retiro do casebre até que “um dia alguém veio correndo dizer que estava assim de urubu em cima da casinha do pai” (RB p. 180) – da casinha de Mariano. Urubus corporizando a culpa, desenhando as volutas do remorso, pronunciando o veneno do medo no silêncio envenenado de vovô Tomé.

E ele que fora a imagem da segurança para João se revela no remorso, no mesmo medo. Sua narrativa desmitifica-o e inscreve João na força dessa herança maldita. Vovô Tomé lhe passa o bastão.

Correndo o risco o poeta nos borda Margarida, com “cores fugidias”, (RB p. 183) tons de tempo muito longe, feito raro de coisa estranha, lembrança recuada até os afogados na placenta da primeira infância: “Uma lagarta verde numa folha verde”. A Margarida que João vislumbra nua. Ele muito pequeno. Ela “corpo branco molhado de banho recendendo brilhoso”. (RB p. 184) Depois, Tia Margarida pecado, se marcando como culpa no coração do desejo, no João de dezesseis anos, “quando começou a explodir dentro dele o seu corpo de homem.” (RB p. 184)

Antes – a Margarida dos mesmos vestidos, das mesmas leituras, do mesmo jogo de paciência parecendo “TER MEDO de sair de um mundo que conhecia de cor e salteado”. (RB p. 192) Nesse tempo, João contemplador das mãos da tia, do seu rosto de louça, tem medo de vê-la desvanecer-se apenas sonho. Depois, a experiência experimenta ele  
“alcançar a dureza do corpo. Devagarinho, cuidadosamente ... encontrou a coxa da tia. Ela não se mexeu nem um pouco... cerrou os olhos e ficou respirando fundo ... Tomava posse do corpo, procurando se acostumar” ...

Ele ousa mais

“... Ela não se afasta, ao contrário – pressiona um pouco. Ele sente o calor da coxa, o corpo vivo, quente ... vivo demais.”

E todo o vigor da vida represa explode como promessa nos dois. Explode nele a sensação daquele corpo outrora visto no relance, livres gotas, perfume livre, livre do roupão. Outro roupão se abre na memória dele e Teresinha Virado – a prostituta – se mistura a Margarida. Mistura de pecado. Pior ainda, a mãe, a sua mãe se acrescenta como mulher no roupão da prostituta.

Animal, João se horroriza com essa fusão caótica em que se abisma. Espírito re-conhece em si mesmo a força da culpa, do remorso que justifica nele a herança que marca toda a família. João lê sua própria decadência.

Ela, porém, descobre o corpo, o seu corpo, mais corpo porque mais consciente de sua força de se pronunciar no DESEJO. Verbo na carne. Ela se mostra literalmente nua, no silêncio e na treva da noite, emoldurada no quadrado da janela, obra de Arte, pintura de luar, nudez mostrando o que ninguém consegue ver: a identidade do (no) corpo, sempre velada. Ela se dá “em espetáculo e agonia”. (RB p. 213) Ele se recolhe na treva, do lado de fora. Teria visto na clareira, nela, toda a grandeza da natureza, no ser, não mais no aparentar?

“Quem reconhece o drama quando se precipita sem máscaras?” (Drummond)

Teria ele visto? O poeta apenas borda em ponto de segredo que “Quem teve de fugir foi ele, como se ele é que estivesse nu.” (RB p. 214)

Em Margarida explode a verdadeira imagem: “Verônica de cabelos soltos” cumpre o rito da desnudação, como que se vê tal como é.

Em João explode o verdadeiro medo, fecha os olhos mas se lembra: “é fechando os olhos que se vê Deus”. (RB p. 217) O Deus que ele sabe é o que expulsa Adão do paraíso. Nega-se então o direito da presença do amor. Faz-se Adão. Condena-se ao exílio.

Muito tempo depois, homem talado, João VOLTA ainda uma vez. Mais uma vez transpõe umbrais de duas pontes, para vestir-se de razão adulta, veste de homem. Então os homens que ele vestira em paramentos de corajosos lhe são bordados, também eles, diminuídos até a estatura do medo. O cangaceiro Xambá (estranho nome, estranha figura) – o equestre, é apeado do cavalo e se torna cavalgado de uma Felícia, amada mulher da vida. Por ela, rasteja e chora. Ante a polícia, borda o pavor no choro “pelos olhos, pelo nariz, pela boca. A cara lustrosa de lágrimas, um menino se borrando”, (RB p. 272) preso e derrubado pela fuzilaria da lei.

Adulto, João – racional (lógico) busca os fundamentos (o ontológico) pelo caminho da Memória (Mnemosine) teológico.

O bordado de seu Risco é começado em meio e interrompido sem fim. Tudo é rememoração. E toda rememoração é uma anamnese. Mas é também uma espécie de INTRODUÇÃO. Quem se beneficia da anamnese, trans-forma a visão passada em compreensão no presente, abrindo a possibilidade de um novo – ser – futuro. Introduce.

No tempo – espaço bordado no RISCO, há principalmente DUAS PONTES. Uma de sair outra de voltar. Ambas de sair e re-cair na ilusão. (Pontes de introduzir.)

Ponte é espaço de trânsito, não de estacionamento. Por isso, o romance prolonga esse trânsito do leitor. Prolonga uma leitura, para que indo e vindo, o homem se re-conheça, reconhecendo personagens através (per) dos quais soa (sona) a voz humana, sempre mais humana, quanto mais resenha, confere, tira a limpo. Tanto mais humana quanto mais pergunta:

– Que coisa é a verdade?

O *Risco* de Autran é uma anamnese e uma introdução à verdade. É um movimentar a questão do medo, na direção de sua proveniência. Não se conclui a história. Não se conclui uma introdução. Introduzir-se é o movimento da vida. Quando alguém, no RISCO, enuncia que “Deus é quem sabe por inteiro o risco do bordado” revela uma convicção, uma possibilidade de conciliar *contradições* na *dicção* de Deus. Mas que faz João deste axioma revelado? Que fazemos nós, homens? Silencia o personagem. Silencia a narrativa. Corta-se a linha de bordar, sem o arremate. Silenciamos todos. Que mais dizer, ante o enigma?

Caros presentes:

Não sou, como nunca fui, uma especialista em Autran Dourado. Fiz, sobre ele, uma dissertação de Mestrado. Tão-somente. Dele e nele, porém, encontro e retiro esse ensinamento: rever a natureza humana. Essa Natureza maiúscula que É a Verdade, única, fundamental, de todos e de cada um.

Rever implica ativar o olhar para o antes. Ver “atrás”, a ré, voltar, voltar-se. Este o destino humano: resenhar os fatos vividos. Conferi-los com o desejo atual de viver. Tirar a limpo a realidade do vivido em função do que se quer viver. Corrigir o risco que desviou do traçado, ou simplesmente CONHECER o que fez desviar. E

CONHECER é, às vezes, tudo o que se pode desempenhar. Saber as causas ... principalmente quando a conseqüência é insatisfatória.

Voltar.

E há sempre duas pontes. Uma que reconduz ao antes, outra que traz de volta ao agora... Entrar na primeira, só se entra impelido pela insatisfação, pelo desconforto que se tem ao ouvir o eco desafiador do “sereis perfeitos” do mito. O João d’O RISCO volta porque se atormenta com o medo que sente: “um medo vago, branco, sufocante; um medo ele não sabia de quê”. (RB p. 191) Um medo motor que o faz empreender o recurso (o re-curso) da memória, na busca de ultrapassar a contingência e reenca-minhar-se no destino seu, legítimo, verdadeiro, fora do engano, sem risco de estar iludido quanto ao Risco, sobre o qual vem-se bordando na existência.

Quando o romance termina “inacabado” deixa-nos a certeza de que o movimento de resenhar, conferir, tirar a limpo, não se acaba mesmo. Clareiam-se um pouco alguns pontos muito escuros. E este pouco clarão é como um jato de força a nos empurrar de novo a novas revisões.

Na obra de Autran Dourado vejo sempre esse movimento de vasculhar o passado, impelido pelo desejo de um futuro menos insatisfatório. Desde *Teia*, sua novela de 1947, até O RISCO DO BORDADO, esse movimento de revisão situa-se a nível de pessoa: há um personagem marcado de dores querendo reenca-minhar-se sobre o Risco verdadeiro. Há alguém que já não suporta viver uma história escrita por terceiros. Há alguém desejoso de ser sujeito lúcido, claro, determinado, explícito de sua própria existência.

Depois d’O RISCO, Autran amplia o ângulo de seu compasso. Já não é uma pessoa que se re-vê no tempo. É todo um povo. Suas obras a partir de OS SINOS DA AGONIA propõem ao Brasil todo a releitura de sua História. É preciso considerar esse passado para que todo o povo empreenda a sua caminhada um pouco mais experiente quanto às opressões que lhe impuseram a submissão e a servilidade.

Autran não faz o chamado “romance histórico”, não. Mas compulsa os Autos, maneja os documentos. E faz decolar daí personagens sempre em marcha trágica, impotentes sob a força das tiranias. Mas faz decolar também a metodologia do tirano, as intenções do opressor, a mentira prepotente dos sistemas. Tenho para mim que esta é a ação política deste Poeta: resenhar para nós, conferir conosco os movimentos agônicos de nosso passado histórico, deixando-nos livres de tirar a limpo as coisas do presente para passá-las a limpo em termos de futuro.

Desfiar esse bordado que não bordamos. Re-descobrir o Traçado original. Refazer o Risco – mapa do verdadeiro caminho. Emergir da submissão. “Amanhã eu vou desarmado, gostaria de ir nu como minha mãe me pariu ...” (Sinos da Agonia, p. 26).

É assim que se faz. Para ser nação. Para ser homem.

Por essas e outras é que Autran se lê, hoje, em línguas outras (alemão, francês, inglês, espanhol). O que ele propõe não tem limite de território. É marca para marcar gente, no mundo, para a vida, até a morte.

*S. BERNARDO* – POR QUE ESTE LIVRO FOI TRADUZIDO?  
ou PASSEANDO EM *S. BERNARDO*

Eliana Bueno Ribeiro

Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas amar?

.....

Amar a nossa falta mesma de  
amor, e na segura nossa  
amar a água implícita, e o  
beijo tácito, e a sede  
infinita.

Carlos Drummond de Andrade

Palestra pronunciada na Biblioteca Nacional,  
integrando o colóquio realizado entre 11 e 25 de junho de 1984  
intitulado – “LETRAS BRASILEIRAS NO MUNDO  
– POR QUE ESSES LIVROS FORAM TRADUZIDOS?” – em torno  
de obras literárias brasileiras traduzidas no exterior.

Para Dalma Nascimento, Verinha Queiroz  
e Nely Pessanha, amigas.



## 1 – Qual é o assunto?

A história de Paulo Honório e Madalena na fazenda S. Bernardo é bem conhecida do público brasileiro. Dela já se fizeram filme e série de TV. Já foi contada na Alemanha, Bélgica, Finlândia, Inglaterra, Romênia, Venezuela e Portugal, conforme se pode ler na 40ª edição brasileira, feita pela Record em 1983.

A que se deve tal sucesso? Qual a razão de tão amplo fascínio?

Como o personagem principal do romance, a crítica vem, há muito tempo, buscando a posse de *S. Bernardo*. Análises como as de Luiz Costa Lima, João Luiz Lafetá, Carlos Nelson Coutinho e Antônio Cândido, entre outras, marcaram a visão que temos hoje daquela fazenda e daqueles personagens. Constituem-se mesmo como expansões daquela propriedade, se vemos a leitura como o lugar da realização do texto, onde a palavra escrita pode brilhar sob a luz de outras, inscritas no olho que lê.

Esta incursão em *S. Bernardo* começará acompanhando os roteiros acima citados. Em seguida, tentará explorar outra vereda.

E talvez a análise por fim conseguida venha afinal a ser comentada na frase de Rosa: “Ela pode valer muito pelo que nela não deveu caber.”

## 2 – De olho em *S. Bernardo*

Costumam-se começar trabalhos críticos por uma paráfrase do texto em questão. Com isto objetiva-se situar o leitor em relação àquilo de que se fala. Quem não conhece o texto-objeto obtém, assim, o horizonte da discussão; quem o conhece, ajusta-se ao recorte proposto pelo crítico, coloca-se no seu ângulo de visão.

Raramente se observa que já começou, aí, a interpretação, que a história que é resumida é já a história do crítico, que toda paráfrase é, enfim, invenção.

Isto não tem jeito. Não posso dizer palavra que não seja, sempre, minha palavra. Mas posso explicitar isto e disto prevenir um eventual leitor.

Todas as análises anteriormente mencionadas partem, mais ou menos, do resumo abaixo, de Mestre Cândido.

(*S. Bernardo*) É a história de um enjeitado, Paulo Honório, dotado de vontade inteiriça e da ambição de se tornar fazendeiro. Depois

de uma vida de lutas e brutalidades, atinge o alvo, assenhoreando-se da propriedade onde fora trabalhador de enxada, e que dá nome ao livro. Aos quarenta e cinco anos casa com uma mulher boa e pura, mas como está habituado às relações de domínio e vê em tudo, quase obsessivamente, a resistência da presa ao apressador, não percebe a dignidade da esposa nem a essência do seu próprio sentimento. Tiraniza-a sob a forma de um ciúme agressivo e degradante; Madalena se suicida, cansada de lutar, deixando-o só e, tarde demais, clarividente. Corroído pelo sentimento de frustração, sente a inutilidade da sua vida, orientada exclusivamente para coisas exteriores, procura se equilibrar escrevendo a narrativa da tragédia conjugal.

E todas as análises, mais ou menos enfaticamente, opõem Paulo Honório a Madalena, como representantes de forças diversas. Leia-se, a propósito, Carlos Nelson Coutinho:

(...) *S. Bernardo* apresenta – como seu núcleo central – o conflito que opõe, por um lado, as forças que reduzem o homem a uma vida mesquinha e miserável no interior da alienação do “pequeno mundo” individual, e, por outro, as que impulsionam o homem a descobrir um sentido para a vida em uma “abertura” para a comunidade e a fraternidade e na superação da solidão. Em suma, trata-se do conflito entre as forças da alienação e do humanismo, encarnadas nas classes sociais brasileiras (...) Paulo Honório e Madalena são verdadeiros símbolos de suas classes precisamente na medida em que expressam, em suas ações decisivas, as atitudes típicas mais profundas que elas comportam.

João Luiz Lafetá fala em *dínamo emperrado e volante empenado*:

Se alinharmos todas as características examinadas – ação, energia, objetividade, dinamismo, capacidade transformadora e sentimento de propriedade – torna-se inevitável o surgimento de uma analogia entre o herói e a burguesia como classe. Já vimos, também de passagem, que Paulo Honório parece ser o emblema contraditório do capitalismo nascente em nosso país. O contraste que ele mesmo estabelece entre o ritmo veloz de sua apropriação e o passo lento de patriarcalismo de Seu Ribeiro é demasiado evidente para que o deixem passar despercebido. (...) Mas o *dínamo* não pode existir indefinidamente. Mais do que uma esperança, sua destruição é uma possibilidade concreta e próxima. (...) *Volante empenado e dínamo emperrado* – os dois signos saltam aos olhos do leitor. O dinamismo de Paulo Honório encontra-se constrangido, impedido de se desenvolver plenamente, pois Madalena não se submete.

A partir de tais leituras já se pode responder à questão-tema – por que este livro foi traduzido?

Depreende-se delas que a arte é um espelho da sociedade politicamente considerada. A obra de arte tem estrutura não igual mas homóloga à estrutura social. O leitor deleita-se em perceber, na superfície do texto, o reflexo do que pode observar, mediado por determinada teoria, na sociedade. Ora, *S. Bernardo* narra, com mestria, a implantação das relações capitalistas num determinado espaço social. E vai além: relata como o sujeito das ações perde o controle do processo que pensa comandar e passa, finalmente, a seu objeto, destruindo-se. Como toda a contemporaneidade vive, de alguma forma, o sistema capitalista, nada mais normal que o sucesso de obra tão exemplar, clara como a demonstração de um teorema ou como caso ilustrativo de lição de ciência política. Pelas análises estudadas, o mundo ficcional (e o mundo real, que se espelha naquele) apresenta-se dividido em dois grupos: de um lado, os generosos e altruístas, como Madalena, vítima heróica; de outro, os inconscientes – como Paulo Honório, que, aliás, é castigado. Conseqüentemente, pode-se inferir que a História é um trem que corre nos trilhos: cedo ou tarde (não é apenas esperança) chega a estações previamente determinadas. Os inconscientes ou alienados, como Paulo Honório, ganham a vida mas não têm prazer; os altruístas (como Madalena) perdem-na, mas com toda a dignidade. O que, enfim, faz lembrar a chave-de-ouro do soneto que Bentinho, no seminário, nunca conseguiu começar: “Perde-se a vida, ganha-se a batalha”.

### 3 - Mas, quem conta mesmo essa história?

Faz parte da convenção da narrativa a crença inicial do leitor na honestidade do narrador. Se este diz que os fatos se passaram desta ou daquela forma, nós, leitores, assim os aceitamos. Acreditamos inicialmente quando ele nos diz não conhecer determinados episódios, acatamos suas perplexidades, suas reticências, tudo o que ele voluntariamente nos expõe ou explicitamente nos nega. Há, inicialmente, uma convivência entre narrador e leitor, convivência esta que põe o segundo, propositadamente, à disposição do primeiro. Tanto assim é que um certo prazer da leitura advém, justamente, de uma não prevista desconfiança no narrador, que, súbito, nos assalta. Clássico é o caso, por exemplo, de *D. Casmurro*.

Na obra considerada ficcional de Graciliano Ramos há três romances narrados na primeira pessoa, pelo protagonista: *Caetés*, *S. Bernardo*, *Angústia*. Há mais algumas semelhanças entre eles: todos os três falam de amor, ciúme e morte; todos os três se escrevem por personagens que se pretendem escritores; há a escrita de um livro dos diversos horizontes dos três narradores.

E é preciso, agora, destacarem-se as diferenças:

João Valério conta, retrospectivamente, sua aventura com Luísa e, se bem que desencantado, não se mostra culpado. Observa-se, pelo contrário, um cinismo assumido no personagem, que assim expõe suas dimensões e sua força – nem tão grande que o faça superar-se; nem tão pequena que o impeça de medir-se. Podemos acreditar, como leitores, na narrativa de João Valério, que afirma conhecer-se muito bem: apresenta-se, no capítulo final, como um homem equilibrado, de posse de seus defeitos e de suas qualidades, de suas possibilidades e limitações: abandonou o projeto literário, assumiu a empresa comercial, talvez se case com uma boa e sensata moça, é

capaz de aproveitar a convivência dos amigos. Reconhece-se, enfim, um caeté, a erigir e a derrubar ídolos. Reconhece-se.

Luís da Silva, pelo contrário, adverte-nos, logo no primeiro parágrafo, quanto a sua pouca lucidez:

Levantei-me há cerca de trinta dias, mas acho que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.

Temos então, desde o início, o estatuto em que devemos enquadrar sua fala: o da perturbação psíquica, que irá determinar as confusões cronológicas, o aparecimento de personagens de outros contextos, as visões. Estarão explicados também, pela personalidade do protagonista, o crime e suas razões.

Em ambos os livros – *Caetés* e *Angústia* – a expressão de si dos narradores parece suficiente para articular as impressões que deles acaba tendo o leitor. Em *S. Bernardo*, no entanto, tal não se dá. Para aceitarmos tal afirmativa, é importante que, inicialmente, observemos que, se nos três romances em pauta os protagonistas se apresentam como escritores, somente Paulo Honório assim se nos mostra. Ele não se refere a um romance que estaria escrevendo (como João Valério) ou a uma literatura que produziria habitualmente (como Luís da Silva). Escreve apenas uma obra – a história de sua vida – e é esta obra que temos em mãos, é só através dela que o conhecemos. Se os outros dois personagens só têm voz pela convenção literária, na medida em que não falam a ninguém dentro do espaço ficcional, Paulo Honório se fabrica, literariamente: Paulo Honório é o narrador de Paulo Honório. O personagem com que nos deparamos, a rigor são dois: um que narra o outro, através de sua ótica, da ótica do momento que atravessa, que é o momento da escritura.

Daf pode-se depreender, portanto, que a leitura do romance deve dar-se em dois níveis: o primeiro compreenderá a percepção dos acontecimentos narrados, no tempo em que se deram: o segundo, a percepção da apreensão de tais acontecimentos pelo narrador, no momento presente da escritura. É claro que só temos acesso ao 1º através do 2º. Mas a distinção de um e outro servirá ao esclarecimento de novos espaços em *S. Bernardo*.

O narrador deste texto escreve dois anos após darem-se os acontecimentos relatados. O tempo decorrido entre os fatos e sua narração serve de pátina ao vivido. E fala um homem angustiado e culpado. Ora, só sente angústia quem é, de fato, mais que aquilo que (se) apresenta. A angústia é expressão da diferença entre o que se é e o que se pretende ser e que, portanto, de certo modo, já se é. Por outro lado, o sentimento de culpa exprime o reconhecimento de um código que, enquanto código, é sempre coletivo. Portanto, sentir-se culpado implica reconhecer, de algum modo, a alteridade.

Paulo Honório, então, narrador angustiado e culpado de sua própria história, afasta-se diametralmente de João Romão de *O Cortiço*, este sim, o protótipo do conquistador sem limites. Logo, pode-se entender o protagonista de *S. Bernardo* como uma personagem complexa, dilacerada por dois sentimentos opostos: um, construtor, que o faz conquistar a fazenda e a mulher e, após a morte desta, dedicar-se à

propriedade e, posteriormente, à narrativa; outro, destrutivo que, tendo raízes em sua insegurança, leva-o a maximizar as ameaças recebidas e, a tempo de narração, a avaliar se não fora melhor ter-se deixado, inerte, em seu destino de órfão e insignificante.

Podemos, conseqüentemente, duvidar da presteza de sua versão dos fatos e, comparando sua fala com o que dela podemos inferir (ou seja, os dois níveis anteriormente mencionados), ampliar nossa compreensão do romance.

Com propósito compararemos então os dois níveis referidos quanto aos seguintes aspectos: objetivos da vida de Paulo Honório; sua relação com Madalena e a própria figura de Madalena; sua (in)competência narrativa.

Segundo suas próprias palavras, o objetivo vital de Paulo Honório foi sempre tornar-se proprietário: “O meu fito na vida foi apoderar-me das terras de S. Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular”.

Considerando as circunstâncias de seu nascimento e a tenacidade com que se organizou na vida, superando a decepção de seu primeiro envolvimento emocional (com a Germana), aprendendo leitura na prisão, trabalhando e economizando, podemos entender que o objetivo determinante de Paulo Honório transcendia a fazenda de Viçosa: queria ele ter um lugar, estabelecer-se, ser reconhecido, podendo assim reconhecer-se. O homem, ser-com-os-outros, vê-se, inicialmente, nos olhos dos outros e é na (des)consideração alheia que se organiza.

Estabelecido, portanto, aos quarenta e cinco anos e oitenta e tantos quilos, que, segundo observa, lhe aumentavam a respeitabilidade, busca reencontrar-se com seu afeto, recuperando a figura materna que tivera, a Velha Margarida. Esforça-se por encontrá-la, emprega os meios de que dispõe. E ao tê-la, enfim, próxima, expande-se: “- Mãe Margarida, procurei a senhora muito tempo. Nunca me esqueci. Foi uma felicidade encontrá-la. E carecendo de alguma coisa, é dizer. Aonde buscar o que for necessário, mãe Margarida, não se acanhe (...)

- Não faz mal, mãe Margarida. Esteja sossegada, durma sossegada. Faltando lenha para o fogo, avise. Não deixe o fogo apagar-se, que as noites estão frias”.

É bastante significativo que o capítulo seguinte a este se abra com a idéia de casamento: “Amanheci pensando em casar”. Paulo Honório narrador faz questão de mostrar-se duro, afirmando desejar apenas dar continuidade a seu império, preparando um herdeiro para S. Bernardo. No entanto, a seqüência narrativa mostra a figura materna se associando ao desejo súbito de uma mulher. É claro que a máscara que o narrador fabricou para si mesmo e na qual acredita põe-no de sobreaviso contra os modelos femininos de que dispõe: Rosa, Germana e outras da mesma laia. E, significativamente, sua fantasia quanto à figura feminina desejada alterna-se com figuras ameaçadoras de homens que desejam dilapidar-lhe o patrimônio, isto é, tirá-lo de seu lugar, roubar-lhe a identidade: “Recalquei as idéias violentas e esforcei-me por trazer de novo ao espírito as tintas e os ss de D. Marcela. Vieram. Mas afastavam-se de quando em quando - e nos intervalos apareciam Marciano, a Rosa com os meninos, Luís Padilha e Costa Brito”.

Seus dois motivos em ação – o declarado, interessado na continuidade familiar e o oculto e (segundo esta análise) determinante, de amor –, Paulo Honório dirige-se à casa do juiz, a fim de resolver, de um só golpe, dois negócios: o do Pereira e o do casamento. E lá a motivação amorosa mostra-se decisiva e a mulher escolhida é a antítese da figura planejada: miúda, fraquinha e terna, bem pode representar o imo deste conquistador. E, mais uma vez, ele se expande:

“– O que vou dizer é difícil. Deve compreender... Enfim, para não estarmos com prólogos, arreio a trouxa e falo com o coração na mão”.

Ao lhe acenar a moça com as diferenças entrevistas entre ambos, retruca este que se chama a si próprio rude e insensível: “– Diferenças? E, então? Se não houvesse diferenças, nós seríamos uma pessoa só. Deve haver muitas”.

E quem é esta Madalena? Alguém semelhante e diferente do narrador, pode-se entrever. Pobres ambos, ambos órfãos e criados por figuras femininas substitutivas, lutaram por seu lugar. Madalena é professora pública e não deixa o emprego certo pelo duvidoso, não abre mão do direito ao montepio mas, à proposta “com o coração na mão” que lhe faz o proprietário, considera: “– O seu oferecimento é vantajoso para mim, Seu Paulo Honório (...) A verdade é que sou pobre como Job, entende?” E a aceita. Aceita assim, como ele, as regras sociais, que indica(va)m ao homem o estabelecimento pelo trabalho e à mulher, pelo casamento. Após o casamento, podemos depreender que os caracteres e desejos de cada um vão-se desenvolver. Ele desejava de apoio e reconhecimento; ela, ao distribuir seu afeto pelos carentes da fazenda, só não tem escuta para as necessidades emocionais do marido. Descrita como pessoa culta e inteligente, não lhe poderia passar despercebido que a aliança que fazia com latentes inimigos dele o tornava vulnerável. Ele tenta esclarecer isto, mas quem tem, teoricamente, o poder da linguagem (quer dizer, da interpretação) é ela. E ela se recusa ao entendimento, medindo-se com ele. Por que Madalena agiria assim? Que motivos levariam uma proprietária a defrontar-se com seu marido, arriscando dividir sua casa? Altruísmo, generosidade? Ideais comunitários, humanitários? Ou, por outro lado, pode-se observar aí a disputa com o forte Paulo Honório pelo poder e o ressentimento de ter lugar por intermédio de outro, já que, como lealmente aliás, anteriormente afirmara, não sentia amor?

O filho de Madalena é também órfão, como Paulo Honório, pois ela não se interessa por ele. A criança chora continuamente e a rejeição de que padece só é atenuada por Casimiro Lopes. Paulo Honório tem, ainda, como única força a seu lado o caboclo, que tanto mata para protegê-lo, quanto embala seu filho.

Madalena é professora e escreve artigos no jornal. Por que não se defende quando o marido a acusa, por que se nega à conciliação que este lhe oferece? Talvez, como se tem dito, esteja, a esta altura, já cansada de lutar, certa da incompatibilidade de linguagens que se instauram entre eles. Talvez, por outro lado, estivesse tentando radicalmente calá-lo. Enquanto ele faz planos, de ação conjunta, ela se mata, matando, simbolicamente, a todos, impondo-lhes sua própria morte. Quando ele termina de banhar-se no açude ela já está morta, abandonando o filho por cuja educação vemo-lo, no decorrer da narração, responsabilizar-se.

Abandonado por todos, Paulo Honório dedica-se ao trabalho que conhece. E, esgotados seus próprios recursos, apossa-se, deixando emergir sua força (amorosa), dela – a palavra.

Não percebendo a opacidade da narração do romance, narração que se pode enfocar através dos dois níveis anteriormente expostos, Álvaro Lins julgou que “Paulo Honório não poderia ser o narrador de *S. Bernardo*”, entendendo tal decisão como defeito de composição da obra. Parece que, visto da maneira como aqui se procurou encaminhar, a sutileza da narração quer dar conta da capacidade de trabalho (erótica, de agregação) do protagonista.

4 – E, afinal...

– Por que este livro foi traduzido? – é a pergunta inicial.

Talvez porque – tenta-se, enfim, aqui responder – o conflito no espaço de *S. Bernardo* seja o conflito mesmo que todos, homens desta civilização e deste mundo (desta linguagem), temos de, vida afora, resolver: como equacionar a força? Como equacionar as emoções – amor, ódio, rancor, ressentimento, esperança, desilusão, ciúme? Como Madalena – que opta pela morte sua e do próximo? Pelo niilismo, que disse Nietzsche ser a ausência mesma de força?

Ou como Paulo Honório, pela assunção da dor e realização da fala?

(Parece que ouvimos Prometeu e o coro das oceânidas:

“– E as palavras são obras!”)

Seus dois motivos em ação – o declarado, interessado na continuidade familiar e o oculto e (segundo esta análise) determinante, de amor –, Paulo Honório dirige-se à casa do juiz, a fim de resolver, de um só golpe, dois negócios: o do Pereira e o do casamento. E lá a motivação amorosa mostra-se decisiva e a mulher escolhida é a antítese da figura planejada: miúda, fraquinha e terna, bem pode representar o imo deste conquistador. E, mais uma vez, ele se expande:

“– O que vou dizer é difícil. Deve compreender... Enfim, para não estarmos com prólogos, arreio a trouxa e falo com o coração na mão”.

Ao lhe acenar a moça com as diferenças entrevistadas entre ambos, retruca este que se chama a si próprio rude e insensível: “– Diferenças? E, então? Se não houvesse diferenças, nós seríamos uma pessoa só. Deve haver muitas”.

E quem é esta Madalena? Alguém semelhante e diferente do narrador, pode-se entrever. Pobres ambos, ambos órfãos e criados por figuras femininas substitutivas, lutaram por seu lugar. Madalena é professora pública e não deixa o emprego certo pelo duvidoso, não abre mão do direito ao montepio mas, à proposta “com o coração na mão” que lhe faz o proprietário, considera: “– O seu oferecimento é vantajoso para mim, Seu Paulo Honório (...) A verdade é que sou pobre como Job, entende?” E a aceita. Aceita assim, como ele, as regras sociais, que indica(va)m ao homem o estabelecimento pelo trabalho e à mulher, pelo casamento. Após o casamento, podemos deprender que os caracteres e desejos de cada um vão-se desenvolver. Ele deseja de apoio e reconhecimento; ela, ao distribuir seu afeto pelos carentes da fazenda, só não tem escuta para as necessidades emocionais do marido. Descrita como pessoa culta e inteligente, não lhe poderia passar despercebido que a aliança que fazia com latentes inimigos dele o tornava vulnerável. Ele tenta esclarecer isto, mas quem tem, teoricamente, o poder da linguagem (quer dizer, da interpretação) é ela. E ela se recusa ao entendimento, medindo-se com ele. Por que Madalena agiria assim? Que motivos levariam uma proprietária a defrontar-se com seu marido, arriscando dividir sua casa? Altruísmo, generosidade? Ideais comunitários, humanitários? Ou, por outro lado, pode-se observar aí a disputa com o forte Paulo Honório pelo poder e o ressentimento de ter lugar por intermédio de outro, já que, como lealmente aliás, anteriormente afirmara, não sentia amor?

O filho de Madalena é também órfão, como Paulo Honório, pois ela não se interessa por ele. A criança chora continuamente e a rejeição de que padece só é atenuada por Casimiro Lopes. Paulo Honório tem, ainda, como única força a seu lado o caboclo, que tanto mata para protegê-lo, quanto embala seu filho.

Madalena é professora e escreve artigos no jornal. Por que não se defende quando o marido a acusa, por que se nega à conciliação que este lhe oferece? Talvez, como se tem dito, esteja, a esta altura, já cansada de lutar, certa da incompatibilidade de linguagens que se instauram entre eles. Talvez, por outro lado, estivesse tentando radicalmente calá-lo. Enquanto ele faz planos, de ação conjunta, ela se mata, matando, simbolicamente, a todos, impondo-lhes sua própria morte. Quando ele termina de banhar-se no açude ela já está morta, abandonando o filho por cuja educação vemo-lo, no decorrer da narração, responsabilizar-se.

Abandonado por todos, Paulo Honório dedica-se ao trabalho que conhece. E, esgotados seus próprios recursos, apossa-se, deixando emergir sua força (amorosa), dela – a palavra.



Não percebendo a opacidade da narração do romance, narração que se pode enfocar através dos dois níveis anteriormente expostos, Álvaro Lins julgou que “Paulo Honório não poderia ser o narrador de *S. Bernardo*”, entendendo tal decisão como defeito de composição da obra. Parece que, visto da maneira como aqui se procurou encaminhar, a sutileza da narração quer dar conta da capacidade de trabalho (erótica, de agregação) do protagonista.

4 – E, afinal...

– Por que este livro foi traduzido? – é a pergunta inicial.

Talvez porque – tenta-se, enfim, aqui responder – o conflito no espaço de *S. Bernardo* seja o conflito mesmo que todos, homens desta civilização e deste mundo (desta linguagem), temos de, vida afora, resolver: como equacionar a força? Como equacionar as emoções – amor, ódio, rancor, ressentimento, esperança, desilusão, ciúme? Como Madalena – que opta pela morte sua e do próximo? Pelo niilismo, que disse Nietzsche ser a ausência mesma de força?

Ou como Paulo Honório, pela assunção da dor e realização da fala?

(Parece que ouvimos Prometeu e o coro das oceânidas:

“– E as palavras são obras!”)

**O GRANDE SERTÃO: VEREDAS  
E A LINGUAGEM LITERÁRIA**

**Eduardo F. Coutinho**

**Palestra pronunciada na Biblioteca Nacional,  
integrando o colóquio realizado entre 11 e 25 de junho de 1984  
intitulado – “LETRAS BRASILEIRAS NO MUNDO  
– POR QUE ESSES LIVROS FORAM TRADUZIDOS?” – em torno  
de obras literárias brasileiras traduzidas no exterior.**

Embora o momento de grande projeção de Guimarães Rosa tenha sido o ano de 1956, em que trouxe a público, quase ao mesmo tempo, duas de suas maiores obras – o volume de novelas *Corpo de Baile* e o romance *Grande Sertão: Veredas* – a publicação de seu primeiro livro (a série de contos *Sagarana*) em 1946 causou enorme celeuma no meio literário da época, dividindo a crítica em duas posições extremas: de um lado os críticos que se encantaram com as inovações presentes na obra, sobretudo do ponto de vista da linguagem, e teceram-lhe comentários altamente estimulantes, e de outro os que, presos a uma visão de mundo mais ortodoxa e baseados no modelo ainda dominante da narrativa dos anos trinta – o chamado “romance do engajamento social” – condenaram de imediato o livro pelo que qualificaram de seu “excessivo formalismo”, e rotularam o autor de experimentalista ou alienado.

Estas posições da crítica – tanto a apologética quanto a restritiva – que refletem em ambos os casos grande estreiteza de visão por apreenderem a obra através de uma perspectiva monocular e superficial (a obra é enfocada em apenas um de seus aspectos aparentes), vão sofrer séria revisão mais tarde – principalmente após o surgimento de *Grande Sertão: Veredas* – mas o registro de sua reação no momento da publicação de *Sagarana* sugere dois aspectos de importância fundamental para nós, a saber: o caráter de ruptura que caracteriza a obra com relação à tradição literária brasileira ainda dominante, apesar dos esforços da primeira geração modernista; e o seu parentesco com outras obras também de ruptura que vinham surgindo ou já haviam surgido no contexto de outras literaturas vinculadas à nossa, como a hispano-americana e a norte-americana, ou, de uma maneira mais ampla, no próprio *corpus* da literatura ocidental como um todo, fenômeno que tem sido freqüentemente referido pela crítica como “a crise da modernidade”.

No caso da literatura brasileira, a obra de Guimarães Rosa situa-se normalmente dentro da terceira geração modernista, também chamada “geração do instrumentalismo”, por caracterizar-se, entre outras coisas, por uma grande preocupação com a pesquisa formal ou de linguagem, com o sentido “estético” do texto, e por expressar, na maioria dos casos, uma profunda consciência do caráter de ficcionalidade da obra, da sua própria literariedade.

Esta preocupação, expressa por Guimarães Rosa bem como pelos demais autores que integram a geração mencionada (Clarice Lispector e Adonias Filho, por exemplo, ou João Cabral de Melo Neto no campo da poesia), não constitui, entretanto, mera obsessão formal – uma espécie de capricho ou moda – como quiseram acreditar

alguns críticos; ao contrário, trata-se de um aspecto que acarreta toda uma proposta estético-política de caráter mais amplo, somente evidenciável se o confrontamos com a visão do mundo dominante no período imediatamente anterior – o da narrativa dos anos trinta – e ainda ressoante na crítica, especialmente em sua vertente detratora, que recebeu Guimarães Rosa.

Mas como tanto a narrativa da terceira geração modernista quanto a anterior, de cunho eminentemente mimético e voltada para uma finalidade de protesto, ou simplesmente denúncia, de um contexto extraliterário, encontram parentesco em outras literaturas produzidas em circunstâncias históricas similares, como a hispano-americana do mesmo período, e se inserem, conforme indicamos acima, dentro de um contexto mais amplo que assinala a evolução da literatura ocidental no século XX, procuraremos abordá-las aqui de duas maneiras: como um fenômeno mais global, extensivo a todo o continente latino-americano; e em suas relações com a tradição da literatura ocidental de que fazem parte.

Do final do século XIX aos primórdios do atual, desde as experiências de Freud, Bergson, etc., a concepção de mundo do homem ocidental sofreu considerável transformação, passando de uma perspectiva cientificista e absolutista, calcada em valores dogmáticos e imutáveis, para uma visão relativista, de acordo com a qual a realidade se configura como algo dinâmico e multifacetado. A literatura, como não poderia deixar de ser, acompanhou esta transformação, substituindo o objetivismo dos movimentos realista e naturalista, baseado em esquemas rígidos, por uma perspectiva também relativista em que se procurava representar a realidade em seus múltiplos aspectos e em seu constante fluir, ou, melhor, em estado de fazer-se, de perpétua mutação. É isso o que se verifica, por exemplo, nas obras daqueles escritores que imprimiram seus nomes na história literária do período: Proust, Joyce, Virginia Woolf, Kafka, Faulkner, Thomas Mann.

Na América Latina (referimo-nos aqui apenas ao Brasil e aos países de língua espanhola do continente), essa transformação também se fez sentir, como atestam os diversos movimentos de Vanguarda que dominaram o nosso meio artístico e intelectual desde o surgimento do Modernismo hispano-americano. Todavia, durante todo esse período, permaneceu de modo subjacente uma linhagem de obras de caráter predominantemente objetivista e voltada para os princípios básicos da estética do Real-Naturalismo, que tornou a ocupar o palco de maneira quase esmagadora por volta de 1930. No caso da literatura hispano-americana, trata-se da narrativa representada por figuras como Ricardo Güiraldes (*Don Segundo Sombra*), José Eustasio Rivera (*La Vorágine*) e Rómulo Gallegos (*Doña Bárbara*) e do chamado “romance indigenista”, do qual merece destaque o *Huasipungo*, de Jorge Icaza; e, no da brasileira, da narrativa da segunda geração modernista, sobretudo dos diversos ciclos da “narrativa do Nordeste”: *seca, cana-de-açúcar, cacau*, etc.

Este tipo de narrativa, que chegou a ser rotulado pela crítica de “neonaturalista”, por causa da sua tentativa de reproduzir o mais objetivamente possível a realidade exterior de determinada região ou país com o fim de denunciar a situação sócio-política e econômica daquele local, quase sempre centrada em torno do binômio explo-

rador-explorado, era frequentemente de alta qualidade. No entanto, encerrava um sério problema, somente assinalado pelos autores da geração posterior, que consistia na existência de uma defasagem entre as idéias apresentadas e a maneira de apresentá-las, ou seja, a linguagem e estrutura narrativa de que se utilizava. Pois, se de um lado seus adeptos se propunham a tecer uma severa crítica ao sistema vigente, de outro o faziam a partir desse mesmo sistema, servindo-se de uma linguagem que lhe era inerente, uma linguagem anacrônica – linguagem de verdades – tradutora de uma visão realista-naturalista, ou, melhor, cientificista, de mundo, que não se coadunava absolutamente com a realidade do homem do século XX.

É a partir do final dos anos trinta e início dos anos quarenta, principalmente através de figuras como Asturias e Carpentier, na América Hispânica, e Graciliano Ramos, no Brasil, que essa atitude começa a ser posta em xeque, e que surgem as primeiras tentativas de busca de uma nova expressão, características da narrativa contemporânea. Deste momento em diante as tentativas se tomam cada vez mais audaciosas, até chegarmos ao período do chamado *boom* dessa literatura – o meado dos anos sessenta. E é tal a preocupação com a forma nos autores de então, com a busca de uma expressão literária mais adequada, que muitos críticos foram levados ao erro (como no caso de vários dos que estudaram as obras de Rosa ou de Cortázar) de acreditar que se tratava de mero experimentalismo, de puro ludismo formal, à maneira de certas linhas de ficção desenvolvidas na época nas literaturas européia e norte-americana. Entretanto, o que ocorria, na verdade, era exatamente o oposto, isto é, o esforço de representar a realidade em seu dinamismo e multiplicidade, como algo vivo e atuante, que induzisse o leitor a um processo de reflexão, inverso ao de acomodação típico da estética naturalista.

Esta preocupação com a busca de uma linguagem para representar a nova visão de mundo do homem atual, presente em Guimarães Rosa, como em quase todos os autores do período, é um dos aspectos que melhor caracterizam a “nova narrativa” latino-americana, e tal aspecto (nunca será demais insistir), longe de constituir mero ludismo, é a expressão da postura, conscientemente assumida, de que para se transmitir uma visão revolucionária de mundo é preciso começar por revolucionarem-se os meios de expressão dessa visão, ou seja, de que a revolução tem de começar por dentro, pela própria forma. Cortázar formula esta idéia de maneira bastante clara em *Rayuela*, quando afirma que “não se pode denunciar nada se o fazemos dentro do sistema a que pertence o denunciado.” E continua: “Escrever contra o capitalismo com a bagagem mental e o vocabulário que derivam do capitalismo é perda de tempo”<sup>1</sup>.

A narrativa anterior imaginava-se revolucionária porque criticava e denunciava o *statu quo*, mas ao usar a linguagem do sistema para atingir o seu objetivo, ela incorria em um erro de perspectiva e acabava tornando-se mais uma manifestação do sistema contra o qual se rebelava. O “romance novo”, ao contrário, acreditava, como diz Guimarães Rosa, que somente renovando o idioma poderia renovar o mundo<sup>2</sup>, e se empenha, com todo o *élan* possível, nesta tentativa de renovação, revitalizando a sua linguagem e estrutura narrativa, empobrecida na ficção imediatamente precedente, e projetando-se, com a energia recobrada, no panorama da literatura ocidental.

---

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro, 108:263-273, 1988.

É esta busca de uma nova linguagem, não em si mesma, mas associada a todo um programa estético mais amplo, que vai figurar como um dos elementos mais significativos de toda a obra de Guimarães Rosa, e particularmente do *Grande Sertão: Veredas*, levando este livro a ser considerado como um dos mais representativos não só da “nova narrativa” brasileira, ou latino-americana como um todo, mas ainda da ficção ocidental contemporânea, em cujo contexto penetrou através de inúmeras traduções.

Como a busca de uma nova expressão na obra de Guimarães Rosa se verifica basicamente em dois planos ou níveis, quais sejam, o da língua *stricto sensu* e o do discurso narrativo – isto é, a sintaxe, léxico e morfologia de um romance ou conto – procuraremos abordar a questão aqui nos dois níveis, iniciando pelo da língua *stricto sensu* e passando, em seguida, ao do discurso narrativo. Contudo, antes de começarmos nossa discussão a respeito das inovações introduzidas pelo autor, faremos um breve comentário sobre o tipo de linguagem utilizado na narrativa anterior.

A linguagem em que se construíam as narrativas dos anos vinte e trinta achava-se associada a uma visão passadista e preconcebida da realidade. Era uma linguagem descritivista, cristalizada em fórmulas estereotipadas, que não ia além da aparência, do convencional; uma linguagem baseada em clichês, própria para expressar a objetividade cientificista do final do século XIX, mas que pouco ou nada se prestava para representar a realidade múltipla e dinâmica do homem atual. Um universo estático e mensurável através de categorias racionais podia perfeitamente ser expresso por este tipo de linguagem, mas nunca uma realidade multifacetada e em constante processo de mutação. Em tal linguagem, as palavras haviam perdido a sua energia primitiva e adquirido um sentido fixo, associado a um contexto específico (por exemplo, as palavras “selva”, “montanha”, “pampa”, “sertão”, no romance regionalista); as expressões haviam-se tornado vagas e enfraquecidas, encobertas com determinadas significações que escondiam sua força originária; a sintaxe tinha deixado de lado suas infinitas potencialidades e se limitara a clichês e estereótipos. Em suma, o caráter poético da linguagem, que consiste exatamente em seu poder de revelar novas idéias, de fazer pensar, estava abafado pelo convencional e esmaccido por detrás de rótulos e fórmulas feitas.

Diante desse quadro, impunha-se como tarefa aos escritores latino-americanos contemporâneos a revitalização de sua linguagem narrativa, ou, em outras palavras, a luta para fazê-la recobrar a sua força ou energia primitiva, desgastada pelo condicionamento a uma visão do mundo ultrapassada, e para que fosse restaurado o seu sentido poético, adormecido por detrás do puro referente. É a esta luta que vão entregar-se tais autores, através de procedimentos distintos, mas que têm na verdade todos eles uma base única, constituída de duas etapas, a saber: a) a eliminação das adiposidades da linguagem, daquilo a que Cortázar chama a sua *ropa ajena*, isto é, todas aquelas formas desgastadas pelo uso, todas as conotações cristalizadas que as palavras adquiriram com o tempo, até chegar-se ao sentido primeiro destas, ou, na expressão deste mesmo autor: “terminar com a impureza dos compostos e devolver os seus direitos ao sódio, ao magnésio, ao carbono quimicamente puros” (R, p. 503); e b) a exploração das potencialidades da linguagem, do “gume ileso do vocábulo”, como diz Guimarães Rosa, da fase oculta do signo até então irrevelada.

Um exemplo desse processo de revitalização da linguagem pode ser claramente observado se comparamos o emprego do termo “sertão” no *Grande Sertão: Veredas* e no romance regionalista da geração anterior. Enquanto nesta narrativa, o termo é utilizado com um sentido fixo, referindo-se quase apenas a uma região árida e hostil, que oprime e maltrata o homem, na obra de Guimarães Rosa ele é empregado com uma gama imensa de significados, que se estendem desde o acima mencionado até o seu oposto, de espécie de paraíso terrestre, observável no episódio famoso da segunda travessia do Liso do Sussuarão. Neste livro o sertão, além de uma região física, geográfica, é também um espaço psicológico e existencial, interior ao homem, e como tal, oscila frequentemente de acordo com a percepção deste. Assim, como diz o próprio autor em certo momento da narrativa, “Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: — ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo”<sup>3</sup>.

São muitos e diversos os procedimentos usados por Guimarães Rosa para revitalizar a linguagem em seu sentido estrito, mas a grande maioria deles apresenta um denominador comum: a alteração ou criação de um significante, com o fim de causar um estranhamento e instaurar no leitor um processo de reflexão, que acabe com a sua posição tradicional de mero consumidor da obra. Dentre esses procedimentos, vale citar aqui dois que, pela frequência com que são encontrados nas narrativas do autor, não passam despercebidos nem a uma leitura mais ingênua — a afixação e a aglutinação.

A afixação consiste no acréscimo, feito ao “significante” de um vocábulo, de um ou mais afixos que venham a alterar o seu significado, sugerindo novas conotações. É o que ocorre, por exemplo, com a palavra “sozinho”, empregada no *Grande Sertão: Veredas*. A palavra “só”, exclusivamente conceitual em português, não contém em si mesma nenhuma conotação emocional. O poeta anônimo, ao sentir certa vez que o vocábulo era insuficiente para expressar a sua solidão, decidiu, então, acrescentar-lhe um sufixo diminutivo *-inho, -zinho*, bastante usado na língua com o sentido de intensidade (cf. “cedinho”, “devagarzinho”). E o resultado foi a palavra “sozinho”, significando “muito só”. Entretanto, com o desenvolvimento da língua, “sozinho” veio a perder o seu significado poético e passou a ser usado como um simples sinônimo de “só”. E Guimarães Rosa, percebendo a inexpressividade do vocábulo, procurou reavivar o seu significado originário, servindo-se do mesmo processo que acreditava tivesse sido utilizado um dia. Assim, repetiu o sufixo diminutivo no final e criou a forma “sozinhozinho”.

A aglutinação, o segundo procedimento mencionado, consiste na combinação dos “significantes” de dois ou mais vocábulos, de tal modo que o neologismo criado contenha os significados de todos eles. Estes neologismos, chamados palavras *port-manteau*, são particularmente abundantes em toda a obra do autor. Por exemplo, *nenhão*, fusão do pronome indefinido “nenhum” e do advérbio de negação “não”; *fechabrir*, conciliação dos opostos “fechar” e “abrir”; *prostitutriz*, combinação dos sinônimos “prostituta” e “meretriz”; ou ainda as formas *sussurruldo* e *adormorrer*, usadas para sugerir respectivamente o cochicho de um grupo de pessoas num velório e a morte de um indivíduo como uma espécie de sono.

É importante observar, entretanto, que todos esses neologismos, tanto os formados por afixação quanto os compostos por aglutinação, não constituem criações arbitrárias. O escritor não inventa “significantes” inteiramente novos, dissociados das

formas existentes em sua língua; ele não cria uma língua própria, independente da sua. Ao contrário, sua tarefa é explorar as possibilidades latentes dentro do sistema da língua com que está lidando e conferir existência concreta a algo que existia apenas em estado potencial. Esta ruptura constante da norma, do uso corrente da língua, sem infringir jamais o seu sistema, foi muito bem notada por Cavalcânti Proença, que, no ensaio *Trilhas no Grande Sertão*, tece o seguinte comentário: “Guimarães Rosa não faz outra coisa senão apelar para a consciência etimológica do leitor, neologizando vocábulos comuns, reavivando-lhes o significado (obliterado ou por demais esmaecido pelo uso corrente), dando-lhe uma precisão que esse mesmo uso acabou por destruir. Uma espécie daquele silêncio que desperta os moleiros quando cessa o rolar do moinho”<sup>4</sup>.

Este processo que vimos descrevendo de alteração do “significante” não se restringe ao nível puramente vocabular. Sintagmas e às vezes sentenças inteiras, que se haviam tornado clichês, são freqüentemente alterados pelo artista com o objetivo de recobrar a sua expressividade originária. Assim, sintagmas como “nu da cintura para cima” ou “não sabiam de coisa nenhuma” transformam-se em *Grande Sertão: Veredas* em “nu da cintura para os queixos” e “não sabiam de nada coisa nenhuma”. Quando um falante de português escuta a expressão “nu da cintura para cima” ou a sentença “não sabiam de coisa nenhuma”, não pensa sobre as diversas nuances de significado que elas contêm. Na verdade, não chega nem a notar o uso peculiar do sufixo superlativo *-íssimo*, próprio de um adjetivo, aplicado ao substantivo “coisa”. Estes sintagmas se acham tão bem integrados em sua língua, e foram de tal modo desgastados pelo uso, que não sugerem para ele nenhuma conotação especial. Todavia, quando escuta a expressão “nu da cintura para os queixos” ou a sentença “não sabiam de nada coisa nenhuma”, a estranheza das construções fere a sua percepção e força-o a refletir sobre o significado delas. E, ao fazê-lo, ele é levado a enxergar além do puro aspecto denotativo da expressão.

Embora seja no campo da sintaxe, ao contrário do que se supõe normalmente, que residem as maiores inovações de Guimarães Rosa com relação à linguagem literária (trata-se de uma sintaxe com uma lógica bastante peculiar e marcada por uma estrutura compacta, telegráfica), a extensão e complexidade do tópico impede-nos que o abordemos com algum vagar neste trabalho. Optamos então apenas, a título de exemplo, pela simples menção a alguns dos processos mais freqüentes empregados neste setor:

a) a enumeração de palavras pertencentes à mesma classe gramatical e ao mesmo campo semântico, que introduz uma ruptura na estrutura sintagmática do discurso, e contribui grandemente para a neutralização da oposição entre prosa e poesia. Este tipo de recurso é amplamente utilizado no *Grande Sertão: Veredas*, sobretudo nas descrições de batalhas ou da natureza;

b) a inversão da ordem tradicional dos vocábulos e sintagmas na oração, que constitui talvez o traço mais erudito do estilo do autor é o responsável, em grande parte, pelo rótulo que diversos críticos quiseram emprestar-lhe de neobarroco. Os processos de inversão utilizados são muitos e variados, estendendo-se desde a simples antecipação de um pronome objeto ou um adjetivo até a transposição de sintagmas ou orações inteiras para outra parte da sentença; e



c) o uso de orações justapostas e construções elípticas, típicas da linguagem oral, que revelam uma preferência acentuada pela coordenação sobre a subordinação e por um tipo de estilo fluido, linear e direto.

No plano *latu sensu* do discurso narrativo, muitas foram as inovações introduzidas por Guimarães Rosa em sua busca de uma nova expressão. E em todos os casos, a atitude foi semelhante: a eliminação dos elementos gastos (excessos descritivos, abundância de pormenores irrelevantes, uso de recursos cristalizados) e a exploração da potencialidade do discurso. Aqui também, entretanto, devido à amplitude e complexidade do assunto, que transcendem o nosso objetivo, limitar-nos-emos a assinalar alguns dos procedimentos, freqüentes no autor, que tiveram maior relevância na construção do *Grande Sertão: Veredas*:

a) substituição da linearidade cronológica tradicional pela concentração em dois estratos temporais que se imbricam e prolongam *ad infinitum* como uma espécie de eterno presente;

b) abandono do sentido unidimensional do espaço em nome da simultaneidade e multiplicidade de planos;

c) uso de um ponto de vista limitado, centrado em um protagonista essencialmente ambíguo, que habita dois mundos de ordem distinta (um mítico-sacral e um lógico-racional), e que, como tal, contribui amplamente para manter a ambigüidade da narrativa;

d) emprego de uma técnica híbrida de monólogo-diálogo, que funde a estrutura dialética própria do diálogo e a ênfase sobre a perspectiva de um só indivíduo, característica do monólogo;

e) fusão dos gêneros tradicionais épico, lírico e dramático, que convergem na narrativa num todo globalizante, questionando até mesmo a própria exclusividade de cada um deles;

f) coexistência de uma linguagem-objeto e de uma metalinguagem, na medida em que o personagem-narrador põe a todo instante em xeque a própria técnica de narrar; e finalmente

g) uso de uma estrutura de *pergunta*, em que nada é afirmado diretamente, mas sempre posto em questão a ser refletido pelo leitor. A própria narrativa do romance se faz com o objetivo de levantar uma pergunta ao final, conforme se evidencia pelas palavras de Riobaldo no trecho a seguir:

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para quê? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o Jagunço. (GSV, p. 166)

Tomando por base este último aspecto, que constitui a nosso ver uma das mais importantes inovações introduzidas por Guimarães Rosa ao nível do discurso narrativo, passaremos uma vista sobre a estrutura do *Grande Sertão: Veredas* e veremos como se verifica no romance o processo de representação da realidade.

A narrativa do *Grande Sertão: Veredas* constrói-se em torno de duas linhas, associadas a dois momentos distintos da vida do protagonista-narrador e marcadas

por duas atitudes diferentes da sua parte, que já aparecem indicadas no seguinte trecho, extraído logo das primeiras páginas:

De primeiro eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém; quem mói no aspro, não fantasiava. Mas agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorsegos, estou de range-rede. (GSV, p. 11).

Assim, de um lado temos um tempo passado em que o personagem vivenciou os fatos narrados agora, predominantemente marcado pela sua ação no sertão; e de outro um tempo presente, caracterizado por uma atitude especulativa, em que ele relata estes eventos a um interlocutor e os revive no próprio ato da narração.

Estas duas linhas, embora de natureza distinta, interpenetram-se a todo instante na narrativa e é da dependência mútua estabelecida entre elas que se desenvolve a tensão de toda a narração. Riobaldo, o protagonista-narrador, vivencia uma série de experiências no passado que permanecem ainda vivas sob a forma de indagações atormentadoras, e ao relatar a sua história ao interlocutor, ele o faz com o objetivo primordial de dissipar o estado de incerteza gerado por essas indagações. Daí a presença de afirmações como a seguinte, repetida constantemente através da narrativa: “Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe, mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba” (GSV, p. 217); daí também a necessidade que o narrador expressa de reconstituir o passado exatamente como teria ocorrido. Contudo, se é verdade que este deseja manter-se fiel aos fatos armazenados em sua memória, ao mesmo tempo ele está consciente de que jamais poderá realizar integralmente tal intento devido ao próprio caráter seletivo da memória, que acirra a sua dúvida, ao invés de dissolvê-la. Além disso, a lacuna temporal que permeia os dois momentos, se de um lado estabelece certo distanciamento que lhe permite uma visão mais clara do passado, de outro mistura episódios antigos com recentes, situando tudo de maneira duvidosa. O protagonista não tem certeza de coisa nenhuma, como ele mesmo afirma num dado momento, não consegue nem mais distinguir os fatos em si de sua interpretação, do modo como ele os vê no presente; assim, a única forma que lhe parece viável de levar a cabo a sua tarefa é representando tais fatos conforme se apresentam em sua mente, isto é, fragmentados, incompletos, em estado de busca.

Nesse momento, entretanto, surge um outro problema – o da expressão lingüística propriamente – que se configura como uma das chaves não apenas da narrativa de Riobaldo, mas de toda a obra de Rosa, e que pode resumir-se um pouco grosseiramente na pergunta: como representar o estado de dúvida, de busca, próprio não somente do narrador desta obra mas do homem do século XX de modo geral, por meio de uma linguagem de certezas, desgastada e predominantemente referencial, como a que achamos ao nosso dispor? Riobaldo parece consciente de que a sua visão de mundo atormentada, inflada e nutrida na incerteza, só pode ser bem representada através de um discurso indagador, que procura e não aponta soluções, e é na busca de uma linguagem desta ordem, poética, criativa, efervescente, – de uma linguagem, porque não dizer, também de busca, que brota límpida e fluida no momento mesmo da narração – que ele se lança em seu relato, estabelecendo uma relação isomórfica entre a sua *Weltanschauung* e a maneira de representá-la.

Este isomorfismo estabelecido entre a visão do mundo de Riobaldo e a linguagem usada para expressá-la, embora constitua, do ponto de vista estético, uma das grandes conquistas do romance de Guimarães Rosa, não abarca, contudo, nessa obra todo o processo de representação da realidade, que se complementa por um outro aspecto de importância similar – o fato de o protagonista representar o seu estado de busca através da própria busca, isto é, da pesquisa que ele mesmo realiza de uma nova expressão lingüística. Riobaldo usa a narração para efetuar a sua busca existencial, ou, em outras palavras, a própria narração se configura como um processo de busca; mas como tal processo só pode vir a realizar-se se ele encontra um tipo de linguagem específico (que indague mais do que afirme), verifica-se uma identificação entre os atos de viver e narrar, e sua busca existencial assume a forma da busca de uma nova expressão. Assim, além de representar a sua visão de mundo através de um tipo de linguagem que, pelo seu caráter indagador, se presta perfeitamente a esta função, o narrador cumpre a sua missão lançando mão de um recurso semelhante àquele que caracteriza a sua visão, e constrói o relato inteiro sob o signo da busca. É este último aspecto, fundamental para a compreensão de toda a obra, que se acha indicado pelos *leitmotifs* “Viver é muito perigoso” e “Contar é muito, muito dificultoso”, repetidos com grande assiduidade através da narrativa.

A construção de toda a narrativa do *Grande Sertão: Veredas* através de um processo de questionamento que instaura, em todos os níveis, a busca em seu sentido mais profundo, faz da obra algo vivo e dinâmico, em constante estado de fazer-se, que atua inevitavelmente sobre o leitor, induzindo-o à reflexão. E como é neste último dado que reside a base de qualquer transformação verdadeira, seja ela interior ou exterior ao próprio fenômeno da arte, o questionamento realizado nesse romance adquire um sentido ativo, amplamente comprometido, que o distingue tanto das obras dos autores da geração anterior, preocupados quase exclusivamente com o aspecto apenas contedufstico, quanto dos puros experimentos formais, tão comuns na narrativa contemporânea.

É este caráter ativo, crítico e engajado, em toda a extensão do termo, da revolução da linguagem literária empreendida por Guimarães Rosa que nos parece responsável pelo imenso sucesso do seu livro, dentro e fora do país de origem, e pelo grande número de traduções que, apesar das barreiras impostas pelas peculiaridades de sua expressão, ponteiavam com freqüência a literatura ocidental.

#### NOTAS

- 1 CORTÁZAR, Julio. *Rayuela*. 12ª ed. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1970, p. 509. Trad. do A. Daqui por diante como *R*, seguido do número da página.
- 2 LORENZ, Günter. “Diálogo con Guimarães Rosa”. *Mundo Nuevo*, março 1970, p. 42. Posteriormente incluído em *Diálogo con América Latina*. Valparaíso, Ediciones Universitarias, 1972.
- 3 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958, p. 490. Daqui por diante como *GSV*, seguido da indicação da página.
- 4 PROENÇA, Manuel Cavalcânti. *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958, p. 86.

RELATÓRIO DA  
DIRETORIA-GERAL  
1988

## SUMÁRIO

1. **APRESENTAÇÃO**
2. **PROGRAMAS INSTITUCIONAIS**
  - 2.1 **Introdução ao Programa de Trabalho – 1988**
  - 2.2 **Programa Coordenação e Manutenção dos Serviços Administrativos**
    - 2.2.1 **Ações:**
      - Manutenção Administrativa
      - Administração do Pagamento do Pessoal
  - 2.3 **Programa Instalação da Hemeroteca**
    - 2.3.1 **Ação:**
      - Aquisição de Imóvel
  - 2.4 **Programa Restauração do Prédio-Sede da Biblioteca Nacional**
    - 2.4.1 **Ação:**
      - Obras de Conservação e Restauração
  - 2.5 **Programa Preservação e Difusão do Acervo Bibliográfico e Documental**
    - 2.5.1 **Ações:**
      - Registro do Direito Autoral
      - Microfilmagem e Reprodução Documental
      - Microfilmagem de Periódicos Brasileiros
      - Identificação e Tratamento Técnico de Obras Raras
      - Captação, Ampliação e Processamento Técnico
      - Publicação de Títulos Seriadados e Obras Culturais
      - Conservação e Restauração do Acervo
      - Difusão do Acervo
      - Apoio ao Projeto Guia Brasileiro de Fontes Bibliográficas para a História da África
      - Divulgação da Literatura Brasileira no Exterior/Cooperação Técnica Brasil-Biblioteca Nacional da Guiana
      - Desenvolvimento de Estudos e Pesquisas
3. **PROJETOS ESPECIAIS**
4. **EVENTOS**
5. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **ANEXOS**

**01. Síntese Histórica**

**02. Estrutura Orgânica**

**03. Legislação: Lei nº 7.624/87 e Decreto Presidencial 95.674/88**

## 1. APRESENTAÇÃO

Cabe-me, mais uma vez, apresentar o relatório das atividades da Biblioteca Nacional no transcorrer de 1988.

Ocupando a direção-geral da maior biblioteca do País, quero assinalar, nesta apresentação, que se ainda alimento algumas dúvidas sobre diretrizes determinadas pelos superiores hierárquicos, uma certeza crescente venho constatando ao longo destes anos em que tenho procurado servir à Biblioteca Nacional senão com talento, pelo menos com o máximo de devoção que poderia a ela dedicar. Refiro-me ao equívoco cometido por aqueles que poderiam ter concedido autonomia a esta grande instituição e que insistiram em mantê-la vinculada a uma fundação, como se ela não tivesse porte bastante para administrar-se sozinha.

Na verdade, a administração cultural de nosso País permanece alheia quanto ao progresso desenvolvido pela tecnologia na área da informação. Creio mesmo que não estaria cometendo uma injustiça ao atribuir a esses administradores culturais a desarrazoada crença de que cabe à Biblioteca Nacional tão-somente a conservação dos velhos jornais e de livros raros, como se não residisse na agilidade da coleta do depósito legal, no presente, a garantia de preservar a informação para o futuro.

Outra faceta do desenvolvimento da Biblioteconomia é o surgimento e a ampliação do empréstimo interbibliotecário: na verdade, atualmente, os serviços de uma biblioteca não estão mais confinados ao acervo que possui em seu prédio. A permanente publicação de bibliografias favorece o intercâmbio de informações, colocando ao alcance do usuário, independente de sua localização geográfica, a informação – esteja ela onde estiver.

É claro que, para que tal ocorra, há que se estruturar um real sistema nacional de bibliotecas, sem as improvisações e os conchavos de mero paladar político que têm caracterizado o fornecimento de livros às bibliotecas públicas municipais do interior do País.

Em 1984, um grupo de bibliotecários – entre os quais modestamente me incluo – lutou para que fosse fundado o Conselho Nacional de Bibliotecas, que, certamente, teria dado uma contribuição valiosa ao desenvolvimento da rede de informação no

Brasil. O fracionamento do Ministério da Educação, dando lugar à criação do Ministério da Cultura, impediu que o Conselho fosse instalado.

Podemos, portanto, concluir que não obstante o empenho, a competência de seus antigos diretores, a Biblioteca Nacional tem sido impedida de exercer a coordenação do sistema nacional de bibliotecas, muitas vezes por uma vesga competição de outros órgãos, que a ela deveriam estar unidos, caso colocassem acima dos interesses pessoais as diretrizes em busca do desenvolvimento do nosso País.

Ao folhear, novamente, o relatório do ano que passou, certamente não escapará ao leitor atento o quanto de criatividade a equipe da Biblioteca Nacional viu-se na contingência de utilizar a fim de que o atendimento aos pesquisadores continuasse ininterrupto, eficiente, não só no âmbito nacional, como também no internacional.

Os cortes orçamentários impediram que se desse prosseguimento às indispensáveis reformas no prédio, principalmente no que diz respeito à mudança da fiação, que pode colocar em perigo o mais precioso acervo deste País.

É imperativo, pois, que antes de mais nada fique aqui assinalada nossa palavra de advertência, enfatizando a absoluta prioridade que as reformas na rede de eletricidade estão a merecer por parte do Ministério da Cultura.

Nunca será demais, no entanto, o agradecimento, por parte da Diretora-Geral, a todos aqueles que, rompendo com decisão o emperramento da rotina burocrática, se empenharam em doar à Biblioteca Nacional e aos seus usuários energia e trabalho profícuo, características de um verdadeiro espírito público de que nosso povo tanto carece.

## 2. PROGRAMAS INSTITUCIONAIS

### 2.1 Introdução ao Programa de Trabalho – 1988

Em 1988, o Programa de Trabalho da Biblioteca Nacional, para o planejamento e acompanhamento de suas ações institucionais, estruturou-se de acordo com as diretrizes do Plano Interno do Ministério da Cultura – resultante do Sistema Integrado da Administração Financeira (SIAFI) do Governo Federal – que identifica a previsão de despesas.

A partir do Plano Interno – disposto em Metas Setoriais, que consubstanciam as linhas de atuação do Ministério da Cultura –, a Biblioteca Nacional desenvolveu seu Programa de Trabalho, através de Metas Setoriais Específicas que definem, em particular, os diversos segmentos de atividades.

No Programa de Trabalho – 1988, a Biblioteca Nacional ampliou sua participação no Plano Interno do Ministério da Cultura, inserindo-se nas seguintes **Metas Governamentais**:



<b>META SETORIAL</b>	<b>META SETORIAL ESPECÍFICA</b>
<b>Cód. A</b> Apoiar a criatividade e a produção no campo da cultura em geral.	<b>Cód. A.23</b> <i>Promover a Proteção dos Direitos Autorais</i> Fiscalização, consulta e assistência no que diz respeito a direitos do autor e direitos que lhe são conexos.
<b>Cód. B</b> Preservar o patrimônio cultural, conjuntos arquitetônicos urbanos, bens culturais, móveis, imóveis e naturais.	<b>Cód. B.01</b> <i>Proteção e Conservação de Bens Culturais Imóveis</i> Realizar estudos e pesquisas, quanto aos aspectos físicos (arquitetônicos, arqueológicos e outros), e sociais (históricos, culturais), dos bens imóveis singulares, ou conjuntos – contínuos e descontínuos, realizar estudos que permitam o estabelecimento de critérios para tombamento e definição de entorno de bens culturais, bem como a diversificação dos instrumentos de proteção legal que assegurem a preservação do patrimônio cultural brasileiro; Planejar, executar, acompanhar projetos de obras de manutenção, restauração e revitalização em bens culturais imóveis, principalmente, os pertencentes ao patrimônio histórico e artístico nacional.
<b>Cód. D</b> Difundir e preservar acervos museológicos, bibliográficos e documentais.	<b>Cód. D.02</b> <i>Documentação e Pesquisa de Acervos Bibliográficos e Documentais</i> Promover estudos e pesquisas com vistas à identificação e ampliação de acervos bibliográficos e documentais, inventário, registro, tombamento, catalogação, classificação e informatização, documentação técnica, fotografia, bibliografia e avaliação dos acervos bibliográficos e documentais.

META SETORIAL	META SETORIAL ESPECÍFICA
<p><b>Cód. II</b> Promover investigações no campo das ciências sociais e das humanidades, como apoio à formulação da política cultural.</p>	<p><b>Cód. D.04</b> <i>Conservação e Restauração dos Acervos Bibliográficos e Documentais</i> Promover ações voltadas para: levantamento e análise das condições físicas das bibliotecas, análise das condições de armazenamento e exposição de acervos, e higienização, conservação e restauração dos acervos bibliográficos e documentais.</p>
	<p><b>Cód. D.06</b> <i>Divulgação e Intercâmbio dos Acervos Bibliográficos e Documentais</i> Promover ações voltadas para: publicação de estudos e pesquisas sobre os acervos bibliográficos e documentais; publicação de estudos e pesquisas temáticas relacionadas com as finalidades das bibliotecas, publicação de catálogo das coleções das exposições, bem como de guias e folhetos com informações ao público sobre as bibliotecas.</p>
	<p><b>Cód. D.09</b> <i>Informação e Desenvolvimento de Recursos Humanos, para Preservação e Difusão de Acervos Museológicos, Bibliográficos, Arquivísticos e Documentais</i> Promover ações voltadas para o processo permanente e sistemático de desenvolvimento de recursos humanos, abrangendo as atividades de formação, treinamento, aperfeiçoamento, especialização, reciclagem e outras, no que diz respeito à preservação e difusão de acervos museológicos, bibliográficos, arquivísticos e documentais.</p>
<p><b>Cód. II.04</b> <i>Estimular e Apoiar Iniciativas que Busquem Esclarecer e Valorizar a Dimensão Cultural no Processo de Desenvolvimento</i> Promover investigações e apoiar iniciativas visando uma melhor compreensão e autoconhecimento dos valores sociais e culturais dos diversos segmentos da sociedade, como elemento fundamental no processo de desenvolvimento nacional.</p>	

**PROGRAMA:** 34205.08480212.008

Coordenação e Manutenção dos Serviços Administrativos

**AÇÕES:** 2.1 TÍTULO: Manutenção Administrativa      CÓDIGO: 520.I.01.055-RJ

2.2 TÍTULO: Administração do Pagamento do Pessoal

CÓDIGO: 520.I.01.064-RJ

**PROGRAMA:** Coordenação e Manutenção dos Serviços Administrativos

**AÇÕES:** 1. Manutenção Administrativa      CÓDIGO: 520.I.01.055-RJ

2. Administração do Pagamento do Pessoal      CÓDIGO: 520.I.01.064-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Divisão de Administração

## 1. FINALIDADE

O Programa – abrangendo as ações indicadas – serve de suporte básico para garantir a finalidade maior da Biblioteca Nacional como preservadora da memória bibliográfica e documental e, portanto, da própria história do País. A manutenção dos serviços administrativos permitiu assegurar – dentro dos limites orçamentários e financeiros – a expansão parcial das ações finalísticas voltadas, essencialmente, para a guarda, preservação e divulgação de cerca de 7 milhões de livros, manuscritos, periódicos, estampas, mapas, partituras, fotografias e discos.

## 2. REALIZAÇÕES

2.1 Ação 520.I.01.055-RJ – Manutenção Administrativa da Biblioteca Nacional

2.1.1 Na área de Planejamento e Administração Geral

– Realização de estudos para o planejamento da nova sistemática administrativa e financeira da Biblioteca Nacional, na condição de unidade executora da Fundação Nacional Pró-Leitura, autorizada pela Lei nº 7.624/05.11.87 e criada pelo Decreto Presidencial nº 95.674/28.01.88. Tais estudos resultaram:

a) na proposição de nova estrutura orgânica e conseqüente regimento interno, objetivando dotar a Biblioteca Nacional de mecanismos que permitam o pleno desenvolvimento institucional;

b) na elaboração do Orçamento-1989, ampliando a participação da Biblioteca Nacional na realização das metas setoriais estabelecidas no Plano Interno do Ministério da Cultura, como se segue:

<b>CÓDIGO DA META SETORIAL</b>	<b>Nº DE ORDEM</b>	<b>PROGRAMA</b>
A	01	Coordenação e Assistência a Direitos do Autor
B	02	Obras de Conservação e Restauração do Prédio-Sede
D	03	Preservação e Difusão do Acervo Bibliográfico e Documental
I	04	Coordenação e Manutenção dos Serviços Administrativos

- Gestões junto à superior Administração do MinC para a expansão física da Biblioteca Nacional, resultando na obtenção do prédio situado na Av. Rodrigues Alves nº 509. Com esse propósito foi criada, através da Decisão Executiva nº 002/88, a Comissão Encarregada dos estudos para a instalação da hemeroteca e outras unidades da Biblioteca Nacional no referido prédio.
- Implantação do Centro de Processamento de Dados e do Banco de Dados, de forma a viabilizar a racionalização dos serviços e a acompanhar o desenvolvimento das atividades.
- Constituição de comissões técnicas especiais para licitação; reprodução documental; recursos humanos; avaliação, seleção e destinação de documentos (esta com assessoramento do Arquivo Nacional).

#### 2.1.2 Na área de Administração Orçamentária e Financeira

- Adequação dos programas institucionais ao Sistema Integrado da Administração Financeira do Governo Federal – SIAFI, para compatibilização orçamentário-financeira das ações, conforme o Orçamento da União – 1988, aprovado pela Lei nº 7.632/87, como se segue:

### DEMONSTRATIVO GERAL DA PROGRAMAÇÃO ORÇAMENTÁRIA

<b>ESPECIFICAÇÃO</b>	<b>VALOR EM Cz\$ 1,00</b>
PROGRAMA 08480212.008 Coordenação e Manutenção dos Serviços Administrativos	604.959.000,
PROGRAMA 08482463.625 Restauração do Prédio-Sede	70.000.000,
PROGRAMA 08482473.624 Instalação da Hemeroteca	42.100.000,
PROGRAMA 08482472.290 Preservação e Difusão do Acervo Bibliográfico e Documental	47.939.000,

## DEMONSTRATIVO DA EXECUÇÃO ORÇAMENTÁRIA

FONTE	DISCRIMINAÇÃO	VALOR EM Cz\$ 1,00
00	Tesouro Nacional – Recursos Ordinários.....	960.997.654,
70	Diretamente arrecadados.....	12.200.000,
81	Recursos oriundos de Órgãos Federais – Tesouro Nacional.....	73.909.539,
<b>TOTAL</b>		<b>1.047.107.193,</b>

## DEMONSTRATIVO DA RECEITA ARRECADADA

DISCRIMINAÇÃO	VALOR EM Cz\$ 1,00
Venda de cópias reprográficas.....	3.269.443,
Venda de microfímes.....	6.024.294,
Venda de publicações.....	307.767,
Serviços educacionais (Cursos).....	882.162,
Outros (multas, taxas, correios, doações).....	4.623.736,
<b>TOTAL</b>	<b>15.107.402,</b>

### 2.1.3 Na área de Administração de Bens e Serviços

- Realizadas 31 licitações, 22 convites, 9 tomadas de preços e diversos serviços e compras diretas, importando no investimento de Cz\$ 129.897.173,00 (cento e vinte e nove milhões, oitocentos e noventa e sete mil, cento e setenta e três cruzados).
- Fomento dos bens patrimoniais, registrando um aumento de Cz\$ 8.320.918,31 (oito milhões, trezentos e vinte mil, novecentos e dezoito cruzados e trinta e um centavos), iniciando-se, através do Programa 08482473.624, a compra do imóvel situado na Av. Rodrigues Alves nº 509, com cerca de 15.000m<sup>2</sup>, o que permitirá, em 1989, consolidar o plano de expansão física da Biblioteca Nacional.

### 2.1.4 Na área de Capacitação de Recursos Humanos

- Realização de 16 cursos de natureza diversa, internos e externos, voltados para o aperfeiçoamento dos recursos humanos, com emissão de 308 certificados. A programação de cursos constitui fonte de receita, classificada como serviços educacionais, que vem despertando grande interesse.

Dos cursos ministrados, perfazendo a receita de Cz\$ 882.162,00 (oitocentos e oitenta e dois mil e cento e sessenta e dois cruzados), destacam-se:

01. A Escravidão no Brasil – História e Fontes
02. A Bibliometria como Instrumento de Administração
03. Metodologia de Pesquisa Documentária
04. Pesquisa “on Line” em Bases de Dados Internacionais
05. Banco de Dados da Fundação Getúlio Vargas
06. Indexação em Cadeia
07. Técnicas de Gerenciamento
08. Língua Portuguesa – Atualização
09. AACR-2 – Código de Catalogação Anglo-Americana, 2ª edição
10. Identificação e Conservação de Acervos Bibliográficos
11. Noções de Cabeçalhos de Assunto
12. Noções de Organização de Catálogos
13. Livro Raro – História
14. Organização de Coleções Especiais: Obras Raras e Manuscritos
15. Gravura – História e Identificação de Técnicas
16. Preparo de Jornais – Procedimentos Adotados pelo Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros – PLANO

#### 2.1.5 Na área de Processamento de Dados

- Cadastramento na base de dados do SISTEMA BIBLIODATA/CALCO, da Fundação Getúlio Vargas, de 14.617 títulos novos de monografias no ano de 1988, perfazendo o total de 104.704 títulos de monografias, periódicos e teses cadastrados.
- Desenvolvimento e implantação dos Sistemas: Estatística Geral, Cadastro de Instituições, Diretório do ISBN.
- Suporte e manutenção dos Sistemas: Cadastro de Editoras, Intercâmbio, ISBN, Mala Direta, MAPSOG, PERIOD, PESSOAL, SOLVEN.

#### 2.2 Ação 520.I.01.064-RJ – Administração do Pagamento de Pessoal

- Implantação do novo sistema de administração de pessoal (folha de pagamento, encargos sociais e benefícios), em virtude da integração da Biblioteca Nacional à Fundação Nacional Pró-Leitura.

### DEMONSTRATIVO DE PESSOAL

	ESPECIFICAÇÃO	TOTAIS
01.	Quadro de Pessoal da Biblioteca Nacional – Servidores celetistas	346
02.	Quadro de Pessoal do MinC – Servidores estatutários.....	45
03.	Estagiários de vários níveis.....	50
04.	Servidores de outros órgãos cedidos à Biblioteca Nacional pela Fundação Nacional Pró-Memória e Instituto Nacional do Livro	30
05.	Servidores de firmas prestadoras de serviços.....	54
	<b>TOTAL GERAL</b>	<b>525</b>

**PROGRAMA:** 34205.08482473.624

Instalação da Hemeroteca da Biblioteca Nacional

**AÇÃO:** TÍTULO: Aquisição de prédio para Instalação da Hemeroteca

CÓDIGO: 520.J03.019-RJ

**PROGRAMA:** Instalação da Hemeroteca

**AÇÃO:** Aquisição de prédio para a Instalação da Hemeroteca (anexo)

CÓDIGO: 520.J03.019-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Divisão de Administração

## 1. FINALIDADE

Expandir as instalações físicas do prédio-sede, inaugurado em 1910 com capacidade para armazenar 400.000 obras, dada a necessidade de guarda adequada do volumoso acervo bibliográfico e documental, atualmente na ordem de 7.000.000.

## 2. REALIZAÇÕES

- 2.1 Pesquisa e seleção de imóveis disponíveis na cidade do Rio de Janeiro
- 2.2 Instalação da Comissão de Estudos Técnicos
- 2.3 Análise arquitetônica e orçamentária do imóvel selecionado
- 2.4 Gestões para aquisição do imóvel localizado na Avenida Rodrigues Alves nº 509, através de termo firmado entre a Fundação Nacional Pró-Leitura e a Companhia Brasileira de Alimentos – COBAL, em 20 de dezembro de 1988 (Processo nº 40099.260202/88- 32).

A obtenção do imóvel para instalação de um Anexo representou a solução do mais angustiante problema da Casa – o espaço para guarda adequada do acervo e expansão de serviços – que há meio século vinha preocupando as sucessivas diretorias.

A restauração do imóvel e as adaptações que serão realizadas permitirão a transferência de diversos setores de atividade, principalmente de parte do acervo, em local com melhores condições de preservação.

**PROGRAMA:** 34205.08482463.625

Restauração do Edifício-Sede da Biblioteca Nacional

**AÇÃO:** TÍTULO: Obras de Conservação e Restauração

CÓDIGO: 520.B01.277-RJ

**PROGRAMA:** Restauração do Edifício-Sede

**AÇÃO:** Obras de Conservação e Restauração

**CÓDIGO:** 520.B01.277-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Divisão de Administração/Comissão de Obras

## 1. FINALIDADE

Esta área de programação visa dar continuidade à execução das obras de restauração e conservação do prédio-sede, para preservação do conjunto arquitetônico, em estilo neoclássico, de tombamento federal, construído em 1910.

## 2. REALIZAÇÕES

- 2.1 Planejamento para escalonamento das prioridades.
- 2.2 Estudo de viabilidade dos projetos de obra.
- 2.3 Elaboração das especificações técnicas para fins de licitação e contratação de empresas especializadas.
- 2.4 Iniciadas as obras de conservação e de restauração das clarabóias do edifício-sede.
- 2.5 Iniciada a obra de instalação do Centro de Processamento de Dados.

**PROGRAMA:** 34205.08482472.290

Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

TÍTULO DAS AÇÕES	CÓDIGOS
Registro do Direito Autoral.....	520.A23.004-RJ
Microfilmagem e Reprodução Documental.....	520.D02.002-RJ
Microfilmagem de Periódicos Brasileiros.....	520.D02.003-RJ
Identificação e Tratamento Técnico de Obras Raras.....	520.D02.004-RJ
Captção, Ampliação e Processamento Técnico.....	520.D02.005-RJ
Publicação de Títulos Seriados e Obras Culturais.....	520.D02.006-RJ
Conservação e Restauração do Acervo.....	520.D04.003-RJ
Difusão do Acervo.....	520.D06.001-RJ
Apoio ao Projeto Guia Brasileiro de Fontes Bibliográficas para a História da África.....	520.F01.032-RJ
Divulgação da Literatura Brasileira no Exterior/Cooperação Técnica Brasil – Biblioteca Nacional da Guiana.....	520.G02.022-RJ
Desenvolvimento de Estudos e Pesquisas.....	520.H01.017-RJ



**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Registro do Direito Autoral

**CÓDIGO:** 520.A23.004-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Escritório do Direito Autoral

## 1. FINALIDADE

Esta Ação tem por finalidade realizar, com exclusividade para todo o território nacional, o registro e a averbação de obras intelectuais e das cessões de direitos patrimoniais do autor, conforme está consignado nos arts. 17 e 53, § 1º da Lei nº 5.988/73, assim como no art. 2º, item VIII do Estatuto da Fundação Nacional Pró-Leitura, aprovado pelo Decreto nº 95.674, de 27-01-88.

Dada a especificidade desta Ação, a Biblioteca Nacional apresentou ao MinC proposta para, em 1989, ser inaugurado o Programa Coordenação e Assistência a Direitos do Autor.

## 2. REALIZAÇÕES

2.1 O quadro abaixo indica o número de registros no último triênio e o percentual de crescimento anual:

ANO	TOTAL DE REGISTROS	% DE AUMENTO ANUAL
1986	3.537	—
1987	4.777	35
1988	4.935	3

Em 1988 foram feitos 4.935 registros assim distribuídos:

Obras inéditas . . . . .	3.320
Obras publicadas . . . . .	1.322
Averbações . . . . .	293

2.2 Além desses registros, o EDA emitiu no período: 1.602 pareceres jurídicos; 4.809 traslados e 77 certidões em segunda via.

2.3 Elaboração da 2ª edição revista e atualizada do “Manual de Registro de Obras Intelectuais”.

- 2.4 Pesquisa do Perfil do Usuário, avaliação dos serviços prestados pelo EDA e diversificação dos serviços.
- 2.5 Unificação do Registro – neste sentido o primeiro passo foi dado, tendo em vista a absorção pelo EDA de competência específica, anteriormente atribuída ao Conselho Nacional do Cinema – CONCINE.
- 2.6 Instalação do Núcleo de Documentação em Direito Autoral.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Microfilmagem e Reprodução Documental      **CÓDIGO:** 520.D02.002-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Coordenadoria de Reprografia e Microfilmagem

### 1. FINALIDADE

Esta Ação tem por finalidade microfilmar o acervo bibliográfico e documental, através de técnicas especializadas, para preservação do valioso acervo da Biblioteca Nacional.

### 2. REALIZAÇÕES

- 2.1 Microfilmagem de 71 rolos matrizes
- 2.2 Duplicação de 278 rolos
- 2.3 Fotogramas/páginas microfilmadas: 87.612
- 2.4 Reprografia de documentos, através de diferentes processos, totalizando 378.327 cópias de diversos tipos (xerox, eletrostática, fotográfica e mimeografada)

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Microfilmagem de Periódicos Brasileiros      **CÓDIGO:** 520.D02.003-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Coordenadoria de Reprografia e Microfilmagem

### 1. FINALIDADE

Esta Ação visa o desenvolvimento do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros – PLANO, que tem por finalidade preservar a memória documental brasileira, através do levantamento e microfilmagem de periódicos nacionais – publicados a partir de 1808 – existentes na Biblioteca Nacional e em instituições educacionais e culturais.

Criado pela Portaria MEC/DAC nº 31, de 11 de dezembro de 1978, posteriormente modificada pela Portaria MEC nº 023, de 26 de outubro de 1982, o PLANO foi integrado à Fundação Nacional Pró-Leitura, pela Portaria MinC nº 094, de 02 de junho de 1988.

## 2. REALIZAÇÕES

- 2.1 Cooperação Técnica e Financeira a instituições educacionais e culturais – detentoras de acervos raros – efetivada através de convênios com os resultados seguintes:
- 2.1.1 Conclusão e avaliação de 19 convênios, firmados em 1987, totalizando transferências financeiras no valor de Cz\$ 590.000,00 (quinhentos e noventa mil cruzados).
- 2.1.2 Efetivação de 23 convênios, firmados no final de 1988, para desenvolvimento em 1989, importando em transferências financeiras no total de Cz\$ 4.730.000,00 (quatro milhões, setecentos e trinta mil cruzados), a seguir discriminados:
- 04 convênios firmados com instituições privadas, no valor total de Cz\$ 800.000,00 (oitocentos mil cruzados).
  - 10 convênios firmados com instituições estaduais, no valor total de Cz\$ 1.930.000,00 (hum milhão, novecentos e trinta mil cruzados).
  - 03 convênios firmados com instituições federais, no valor total de Cz\$ 1.200.000,00 (hum milhão e duzentos mil cruzados).
  - 06 convênios firmados com instituições municipais, no valor total de Cz\$ 800.000,00 (oitocentos mil cruzados).
- 2.1.3 Desenvolvimento de 18 convênios de intercâmbio técnico, sem ônus, realizados com instituições diversas, mediante troca de serviços.
- 2.2 Assistência técnica, formalizada por visitas de supervisão e orientação às instituições abrangidas pelo PLANO sediadas em diversas Unidades Federadas.
- 2.3 Microfilmagem.

ESPECIFICAÇÃO	UNIF. REF.	PRODUÇÃO
Rolos matrizes	Rolo	1.188
Rolos duplicados	Rolo	2.721
Fotogramas	Página	715.273
Títulos microfilmados	Título	320

- 2.4 Desenvolvimento de Projetos Especiais
- 2.4.1 Biblioteca Nacional de Lisboa/Espólio Fernando Pessoa – Recebimento de 119 rolos de microfilme do Espólio de Fernando Pessoa, já à disposição do usuário.
- 2.4.2 University of Texas at Austin – Microfilmagem de 73 rolos da coleção do *Jornal do Commercio*, período de 1827-1864.
- 2.4.3 Biblioteca Pública Municipal de Petrópolis – Microfilmagem de 34 volumes (19 rolos) de jornais para complementação do acervo, com duplicação de positivos para aquela Instituição.
- 2.4.4 Library of Congress – convênio para duplicação de 140 rolos positivos de 5 jornais brasileiros (1986-1988): *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* e *Tribuna da Imprensa*.

- 2.4.5 Senado Federal – Duplicação de 515 rolos positivos dos jornais O Estado de São Paulo (1970-1983) e Folha de São Paulo (1980-1981) para o acervo daquela Casa do Congresso.
- 2.4.6 Projeto Vitae – Apoiado pela Vitae Sociedade Cultural, Científica e Beneficente para restauração, encadernação e microfilmagem de um total de 8.000 documentos (obras raras).
- 2.4.7 Convênios com diversas instituições oficiais da área do Ministério da Cultura e entidades particulares para microfilmagem de títulos para o acervo ou reprodução.
- 2.5 Desenvolvimento de estudos técnicos para subsidiar e orientar instituições conveniadas na área de preservação, através da técnica micrográfica, do acervo hemerográfico.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Identificação de Tratamento Técnico de Obras Raras

CÓDIGO: 520.D02.004-RJ

**UNIDADES EXECUTORAS:** Divisão de Referência Especializada e Coordenadoria de Conservação e Restauração

## 1. FINALIDADE

Esta Ação abrange as seguintes áreas de trabalho:

- a) O desenvolvimento de estudos e pesquisas para identificação e tratamento técnico do acervo bibliográfico e documental, a produção de textos – para divulgação – que facilitem o acesso do usuário às fontes primárias de documentação (manuscritos de várias origens públicas e particulares, material especial de natureza iconográfica e musical, inclusive o arquivo sonoro e material bibliográfico raro e precioso);
- b) O desenvolvimento do Plano Nacional de Restauração de Obras Raras – PLANOR, que visa à identificação e ao tratamento técnico de obras, publicadas entre os séculos XVI e XVIII, existentes na Biblioteca Nacional e em instituições culturais, para elaboração de um catálogo coletivo. Criado através da Portaria MEC nº 19, de 31 de outubro de 1983, o PLANOR passou a integrar a Fundação Nacional Pró-Leitura pela Portaria MinC nº 094, de 02 de junho de 1988.

## 2. REALIZAÇÕES

- 2.1 Prosseguimento dos estudos e pesquisas de material bibliográfico e documental referente a:
  - Comemoração do Centenário da Abolição da Escravatura
  - Comemoração do Centenário da Proclamação da República

- Projeto Repertório Internacional de Literatura Musical
  - Projeto Sistema de Tombamento da Brasileira
  - Projeto Association “Archives” UNESCO
  - Projeto Recuperação de Discos em 78 rpm
  - Projeto Livros Impressos nos Séculos XVI e XVII
  - Projeto Recuperação do Acervo Fotográfico
  - Projeto Guia de Fontes para a História da África e do Negro na Sociedade Atual (parte relativa a manuscritos)
  - Projeto Impressos Quinhentistas Portugueses
- 2.2 Prosseguimento dos projetos/atividades:
- Documentos Biográficos do Arquivo do Brasil Império
  - Documentos do Rio de Janeiro
  - Coleção Morgado de Mateus
  - Coleção Artur Ramos
  - Coleção Farquhar
  - Indexação de material efêmero
- 2.3 Redimensionamento do PLANOR, para implementação das atividades referentes a:
- Assistência técnica a 7 instituições de diversas Unidades Federadas
  - Estudo preliminar para aplicação das transferências financeiras a instituições educacionais e culturais, no total de Cz\$ 5.245.000,00 (cinco milhões, duzentos e quarenta e cinco mil cruzados)
  - Prosseguimento da execução do Repertório Bibliográfico de Obras Antigas e/ou Raras dos Séculos XV e XVI
  - Treinamento, cursos e palestras a 8 instituições culturais conveniadas
  - Assinatura de 8 convênios, a serem desenvolvidos em 1989

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Captação, Ampliação e Processamento Técnico do Acervo

CÓDIGO: 520.D02.005-RJ

**UNIDADES EXECUTORAS:** Divisão de Aquisição do Acervo e Divisão de Processamento Técnico

## 1. FINALIDADE

Esta Ação abrange os seguintes projetos/atividades:

- a) ampliação do acervo captado por diferentes meios: contribuição legal, aquisição de obras estrangeiras, intercâmbio (permuta com publicações da Biblioteca Nacional, duplicatas e doações), com a finalidade de preservar a memória bibliográfica;
- b) processamento técnico do acervo, através de catalogação, classificação e manutenção de catálogos integrados de forma sistêmica abrangendo obras de

referência geral e referência especializada, a fim de assegurar a dinâmica histórica da informação cultural.

Integra esta Ação o acervo paradidático da Biblioteca Euclides da Cunha.

## 2. REALIZAÇÕES

### 2.1 Ampliação do material bibliográfico, captado por diferentes meios:

ESPECIFICAÇÃO	TÍTULOS	PEÇAS
Contribuição Legal	18.750	83.492
Aquisição por compra	71	368
Intercâmbio	19.265	30.540
<b>TOTAIS</b>	<b>38.086</b>	<b>114.400</b>

2.2 Desenvolvimento das atividades relacionadas com o ISBN: foram cadastradas 167 editoras e atribuídos 4.281 números. Em fase de publicação o Catálogo do ISBN e publicado o v. 1 nº 0 do *ISBN Informativo*, com periodicidade bimestral. Cabe destacar na ampliação do acervo as doações especiais feitas por particulares e instituições estrangeiras. Em contrapartida, a Biblioteca Nacional doou pelo sistema de intercâmbio, no exercício, o montante de 86.506 duplicatas.

### 2.3 Processamento Técnico do Acervo:

Acervo	Unidade de Referência	Catálogo	Classificação
Monografias	Título	13.901	14.295
Material Especial (manuscritos, material iconográfico e musical)	Título	1.643	788
Periódicos	Título	1.432	1.282

2.4 Prosseguimento dos estudos técnicos de documentação junto à Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

2.5 Seleção de material bibliográfico estrangeiro, recebido por intercâmbio, pela Comissão Especial de Seleção.

– 3.336 obras estrangeiras de interesse para a cultura nacional, incorporadas ao acervo.

– 2.230 obras nacionais, de natureza didático-pedagógica, incorporadas ao acervo da Biblioteca Euclides da Cunha.

- 2.6 Implantação do Banco de Teses, mediante apoio financeiro resultante do Convênio MEC/MinC e da Fundação Ford, visando o tratamento técnico de cerca de 30 mil teses produzidas nas Universidades Brasileiras, com prioridade para as áreas de Ciências Sociais e Humanas. Foram registradas 4.013 teses.
- 2.7 Coleção Paralela: Processamento Técnico de 1.243 obras.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Publicação de Títulos Seriadados e Obras Culturais

CÓDIGO: 520.D02.006-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Divisão de Informação e Divulgação/Seção de Publicações

## 1. FINALIDADE

Divulgação do acervo através de publicações de séries periódicas e títulos avulsos abrangendo: bibliografias gerais e especiais, catálogos de coleções raras, edições críticas e fac-similares de textos, catálogos de exposições e folhetos para orientação dos usuários.

## 2. REALIZAÇÕES

### 2.1 Lançamentos do ano:

- *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 92, t. VIII, encerrando a série “Catálogo de Folhetos da Coleção Barbosa Machado”.
- *Bibliografia Brasileira*:  
v. 4, n. 4, 4º trim. 1986;  
v. 5, n. 1, 2, 3, 4, 1º, 2º, 3º e 4º trim. 1987
- *Relatório da Diretora-Geral/1987*
- *Para uma História do Negro no Brasil* (catálogo da exposição)
- *Cursos de curta duração*
- *Sistema ISBN*
- *Manual de Registro de Obras Intelectuais*, 1ª e 2ª ed.
- *Exposição do Livro Brasileiro – Catálogo* (Em Buenos Aires). Co-ed. com INL.

### 2.2 Em Impressão:

- *Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*
- *Gilberto Freyre, uma Interpretação do Brasil* (catálogo)
- *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 105, 1985.

### 2.3 Em Elaboração:

- *José do Patrocínio. Campanha Abolicionista* – coletânea de artigos. Pesquisa e elaboração de originais

- Codice Liber de Contemptu Mundi. Leitura diplomática do único códice do século XV, em português, do acervo da Biblioteca Nacional;
- Catálogo do Conto Popular Brasileiro. Bibliografia e classificação, incluindo fontes portuguesas e africanas.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Conservação e Restauração do Acervo CÓDIGO: 520.D04.003-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Coordenadoria de Conservação e Restauração

## 1. FINALIDADE

Abrange o conjunto de projetos/atividades destinado à conservação e restauração do acervo bibliográfico e documental, através de técnicas especializadas de higienização, desinfestação, restauração e encadernação, para sua preservação.

Esta Ação Programática articula-se com o Plano Nacional de Restauração de Obras Raras – PLANOR.

## 2. REALIZAÇÕES

- 2.1 Higienização: 364.411 folhas – 1.271 volumes
- 2.2 Desinfestação: 10.783 documentos
- 2.3 Reestruturação: 928 folhas – 543 volumes
- 2.4 Acondicionamento: 209 caixas e 86 pastas
- 2.5 Encadernação e reencadernação: 1.465 volumes
- 2.6 Douração: 1.385 volumes
- 2.7 Restauração de obras raras: 4.924 folhas – 23 volumes
- 2.8 Desenvolvimento de projetos especiais:
  - 2.8.1 Projeto Vitae: apoiado pela Vitae Sociedade Cultural Científica e Beneficente para restauração e encadernação e microfilmagem de um total de 8.000 documentos.
  - 2.8.2 Projeto Tecnologia de Conservação e Restauração do Acervo Bibliográfico e Documental com apoio financeiro da OEA – Organização dos Estados Americanos.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Difusão do Acervo CÓDIGO: 520.D06.001-RJ



**UNIDADES EXECUTORAS:** Divisão de Informação e Divulgação, Divisão de Referência Geral, Divisão de Referência Especializada e Coordenadoria de Reprografia e Microfilmagem

## 1. FINALIDADE

Abrange um conjunto de atividades diversas direcionadas para a difusão da informação cultural e serviços de atendimento ao usuário.

Esta Ação, portanto, assegura o acesso dos especialistas e do público em geral ao acervo bibliográfico e documental.

Paralelamente, compreende o atendimento direto ao usuário de bibliografias e fornecimento de materiais reprográficos (microformas, cópias de microfimes, xerox, etc.). Destacam-se, ainda, a organização de exposições apoiadas por catálogos, ciclos de palestras e projeções, acompanhamento técnico a visitas programadas e a produção editorial da Biblioteca Nacional.

## 2. REALIZAÇÕES

### 2.1 Exposições

#### 2.1.1 Grande Porte

– “INL – 50 Anos de Cultura” – inaugurada em 21.12.87, estendendo-se até 05.02.88.

– “Jornal do Commercio: 16 décadas de História”.

– “Para uma História do Negro no Brasil” – Apoio cultural: Fundação Nestlé de Cultura

#### 2.1.2 Médio e Pequeno Portes:

– “Mendez – 80 Anos”

– “Cipriano Barata – 150 Anos de Morte – um nome que não pode ser esquecido”

– “Encadernações Preciosas”

#### 2.1.3 Efemérides

– “Educação e Transformação de Maria Luiza Moreira”

– “Musurgia Universalis”, 1650. Autor Athanasius Kircher

### 2.2 Conferências

#### 2.2.1 Ciclo paralelo à exposição “Para uma História do Negro no Brasil” relativa ao Centenário da Abolição da Escravatura:

– Professora Ismênia de Lima Martins:

“A Questão da Escravidão nos Tempos Modernos e no Brasil”

– Professor Joel Rufino dos Santos:

“450 Anos de Resistência do Negro à Opressão”

– Professor Gerardo Mello Mourão:

“100 Anos da Abolição – Abolição no Ceará”

– Professora Lelia Gonzalez:

“Ser Negro Hoje no Brasil”

- Professor Nello Avella:  
“Eco da Escravatura Brasileira na Itália”
- Deputada Federal Benedita da Silva:  
“Direitos do Negro na Constituinte”

## 2.3 Atendimento ao público

### 2.3.1 Frequência registrada

O quadro abaixo – abrangendo o último biênio – indica a frequência do público nos salões de leitura da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Euclides da Cunha e, também, o correspondente quantitativo geral do acervo bibliográfico e documental consultado (manuscritos, iconografia, música e arquivo sonoro, microfilmes, obras gerais, obras raras e obras paradidáticas):

ANO	PÚBLICO	PEÇAS CONSULTADAS
1987	117.056	240.367
1988	110.694	256.854

Para o atendimento ao público, vale registrar que a Biblioteca Nacional dispõe de 24 aparelhos destinados à leitura de microfilmes. Além disso, foram atendidos 155 pedidos, por correspondência, provenientes de todas as Unidades Federadas e de países estrangeiros (Alemanha, França, Inglaterra, Austrália, Estados Unidos da América do Norte, Itália e Guiana Francesa) e, também, 4.709 pedidos diretos.

### 2.3.2 Pesquisas Bibliográficas

O público em geral e instituições diversas – nacionais e estrangeiras – foram atendidos com 668 pesquisas bibliográficas.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Apoio ao Projeto “Guia Brasileiro de Fontes Bibliográficas para a História da África, da Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual”

CÓDIGO: 520.F01.032-RJ

**COORDENAÇÃO:** Mário Luz

## 1. FINALIDADE

Apoiar, na parte bibliográfica, o Projeto Guia Brasileiro de Fontes para a História da África, da Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual, sob a coordenação geral do Arquivo Nacional. Integra o Guia de Fontes para a História das Nações do Terceiro Mundo patrocinado pela UNESCO, documento de grande relevância para a pesquisa.

## **2. REALIZAÇÕES**

- 2.1 Desenvolvimento das pesquisas relacionadas com a História da África (séculos XVI a XX); com a escravidão negra (séculos XVII a XIX); com o negro na sociedade atual (após 1888).
- 2.2 Levantamento das fontes bibliográficas referentes aos países africanos (situados ao sul do Saara), com a participação até agora de 128 bibliotecas das 470 consultas efetuadas.
- 2.3 Levantamento de 7.644 títulos, que constituirão parte da bibliografia básica do Guia.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Divulgação da Literatura Brasileira no Exterior – Cooperação Técnica Brasil/Guiana  
CÓDIGO: 520.G02.022-RJ

**UNIDADES EXECUTORAS:** Divisão de Informação e Divulgação, Coordenadoria de Conservação e Restauração e Coordenadoria de Reprografia e Microfilmagem

### **1. FINALIDADE**

Trata-se de ação programática especial, desenvolvida com o apoio do Ministério da Cultura/Secretaria de Difusão e Intercâmbio em articulação com o Ministério das Relações Exteriores, para a divulgação de bibliografia e técnicas especializadas em preservação de acervo e aperfeiçoamento de recursos humanos.

## **2. REALIZAÇÕES**

– Realização de curso sobre conservação e restauração, em Georgetown, ministrado pelos especialistas Jayme Spinello Júnior e Maria Aparecida de Vries Mársico, para 22 técnicos da Biblioteca Nacional da Guiana e outras instituições daquele país.

– Divulgação de normas e procedimentos técnicos, adotados pela Coordenadoria de Conservação e Restauração da Biblioteca Nacional.

– Intercâmbio técnico internacional, através de estágio na Biblioteca Nacional, dos bibliotecários Karen Sills na área de conservação e restauração e Guineth Fraser na área de reprografia e microfilmagem.

**PROGRAMA:** Preservação e Difusão de Acervos Bibliográficos e Documentais

**AÇÃO:** Desenvolvimento de Estudos e Pesquisas  
CÓDIGO: 520.H04.017-RJ

**UNIDADE EXECUTORA:** Divisão de Informação e Divulgação

### **1. FINALIDADE**

Planejar, coordenar e executar pesquisas tendo por base o acervo bibliográfico e documental, com a finalidade de elaborar estudos e textos para a divulgação.

## 2. REALIZAÇÕES

- 2.1 Formulação de uma proposta de desenvolvimento de estudos e pesquisas de cunho histórico sobre a Biblioteca Nacional, abrangendo o levantamento e a análise de sua vida institucional, do seu desenvolvimento técnico e da sua participação cultural.
- 2.2 Início do levantamento da documentação arquivística e bibliográfica existente a respeito do tema.

## 3. PROJETOS ESPECIAIS

### 3.1 *Projeto Vitae*

Convênio assinado entre a VITAE-Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social e a Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional – SABIN, em março de 1987. O projeto, que envolve a Coordenadoria de Conservação e Restauração e a Coordenadoria de Reprografia e Microfilmagem, objetiva a restauração e microfilmagem de 8.000 documentos e livros raros, do acervo da Biblioteca Nacional, importantes para a História do Brasil e a cultura nacional.

### 3.2 *Banco de Teses*

Resultante de convênio assinado entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura/Fundação Nacional Pró-Memória/Biblioteca Nacional, em julho de 1987, o projeto objetiva o tratamento técnico de 30.000 teses produzidas em universidades brasileiras ou por brasileiros no exterior. O projeto prevê o tratamento técnico, incorporação ao acervo e publicação de catálogos. Ao acervo da Biblioteca Nacional, composto de teses recebidas em decorrência do dispositivo do Depósito Legal, foram integradas teses existentes na CAPES e no IBICT. A partir de então, as Instituições de Ensino Superior encaminham diretamente as teses à Biblioteca Nacional numa média de 500 mensalmente. Dada a magnitude do projeto, a Biblioteca Nacional obteve financiamento de The Ford Foundation, através da Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional-SABIN.

## 4. EVENTOS DIVERSOS

### 4.1 *Medalha Biblioteca Nacional*

Em homenagem a personalidades brasileiras e estrangeiras, que tenham colaborado com a Instituição no sentido de sua manutenção, engrandecimento e, conseqüentemente, do desenvolvimento da cultura, é atribuída, anualmente, desde 1984, a Medalha Biblioteca Nacional. Em 1988, foram agraciados:

- Acadêmico Antônio Houaiss
- Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho
- Bibliotecário Edson Nery da Fonseca
- Jornalista M. F. Nascimento Brito
- Bibliotecária Maria Antonieta Mesquita Barros
- Arquiteto Oscar Niemeyer

4.2 *Banco de Teses*

Doação de 300 teses feita pelo Professor Mário Camarinha, elaboradas sob sua orientação nas Universidades Federais do Rio de Janeiro, de Juiz de Fora e Fluminense, para incorporação ao Banco de Teses da Biblioteca Nacional.

4.3 *Homenagem à Biblioteca Nacional*

O Arquivo Histórico do Exército concedeu à Biblioteca Nacional, em solenidade realizada em 1988, o “Diploma de Grande Colaborador 1987”, distinção outorgada a instituições e personalidades que colaboraram com a Casa da Memória Histórica do Exército.

4.4 *Doações diversas*

A Biblioteca Nacional, através da Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, recebeu doações importantes em equipamentos, matérias-primas, numerário e serviços das seguintes instituições:

- Secretaria da Receita Federal
- Cia. Industrial de Papel Pirahy
- PETROBRÁS
- Fundação Nestlé de Cultura
- Imprensa Nacional

4.5 *Projeto “Viagem da Leitura”*

Em reunião realizada na Biblioteca Nacional com escritores, ilustradores e editores do Projeto/RJ, patrocinado pela Fundação Roberto Marinho, RIPASA – Celulose e Papel e Instituto Nacional do Livro, foi feita a entrega à Biblioteca Nacional da 2ª série de quatro “kits” de livros.

4.6 *Mesa-Redonda: “Brasil e Portugal – Nossa Literatura Hoje”*

Debate sobre a literatura contemporânea dos dois países, com participação dos escritores portugueses Alice Vieira, Augustina Bessa-Luís, Baptista Bastos, Fernando da Costa, Helena Baptista Bastos e brasileiros Antônio Torres, Autran Dourado e Maria Alice Barroso, sob a coordenação de Ronaldo Menegaz.

4.7 *Centenário de Agripino Grieco*

Para comemoração dos 100 anos de nascimento do escritor e crítico literário, foi realizado um painel com a participação dos escritores Marcos Almir Madeira, Antônio Carlos Villaça, Donatelo Grieco e Maria Alice Barroso.

4.8 *Visitantes Ilustres*

Merecem registro especial as visitas recebidas pela Biblioteca Nacional das seguintes personalidades:

- Luís Weckmann, Cônsul Geral do México;
- Dra. Mara Miniati, do Instituto e Museu de História da Ciência, de Florença, Itália;
- Príncipe Anthony Sulaiman Momoh, Ministro de Estado da Informação e Cultura da Nigéria, e Senhora Janet Momoh;
- Arquiteto Alassane Thian, Inspetor-Geral dos Monumentos Históricos do Senegal.

#### 4.9 *Biblioteca Nacional no INMETRO*

Para o biênio 1988/89 foi eleita para presidir o Comitê de Coordenação de Documentação do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial – INMETRO a bibliotecária Suely Mattos Vahia Loureiro, chefe da Seção de Catalogação, como representante da Biblioteca Nacional.

#### 4.10 *Anteprojeto da nova lei do Depósito Legal*

O Senador Jarbas Passarinho apresentou ao Congresso Nacional o Anteprojeto da Lei do Depósito Legal, elaborado pela Biblioteca Nacional, para fins de atualização do Decreto Presidencial nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

#### 4.11 *Palestras*

4.11.1 Professor Guy Petherbridge, Diretor do “Conservation Education Programs, School of Library Service”, da Columbia University, proferiu palestra sobre seu programa, na Biblioteca Nacional, como parte das comemorações do Dia do Bibliotecário.

4.11.2 Professor Hipólito Escolar, ex-Diretor da Biblioteca Nacional da Espanha, sobre questões administrativas da biblioteca.

4.11.3 Professor Delfin Deocadio Garasa, crítico literário e professor da Universidade de Buenos Aires, sobre temas literários.

4.11.4 Bibliotecária Valéria Gauz, da Biblioteca Nacional, palestras sobre “Catalogação Automatizada de Obras Raras” e “Catalogação Descritiva de Obras Raras”, resultantes do curso de Bibliografia Descritiva, realizado na Columbia University, em New York.

4.11.5 Professor Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, da Biblioteca Nacional, palestra sobre “Preservação e Conservação de Fotografias”, resultante de treinamento como bolsista CAPES/Fulbright, no Museu Internacional de Fotografia, em Rochester, New York.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteca Nacional, em meio às sérias dificuldades que teve de enfrentar durante o ano de 1988, resultantes o mais das vezes da difícil situação financeira que o Brasil vem atravessando, se adaptou a seu novo estatuto jurídico de órgão subordinado à Fundação Nacional Pró-Leitura e já começa a vislumbrar, na compra de um novo prédio, a solução do problema de espaço, um dos maiores obstáculos à realização plena de sua missão.

A constante preocupação da Biblioteca Nacional no sentido de ampliar sua área de atuação e intensificar sua presença em todo o País se objetiva através do projeto da coleta descentralizada do Depósito Legal, a ser desenvolvido por convênio com as bibliotecas públicas estaduais. Esse trabalho iniciado experimentalmente com a Biblioteca Pública do Espírito Santo, deverá estender-se às demais regiões, resultando de sua aplicação o enriquecimento e atualização dos acervos locais e melhor exercício do controle bibliográfico pela Biblioteca Nacional.

Desse modo, além de sua presença efetiva através do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, do Plano Nacional de Restauração de Obras Raras e do atendimento a consultas bibliográficas através da Seção de Informação Documental e do COMUT, a Biblioteca Nacional deverá atuar ainda nos Estados pela via da Coleta Descentralizada.

Encerrando este Relatório, cabe-nos consignar os agradecimentos à Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional – SABIN, às empresas e pessoas físicas que ofereceram sua colaboração a esta Casa para a consecução de seus objetivos e na realização de seus eventos.

À Diretora-Adjunta, Lia Temporal Malcher, aos assessores, coordenadores, chefes, funcionários e estagiários da Biblioteca Nacional, a Diretora-Geral agradece, reconhecida pela competência e zelo demonstrados durante todo o ano de 1988. É graças a esse trabalho diuturno e a essa vontade de servir à causa da Cultura, que a Biblioteca Nacional completou, com êxito, mais um ano de serviços, o 178º de sua trajetória histórica.

Rio de Janeiro, 15 de março de 1989

*MARIA ALICE BARROSO*  
*Diretora-Geral*

## SÍNTESE HISTÓRICA

### As origens

A origem da Biblioteca Nacional remonta à Livraria que D. José, Rei de Portugal, mandou organizar em substituição à Real Biblioteca destruída por um incêndio a 1<sup>o</sup> de novembro de 1755, durante o terremoto de Lisboa.

Entre os anos de 1770 e 1773, o acervo da Livraria do rei foi enriquecido com preciosas peças reunidas numa coleção de 5.764 volumes e doadas pelo bibliófilo Diogo Barbosa Machado. Posteriormente, com a proscrição da Companhia de Jesus, foi incorporada à Biblioteca Real parte do acervo do Colégio Jesuíta de Todos os Santos, da Ilha de São Miguel dos Açores.

### A Real Biblioteca no Brasil

Em novembro de 1807, quando o Príncipe Regente D. João, a Rainha D. Maria I e toda a família real, diante da invasão de Portugal pelas tropas francesas, deixam Lisboa com destino ao Brasil, trazem consigo a Real Biblioteca, com cerca de 60.000 peças, entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas. Com a família real vem também a Livraria chamada do Infantado, cujos impressos foram incorporados à Real Biblioteca; a maior parte dos manuscritos, porém, retornou a Portugal, quando a corte regressou. Ficaram, ainda assim, mais de mil códices dos seis mil e tantos que nela existiam.

Por decreto de 27 de junho de 1810, foi a Biblioteca acomodada inicialmente nas salas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita, hoje Primeiro de Março, nas proximidades do Paço.

A 29 de outubro do mesmo ano, novo decreto determina que no lugar que havia servido de *catacumbas* aos religiosos do Carmo “se erija e acomode a minha Real biblioteca e instrumentos de física e matemática, fazendo-se à custa da Real Fazenda toda a despesa conducente ao arranjo e manutenção do referido estabelecimento”. A data de 29 de outubro de 1810 é considerada oficialmente como a da fundação da Real Biblioteca que, no entanto, só foi franqueada ao público em 1814.

Até então, a consulta à Biblioteca era facultada a estudiosos, mediante prévio consentimento régio.



Desde que definitivamente estabelecida no Rio de Janeiro, a Biblioteca Real foi agregando, por dádivas e por aquisição, grandes e importantes coleções de livros. Até a Independência, continuava a ser acrescida por determinação real com “propinas”, isto é, a entrega de um exemplar, de todos os papéis impressos em oficinas tipográficas de Portugal (alvará de 12 de setembro de 1805) e também pelo material produzido na Impressão Régia, instalada no Rio de Janeiro.

Em 1811 chega ao Rio, com nova remessa de livros da Real Biblioteca, Luís Joaquim dos Santos Marrocos, que desde 1802 servia como ajudante nas bibliotecas do Rei. Logo que chegou, Santos Marrocos teve exercício na Real Biblioteca, em companhia do Pe. Joaquim Dâmaso, de Frei Gregório José Viegas e de três serventes.

Ainda em 1811 recebeu a Biblioteca todos os impressos e manuscritos que constituíam o espólio de Frei José Mariano da Conceição Veloso, doados ao Príncipe Regente pelo Provincial do Convento de Santo Antônio, onde falecera o ilustre botânico.

Retornando a família real à Europa, em 1821, aqui ficou a Real Biblioteca, que passou a ser propriedade do Império do Brasil pela Convenção Adicional ao Tratado de Paz e Amizade, celebrado entre o Brasil e Portugal, a 29 de agosto de 1825.

Em 12 de novembro de 1822, determinava o governo imperial que fosse entregue à Biblioteca Imperial e Pública da Corte um exemplar de todas as obras, folhas periódicas e volantes que se imprimissem na Tipografia Nacional. Essa legislação foi-se aperfeiçoando por atos dos anos de 1847, 1853, 1865, até que o Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907, ainda hoje em vigor, dá instruções precisas para sua execução. É o denominado Decreto da Contribuição Legal.

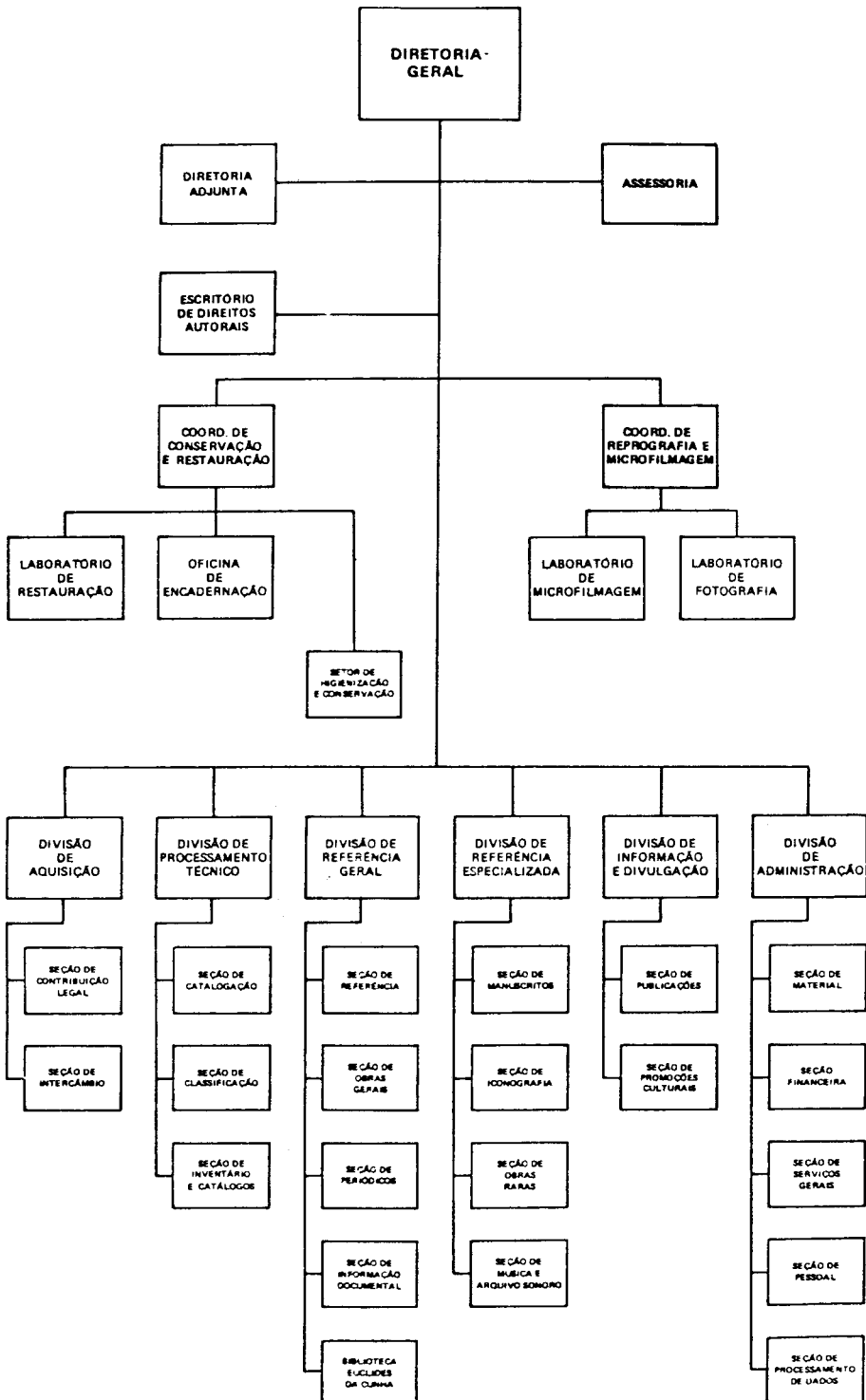
Em 1858, a Biblioteca foi transferida para a Rua do Passeio e instalada no prédio que, hoje, com algumas modificações, abriga a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como o acervo continuasse normalmente a crescer, a Administração obteve, em 1894, um prédio anexo, onde pôde acomodar melhor suas coleções.

### **O edifício atual**

O edifício atual teve sua pedra fundamental lançada a 15 de agosto de 1905, no governo do Dr. Rodrigues Alves, e foi inaugurado a 29 de outubro de 1910, durante o governo do Dr. Nilo Peçanha.

Em 1911, um ano após a inauguração do atual prédio, através do Artigo 34 do Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, estrutura-se o primeiro Curso de Biblioteconomia, enquadrado dentro do regulamento da Biblioteca Nacional. As matérias do curso são, então, Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática. No entanto, por motivos diversos, a instalação e funcionamento desse primeiro curso somente se verificou em 1915. Foram tantas e tamanhas as dificuldades que se opuseram ao bom desempenho do curso, que o mesmo foi extinto em 1922. Restabelecido em 1931, funcionou até 1973, quando foi integrado à FEFIEG – Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO.

# BIBLIOTECA NACIONAL – ESTRUTURA ORGÂNICA



LEI Nº 7.624, de 05 de novembro de 1987

*Autoriza a instituição de fundações e dá outras providências.*

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica o Poder Executivo autorizado a instituir, vinculadas ao Ministério da Cultura, as seguintes fundações públicas, com personalidade jurídica de direito privado:

- I – Fundação Nacional Pró-Leitura – PRÓ-LEITURA;
- II – Fundação Nacional de Artes Cênicas – FUNDACEN;
- III – Fundação do Cinema Brasileiro – FCB.

Art. 2º – A Fundação Nacional Pró-Leitura – PRÓ-LEITURA terá por finalidade:

- I – promover o desenvolvimento da produção e da difusão do livro;
- II – estimular a publicação de obras de interesse cultural, a criação literária e a instituição de bibliotecas;
- III – difundir e estimular o hábito da leitura;
- IV – manter e incentivar cursos de biblioteconomia, de técnicas de encadernações e proteção de livros e demais tecnologias de reprodução e arquivamento de sons e imagens;
- V – receber o Depósito Legal, disciplinado pelo Decreto Legislativo nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907;
- VI – promover a captação, a preservação e a difusão da produção bibliográfica e documental nacional em suas diversas formas.

Parágrafo Único – Passam a integrar a PRÓ-LEITURA a Biblioteca Nacional – BN, criada por Decreto de 27 de junho de 1810 e o Instituto Nacional do Livro – INL, criado pelo Decreto-lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937, mantidas as suas

finalidades segundo o disposto nas normas legais vigentes que regulamentam a matéria.

Art. 3º – A Fundação Nacional de Artes Cênicas – FUNDACEN constituir-se-á por transformação do atual Instituto Nacional de Artes Cênicas – INACEN e terá por finalidade promover, incentivar e amparar o desenvolvimento das artes cênicas.

Art. 4º – A Fundação do Cinema Brasileiro – FCB terá por finalidade realizar as atribuições da Empresa Brasileira de Filmes S.A. – EMBRAFILME, dispostas nos itens IV e VI, no § 1º incisos I, II, III, IV e V, e § 3º do art. 6º da Lei nº 6.281, de 9 de dezembro de 1975.

Parágrafo único – O patrimônio da FCB será constituído pelos bens que lhe forem transferidos na forma do art. 10 desta Lei.

Art. 5º – A estrutura, competência, atribuições e funcionamento das fundações de que trata esta Lei serão definidas em estatuto próprio aprovado pelo Presidente da República.

Art. 6º – As fundações de que trata esta Lei gozarão dos privilégios concedidos à Fazenda Pública quanto a foro, prazo e custas processuais, juros moratórios, impenhorabilidade de bens, rendas e serviços e isenção tributária.

Art. 7º – Os servidores da Biblioteca Nacional, do Instituto Nacional do Livro e do Instituto Nacional de Artes Cênicas poderão ser integrados, mediante opção, nos quadros das respectivas fundações, observado, no que couber, o disposto na Lei nº 6.184, de 11 de dezembro de 1974.

Art. 8º – Os servidores de quadros ou tabelas de outros órgãos e entidades federais, lotados e em exercício ou postos à disposição dos órgãos que compõem as fundações referidas nesta Lei, poderão optar por sua integração nos quadros destas, na forma da lei e de acordo com o que dispuserem os respectivos estatutos.

Art. 9º – São transferidos para o patrimônio da PRÓ-LEITURA e da FUNDACEN os bens móveis e imóveis da União, que estavam em uso ou sob a guarda e responsabilidade do Instituto Nacional do Livro, da Biblioteca Nacional e do Instituto Nacional de Artes Cênicas, operando-se a transferência no momento da inscrição das escrituras públicas de constituição no Registro Civil de Pessoas Jurídicas.

Art. 10 – Fica a União autorizada a adotar providências necessárias à cisão da Empresa Brasileira de Filmes S.A. – EMBRAFILME, com a transferência para o patrimônio da FCB da parte dos seus bens móveis e imóveis necessária ao cumprimento do disposto no art. 4º desta Lei.

§ 1º – A cisão de que trata este artigo será precedida da resolução da Assembleia-Geral, mediante proposta circunstanciada da Diretoria.

§ 2º – Realizada a cisão, a EMBRAFILME passará a girar sob a denominação de EMBRAFILME – Distribuidora de Filmes S.A. e terá como objetivo social o disposto na Lei nº 6.281, de 09 de dezembro de 1975, exceto os itens e parágrafos que, segundo o art. 4º desta Lei, ora transferem-se para a Fundação do Cinema Brasileiro – FCB.

§ 3º – Os empregados da Empresa Brasileira de Filmes S.A. – EMBRAFILME, após a cisão, poderão optar pela transferência de seu vínculo empregatício para a FCB, desde que atendam às necessidades e às peculiaridades dos serviços da Fundação.

§ 4º – Observar-se-á, no que couber, o disposto no Capítulo XVIII da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976.

Art. 11 – O patrimônio das fundações, de que trata esta Lei, constituir-se-á de:

- I – bens e direitos transferidos em decorrência do disposto nos arts. 9º e 10 desta Lei;
- II – doações, legados e contribuições;
- III – bens e direitos que adquirir;
- IV – rendas de qualquer natureza derivadas de seus próprios bens e serviços.

Art. 12 – Os recursos financeiros das fundações serão provenientes de:

- I – dotações orçamentárias consignadas no Orçamento da União;
- II – auxílios e subvenções da União, dos Estados e dos Municípios ou de quaisquer entidades públicas ou privadas, nacionais, estrangeiras ou internacionais;
- III – resultado de operações de crédito;
- IV – receitas eventuais.

Art. 13 – No caso de extinção, os bens e direitos das fundações serão incorporados ao patrimônio da União.

Art. 14 – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 15 – Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 05 de novembro de 1987; 166º da Independência e 99º da República.

JOSÉ SARNEY  
Celso Furtado

Decreto nº 95.674, de 27 de janeiro de 1988

*Aprova o Estatuto da Fundação Nacional  
Pró-Leitura (PRÓ-LEITURA)  
e dá outras providências.*

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 81, item III, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 7.624, de 5 de novembro de 1987,

DECRETA:

Art. 1º – Fica aprovado, nos termos do art. 5º da Lei nº 7.624, de 5 de novembro de 1987, o Estatuto da Fundação Nacional Pró-Leitura (PRÓ-LEITURA), anexo a este Decreto.

Art. 2º – O Ministro de Estado da Cultura adotará as providências necessárias à constituição da PRÓ-LEITURA, ficando investido nos poderes de representação da União nos seus atos constitutivos, de acordo com o art. 9º da Lei nº 7.624/87.

Art. 3º – O pessoal da PRÓ-LEITURA será regido pela legislação trabalhista, segundo normas gerais de administração constantes do plano de cargos, salários e benefícios estabelecido e aprovado na forma da legislação em vigor.

Art. 4º – Os empregados, a qualquer título, da Fundação Nacional Pró-Memória que se encontrem lotados ou em exercício na Biblioteca Nacional ou no Instituto Nacional do Livro, na data da publicação deste Decreto, bem como os servidores de quadros ou tabelas de outros órgãos e entidades federais, inclusive Territórios e Distrito Federal, em idêntica situação quanto à lotação ou exercício, poderão optar por sua integração no plano a que se refere o artigo anterior, observando-se, no que couber, as disposições contidas na Lei nº 6.184, de 11 de dezembro de 1974.

§ 1º – A opção prevista neste artigo assegura todos os direitos adquiridos pelo servidor quanto a vencimentos, salários, benefícios e vantagens, inclusive tempo de serviço.

2º – Os servidores do quadro ou tabela permanente do Ministério da Cultura, não optantes na forma prevista neste artigo, integrarão quadro ou tabela em extinção no Ministério, nos termos da legislação vigente, podendo:

a) permanecer nesta situação;

b) ser redistribuído para o quadro ou tabela permanentes dos órgãos que compõem o Sistema de Pessoal Civil.

§ 3º – No caso da alínea “a” do parágrafo anterior, os servidores ficarão cedidos à PRÓ-LEITURA, com todos os direitos adquiridos quanto a vencimentos, salários, benefícios e vantagens inerentes ao cargo ou emprego em extinção, devendo:

a) a PRÓ-LEITURA executar as atividades relacionadas com a elaboração e gerenciamento da folha de pagamento, mantida a vinculação funcional e previdenciária;

b) o Departamento de Pessoal do Ministério da Cultura responsabilizar-se-á pelos atos de progressão, ascensão ou reclassificação funcional desses servidores.

§ 4º – No caso de aposentadoria, falecimento, exoneração ou rescisão contratual ocorridos nos quadros e tabelas citados no § 2º deste artigo, abrir-se-ão vagas em número correspondente no quadro de pessoal da PRÓ-LEITURA.

§ 5º – Os servidores da Fundação Nacional Pró-Memória, lotados ou em exercício na Biblioteca Nacional e no Instituto Nacional do Livro que não optarem pela integração no Quadro de Pessoal da PRÓ-LEITURA, permanecerão naquela Fundação integrando quadro em extinção, assegurados os direitos citados no § 1º do art. 4º.

§ 6º – As vagas decorrentes do quadro em extinção de que trata o parágrafo anterior serão absorvidas pela PRÓ-LEITURA.

Art. 5º – Fica o Ministro de Estado da Cultura autorizado a instituir um quadro provisório de pessoal para a PRÓ-LEITURA, até a aprovação do plano de cargos, salários e benefícios referido no art. 3º.

§ 1º – Os servidores optantes na forma do art. 4º, incluídos no quadro provisório, serão automaticamente integrados no plano de cargos, salários e benefícios da Fundação.

§ 2º – O plano de cargos, salários e benefícios será elaborado em prazo não superior a 180 dias.

Art. 6º – As despesas decorrentes do disposto neste Decreto correrão à conta do Orçamento Geral da União.

Art. 7º – A Fundação Nacional Pró-Leitura terá orçamento próprio a ser aprovado pelo Ministro de Estado da Cultura.

Art. 8º – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º – Revogam-se o Decreto nº 91.080 de 12 de março de 1985 e demais disposições em contrário.

Brasília, 27 de janeiro de 1988; 167º da Independência e 100º da República.

JOSÉ SARNEY  
Celso Furtado  
Aluizio Alves

## ESTATUTO DA FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-LEITURA

### CAPÍTULO I

#### DA NATUREZA, DA SEDE E DOS FINS

Art. 1º – A Fundação Nacional Pró-Leitura (PRÓ-LEITURA), entidade de natureza cultural, com personalidade jurídica de direito privado, vinculada ao Ministério da Cultura, instituída por autorização da Lei nº 7.624, de 05 de novembro de 1987, com duração por prazo indeterminado, com sede e foro na cidade de Brasília – Distrito Federal e atuação em todo o território nacional, é regida por este Estatuto.

Art. 2º – A Fundação Nacional Pró-Leitura, órgão responsável pela execução da política governamental do livro e da biblioteca, tem por finalidade:

- I – promover o desenvolvimento da produção e da difusão do livro;
- II – estimular a publicação de obras de interesse cultural, a criação literária e a instituição de bibliotecas;
- III – difundir e estimular o hábito da leitura;
- IV – manter e incentivar cursos de biblioteconomia e cursos técnicos nas áreas de preservação, reprodução e arquivamento de material bibliográfico e documental;
- V – receber Depósitos Legais através da Biblioteca Nacional – BN e do Instituto Nacional do Livro – INL;
- VI – estabelecer políticas de preservação documental na área de sua atuação;
- VII – manter a base de dados de publicações nacionais;
- VIII – promover, através da Biblioteca Nacional, o registro de obras intelectuais e averbar a cessão dos direitos patrimoniais do autor;
- IX – promover a captação, a preservação e a divulgação da produção bibliográfica e documental nacional, em suas diversas formas;
- X – difundir no país o material bibliográfico estrangeiro de interesse para a cultura nacional;



XI – articular-se com o Ministério das Relações Exteriores e com as entidades interessadas para a participação do Brasil em eventos internacionais nas áreas do livro, da biblioteconomia, documentação e ciência da informação.

Art. 3º – A PRÓ-LEITURA gozará dos privilégios concedidos à Fazenda Pública quanto a foro, prazos e custas processuais, juros moratórios, impenhorabilidade de bens, rendas, serviços e isenção tributária.

## CAPÍTULO II

### DO PATRIMÔNIO E RENDAS

Art. 4º – Constituem patrimônio da PRÓ-LEITURA:

- I – os bens móveis e imóveis da União, transferidos de acordo com o art. 9º da Lei nº 7.624, de 05 de novembro de 1987;
- II – doações, legados e contribuições;
- III – bens e direitos que adquirir;
- IV – rendas de qualquer natureza derivadas de seus próprios bens e serviços.

Art. 5º – A receita da PRÓ-LEITURA será constituída pelos recursos provenientes de:

- I – dotações orçamentárias consignadas no Orçamento da União;
- II – auxílios e subvenções da União, dos Estados e Municípios ou de quaisquer entidades públicas ou privadas, nacionais, estrangeiras ou internacionais;
- III – resultado de operações de crédito e aplicações financeiras;
- IV – receitas operacionais e eventuais.

## CAPÍTULO III

### DAS DIRETRIZES BÁSICAS DE FUNCIONAMENTO

Art. 6º – Os planos de trabalho da PRÓ-LEITURA serão elaborados em conformidade com as diretrizes básicas emanadas do Ministério da Cultura.

Art. 7º – Através de ações sistêmicas, a PRÓ-LEITURA apoiará as bibliotecas públicas, em articulação com órgãos ou entidades estaduais e municipais responsáveis pela sua manutenção, respeitada sua autonomia técnica, administrativa e cultural.

Art. 8º – No que se refere às normas de administração e gerência, a PRÓ-LEITURA:

- I – terá orçamento próprio aprovado pelo Ministro de Estado da Cultura, por proposta do Conselho Deliberativo;
- II – adotará:
  - a) o regime jurídico da legislação trabalhista;
  - b) sistema de seleção, avaliação de desempenho, promoção, treinamento e desenvolvimento de pessoal, na forma definida em regulamentos;
  - c) plano de cargos, salários e benefícios compatíveis com o mercado de trabalho, observada a legislação vigente;

- d) mecanismos de coordenação institucional que assegurem efetiva integração com os demais órgãos e entidades do Ministério da Cultura;
  - e) orçamento e programação econômico-financeira por projetos e programas;
  - f) sistema de acompanhamento e avaliação de resultados com base em custos e indicadores de desempenho;
  - g) sistema de aquisição e contratação de materiais e serviços.
- III – prestará contas ao Tribunal de Contas da União nos termos estabelecidos pela legislação em vigor.

## CAPÍTULO IV

### DA ESTRUTURA BÁSICA

Art. 9º – A PRÓ-LEITURA tem a seguinte estrutura básica:

- I – Órgãos de Direção Superior
  - 1. Conselho Deliberativo
  - 2. Presidência
- II – Órgãos de Apoio à Administração e Gestão Organizacional.
  - 1. Centro Técnico
  - 2. Diretoria de Administração e Finanças
- III – Órgãos de Atividades-fim
  - 1. Biblioteca Nacional - BN
  - 2. Instituto Nacional do Livro - INL

Parágrafo único – A organização e funcionamento dos órgãos que compõem a estrutura básica da PRÓ-LEITURA serão definidos em regimentos internos baixados pelo Ministro de Estado da Cultura.

## SEÇÃO I

### DA DIREÇÃO SUPERIOR

Art. 10 – O Conselho Deliberativo será presidido pelo Presidente da PRÓ-LEITURA e integrado por membros natos e temporários, estes com mandato de dois anos, vedada a recondução para o período imediatamente posterior.

§ 1º – São membros natos do Conselho Deliberativo os titulares dos órgãos de Atividades-fim.

§ 2º – Os membros temporários, em número de seis, designados pelo Ministro de Estado da Cultura, serão escolhidos dentre pessoas de competência reconhecida em atividades relacionadas com as finalidades da PRÓ-LEITURA.

Art. 11 – Compete ao Conselho Deliberativo:

- I – propor diretrizes para a execução da política do livro e da biblioteca;
- II – zelar pelo efetivo cumprimento dos objetivos e finalidades da PRÓ-LEITURA;

- III – apreciar e emitir parecer sobre as linhas programáticas da PRÓ-LEITURA;
- IV – opinar sobre a alocação dos recursos destinados à PRÓ-LEITURA;
- V – deliberar sobre propostas de interesse da PRÓ-LEITURA que lhe sejam submetidas por quaisquer de seus membros;
- VI – manifestar-se sobre o plano de cargos, salários e benefícios da Fundação;
- VII – aprovar o plano de trabalho, a proposta orçamentária e a consolidação de eventuais reformulações orçamentárias da Fundação;
- VIII – apreciar e manifestar-se sobre o relatório anual e respectiva prestação de contas do Presidente da PRÓ-LEITURA;
- IX – propor ao Presidente da Fundação medidas que julgar de interesse para eficiência e melhoria da execução de planos aprovados;
- X – exercer outras atividades compatíveis com as suas atribuições.

Art. 12 – A PRÓ-LEITURA terá um Presidente nomeado em comissão pelo Presidente da República, mediante indicação do Ministro de Estado da Cultura.

Parágrafo único – Em suas faltas e impedimentos eventuais, o Presidente será substituído por um dos dirigentes dos órgãos da estrutura, por ele designado.

Art. 13 – São atribuições do Presidente:

- I – dirigir e supervisionar as atividades da PRÓ-LEITURA;
- II – cumprir e fazer cumprir as normas legais, estatutárias e regimentais;
- III – apresentar ao Ministro de Estado subsídios para formulação da política nacional do livro e da biblioteca;
- IV – representar a PRÓ-LEITURA, ativa e passiva, judicial e extrajudicialmente, com poderes para constituir mandatários;
- V – assinar acordos, convênios, contratos e outros ajustes necessários ao cumprimento das finalidades da PRÓ-LEITURA;
- VI – presidir as reuniões do Conselho Deliberativo, com direito a voto, inclusive o de qualidade;
- VII – submeter ao Conselho Deliberativo as matérias que dependam de apreciação deste;
- VIII – submeter ao Ministro de Estado da Cultura o plano de trabalho da PRÓ-LEITURA e respectiva proposta de orçamento-programa aprovados pelo Conselho Deliberativo;
- IX – submeter ao Ministro de Estado da Cultura o plano de cargos, salários e benefícios da PRÓ-LEITURA;
- X – admitir, promover e dispensar pessoal da PRÓ-LEITURA;
- XI – abrir, movimentar e encerrar contas nos estabelecimentos de crédito autorizados;
- XII – delegar competências;
- XIII – praticar os demais atos necessários à consecução das finalidades da PRÓ-LEITURA.

## SEÇÃO II

### DA ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO ORGANIZACIONAL

Art. 14 – O Centro Técnico e a Diretoria de Administração e Finanças serão dirigidos, cada um, por Diretor nomeado pelo Presidente da PRÓ-LEITURA.

Art. 15 – Compete ao Centro Técnico:

- I – planejar, coordenar e executar os trabalhos de informações tecnológicas relativas ao livro;
- II – prestar serviços de informática;
- III – coordenar a participação dos órgãos e entidades do Ministério da Cultura em eventos nas áreas do livro, da biblioteconomia, documentação e ciência da informação;
- IV – dar apoio às bibliotecas nos termos do artigo 7º deste Estatuto;
- V – prestar assessoramento em biblioteconomia.

Art. 16 – Compete à Diretoria de Administração e Finanças a supervisão, coordenação e controle das atividades relativas a orçamento, finanças, patrimônio, pessoal, material e serviços gerais da PRÓ-LEITURA.

## SEÇÃO III

### DAS ATIVIDADES-FIM

Art. 17 – A Biblioteca Nacional – BN e o Instituto Nacional do Livro – INL serão dirigidos, cada um, por Diretor nomeado pelo Ministro de Estado da Cultura, mediante indicação do Presidente da PRÓ-LEITURA.

Art. 18 – Compete à Biblioteca Nacional – BN contribuir para o processo de desenvolvimento nacional, como órgão depositário e de preservação da produção documental publicada no País, garantindo o intercâmbio da informação em âmbito nacional e internacional.

Art. 19 – Compete ao Instituto Nacional do Livro – INL estimular e promover a publicação e distribuição de obras de interesse da cultura brasileira e incentivar a criação, o desenvolvimento e a difusão de bibliotecas em todo o território nacional, objetivando o enriquecimento de seus serviços.

## CAPÍTULO V

### DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 20 – O exercício financeiro da PRÓ-LEITURA coincidirá com o ano civil.

Art. 21 – Em caso de sua dissolução os bens, direitos e obrigações da PRÓ-LEITURA serão revertidos à União.

Art. 22 – Os casos omissos neste Estatuto serão resolvidos pelo Presidente da PRÓ-LEITURA.

Brasília, 27 de janeiro de 1988.